



Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Tecnologia e Ciências Sociais – DTCS
Programa de Pós-graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental-
PPGECOH

ROSIANE ROCHA OLIVEIRA SANTOS

**O RECAATINGAMENTO COMO ESTRATÉGIA ECOPEDAGÓGICA DE
CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO BRASILEIRO EM COMUNIDADES
TRADICIONAIS DE FUNDO DE PASTO**

Juazeiro – BA
2024

ROSIANE ROCHA OLIVEIRA SANTOS

**O RECAATINGAMENTO COMO ESTRATÉGIA ECOPEDAGÓGICA DE
CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO BRASILEIRO EM COMUNIDADES
TRADICIONAIS DE FUNDO DE PASTO**

Tese apresentada à Universidade do Estado da Bahia –
Departamento de Tecnologia e Ciências Sociais, como
um dos requisitos para a obtenção do título de **Doutora
em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental**.

Linha de pesquisa: Ecologia Humana e Educação

Orientadora: Profa. Dra. Maria Herbênia Lima Cruz
Santos (UNEB/PPGEcoH)

Coorientador: Prof. Dr. Carlos Alberto Batista dos
Santos (UNEB/PPGEcoH)

Juazeiro – BA
2024

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB

S237r Santos, Rosiane Rocha O.

O recaatingamento como estratégia ecopedagógica de convivência com o semiárido brasileiro em comunidades tradicionais de fundo de pasto / Rosiane Rocha O. Santos. Juazeiro-BA, 2023. 350 fls.: il.

Orientador(a): Prof^ª. Dr^ª. Maria Herbênia Lima Cruz Santos.

Coorientador(a): Prof. Dr. Carlos Alberto Batista dos Santos.

Inclui Referências

Tese (Doutorado) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Tecnologia e Ciências Sociais. Programa de Pós-Graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental – PPGecoH, Campus III. 2024.

1. Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto. 2. Recaatingamento e Ecopedagogia. 3. Convivência com o Semiárido Brasileiro e Bem Viver. 4. Bioma Caatinga. 5. Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada – IRPAA. I. Santos, Maria Herbênia Lima Cruz. II. Santos, Carlos Alberto Batista dos. III. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Tecnologia e Ciências Sociais. IV. Título.

CDD: 307.72

FOLHA DE APROVAÇÃO
"O RECAATINGAMENTO COMO ESTRATÉGIA ECOPEDAGÓGICA DE CONVIVÊNCIA
COM O SEMIÁRIDO BAIANO EM COMUNIDADES TRADICIONAIS DE FUNDO DE
PASTO"

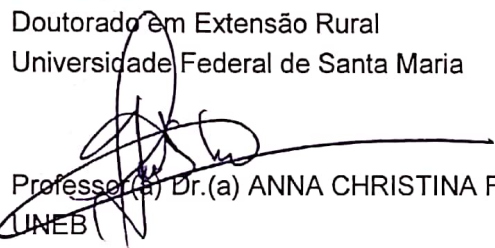
ROSIANE ROCHA OLIVEIRA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental – PPGEcoh, em 22 de março de 2024, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental pela Universidade do Estado da Bahia, conforme avaliação da Banca Examinadora:

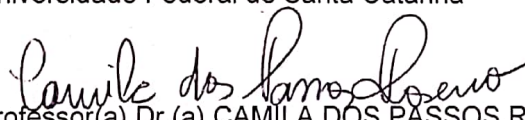

Professor(a) Dr.(a) MARIA HERBENIA LIMA CRUZ SANTOS
UNEB

Doutorado em Agronomia (Horticultura)
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho


Professor(a) Dr.(a) CRISTIANE MORAES MARINHO
Ifsertãope - IFSERTÃOPE
Doutorado em Extensão Rural
Universidade Federal de Santa Maria


Professor(a) Dr.(a) ANNA CHRISTINA FREIRE BARBOSA
UNEB
Doutorado em Ciências Sociais
Universidade Federal do Rio Grande do Norte


Professor(a) Dr.(a) EDONILCE DA ROCHA BARROS
UNEB
Doutorado em Ciências Humanas
Universidade Federal de Santa Catarina


Professor(a) Dr.(a) CAMILA DOS PASSOS ROSENO
Upe - UPE
Doutorado em Educação
Universidade Federal de Juiz de Fora

Laróyè Èṣù!
Èṣù pa eye kan lana, pẹlu okuta ti
o ju loni nikan
Èṣù matou um pássaro ontem, com
uma pedra que só jogou hoje.
Provérbio Yorùbá

RESUMO

No presente estudo, a partir da abordagem qualitativa, buscamos compreender o Recaatingamento enquanto caminho para a recuperação e conservação da Caatinga na promoção da Convivência com o Semiárido Brasileiro. Para tal, realizamos a) Revisões Integrativas de Literatura (RIL); b) Pesquisa de campo em três comunidades localizadas em municípios distintos no norte do estado da Bahia. Na pesquisa de campo, utilizamos como estratégias para a coleta de dados: a observação participante e entrevistas semiestruturadas, realizadas de 07 de janeiro de 2022 a 17 de dezembro de 2023. Como pressupostos para a análise desses dados utilizamos a análise de conteúdo. Com duas RIL realizadas sistematizamos os estudos produzidos sobre as Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto (CTFP), apontando a relação simbiótica dessas com a Caatinga, tanto para a produção do sistema fundo de pasto, quanto para as identidades enquanto comunidades tradicionais; também apontamos os diversos desafios por quais elas passam e as devidas estratégias utilizadas para superá-los. Da pesquisa de campo, asseveramos que o Recaatingamento vai além da implementação de uma área de recuperação, uma vez que possui linhas de ação que vão da conservação da Caatinga à promoção de políticas públicas para fortalecimento dos processos identitários das comunidades, passando ainda pela Educação Contextualizada, criação de unidades de beneficiamento e proposição da implementação do plano de manejo, considerando a capacidade de suporte da Caatinga. Como principais conclusões, entendemos que o Recaatingamento promove uma filosofia de conservação da Caatinga em pé, através de uma metodologia aqui definida como ecometodologia, percebendo que suas ações foram capazes de fomentar nas comunidades uma nova forma de olhar para esse bioma como meio pelo qual se dá a produção de sua existência e a promoção de uma nova mentalidade acerca da relação ecológica entre as pessoas e o bioma, constituindo-se como uma possibilidade do Bem Viver na Caatinga.

Palavras-chave: Comunidades Rurais. Ecologia Humana. Ecopedagogia. Sustentabilidade. Bem Viver.

ABSTRACT

In the present study, using a qualitative approach, we seek to understand Reaatingamento as a path to the recovery and conservation of the Caatinga in the promotion of Coexistence with the Brazilian Semiarid. To this end, we carry out a) Integrative Literature Reviews (RIL); b) Field research in three communities located in different municipalities in the north of the state of Bahia. In field research, we used the following strategies for data collection: participant observation and semi-structured interviews, carried out from January 7, 2022, to December 17, 2023. As assumptions for analyzing this data, we used content analysis. With two RILs carried out, we systematized the studies produced on the CTFP, pointing out their symbiotic relationship with the Caatinga, both to produce the pasture fund system and for their identities as traditional communities; we also point out the various challenges they face, and the appropriate strategies used to overcome them. From the field research, we assert that Reaatingamento goes beyond the implementation of a recovery area, as it has lines of action that range from the conservation of the Caatinga to the promotion of public policies to strengthen the identity processes of communities, including Contextualized Education, creation of processing units and proposal for the implementation of the management plan, considering the support capacity of the Caatinga. As main conclusions, we understand that Reaatingamento promotes a philosophy of conservation of the Caatinga standing, through a methodology defined here as ecomethodology, realizing that its actions were capable of fostering in communities a new way of looking at this biome as a means by which to it produces its existence and promotes a new mentality about the ecological relationship between people and the biome, constituting a possibility for Good Living in the Caatinga.

Keywords: Human Ecology. Rural Communities. Sustainability. Semi-arid. Buen Vivir.

RESUMEN

En el presente estudio, utilizando un enfoque cualitativo, buscamos entender el Recaatingamento como un camino para la recuperación y conservación de la Caatinga en la promoción de la Convivencia con el Semiárido brasileño. Para ello realizamos a) Revisiones Integrativas de Literatura (RIL); b) Investigación de campo en tres comunidades ubicadas en diferentes municipios del norte del estado de Bahía. En la investigación de campo utilizamos las siguientes estrategias para la recolección de datos: observación participante y entrevistas semiestructuradas, realizadas del 7 de enero de 2022 al 17 de diciembre de 2023. Como supuestos para el análisis de estos datos utilizamos el análisis de contenido. Con dos RIL realizadas, sistematizamos los estudios producidos sobre los CTFP, señalando su relación simbiótica con la Caatinga, tanto para la producción del sistema de fondo de pastos como para sus identidades como comunidades tradicionales; también señalamos los diversos desafíos que enfrentan y las estrategias apropiadas utilizadas para superarlos. Desde la investigación de campo, aseveramos que Recaatingamento va más allá de la implementación de un área de recuperación, ya que tiene líneas de acción que van desde la conservación de la Caatinga hasta la promoción de políticas públicas para fortalecer los procesos identitarios de las comunidades, incluyendo la Educación Contextualizada, creación de unidades de procesamiento y propuesta para la implementación del plan de manejo, considerando la capacidad de soporte de la Caatinga. Como principales conclusiones, entendemos que Recaatingamento promueve una filosofía de conservación del estado de Caatinga, a través de una metodología definida aquí como ecometodología, reconociendo que sus acciones fueron capaces de fomentar en las comunidades una nueva forma de mirar este bioma como un medio para producir su existencia y promueve una nueva mentalidad sobre la relación ecológica entre las personas y el bioma, constituyendo una posibilidad para el Buen Vivir en la Caatinga.

Keywords: Ecología humana. Comunidades rurales. Sostenibilidad. Semi-árido. Buen Vivir.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Pré-requisitos para o perfil de quem pesquisa em Ecologia Humana.....	32
Figura 2: Fluxograma do percurso metodológico da tese.....	34
Figura 3: Mosaico de momentos nas três comunidades	39
Figura 4: Mosaico sorrisos das mulheres	40
Figura 5: Pintando cartazes para a I Feira Agroecológica em Massaroca.....	41
Figura 6: Aprendendo a colher mel em Melancia	41
Figura 7: Ajudando na construção do SAF em Bom Sucesso	42
Figura 8: Memórias do diário e o Carrito	45
Figura 9: Localização das comunidades participantes da pesquisa	52
Figura 10: Identidade visual do Recaatingamento em cores	55
Figura 11: Identidade visual do Recaatingamento em monocromia	55
Figura 12: Área de Recaatingamento em Barra & Bom Sucesso.....	58
Figura 13: Área de Recaatingamento em Curral Novo & Jacaré	61
Figura 14: Fundo de pasto de Curral Novo & Jacaré	62
Figura 15: Práticas econômico-produtivas em Curral Novo & Jacaré	63
Figura 16: Área de Recaatingamento em Melancia.....	66
Figura 17: Perfil geral das comunidades	67
Figura 18: Perfil de participantes Barra & Bom Sucesso	68
Figura 19: Perfil de participantes Curral Novo & Jacaré	69
Figura 20: Perfil de participantes Melancia.....	70
Figura 21: Barreiro seco em Melancia mesmo na época de chuva	181
Figura 22: Barreiro em Barra & Bom Sucesso.....	182
Figura 23: Atividades de instalação do SAF	182
Figura 24: Revisitando o SAF em Barra & Bom Sucesso.....	183
Figura 25: Última visita ao Recaatingamento de Barra & Bom Sucesso	184
Figura 26: Quintal com plantas nativas como novo hábito de cultivo na comunidade.....	188
Figura 27: Plantações de forragem nas áreas particulares como preparação para o tempo seco	189
Figura 28: Exemplo das cercas de faxina	192

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Quadro de coerência dos elementos orientadores da pesquisa	27
Quadro 2: Questões aplicadas às comunidades	47
Quadro 3: Questões aplicadas às equipe técnico-pedagógica	48
Quadro 4: Dados das pessoas que compõem a equipe técnico-pedagógica do Recaatingamento	71

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

(AATR)	Associação dos Advogados/as dos Trabalhadores/as Rurais
(AATR)	Associação dos Advogados/as dos Trabalhadores/as Rurais
(AC)	Análise de Conteúdo
(ADAC)	Associação de Desenvolvimento e Ação Comunitária
(AGRIS)	<i>International Information System for the Agricultural Sciences and Technology</i>
(ASA)	Articulação no Semiárido Brasileiro
(ASD)	Áreas Susceptíveis à Desertificação
(ATER)	Assessoria Técnica e Extensão Rural
(Bahiaater)	Superintendência Baiana de Assistência Técnica e Extensão Rural
(BDP@)	Base de Dados da Pesquisa Agropecuária
(BNDES)	Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
(CAAM)	Comitê das Associações Agropecuárias de Massaroca
(CE)	Critérios de Exclusão
(CEB's)	Comunidades Eclesiais de Base
(Cesol's)	Centros Públicos de Economia Solidária
(CEP)	Comitê de Ética em Pesquisa
(CESPCT)	Comissão Estadual para a Sustentabilidade dos Povos e Comunidades Tradicionais
(CHD)	Classificação Hierárquica Descendente
(CI)	Critérios de Inclusão
(CN)	Caatinga nativa
(CNPq)	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
(CPT)	Comissão Pastoral da Terra
(CRAD)	Centro de Referência Para Recuperação de Áreas Degradadas
(CTFP)	Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto
(DEG)	Área degradada
(DNOCS)	Departamento Nacional de Obras Contra as Secas
(EBSCO)	<i>Elton Bryson Stephens Company</i>
(EFAS)	Escola Família Agrícola de Sobradinho
(EFAS)	Escola Família Agrícola de Sobradinho
(Ematerba)	Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Bahia
(Embrapa)	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
(FAO)	Alimentação e a Agricultura
(FAO)	Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura
(FAO)	Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura
(FIDA)	Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola
(FNE)	Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste
(FNE)	Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste
(FP)	Fundo de Pasto
(GeografAR)	Projeto Integrado de Pesquisa A Geografia dos Assentamentos na Área Rural
(IPHAN)	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
(Irpaa)	Instituto Regional da Pequena Agropecuária
(ONG's)	Organizações Não Governamentais
(ONU)	Organização das Nações Unidas

(PARNA)	Parque Nacional
(PICo)	(P) População, (I) Interesse, (Co) Contexto
(PPGEcoH)	Programa de Pós-Graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental
(REC)	Recaatingamento
(Resab)	Rede de Educação do Semiárido Brasileiro
(RI)	Repositórios Institucionais
(RIL)	Revisão Integrativa de Literatura
(SAF)	Sistemas Agroflorestais
(SAL)	Biblioteca dos Semiáridos
(SAT)	Sistemas Agrícolas Tradicionais
(Sepromi)	Secretaria de Promoção da Igualdade Racial e dos Povos e Comunidades Tradicionais
(SIB)	Sistemas Integrados de Bibliotecas
(TCLE)	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
(TJ-BA)	Tribunal de Justiça da Bahia
(TPI)	Tribunal Penal Internacional
(TSSF)	Território Sertão do São Francisco
(UC)	Unidades de Contexto
(UFBA)	Universidade Federal da Bahia
(UNCCD)	Convenção das Nações Unidas para o Combate à Desertificação e Mitigação dos Efeitos das Secas
(Uneb)	Universidade Estadual da Bahia
(Univasf)	Universidade Federal do Vale do São Francisco
(UR)	Unidades de Registro
(URAD)	Unidade de recuperação de áreas degradadas

SUMÁRIO

1.	APRESENTAÇÃO.....	16
1.1	Proposição	18
2.	INTRODUÇÃO GERAL	19
3.1	Contextualização histórico-geográfica	20
3.2	Organização do trabalho	28
4.	PERSPECTIVAS EPISTEMOLÓGICAS E METODOLÓGICAS DA PESQUISA	31
4.1	Metodologia das revisões de literatura	35
4.1.1	Da Revisão Integrativa de Literatura (RIL).....	35
4.2	Da pesquisa de campo	36
4.2.1	Quebrando o protocolo: subjetividades captadas na pesquisa de campo ou o que não se pode deixar de fora na pesquisa em Ecologia Humana.....	38
4.2.2	Da observação participante.....	43
4.2.3	Das entrevistas	45
5.	DADOS GERAIS DA PESQUISA DE CAMPO	51
5.1	Lócus da pesquisa	51
5.1.2	O Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (Irpaa)	52
5.1.3	Comunidade Barra & Bom Sucesso: Sobradinho/BA.....	56
5.1.4	Comunidade Curral Novo & Jacaré: Juazeiro/BA	59
5.1.5	Comunidade Melancia: Casa Nova/BA.....	63
5.2	Das entrevistas nas comunidades	67
5.3	Das entrevistas com a equipe técnico-pedagógica	71
I -	PRODUÇÃO DA EXISTÊNCIA DAS COMUNIDADES DE FUNDO DE PASTO E SUAS RELAÇÕES COM A CAATINGA.....	74
II -	DESAFIOS E ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA NAS COMUNIDADES TRADICIONAIS DE FUNDO DE PASTO.....	99
III -	ECOLOGIA HUMANA E PROCESSOS IDENTITÁRIOS NAS COMUNIDADES TRADICIONAIS DE FUNDO DE PASTO	123
IV -	BEM VIVER E ECOPEDAGOGIA: RELAÇÕES INTRÍNSECAS ÀS DIVERSAS NUANCES NA ECOLOGIA HUMANA DO RECAATINGAMENTO	149
6.	DISCUSSÃO GERAL OU UMBUZADA COM LEITE DE CABRA	175
6.1	Aprofundamento no objeto de estudo: separar a polpa do caroço.....	176
6.2	Os dados da pesquisa de campo: acrescente o leite e o açúcar.....	178
6.3	Concatenando dados: bata tudo no liquidificador	185
7.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	196

8. REFERÊNCIAS GERAIS.....	202
APÊNDICE A – RECAATINGAMENTO E PROCESSOS IDENTITÁRIOS NAS 206	
COMUNIDADES TRADICIONAIS DE FUNDO DE PASTO	206
APÊNDICE B – PARECER CONSUBSTANCIADO CEP.....	207

Nessa observação sobre o bem-estar, para que a gente estendesse essa ideia de bem-estar para todo mundo, a gente precisa destruir o Planeta. O Buen Vivir, o *Sumak Kausai*, esse ser humano, subordinado a uma ecologia planetária, nós também, nosso corpo, assim como todos os outros seres, ele está dentro dessa ecologia ou dessa vasta biosfera do Planeta como um elemento de equilíbrio e regulador. Nós não somos alguém que age de fora. Nós somos corpos que estão dentro dessa biosfera do Planeta Terra. É maravilhoso, porque, ao mesmo tempo em que somos dentro desse organismo, nós podemos pensar junto com ele, ouvir dele, aprender com ele. Então é uma troca mesmo, de verdade. Não é você incidir sobre o corpo da Terra, mas é você estar equalizado com o corpo da Terra, viver, com inteligência, nesse organismo que também é inteligente, fazendo essa dança, que já me referi a ela como uma dança cósmica.

Ailton Krenak

1. APRESENTAÇÃO

“Escolher escrever é rejeitar o silêncio”
(Chimamanda Ngozi Adichie)

Esta tese foi construída como se faz para realizar um grande sonho. Primeiro sonhada, com mil e uma possibilidades. Depois, imaginada, com todas as suas qualidades e defeitos. Após isso, descobre-se que um grande sonho é também um grande desafio, um imenso cair e levantar-se, um rasgar-se e remendar-se constante. São necessários não só recursos, mas força, dedicação, amparo e, sobretudo, resiliência.

Pois bem, após descobrir tudo isso, é necessário entender que, ainda assim o sonho, o grande sonho, poderá valer a pena. Não só para quem sonha, mas para quem conjuntamente acredita no sonho da pessoa sonhadora.

Assim, após os quatro anos de estudos, pesquisas, desafios, rasgamentos e remendamentos, esta tese foi construída. Construída não só para a obtenção de um título, mas porque ao longo desses anos duas coisas muito importantes foram ditas a esta autora e, talvez, não seja sequer necessário dizer qual destas duas seja a mais importante nesse percurso.

A primeira coisa dita veio de uma das mulheres entrevistadas em uma das comunidades “[...] termine, Rosi. Termine logo esse negócio pra todo mundo saber que o que a gente faz aqui é importante. Importante eu digo não é pra nós, não. Importante é para as Caatingas”. A outra coisa dita vem de um grande irmão de Alma encontrado ao longo desse processo, o qual afirmou “Você precisa terminar isso, sim! Meninas pretas precisam ver mulheres pretas doutoras!”.

Assim, apesar do conjunto de desafios que se impuseram no decurso deste doutoramento, nasceu esta tese. Ela se constitui de etapas contínuas. De buscas e reflexões. De choros de desespero mental e de dor física entre as madrugadas. Constitui-se na produção de sentido não só para a academia, mas para os atores envolvidos ao longo dela: o Irpaa e as Comunidades de Fundo de Pasto.

Desse modo, se as pessoas das comunidades intencionavam se reconhecer neste escrito, o Irpaa sinalizou a necessidade de perceber seus (des)acertos no desenvolvimento do Reaatingamento como metodologia realizada ao longo de 15 anos nessas comunidades.

Nesse contexto, alguns protocolos foram seguidos para que tanto as demandas dos sujeitos sociais quanto da academia fossem consideradas dentro deste escrito. O primeiro elemento é, efetivamente, a formatação estipulada pelo Programa de Pós-Graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental - PPGEcoH. Este prevê, conforme a Resolução n.º 03/2022, regras para apresentação escrita de Dissertações e Teses, abrangendo procedimentos para Qualificação e Defesa no âmbito do PPGEcoH/UNEB, considerando-se o formato *multipaper* em que os capítulos não são sequenciados com temática contínua, mas têm estrutura de começo, meio e fim em si mesmos, pois são artigos estruturados conforme cada revista à qual o artigo é submetido.

O segundo elemento, atendendo ao desejo de autorreconhecimento neste escrito é o relatório fotográfico, de momentos vivenciados em campo, em que memórias e afetos são suscitados. Afinal, o que é a concretização de um sonho sem as memórias afetivas que o tornaram possível?! Mais ainda, se não couber afeto em uma pesquisa em Ecologia Humana, onde caberá?

Esse relatório, intitulado Recaatingamento e processos identitários nas Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto, era pra ser um compilado de fotos, mas extrapolei, fiz um livro. Sei que nele tem de tudo um pouco, mas não considero essa uma obra minha. Considero uma sistematização de veres e ouvires que as comunidades me proporcionaram e eu, simplesmente, registrei.

Infelizmente, não dá pra colocar aqui o cheirinho de chiqueiro, o sabor do café e da umbuzada, a textura dos queijos. Mas dá pra dizer que, muito mais que um diploma de doutora, essa pesquisa me proporcionou reencontrar com Neném, a menina que fui até bem pouco tempo. Assim, pude reviver minhas memórias afetivas “de infância no meio das Caatinga” e ressignificar algumas vivências.

Partindo desses pressupostos, nas linhas e entrelinhas deste trabalho será possível perceber método e afeto. Forma e conteúdo. A construção do saber aqui se dá de modo a considerar lutas históricas e práticas inovadoras, percebendo a articulação entre os saberes técnicos e as práticas ancestrais. Por exemplo: de um lado o Irpaa propondo a utilização de cerca elétrica para isolar uma área, do outro as pessoas mais velhas das comunidades falando sobre determinados tipos de plantas cada vez mais escassas na Caatinga aberta e, portanto, fundamentais à área de recuperação.

No percurso deste trabalho tais saberes se articulam na intenção primordial de beneficiar majoritariamente uma coisa: a mata branca. A Caatinga. O meio pelo qual se

constroem cotidianamente as vivências dos coletivos sociais chamados de Fundo de Pasto.

Que este sonho não tenha se perdido tentando se encontrar. Que ele efetivamente possa concretizar algo acadêmico sem, no entanto, perder o afeto. Que suas contribuições possam chegar aonde precisam e que deste caminho se possam trilhar novos, sem tantos rasgamentos e remendamentos, mas com tantos ou mais frutíferos resultados!

1.1 Proposição

O Recaatingamento enquanto ecometodologia de manutenção da Caatinga em pé é um caminho fundamental ao desenvolvimento do Bem Viver e da promoção da cultura de Convivência com o Semiárido não só para as Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto, entendidas como guardiãs da Caatinga, mas para todas as pessoas que dependem desse bioma direta ou indiretamente.

2. INTRODUÇÃO GERAL

Antes de começar a conversa sobre a construção desta tese, foi-nos proposto descrever os trajetos iniciais percorridos na vida-academia para chegar a este ponto. De modo geral, a escrita de si é vista como um lugar melindroso, difícil e, até mesmo, conturbado. Este, todavia, não é o caso. Digo isto não por julgar ser ou saber mais que outrem. Ao contrário, sei que só sou com outras pessoas e outras pessoas podem ser através de mim. Então, falar de mim é falar das pessoas que são comigo e com as quais também sou.

Para chegar a tal conclusão, entretanto, algumas andanças foram necessárias. Alguns diálogos em movimentos sociais e institucionais, a exemplo da Rede de Educação do Semiárido Brasileiro (Resab), a qual me colocou em contato com o Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (Irpaa). Pouco tempo após esse contato, participei de um seminário sobre o Recaatingamento, em 2011 e em 2013 elaborei um artigo sobre como o Irpaa o desenvolvia.

No ano seguinte, como aluna regular do Mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos, na Universidade do Estado da Bahia (Uneb), cursei a disciplina Educação e Saberes Tradicionais no Semiárido, por meio da qual passei a me interessar pela temática, buscando compreender temáticas educacionais e políticas acerca dos povos do Semiárido.

Assim, após passar por algumas experiências sociais, acadêmicas e familiares, interessei-me pelo Doutorado em Ecologia Humana, na mesma universidade, onde pareço ter plantado meu umbigo. Com diversas ideias na cabeça e compartilhando com uma amiga-irmã, ela sugeriu que eu ousasse algo com comunidades tradicionais do Semiárido.

No desenho geral do projeto, não poderia discutir outra coisa senão as identidades caatingueiras, das quais orgulhosamente produzo minha existência. Com isso, busquei não trazer em minha pesquisa algo estranho a mim, mas que possibilitasse dialogar com tópicos das quais tivesse contato prévio. Revendo meus textos, deparei-me com “Tecnologias de convivência com o Semiárido: o Recaatingamento em questão”, texto de minha autoria apresentado em um evento da Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf).

Aprofundi o estudo na temática, perguntei, compartilhei, indaguei um pouco mais. Cheguei até aqui, enfim. Depois de 54 meses de gestação, nasce esta filha-tese, a qual nas próximas páginas passo a dizer em coletivo, uma vez que, apesar do processo

individual que é a escrita, não se faz só com as ideias de Rosi Rocha. Se faz em compartilhares de ideias conjuntas. Assim, apesar de individual, essa escrita não é solitária, é solidária, se constrói com os pés no chão do Semiárido Brasileiro e no “mei das Caatinga”.

3.1 Contextualização histórico-geográfica

Por ter dimensões continentais o Brasil é um país que abarca uma vasta complexidade em sua formação, seja do ponto de vista da biodiversidade congregando diversos tipos de climas e formações geomorfológicas, seja no que tange às questões antropológicas em termos culturais, étnicos, linguísticos e religiosos. Essa série de distintas identidades produz experiências diversas, às quais estão atrelados os processos históricos de formação da nação brasileira.

Assim, a localização histórico-geográfica das Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto começa com a presença invasora do homem branco europeu a partir do século XVI. Essa presença colonizadora traz consigo rupturas de modos de vida, educação, filosofias, de um conjunto de saberes e de produção da existência dos povos originários. Tais rupturas se dão não só no litoral brasileiro, mas foi a partir desse lugar que se construiu o projeto de sociedade que seria desenvolvido nos séculos seguintes.

Sem dúvida já existe um denso marco teórico que sustenta a literatura sobre o histórico de formação das Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto desde as sesmarias até a atualidade. Os trabalhos realizados por Carvalho (2008), Ferraro Júnior e Bursztyn (2008), Germani (2008, 2011), Marques (2013), Silva (2017), Torres (2013), apontam um constructo suficiente para tal discussão, sobretudo a partir da ocupação do interior da Região Nordeste.

Porém, nesta tese evoca-se o paradigma da Convivência com o Semiárido para uma compreensão de como os povos originários são historicamente expropriados de seus territórios no interior do Nordeste (Martins, 2006; Schistek; Carvalho, 2011) e como esses povos, bem como outros grupos minoritários que ocuparam essas áreas, desenvolveram secularmente estratégias de convivência com o Semiárido e suas condições edafoclimáticas consolidando-se ao longo do tempo como povos e comunidades tradicionais (Marques, 2013) como os vaqueiros, povos beradeiros, quilombolas, fundo de pasto (Gonçalves, 1997).

Como projeto de colonização para o Brasil, os europeus tinham como principal propósito tirar o máximo de proveito dos bens naturais¹ e utilizar à exaustão a mão de obra dos povos originários locais e das pessoas escravizadas trazidas do continente africano, bem como seus descendentes, com vistas ao acúmulo de bens e, conseqüentemente, de poder (Albuquerque Júnior 2011), essa é a tônica das *plantations* em todo o continente americano, da exploração em Potosí (Galeano, 2020) e das sesmarias, sistema de distribuição de terras implantado no Brasil pela Coroa Portuguesa (Germani, 2006).

Com o interior do país não foi diferente; um projeto de progresso, como se chamava à época, foi instalado, porém as gentes desse lugar não faziam parte de tal proposta. Ao contrário, foram colocadas fora de suas terras para dar espaço ao gado pois, “[...] tão logo os fazendeiros descobriram que as ilhas e as margens do São Francisco eram importantes para a refrigeração dos animais, nos períodos de seca, começaram a assenhorear-se delas e a expulsar ou sujeitar completamente os seus moradores” (Gonçalves, 1997, p. 72). Ou seja, foi a pata do gado que passou a ditar a economia e as atividades locais com o estabelecimento de currais.

Nesse sentido, as mortes provenientes dos massacres aos quais os povos indígenas foram submetidos, advém das linhas de confrontos por terra e território contra os invasores. Com o tempo, tais violências se intensificaram, ao passo que os vaqueiros seriam os defensores dos interesses dos donos de currais.

Ainda em 1676, um grupo de indígenas de etnia Cariri reagiu contra as constantes matanças e à ocupação do seu território, atacando casas de portugueses e vaqueiros. O segundo Francisco Dias d’Avila, contando com subsídios do governador, organizou um ataque a esse grupo. A investida foi feita a nado no baixo Rio Salitre, na região de Juazeiro/BA, como relatam Schistek; Carvalho (2011, p. 38):

Depois de cinco dias, os índios se renderam, sob promessa que lhes poupassem a vida. E, mesmo assim, mataram os índios amarrados. Eram quase 500. Fizeram escravos seus filhos e mulheres. O Governador da Bahia mandou celebrar uma missa, em ação de graças.

Tal relato aponta para a compreensão de que não se pode chamar de confronto o que ocorreu entre os colonizadores e os povos indígenas, pois estes não dispunham de condições para lutar em pé de igualdade contra aqueles. Nesses termos, quanto mais os

¹ Na contramão do que se tem utilizado até hoje como recursos naturais, assume-se aqui o termo bens naturais, a partir do entendimento de que a natureza é um bem em si mesma e não um recurso a ser explorado para satisfazer as necessidades humanas.

povos indígenas tentavam existir, mais eram reprimidas suas tentativas, como descrito nos Anais Pernambucanos:

Viu-se então, lemos no documento público de 1863, toda a sorte de atrocidades. Mortos os índios, esquartejavam-se os cadáveres no meio da rua, e ficavam os quartos expostos aos cães; outros foram imprensados como sacos de algodão, e desde então não cessou a perseguição a esses miseráveis, com processos, recrutamentos e mortes. E tudo isto, para se tomar as terras destes infelizes, que desesperados se vão expatriando (Costa, 1983, p. 241).

É sob essa materialidade de violências que se constitui o projeto social para o Nordeste do Brasil. Tais violações fazem parte de uma ideia de sociedade onde não cabem as próprias gentes originárias desse lugar e no qual os modos produtivos de relação com a natureza são vistos como rudimentares, atrasados ou, como mais comumente chamado, de subsistência.

Desse modo, o processo de invasão no interior do Nordeste vem com a dizimação das populações locais sob a marca violenta da escravização e da subalternização de homens e mulheres e dos estupros cometidos contra mulheres e crianças.

Mulher, segundo os relatos da época, era um ser escasso e cobiçado. Verossímil é que os vaqueiros, por algum modo, se amiassem com índias, obtidas de seus pais ou chefes de tribos em troca de alguma coisa. Possível, também, é que alguns tenham utilizado o expediente de as obterem através da prática do rapto para posterior domesticação. Em finais do século XIX essa era uma prática ainda corrente, principalmente levando-se em conta que os agrupamentos indígenas eram freqüentemente destroçados. Indícios disso também são encontrados nos depoimentos de muitas pessoas de idade, e mesmo de jovens da região. Ao se referirem a seus ancestrais, sempre relatam a história de uma bisavó pega a dente de cachorro (Gonçalves 1997, p. 24).

[...] episódios de captura de mulheres indígenas, como descrito, “pegas a dente de cachorro”. Sobre esta forma de narrativa existe uma tradição contada e recontada de que mulheres indígenas teriam, no passado, sido pegas para serem esposas dos primeiros colonizadores nessa região, isso contra a vontade delas, as expressões “pega a dente de cachorro” remetem ao ato de violência contra essas mulheres (Vieira, 2019, p. 1).

Fato é que essa marca deixada na história de formação das famílias do interior do Nordeste é uma marca que invisibiliza as subjetividades dessas mulheres, as quais sob a marca da dor deixaram sua herança genética na identidade da população nordestina, como apontam Mychaleckyj *et al.* (2017).

Essa marca, o entanto, merece ser vista não como uma contribuição dada voluntariamente, mas como consequência da violação de sua dignidade. É nesse sentido que vai a reflexão de Guajajara² (2020, 32:42 min a 34:44 min):

² GUAJAJARA, S. B.; FEDERICI, S. **Corpos e territórios novas fronteiras extrativistas do capital na América Latina**. Disponível em: <https://encr.pw/bu4v1>

Essa é uma expressão muito violenta, não basta você falar como se indígena fosse um bicho do mato ou um ser selvagem. É preciso você olhar para essa expressão e sentir a mesma dor que esta mulher sentiu, se ela foi pega no laço é porque ela não queria vir, ela não foi de gosto dela, se ela foi pega a dente de cachorro, é porque ela foi brutalmente violentada. Olha só que brutalidade foram essas práticas. Imagina hoje, alguma de vocês ser pega no laço e trazida na marra para ser abusada pelo patrão, ser abusada por um senhor da grande elite? Imagina hoje você ser pega a dente de cachorro e ser arrastada para algum lugar que você não sabe para onde? Então é muito importante ao escutar essa expressão você combater. É a mesma coisa que a gente fala: não basta a gente não ser racista, a gente tem que ser antirracista.

A partir disso, torna-se imperativo desconstruir a ideia romântica de ocupação do Nordeste, bem como da formação histórica de suas populações. E, nesse sentido, é premente compreender que o projeto de sociedade imposto ao Nordeste tem como pano de fundo todos esses cenários de violência, exclusão e negação da diversidade identitária de seu povo (Albuquerque Júnior, 2011; Bursztyn, 2008).

Partindo desses pressupostos, compreende-se que a existência de povos e comunidades tradicionais ainda é uma forma de resistência, porquanto desenvolveram formas próprias de lidar com tais violências bem como com as negligências estatais que relegaram a esses povos lugares de subalternidade.

Desse modo, tais processos contribuíram para que o Brasil tenha em seu bojo formativo uma gama de comunidades que compõem sua população e que reivindicam não só seus territórios, mas o direito a exercer com liberdade seus modos de produção da existência.

Dentre esses grupos, atualmente estão as comunidades tradicionais as quais atualmente são caracterizadas segundo o inciso I Art. 3º Decreto 6.040/2007 como:

I - Povos e Comunidades Tradicionais: grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição (Brasil, 2007, s/p).

Nesse sentido, entendendo que o Brasil é formado por diferentes povos e comunidades tradicionais com tais características, depreende-se que há um conjunto de experiências sendo produzidas por essas comunidades, a exemplo das Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto (CTFP), as quais identificam seu território, segundo a Nova Cartografia social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil, como uma área preservada pelas pessoas da comunidade “[...] que dali tiramos o meio de sobrevivência das famílias que ali residem, como criação de abelhas, caprinos e ovinos, e outros animais

que existem na área. Assim temos como trabalhar e dar continuidade para nossos filhos” (Articulação Estadual de Fundos de Pasto, 2007, p. 4) e essa continuidade se dá por um modo próprio de vida, considerado pelas comunidades como “[...] o nosso jeito de viver no sertão”³. Tais características assinalam uma aglutinação de forças coletivas pela continuidade da existência das comunidades com seu modo próprio de produção cultural e socioeconômica.

Do ponto de vista legal é a Secretaria de Promoção da Igualdade Racial e dos Povos e Comunidades Tradicionais (Sepromi) que através da Lei Estadual nº 12.910/2013 “dispõe sobre a regularização fundiária de terras públicas estaduais, rurais e devolutas, ocupadas tradicionalmente por Comunidades Remanescentes de Quilombos e por Fundos de Pastos ou Fechos de Pastos e dá outras providências” (Bahia, 2013, p. 1).

Assim, a partir da referida Lei, considerando-se a comprovação de características condizentes com os incisos I, II, III, IV e V do Art. 2º, a Sepromi possui a capacidade de reconhecer legalmente a existência das Comunidades de Fundo de Pasto.

- I - uso comunitário da terra, podendo estar aliado ao uso individual para subsistência;
- II - produção animal, produção agrícola de base familiar, policultura alimentar de subsistência, para consumo ou comercialização, ou extrativismo de baixo impacto;
- III - cultura própria, parentesco, compadrio ou solidariedade comunitária associada à preservação de tradições e práticas sociais;
- IV - uso adequado dos recursos naturais disponíveis e preservação do meio ambiente, segundo práticas tradicionais;
- V - localização nos biomas caatinga e cerrado, bem como nas transições caatinga/cerrado.

Nesse sentido, a Lei preconiza que tais características precisam ser observadas simultaneamente para a efetivação do reconhecimento enquanto Comunidade Tradicional de Fundo de Pasto de modo que a Sepromi possa, mediante certificação de autorreconhecimento, expedida após regular processo administrativo, dar ciência à Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (GEOGRAFAR, 2020).

Além da caracterização jurídica, é ao Projeto Integrado de Pesquisa A Geografia dos Assentamentos na Área Rural (GeografAR) que se recorre para caracterizar academicamente as Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto, porquanto o GeografAR atua desde 1996 respaldado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e após anos em pesquisas conceitua as Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto como:

³ *Ibidem*, p. 3.

[...] uma experiência de apropriação de território típico do semi-árido baiano caracterizado pelo criatório de animais em terras de uso comum, articulado com as áreas denominadas de lotes individuais. Os grupos que compõem esta modalidade de uso da terra criam bodes, ovelhas ou gado na área comunal, cultivam lavouras de subsistência nas áreas individuais e praticam o extrativismo vegetal nas áreas de refrigério e de uso comum. São pastores, lavradores e extrativistas. São comunidades tradicionais, regulamentados internamente pelo direito consuetudinário, ligados por laços de sangue (parentesco) ou de aliança (compadrio) formando pequenas comunidades espalhadas pelo semi-árido baiano (Alcântara; Germani, 2009, p. 14).

Partindo de tais pressupostos, é notável que há uma demarcação histórica, jurídica, acadêmica e política de reconhecimento das CTFP e suas subjetividades e objetividades apontadas ao longo de décadas, por organismos de diversos segmentos da sociedade.

Diante disso, tais demandas são mais recentemente reconhecidas quando da emissão de certificações dessas comunidades através da Sepromi, a qual já emitiu o reconhecimento de 777 comunidades de 2014 até 2022 e atualmente mantém sob análise outras 194 comunidades, aguardando despacho de autorizo do Governo do Estado da Bahia, para emissão dos certificados de autorreconhecimento (Bahia, 2022).

Entretanto, é válido destacar que a Articulação Estadual de Fundo de Pasto estima a existência de aproximadamente outras 500 comunidades cujas características de comunidades fundo ou fecho de pasto podem ser comprovadas conforme os critérios de autodefinição descritos na Lei 12.910/2013, que ainda não emitiram pedido de certificação.

Com base em tais critérios, sobretudo do inciso V, Art. 2º, é válido destacar que dois biomas estão em evidência: o Cerrado e a Caatinga. Nesse sentido, as Comunidades tradicionais de Fecho de Pasto se inserem no âmbito do Cerrado e as Comunidades tradicionais de Fundo de Pasto são comunidades tradicionais cuja existência está diretamente vinculada à Caatinga, uma vez que tanto sua história de formação, quanto seu processo de resistência na luta pela terra se dão em vias de ocupação e produção agrossilvipastoril nesse bioma.

Desse modo, é impraticável pensar as CTFP sem localizá-las no contexto do Semiárido Brasileiro tendo como eixo central sua relação com a Caatinga. Destarte, neste trabalho abordaremos apenas as Comunidades de Fundo de Pasto, as quais se inserem especificamente no Norte e Oeste da Bahia.

Essa diferenciação entre fundo e fecho de pasto se dá principalmente por duas características: o tipo de sistema de produção e o bioma em que incidem essas comunidades. Isso porque no fecho de pasto se desenvolve sistematicamente a criação de

bovinos e no fundo de pasto há majoritariamente a criação de caprinos, pois no fundo de pasto:

A criação de caprino é preferencial pela sua adaptação à caatinga. No entanto, outros animais, também fazem parte de sua cultura, a exemplo, dos ovinos, suínos, equinos, em menor proporção dos bovinos e de forma consorciada, pode ser encontrada a apicultura. [...] nos **Fundos de Pasto** a criação é predominantemente de gado de pequeno porte e **situam-se no bioma caatinga**, já os **Fechos de Pasto** o criatório é predominante de gado de grande porte e **situam-se no bioma cerrado** ou na faixa de transição da caatinga para o cerrado [...] (Imbirussú; Oliveira, 2018, p. 3 grifos nossos).

Desse modo, a Caatinga constitui-se como pano de fundo desta tese e as CTFP atuam como protagonistas no desenvolvimento do estudo.

Ademais é importante destacar a diferença entre o sistema fundo de pasto com letras iniciais minúsculas, o qual opera como modo de produção coletiva em determinada área; e Fundo de Pasto com iniciais maiúsculas representando seu processo político identitário de reconhecimento do território das comunidades, as quais produzem sua identidade enquanto comunidade tradicional também face a uma resistência coletiva a desafios que perpassam o patrimônio material e imaterial desses sujeitos (Ming, 2020).

Ocorre, no entanto, que por ser a Caatinga ser diretamente influenciada pelo clima Semiárido, incidem sobre esse bioma elevados níveis de evapotranspiração e periodicidade de estiagens longas (Santos, 2010). Somem-se a isso as recorrentes ações de exploração ao qual a Caatinga foi historicamente submetida, contribuindo significativamente para o atual processo de degradação (Siqueira Filho *et al.*, 2015).

Tais elementos contribuíram para o olhar das CTFP acerca da perda de algumas espécies endêmicas da Caatinga em suas comunidades e entorno, chamando a atenção de profissionais do Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (Irpaa) que, corroborando com a constatação das comunidades, desenvolveu o Recaatingamento, considerado pelo instituto como uma:

[...] inter-relação de conhecimentos populares tradicionais e técnico-científico, podendo ser definido como uma metodologia de intervenção agroecológica baseada nos princípios da Convivência com o Semiárido, oferecem meios necessários para recuperação de áreas em processo de degradação e a conservação da Caatinga, fazendo-a permanecer ou retornar ao seu estado original (Santos, 2019, p. 2).

Nesses termos, emerge uma prática pioneira que passa a influenciar diretamente a relação das CTFP com o bioma. A partir disso, novos saberes e práticas passam a incorporar as ações das comunidades em interação com a Caatinga resultando em experiências novas dentro de um sistema tradicional.

Destarte, a construção da presente tese se dá em face da investigação da atuação do Recaatingamento nessas comunidades tendo como referência três elementos em articulação: a) a Caatinga como *lócus* de produção da existência das Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto; b) os Fundos de Pasto enquanto comunidades tradicionais com formas próprias de organização social; c) a ecometodologia desenvolvida pelo Irpaa, o chamado Recaatingamento.

Partindo de tais pressupostos, a questão orientadora do estudo foi: as ações do Recaatingamento, na interlocução entre os saberes técnico-científicos e os saberes das Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto, são capazes de provocar mudanças na forma de relacionamento das comunidades com a caatinga no que tange à ressignificação de suas identidades?⁴

Nesse sentido, para uma melhor visualização dos elementos orientadores da pesquisa, elaboramos um quadro de coerência (Quadro 1).

Quadro 1: Quadro de coerência dos elementos orientadores da pesquisa

QUESTÃO ORIENTADORA	OBJETIVO	METODOLOGIA
Como são abordadas as relações entre as comunidades de fundo de pasto e a Caatinga na literatura científica?	Identificar como a literatura aborda as relações entre as Comunidades de Fundo de Pasto e a Caatinga	Revisão Integrativa de Literatura (RIL)>Busca nas bases de dados>Sistematização com <i>Start</i> e <i>Iramuteq</i> >Análise de conteúdo
Quais os desafios que estas têm enfrentado à sua existência ao longo dos anos? Quais são as estratégias de enfrentamento que garantem a sua existência e permanência em seus territórios?	Discutir os desafios e estratégias de resistência das Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto segundo a literatura	Revisão Integrativa de Literatura (RIL) >Busca nas bases de dados>Sistematização com <i>Start</i> e <i>Iramuteq</i> >Análise de conteúdo
Que mudanças foram provocadas pelas ações educativas do Recaatingamento nas vivências das Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto?	Descrever as mudanças provocadas pelas ações educativas do Recaatingamento nas vivências das Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto em 3 comunidades do Território Sertão do São Francisco	Estudo de caso do tipo etnográfico>observações em campo>entrevistas>Sistematização com Atlas.ti>Análise de conteúdo
Quais as implicações do Recaatingamento na Ecologia Humana das Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto?	Discutir as implicações do Recaatingamento na Ecologia Humana das Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto	Estudo de caso do tipo etnográfico>observações em campo>entrevistas>Sistematização com Atlas.ti>Análise de conteúdo

⁴ Visando garantir as etapas legais da pesquisa científica, o estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade do Estado da Bahia (Uneb), sendo autorizado e aprovado em 26 de março de 2021 através do parecer 4.613.635.

Fonte: Autoria própria

3.2 Organização do trabalho

A tese está organizada em três partes. Na **Parte I** trazemos uma Apresentação do trabalho, sistematizando um pouco das emoções, percursos e percalços ao longo dos escritos e a Proposição do estudo, sobre a qual nos debruçamos para a condução de toda a pesquisa.

Na Introdução, trazemos as características gerais do estudo, os fundamentos teórico-filosóficos acerca das CTFP e do Reaatingamento, sem, no entanto, aprofundar essa discussão, visto que esta será realizada nos capítulos da segunda parte.

Nas elucubrações sobre as escolhas epistêmico-metodológicas, expomos o percurso metodológico geral, apresentando o trajeto percorrido para o alcance dos objetivos propostos no início da pesquisa. Nesse tópico, apontamos as técnicas e instrumentos utilizados nas revisões de literatura e na pesquisa de campo.

Além disso, apresentamos as questões complementares e objetivos específicos, bem como ilustramos as etapas percorridas e seus devidos instrumentos e técnicas através de um organograma.

Em seguida, trazemos os Dados gerais da pesquisa de campo, momento em que caracterizamos o campo de estudo, a instituição e as pessoas envolvidas. Nele também fazemos um panorama geral das pessoas entrevistadas nas comunidades, caracterizando por sexo e faixa etária; além de apontar o tempo de entrevista em cada comunidade e o perfil profissional e etário da equipe técnico-pedagógica.

Na **Parte II** apresentamos os capítulos com os dados coletados e analisados os quais, seguindo as recomendações da Resolução n.º 03/2022, estão organizados em artigos. Para tanto elaboramos quatro artigos com diferentes resultados, os quais foram elaborados conforme as questões complementares e os objetivos específicos desenhados para a reflexão dessas indagações.

Desse modo, a elaboração dos capítulos seguiu as questões orientadoras em coerência com seus respectivos objetivos e na utilização da metodologia proposta. Como resultados, os quatro artigos produzidos compõem esse conjunto de capítulos e por meio deles, discutimos os dados.

A primeira parte da parte II, é um artigo intitulado **PRODUÇÃO DA EXISTÊNCIA DAS COMUNIDADES DE FUNDO DE PASTO E SUAS**

RELAÇÕES COM A CAATINGA⁵ é parte das Revisões Integrativas de Literatura (RIL), onde apontamos que há uma relação intrínseca das comunidades de fundo de pasto com a Caatinga, tanto no tocante ao seu sistema produtivo, quanto na construção da identidade coletiva como comunidade tradicional.

No segundo capítulo, também parte das RIL, trazemos os **DESAFIOS E ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA NAS COMUNIDADES TRADICIONAIS DE FUNDO DE PASTO** no qual realizamos uma revisão integrativa de literatura com abordagem qualitativa e de cunho descritivo. Assim, apontamos que existem desafios diversos à existência das Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto, como a insegurança jurídico-fundiária e o assédio do capital.

Já no tocante à pesquisa de campo, o capítulo três discute **A ECOLOGIA HUMANA E PROCESSOS IDENTITÁRIOS NAS COMUNIDADES TRADICIONAIS DE FUNDO DE PASTO**. À luz dos estudos culturais, analisamos alguns aspectos que emergiram nas entrevistas e, assim apontamos que houve mudanças significativas nos âmbitos socioambientais e culturais, bem como nas perspectivas identitárias dessas comunidades, as quais são compreendidas como processos e não como estruturas rígidas ou, tampouco naturais.

O quarto e último capítulo elaborado com base na pesquisa de campo é intitulado **BEM VIVER E ECOPELAGOGIA: RELAÇÕES INTRÍNSECAS ÀS DIVERSAS NUANCES NA ECOLOGIA HUMANA DO RECAATINGAMENTO**. Nele apontamos que as principais mudanças causadas foram a diminuição de queimadas e derrubadas de espécies nativas, práticas que consistiam em fatores substanciais de degradação ambiental nas comunidades.

Já na **Parte III** tecemos nossa **DISCUSSÃO GERAL**. Esta vem permeada pela metáfora da Umbuzada com leite de cabra, primeiro por ser esta uma característica própria das comunidades tradicionais nordestinas, depois por consistir em um dos primeiros sabores experimentados na pesquisa de campo.

Assim como a umbuzada segue etapas para a sua preparação, a discussão geral é uma parte fundamental ao fechamento da tese, uma vez que os artigos precisam ser costurados para que efetivamente possamos dizer se nossa proposição se confirma ou não.

⁵ Este artigo foi publicado na Revista de Educação da Universidade Federal do Vale do São Francisco (REVASF) em dezembro de 2023 e está disponível em: <https://www.periodicos.univasf.edu.br/index.php/revasf/article/view/2398>

Nesse sentido, arrolamos dados complementares, discutimos todo o conjunto à luz dos paradigmas fundantes deste estudo, retomando a proposição inicial. Também trazemos nessa sessão, os vazios da pesquisa, momento em que refletimos sobre algumas ausências e ao mesmo tempo, justificando-as.

Como última parte dos elementos textuais – no que diz respeito às obrigatoriedades acadêmicas, tecemos nossas **Considerações Finais**. Esse é o momento e o lugar onde indicamos que apesar de terminada a tese, o processo de aprendizagens não está acabado, pois dois anos de pesquisas, vivências e aprendizagens não poderiam ser expressas nessas poucas centenas de páginas.

Nesse ponto sistematizamos os achados do estudo ao retomar as questões orientadoras para direcionar as últimas considerações. Também apontamos, como contribuições da pesquisa, alguns itinerários que podem ser traçados para agregar às estratégias do Recaatingamento.

Fora dos elementos textuais e das obrigatoriedades acadêmicas, ainda elaboramos um registro etnográfico em forma de livro, onde apresentamos parte das produções fotográficas e destacamos algumas falas das pessoas entrevistadas nas comunidades. Nele⁶ tentamos traduzir as belezas e sutilezas captadas ao longo desses breves e profundos dois anos de estudo de campo.

Assim, a construção desta tese teve como objetivo geral compreender o Recaatingamento enquanto caminho para a recuperação e conservação da Caatinga na promoção da Convivência com o Semiárido Brasileiro. Para tal, escolhemos três CTFP localizadas em municípios distintos no norte do estado da Bahia, as quais fazem parte do Território Sertão do São Francisco (TSSF).

Para tanto, algumas categorias são fundantes como eixos centrais deste constructo: a Ecopedagogia da Educação para a Convivência com o Semiárido Brasileiro, a Ecologia Humana e o Bem Viver.

⁶ O livro está disponível em: <https://encurtador.com.br/XF1j7>

4. PERSPECTIVAS EPISTEMOLÓGICAS E METODOLÓGICAS DA PESQUISA

Ao buscar atender os objetivos e questionamentos propostos, elegemos a abordagem qualitativa para a realização da pesquisa e, congruente a essa abordagem, definimos os princípios e métodos da pesquisa etnográfica, ao compreender a assertiva de Pimentel (2009, p. 129-130) o qual explana que “[...] uma das condições fundamentais para o trabalho da etnografia é a intensidade e extensividade da participação do pesquisador no seu campo de investigações” o que não excluiu a possibilidade do trabalho com os elementos deste enfoque e ainda assegurou a legitimidade pela opção.

Desse modo, ao se pensar o enfoque etnográfico ao fato de escolhermos apenas 3 das 31 comunidades que participam do Recaatingamento, foi necessário atrelar o estudo de caso como metodologia para realizar o que André (2005) chama de estudo de caso do tipo etnográfico definindo-o como um estudo em profundidade que dá ênfase à singularidade do fenômeno estudado e, ao mesmo tempo, considera os princípios e métodos da etnografia.

Conforme a opção epistêmico-metodológica, baseada na pesquisa qualitativa, elegemos como procedimento de coleta de dados a observação participante, tendo como instrumentos de registro o diário de campo e a fotografia, bem como aplicamos entrevistas semiestruturadas.

Com essas novas percepções inovam-se as formas de ver o mundo e as relações nele tecidas, a beleza mais ampla e profunda das relações entre os seres se desnuda cravando novas possibilidades de produção de conhecimento.

Em vez da eternidade, a história; em vez do determinismo, a imprevisibilidade; em vez do mecanicismo, a interpenetração, a espontaneidade e a auto-organização; em vez da reversibilidade, a irreversibilidade e a evolução; em vez da ordem, a desordem; em vez da necessidade, a criatividade e o acidente (Santos, 2008, p. 48).

Atualmente, os novos paradigmas que se fundam nas Ciências Humanas, colocam em xeque os paradigmas tradicionais e têm proporcionado a produção de novas dizibilidades sobre os contextos diversos, as múltiplas realidades e identidades, sobre as quais estão permeando, ao longo do tempo, novas possibilidades e ressignificação de discursos, desencadeando um rompimento das narrativas colonialistas instituídas historicamente sobre os jeitos e trejeitos das diferentes humanidades.

Tendo como base tais pressupostos, os caminhos adotamos para a escrita desta tese têm o intuito de compreender o fenômeno em estudo, tendo em vista que “Em Ecologia Humana cumpre exorcizar as tendências maniqueístas e abster-se de julgar. A meta é compreender” (Machado, 1984, p. 67). Segundo esse autor, essa compreensão epistemológica na Ecologia Humana se dá em consonância com alguns pré-requisitos, como descrito na Figura 1, que precisam ser considerados por quem realiza pesquisas nessa área.



Figura 1: Pré-requisitos para o perfil de quem pesquisa em Ecologia Humana

Fonte: Elaboração da autora com base em Machado (1984).

Considerando essa necessidade de compreensão do fenômeno estudado, elaboramos esta tese conforme as opções epistêmico-metodológicas, conciliando o enfoque, o problema de pesquisa, seus objetivos, os sujeitos e o lócus da pesquisa. Destarte, considerando que segundo Gil (2010) a pesquisa científica deve ser composta por um conjunto de características que direcionam sua realização, delineamos a natureza, a abordagem, o objetivo, os procedimentos de coleta de dados e os procedimentos de análise de dados.

No tocante à abordagem, optamos pela pesquisa qualitativa, pois essa se apresentou como possibilidade coerente para realizarmos a pesquisa, uma vez que se mostra adequada “aos estudos da história, das representações e crenças, das relações, das percepções e opiniões, ou seja, dos produtos das interpretações que os humanos fazem durante suas vidas, da forma como constroem seus artefatos materiais e a si mesmos, sentem e pensam” (Minayo, 2008, p.57). Assim, a abordagem qualitativa garante um

olhar mais apropriado ao objeto de estudo, bem como favorece a percepção de um fenômeno de modo holístico, sem cair no reducionismo das microanálises (Creswell, 2007).

Outro elemento necessário sobre a pesquisa realizada refere-se aos objetivos mais gerais como um dos pressupostos do trabalho. Nesse caso, o seu objetivo é descritivo, uma vez que as pesquisas descritivas têm como prioridade:

[...] a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como o questionário e a observação sistemática (Gil, 2002, p. 42).

Nesses termos a pesquisa de cunho descritivo apresentou-se como mais adequada ao alcance dos objetivos que propomos. Como procedimentos de coleta e análise dos dados há uma diferença no que tange aos dados da pesquisa de campo e de literatura, pois na pesquisa de campo foi realizado um estudo de caso do tipo etnográfico, respaldado por André (2005). Nesse caso, realizamos como técnicas de coleta de dados entrevistas e observações participantes. Como instrumentos para o registro desses dados usamos o celular para a gravação das entrevistas e o diário de campo para o registro das observações. Para a análise desses dados empregamos a Análise de Conteúdo (AC) com base em Franco (2018).

Já no tocante aos estudos teóricos, aplicamos as revisões de literatura como procedimento de coleta de dados, as quais contaram com a AC como procedimento de análise.

Para a realização da pesquisa de modo geral, pensamos os seguintes objetivos específicos:

- identificar como a literatura aborda as relações entre as Comunidades de Fundo de Pasto e a Caatinga;
- sistematizar a literatura sobre os resultados alcançados pelo Recaatingamento desenvolvido pelo Irpaa;
- discutir os desafios e estratégias de resistência das Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto segundo a literatura;
- descrever as mudanças provocadas pelas ações educativas do Recaatingamento nas vivências das Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto em 3 comunidades do Território Sertão do São Francisco;

- apresentar que é o Recaatingamento desenvolvido pelo Irpaa segundo a literatura, descrevendo sua filosofia e as práticas apresentadas ao longo dos materiais sobre ele publicados;
- discutir as implicações do Recaatingamento na Ecologia Humana das Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto

A partir de tais objetivos, propomos uma metodologia para a coleta e análise dos dados no que tange à pesquisa de campo. Antes, no entanto, se fez necessário compreender teoricamente dois elementos fundamentais ao escrito deste trabalho, os quais emergiram a partir de questões complementares levantadas ao longo do estudo porquanto, para compreender como o Recaatingamento influencia as comunidades é necessário, primeiramente, saber quem são essas comunidades e o que é o Recaatingamento.

Visando um percurso metodológico que possibilitasse o alcance do objetivo geral e dos específicos, bem como as questões orientadoras da pesquisa, fizemos algumas opções metodológicas. Estas contaram com uma série de técnicas de coleta, instrumentos para registro e recursos para as análises dos dados coletados ao longo de todo o processo, como ilustrado na Figura 2.

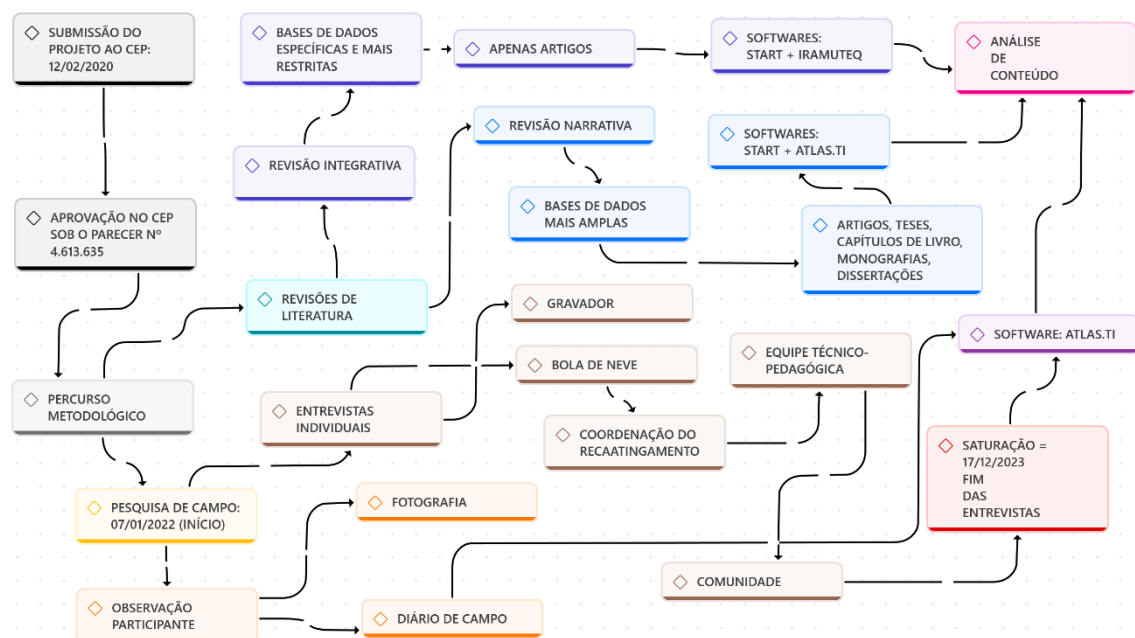


Figura 2: Fluxograma do percurso metodológico da tese

Fonte: Autoria própria.

Nesse sentido, apresentamos nas seções a seguir o caminho metodológico percorrido para o alcance dos objetivos propostos da pesquisa de campo e para a reflexão das questões complementares as quais realizamos através das revisões de literatura.

4.1 Metodologia das revisões de literatura

Para o alcance das reflexões acerca das questões complementares empregamos dois tipos de revisão de literatura. Assim, para identificar como a literatura aborda as relações entre as CTFP e a Caatinga, bem como para analisar os desafios à existência e estratégias de resistência das CTFP desenvolvemos uma Revisão Integrativa de Literatura (RIL).

Do ponto de vista teórico-metodológico, os artigos de revisão de literatura contaram com a AC como suporte para a análise e interpretação dos dados tomando como aporte o trabalho de Franco (2018), a qual entende que a AC “assenta-se nos pressupostos de uma concepção crítica e dinâmica da linguagem” (p. 13) e cujos achados precisam ter consistente relevância teórica.

Para a realização da AC criamos as categorias de análise com base na incidência de enunciados e conteúdos recorrentes nos artigos identificados ao longo da pesquisa. Essas categorias advêm dos registros, que podem ser palavras ou frases, as quais são compreendidas como unidades de registro (Franco, 2018).

A partir disso, analisamos as unidades de registro dentro do contexto em que se inserem, ou seja, as narrativas que se apresentam nos estudos identificados, que são as chamadas Unidades de Contexto (UC). Para tanto, registramos essas unidades no *software Iramuteq* para a elaboração dos artigos de RIL.

4.1.1 Da Revisão Integrativa de Literatura (RIL)

A Revisão Integrativa de Literatura (RIL) já possui embasamento científico sólido e academicamente já existe um consenso sobre como esse tipo de revisão possibilita o alcance de resultados científicos com qualidade para os estudos propostos (Sousa; Marques-Vieira; Severino; Antunes, 2017). Ela possibilita a integração de ideias ou conceitos que advêm das pesquisas utilizadas no método ao se arrolarem diversos estudos já realizados, gerando uma nova compreensão sobre o fenômeno em estudo. Para Whitemore e Knafl (2005), é nessa intersecção entre os estudos que se corrobora o potencial para construir a ciência.

A RIL é um dos tipos de revisão da literatura. Ela reúne e analisa estudos desenvolvidos com metodologias distintas. Essa forma de revisão possibilita a sumarização dos resultados das pesquisas consultadas “[...] sem ferir a filiação epistemológica dos estudos empíricos incluídos” (Soares *et al.*, 2014, p. 336). Para a realização desse tipo de estudo, é necessário que todas as etapas sejam cumpridas de forma sistemática e rigorosa, com vistas a eliminar ao máximo o risco de viés.

Ou seja, a RIL é um método específico, que resume o passado da literatura construída sobre determinado assunto e possibilita uma compreensão mais ampla de um fenômeno específico (Whitemore; Knafl, 2005). Assim, esse método de pesquisa contribui para a realização de uma análise sobre o conhecimento já construído em pesquisas anteriores sobre algum tema em específico. Destarte a RIL possibilita um apanhado geral sobre os estudos já publicados, possibilitando a produção do conhecimento com base em resultados já demonstrados por pesquisas anteriores.

Uma RIL de qualidade científica significativa precisa apresentar o estado da arte sobre um tema, fato que contribui para a produção do conhecimento a partir do desenvolvimento de teorias.

Segundo Botelho; Cunha; Macedo (2011), para a construção da RIL é necessário seguir as etapas da maneira adequada, de modo que se possa contribuir para a ampliação das discussões na área do conhecimento abordado, posto que estas já estão consistentemente definidas na literatura, sendo elas: 1ª. Etapa: identificação do tema e seleção da questão de pesquisa; 2ª. Etapa: estabelecimento de critérios de inclusão e exclusão; 3ª. Etapa: Identificação dos estudos pré-selecionados e selecionados; 4ª. Etapa: Categorização dos estudos selecionados; 5ª. Etapa: Análise e interpretação dos resultados; 6ª. Etapa: Apresentação da revisão/síntese do conhecimento.

4.2 Da pesquisa de campo

O enfoque da pesquisa de campo está ancorado no estudo de caso do tipo etnográfico, pois este visa descrever quais significados são atribuídos pelas pessoas ao seu contexto e cultura, onde quem pesquisa utilizará de técnicas que estão direcionadas a uma exposição mais aprofundada do campo de estudo (Silva, *et al.*, 2010).

Para uma melhor descrição do campo de estudo, nesse caso, foi necessário realizar um processo de imersão, percebendo que uma descrição baseada apenas em perguntas não é suficiente, pois o trabalho etnográfico exige, de quem pesquisa, um envolvimento

na vida e no contexto do campo de estudo. Nesse caso, a realização dessa imersão nas comunidades foi de 07 de janeiro de 2022 a 17 de dezembro de 2023.

Para tanto, foi necessário observar o que as pessoas faziam, quais estratégias utilizavam em seu cotidiano e como se relacionam entre si “desta forma, a etnografia, como também outras pesquisas qualitativas, buscam a inserção no contexto natural para acessar as experiências, aos comportamentos, às interações e aos documentos para assim compreender a dinâmica do grupo estudado” (Silva, *et al.*, 2010, p. 04). Tais características desse enfoque são assim configuradas por terem suas bases históricas constituídas pelos estudos da antropologia como afirmam Triviños (1987), Pimentel (2009) e Silva *et al.* (2010).

Nesse sentido, buscar compreender e descrever os significados tecidos pelas pessoas da realidade vivida no campo de pesquisa, no trabalho etnográfico significa construir “uma participação ativa onde se compartilham modos culturais (tipos de refeições, formas de lazer etc.). Isto é, em outros termos o pesquisador não fica fora da realidade que estuda, à margem dela” (Triviños, 1987, p. 121) o que corrobora com a afirmativa de Pereira (2012) ao asseverar que a realização da pesquisa de base etnográfica revela a pessoa observa como, simultaneamente, passível de ser observada (por estar imersa nessa cultura para captar e descrever as relações); e observada, pois, ao se passar como parte desse contexto, atrai para si os olhares das mesmas pessoas que observa.

Nesse sentido, quem realiza a pesquisa é também agente da pesquisa e a atuação da descrição é permeada pelas características nela intrínsecas como afirma Laplantine (2004, p. 10) “[...] é na descrição etnográfica que entram em jogo as qualidades de observação, de sensibilidade, de inteligência e de imaginação científica” de quem pesquisa. Essa atuação descritiva é o que de fato deve permear o ato da pesquisa como atuação principal do trabalho etnográfico rompendo a ideia de que este deve ser meramente explicativo ou de análise, ao invés disso, “A etnografia se coloca com um instrumento de interpretação e tradução de contextos capaz de articular as implicações entre objetividade e subjetividade presentes na observação e leitura sistemática dos processos sociais.” (Pimentel, 2009, p. 137).

Por isso, compreende-se que quem pesquisa com a etnografia, busca interpretar a cultura estudada para traduzi-la conforme seu arcabouço conceitual, fazendo um exercício de interpretação da outra pessoa ou grupo, por isso a fidedignidade das informações vivenciadas deve ser garantida.

Partindo de tais pressupostos é que elegemos os princípios e elementos da etnografia para atender ao objetivo geral desta tese. Para tanto, usamos algumas técnicas e instrumentos de coletas de dados (concernentes à opção epistêmico-metodológica) os quais descrevemos nas seções a seguir.

4.2.1 Quebrando o protocolo: subjetividades captadas na pesquisa de campo ou o que não se pode deixar de fora na pesquisa em Ecologia Humana

Sem dúvida a parte fundamental do doutoramento consiste na produção do conhecimento que se dá ao longo do processo. Essa produção pode se dar de modo técnico, fechado e com o máximo de distanciamento possível de quem pesquisa. Todavia, a experiência da construção dessa tese não pode se dar de modo totalmente distanciado do objeto de estudo (o Reaatingamento) e das pessoas envolvidas por dois motivos fundamentais: a) a pesquisa etnográfica compreende uma imersão completa no contexto pesquisado (Eckert, Rocha, 2008); b) a pesquisa em Ecologia Humana deve considerar a necessidade da produção de um saber holístico (Machado, 1984).

Ademais, como exposto até aqui, a pesquisa, sob a ótica do pensamento complexo pressupõe a não atomização dos contextos, mas a desfragmentação do tecido complexo das realidades (Morin, 2005). Nesse sentido, a imersão etnográfica sob a égide da Ecologia Humana proporcionou um olhar no intuito de compreender e não de julgar o fenômeno estudado “e, para compreender, nada melhor do que colocar de lado os velhos tabus atribuindo valor absoluto às informações e reconhecer a existência de mecanismos individuais de decodificação” (Machado, 1984, p. 67).

Partindo de tais pressupostos, a imersão no campo de pesquisa proporcionou coletar informações que ora complementam os dados apresentados nas entrevistas, ora confrontam. Para além disso, no entanto, a presença no campo de pesquisa se deu não só como constituidora de dados a serem analisados ao longo do estudo, mas da formação de uma gama de percepções e aprendizagens que fazem emergir, inclusive, laços de afetividade entre as pessoas envolvidas nesse processo.



Figura 3: Mosaico de momentos nas três comunidades

Fonte: Acervo da pesquisa de campo.

Quem observa também faz-se observar, isso é uma troca. Se dá dentro de coletivos, de relações interpessoais conjuntas, mas não deixa de atravessar individualidades. Nesses termos, a compreensão da Ecologia Humana, na Ecologia da Alma para Juracy Marques⁷ (2012, p. 13) transcorre pela noção de que “As coletividades existem quando existem os indivíduos”.

Desse modo, foi possível – enquanto indivíduo/pessoa inserida no contexto da coletividade das Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto – constituir amizades, pois nesse processo de imersão foi necessário, para uma compreensão mais ampla do fenômeno e fundamental para o estudo etnográfico, vivenciar as experiências locais com o olhar investigativo e participativo.

⁷ MARQUES, J. **Ecologia da Alma**. Petrolina, PE: Franciscana, 2012.



Figura 4: Mosaico sorrisos das mulheres

Fonte: Acervo da pesquisa de campo.

Assim, ao dormir e acordar nas casas de pessoas das comunidades e vivenciar com elas o dia a dia, foi possível ver como organizavam a rotina, como interagiam entre si, como a dinâmica da Caatinga ditava a percepção de natureza e de trabalho, como a área de Recaatingamento e as aprendizagens dela provenientes animam as escolhas e os fazeres cotidianos das famílias.

Assim, vivenciar a cotidianidade no campo da pesquisa coloca a pesquisadora em lugar de observadora e observada. Captada por entre as lentes de celulares (Figura 5), momento em que uma criança da comunidade fotografa a pesquisadora quando esta contribui com a ilustração de cartazes que seriam utilizados na I Feira Agroecológica de Massaroca⁸.

⁸ Massaroca é Distrito de Juazeiro, onde se localiza a comunidade Curral Novo & Jacaré.



Figura 5: Pintando cartazes para a I Feira Agroecológica em Massaroca

Fonte: Acervo da pesquisa de campo.

Em outro momento, convertida em sujeito de aprendizagens dos saberes das comunidades nos fazeres coletivos ou individuais das famílias (Figura 6), momento captado por uma adolescente da comunidade Melancia, no qual as mulheres dizem que “a pesquisadora não pode saber só as coisas da escola, tem que saber as coisas que nós sabe”. Nesse momento elas estavam replicando entre si a prática de colheita do mel da caixa-matriz que serviria para a instalação do meliponário.



Figura 6: Aprendendo a colher mel em Melancia

Fonte: Acervo da pesquisa de campo.

Em sequência, a Figura 7, por sua vez, retrata a captura feita pela técnica do Irpaa quando foi possível contribuir, já nos contatos iniciais com a comunidade Barra & Bom Sucesso, com o transporte de alguns materiais, quando estava sendo implantado o Sistema Agroflorestal (SAF) na área de Reaatingamento com a presença das famílias e da equipe técnica do Irpaa.



Figura 7: Ajudando na construção do SAF em Bom Sucesso

Fonte: Acervo da pesquisa de campo.

Os momentos capturados pelas imagens figuram ocasiões em que as pessoas observadas sentem que podem também observar, que podem registrar e não só ser percebidas, como também perceber. Em determinadas circunstâncias, inclusive, usar os trajés necessários às atividades desenvolvidas com as abelhas, bem como a higienização fundamental ao manejo de produtos na unidade de beneficiamento.

Essas são subjetividades que não se pode furtar na pesquisa em Ecologia Humana que se pretende holística como recomenda Machado (1984), pois agrega elementos que apenas o recurso da entrevista não dá conta. Mas, ainda que desse, jamais trocaria esses momentos por palavras captadas por uma gravação de voz.

Apesar da fidedignidade das transcrições palavra a palavra, o céu, o sol, o calor humano, os olhos que brilham e se apertam durante os sorrisos compartilhados, os abraços acomodados no peito, nada disso pode ser efetivamente transcrito. As palavras que passaram rapidamente de “se sinta em casa” para “quando vem aqui de novo?” e finalmente tornaram-se “você já é de casa!” são, inegavelmente impagáveis. Essa é a necessidade da quebra de um protocolo na pesquisa, não do rigor, mas das estruturas rígidas que se impõem às formas de produção do conhecimento.

Assinalamos aqui, portanto, que a pesquisa em Eco-logia (*οἶκος- λόγος*) Humana precisa ser tão *οἶκος/oikos/eco*, no próprio sentido grego da palavra: (casa/agregado familiar), quanto *λόγος/logos/logia* sufixo comum às nomenclaturas de áreas de estudo. Podermos, com isso, nos apropriar do que Galeffi (2009) aponta como a necessária qualidade espiritual que a pesquisa precisa comportar e, desse modo, experimentar uma outra produção científica com a mesma flexibilidade que o próprio rigor.

4.2.2 Da observação participante

Tanto os estudos mais antigos como estudos mais recentes (Becker; Geer, 1957; Bauer; Gaskell 2015) compreendem a observação participante como a forma mais completa de coleta de dados nas pesquisas sociais, uma vez que ela permite apreender informações que apenas as entrevistas não poderiam captar.

Martins; Theóphillo (2007, p. 84) corroboram que:

A Observação, ao mesmo tempo em que permite a coleta de dados de situações, envolve a percepção sensorial do observador, distinguindo-se, enquanto prática científica, da observação da rotina diária. Pode-se, com certeza, afirmar que o planejamento e execução de trabalhos de campo onde o investigador interage com os sujeitos de sua pesquisa não pode desconsiderar a Observação como uma das técnicas de coleta de informações, dados e evidências.

Nesse sentido, a observação participante se constitui num levantamento de informações exatamente no espaço onde ocorrem os fenômenos estudados na pesquisa, produzindo assim, um bom acervo de dados que compõem relevantes informações ou instruções para questionamentos estudados. Yin (2005) descreve que a observação participante permite ao observador assumir uma postura de proximidade dos sujeitos que observa, de modo que possa participar ativamente dos fenômenos estudados.

Respalando a observação participante Gil (2008, p. 103) esclarece que esta consiste:

Na participação real do conhecimento na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada. Neste caso, o observador assume, pelo menos até certo ponto, o papel de um membro do grupo. Daí por que se pode definir observação participante como técnica pela qual se chega ao conhecimento da vida ou de um grupo a partir do interior de mesmo.

Observar, portanto, implica necessariamente num debruçar-se em estar sempre atenta às particularidades existentes no espaço da pesquisa estejam elas explícitas ou implícitas, para assim poder constatar situações conexas ao seu trabalho de campo e ao seu campo de trabalho. Num apanhado geral, “a observação participante e as entrevistas

aprofundadas são, assim, os meios mais eficazes para que o pesquisador se aproxime dos sistemas de representação, classificação e organização do universo estudado” (André, 2008, p. 27).

Registramos nossas observações no diário de campo, seguindo as sugestões de Schatzman; Strauss (1973) e Spradley (1980) os quais orientam que o olhar de quem pesquisa precisa estar voltado à necessidade de realizar cuidadosamente os registros nos diários, por serem estes últimos a ligação entre as observações realizadas em campo e a análise dos dados fora dele, nesse sentido as análises podem ser diretamente influenciadas pela maneira como são registradas as informações.

O diário de campo, nesse caso, nos proporcionou a realização de registros para posterior análise e interpretação dos dados observados a fim de desvendar as redes de significados dos fatos vivenciados no cotidiano das comunidades em interação com a equipe técnica do projeto, entre as pessoas das comunidades e com a própria Caatinga nas atividades cotidianas.

Assim, coube-nos registrar no diário de campo a “descrição de pessoas, eventos e situações interessantes; opiniões e falas de diferentes sujeitos; tempo de duração de atividades; representações gráficas de ambientes” (André, 2008, p. 27) entre outras percepções não capturáveis nas imagens ou nas entrevistas.

Inicialmente, no convívio com as comunidades, fizemos os registros à mão para em seguida transcrever ao computador inserindo algumas fotos que julgamos significativas daqueles momentos, fosse em interação com as pessoas ou em momentos de reflexão durante a própria escrita, como exposto na Figura 8.

Barra & Bom sucesso, 04/05/2022

São 05:12 da manhã. Acordo cedo para me organizar. Saio daqui às 06:00.

Sempre que saio de uma das comunidades aproveito a incrível vista de Caatinga no caminho da volta. Algumas espécies arbóreas exalando seus aromas. Algumas espécies de animais me acompanham por terra ou no céu. Apesar de quase cinco meses fazendo esse trajeto, sempre tenho a impressão de não estar pegando o caminho certo. Talvez porque toda vez que faço a imersão, me modifico. Modifico minha forma de ver e sentir o mundo.

Sempre parto com a pergunta “quando você volta, Rosi?”. Sempre que retorno ouço “que saudade! Por que demorou tanto?”. Com cada comunidade desenvolvi uma forma de quebrar o gelo quando chego na casa das pessoas. Especificamente aqui em Barra & Bom sucesso sempre que chego, falo para as próprias donas das casas: “– olha, minha gente, sintam-se em casa!”. O riso é geral e aí já se instala uma pauta para conversa. Penso que é importante ser “eu mesma”. Especialmente porque sei que é esse ser “eu mesma” que vai me possibilitar estar à vontade para sentir e vi-Ver o que for necessário para captar cada faceta do fenômeno estudado.



Não tão de longe, observo meu companheiro de jornada, o qual apelidei de Carrito. Apesar de nenhum apego material, sou grata por tê-lo para esse ir-e-vir. Sempre que entro nele peço proteção a Èsù.

Apesar de não ter uma devoção religiosa a qualquer segmento, entendo-o como um arquétipo e respeito-o como memórias ancestrais.

O caminho é sempre o mesmo. O caminho nunca é o mesmo. **Láròyè!**

Ficar esses dias aqui foi extremamente proveitoso. Acompanhei a produção de queijos com o leite de cabra em uma casa. Em outra conversei sobre algumas melhorias que ocorreram na comunidade ao longo dos últimos anos e como algumas coisas ainda precisam melhorar como uma melhor política de acesso à água, a necessidade de implantação de uma escola e a estrada para a sede do município.

Sobradinho precisa melhorar o cuidado com essa comunidade! Com todas as suas gentes, na

Figura 8: Memórias do diário e o Carrito

Fonte: Acervo da pesquisa de campo.

Posteriormente armazenávamos os dados em nuvem ao final de cada estadia. A cada escrita, aprendizagens e sentimentos distintos. O movimento de se entender enquanto pessoa que pesquisa e apreender a realidade pesquisada.

4.2.3 Das entrevistas

Para a realização das entrevistas na pesquisa de campo utilizamos duas estratégias associadas. A primeira delas foi a bola de neve, com respaldo em Bockorni; Gomes (2021) como uma técnica investigativa com boa adesão nas pesquisas qualitativas. Essa técnica investigativa possibilita a aproximação em comunidades em que o acesso seja mais restrito ou, até mesmo, difícil. Baldin e Munhoz (2011) corroboram ao afirmar que utilização da bola de neve como método para a escolha de interlocutoras ganha bastante corpo em pesquisas sociais.

É necessário destacar, porém, que Bockorni; Gomes (2021) alertam para o fato da bola de neve não ser uma forma de amostragem suficiente e, tendo como base esse alerta, também recorreremos à técnica da saturação, critério por meio do qual percebe-se que “[...] nenhum novo elemento é encontrado e o acréscimo de novas informações deixa de ser necessário, pois não altera a compreensão do fenômeno estudado. Trata-se de um critério que permite estabelecer a validade de um conjunto de dados” (Nascimento *et al.*, 2018, p. 244).

Nesse sentido, primeiro realizamos as entrevistas com a equipe técnica do Irpaa, a começar pela coordenação do Recaatingamento⁹, a qual indicou as pessoas da equipe técnico-pedagógica que acompanham as comunidades.

Para a realização de uma amostragem em bola de neve é necessário que haja um intermediário inicial, também denominado de semente, que localiza ou aponta algumas pessoas com o perfil necessário para a pesquisa a ser realizada. A semente pode, inclusive, ser um dos participantes. As pessoas indicadas são então solicitadas a indicarem mais pessoas (Bockorni; Gomes, 2021, p. 108).

Assim, a coordenação do Recaatingamento atuou como semente e posteriormente indicou pessoas da equipe técnico pedagógica. A equipe, por sua vez, indicou as pessoas que atuam como as lideranças das comunidades. Entrevistamos essas lideranças e consequentemente elas indicaram outras pessoas das comunidades que pudessem contribuir para a realização das entrevistas.

Realizadas as entrevistas e tendo saturado a amostra, encerramos essa etapa. No entanto, isso não se deu de forma linear. As entrevistas aconteciam no cotidiano da convivência com as comunidades, sobretudo na imersão da pesquisa participante.

A entrevista opera como “um dos principais meios que a pesquisa social pode utilizar para realizar a coleta de dados” Triviños (1987, p. 145), porquanto esta “valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação” (Triviños, 1987, p.146), nesse sentido fizemos as entrevistas seguindo um roteiro semiestruturado, como exposto no Quadro 2.

⁹ À época em que foi realizada a entrevista (janeiro de 2022) o coordenador era José Moacir dos Santos, o qual atuou nessa função ainda no processo de concepção do Recaatingamento. Em Julho de 2022, entretanto ele assume a presidência do Irpaa e a coordenação do Recaatingamento passa a Luís Almeida Santos.

Quadro 2: Questões aplicadas às comunidades

Item	Questão
01	Qual a importância da Caatinga para as Comunidades de Fundo de Pasto?
02	Como foi que o Recaatingamento chegou até essa Comunidade?
03	Qual o sentimento da comunidade com a chegada do Recaatingamento?
04	Qual é o seu entendimento sobre o Recaatingamento?
05	Você acha que o Recaatingamento influenciou sua relação com a caatinga?
06	No seu entender, as pessoas da Comunidade se comprometeram com o Recaatingamento?
07	Como era a Comunidade antes do Recaatingamento?
08	O que mudou desde quando começou o Recaatingamento?
09	Você acha que é importante as escolas trabalharem esses assuntos que foram aprendidos no Recaatingamento?
10	Quais foram as dificuldades para a realização das ações do Recaatingamento?
11	Você se identifica como uma pessoa Caatingueira? Por quê?
12	Você acha que o Recaatingamento te ajudou a se identificar como pessoa Caatingueira? Por quê?
13	Na sua opinião, a afirmação “pessoa caatingueira” parece mais uma qualidade boa ou ruim?
14	O que é a Caatinga pra você?

Fonte: Autoria Própria.

Visando garantir que a realização das entrevistas colaborasse para a compreensão das questões propostas na pesquisa, bem como a liberdade das pessoas entrevistadas, seguindo-se o tempo de cada pessoa, considerando, ainda que diferentes variáveis influenciam significativamente na construção das respostas, como a idade e a desenvoltura de cada pessoa conforme suas subjetividades e envolvimento nas ações do Recaatingamento.

Por exemplo, temos, entre as 42 pessoas entrevistadas, 10 pessoas idade ≥ 60 anos, porém com envolvimento distintos nessas ações, sendo que umas são lideranças e outras não; algumas se envolvem mais na comunicação para mobilização, outras ficam mais voltadas às ações práticas e cada uma dessas demandas vai influenciar na forma como a própria pessoa entende que precisa expressar-se nos momentos de entrevista.

Ou seja, as perguntas realizadas foram as mesmas nas três comunidades, porém, entendemos que a formulação das respostas depende da maneira como o Recaatingamento atravessa a vida daquela pessoa e/ou como ela percebe que ele perpassa a comunidade.

Sempre líamos o enunciado das questões de forma igual a todas as pessoas. No entanto, quando a pessoa entrevistada era idosa (idade ≥ 60 anos) ou, por qualquer motivo, demonstrava não compreender bem a pergunta, buscávamos contextualizar melhor tais

indagações sem, entretanto, alterar sua essência, de modo que se pudesse alcançar o objetivo proposto de cada pergunta.

Nesse caso, aplicamos as entrevistas semiestruturadas tanto com as pessoas das comunidades quanto com a equipe técnico-pedagógica do Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (Irpaa). As questões aplicadas à equipe técnico pedagógica estão no Quadro 3.

Quadro 3: Questões aplicadas às equipe técnico-pedagógica

Item	Equipe de campo	Pedagogo	Coordenador
01	Houve formação inicial e continuada para atuação no Recaatingamento?	Qual é a proposta pedagógica do Recaatingamento?	Qual a importância do Recaatingamento para as Comunidades de Fundo de Pasto?
02	Como você avalia as formações que participou?	Como essa proposta foi desenvolvida nas escolas? Quais estratégias foram utilizadas para essas formações?	Que estratégias foram usadas para escolher as comunidades participantes?
03	Como você percebe a atuação do Recaatingamento na comunidade?	Houve uma preocupação em considerar os saberes das comunidades na produção dos materiais didáticos?	Qual é a formação que os agentes do Recaatingamento recebem?
04	Você consegue identificar que existe um comprometimento da comunidade que você acompanha com o Recaatingamento?	Como se deu a preocupação para produção de um material didático para as formações?	Quais foram os principais desafios da instalação do Recaatingamento e da sua continuidade?
05	Houve mudança no ânimo da comunidade em participar do Recaatingamento do início até agora?	Houve algum acompanhamento pedagógico das ações do Recaatingamento em parceria com as professoras?	Qual a avaliação do Irpaa frente ao comprometimento das comunidades que estão envolvidas com o Recaatingamento?
06	Quais são as estratégias que o Recaatingamento desenvolveu/desenvolve na comunidade?	Qual a importância do diálogo entre as ações do Recaatingamento e as atividades na escola?	Que mudanças são possíveis de identificar nas comunidades do início do Recaatingamento até agora?
07	Você diria que as estratégias desenvolvidas são suficientes para garantir o comprometimento da comunidade?	Como se deu a participação da comunidade escolar como um todo, nas ações do Recaatingamento?	Você acha que o Recaatingamento contribuiu com sentimento de pertencimento nas comunidades?
08	Na sua perspectiva, o Recaatingamento consegue fortalecer a relação das comunidades com a Caatinga?	É possível afirmar que as ações educativas desenvolvidas pelo Recaatingamento foram capazes de provocar mudanças nas vivências das comunidades?	O Recaatingamento estabelece, nas suas ações, articulações com as escolas enquanto instituição que forma as pessoas da comunidade?
09	Quais são as mudanças que vocês conseguiram identificar do início até agora?	Quais foram as principais dificuldades para a execução das atividades desse processo educativo?	Houve uma preocupação em articular os saberes técnicos da assessoria com os saberes das Comunidades?

10	Como a comunidade reagiu diante da ideia de manter a “Caatinga em pé”?	É possível dizer que essas ações educativas são capazes de contribuir nos processos identitários das comunidades?	É possível dizer que as Comunidades incorporaram essa lógica da Caatinga em pé?
11	Vocês conseguiram fazer uma articulação entre a comunidade e a escola?		
12	Houve uma relação entre os saberes técnicos e os saberes tradicionais da comunidade nas estratégias do projeto?		

Fonte: Autoria Própria.

Partindo de tais elaborações, o fato de as entrevistas serem semiestruturadas colaboraram significativamente para o alcance dos dados, uma vez que “O processo da entrevista semiestruturada dá melhores resultados se se trabalha com diferentes grupos de pessoas [...]” (Triviños, 1987, p. 146).

Em amparo a tais técnicas, os registros fotográficos transmitem com fidedignidade determinada situação ou cenário visto no campo de pesquisa. Tais registros serviram para comprovar os fatos e a realidade vivenciada pelos sujeitos investigados.

De acordo com Loizos (2007, p.137) “a imagem, com ou sem acompanhamento de som, oferece um registro restrito, mas poderoso das ações temporais e dos acontecimentos reais – concretos, materiais. Isto é verdade tanto sendo uma fotografia produzida única, ou imagens em movimento”.

Nesse sentido, a fotografia foi elemento importante para o desenvolvimento da pesquisa, até porque, com ela houve a possibilidade de resgatar momentos que aconteceram, nas entrevistas ou no cotidiano das comunidades, ou ao acompanhar alguma atividade com a equipe do Recaatingamento.

Além disso, pôde colaborar para rememorar algumas ideias que por algum motivo não tenham sido descritas no diário de campo. Contamos ainda com a realização da gravação em áudio com o gravador do celular, pois a gravação em áudio “permite contar com todo o material fornecido pelo informante, o que não ocorre seguindo outro meio” (Triviños, 1987, p. 148).

Talvez pelo exagero ou por cautela, gravamos em dois aparelhos e logo após a conclusão das entrevistas preenchíamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e imediatamente a gravação era copiada para o armazenamento em nuvem.

Todos esses recursos foram utilizados de forma basal para trazer informações que contribuíram diretamente para a escrita desta tese. No entanto, é preciso elucidar que a

pesquisa de campo não se deu unicamente para a construção de um trabalho que se fecha em si, mas para encontrar pessoas, histórias, olhares e falas na busca de traduzir os significados dessas comunicações (Geertz, 2008) e, nessa tradução, colaborar para a produção de novos conhecimentos e para a fruição do movimento dialético dos saberes.

Após a captura de textos e texturas das vivências em comunidade, das práticas cotidianas e das releituras dos textos e contextos estudados é que partimos para o escrito deste trabalho final, com o relato das experiências, bem como as vozes das pessoas que ensinam/aprendem e suas relações diretas e indiretas com a Caatinga, no ser e no fazer das práticas cotidianas das Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto.

5. DADOS GERAIS DA PESQUISA DE CAMPO

Como primeiro passo nesse tópico é importante dizer que infelizmente não conseguimos trazer todas as falas das entrevistas na íntegra ao longo dos artigos por questões logísticas. Isso se deu por, pelo menos, duas razões. Em primeiro lugar porque as revistas têm sempre um quantitativo máximo de páginas e, portanto, não comportaria todas as 255 páginas de falas transcritas, afinal a realização das entrevistas em campo somou um total de 46 participantes, sendo que 42 pessoas pertencem às comunidades e 04 pessoas compõem a equipe do Irpaa, dentre as quais apenas uma delas é mulher.

O quantitativo de pessoas entrevistadas na Comunidade Barra & Bom Sucesso foi 11 (sendo 06 mulheres e 05 homens), com o tempo total de entrevista 3h46min19s; em Curral Novo & Jacaré 14 pessoas (07 mulheres e 07 homens) participaram da entrevista, com duração total de 4h20min; já na Comunidade Melancia 6h13min48s foi o tempo total de entrevistas e participaram 17 pessoas (11 homens e 06 mulheres).

Somando todas as entrevistas das comunidades o tempo total foi 14h20min07s. Já a duração total de entrevista da equipe técnico-pedagógica foi 2h52min13s. Esse quantitativo rendeu, entre as entrevistas com as comunidades e a equipe do Irpaa, 17h12min20s¹⁰; de entrevistas.

Em segundo lugar, pela necessidade de preservação das identidades das pessoas pois muitas delas fazem referência a alguns momentos com pessoas da família, o que deixaria em evidência a identidade de quem está falando ou de quem está falando. Esses são cuidados fundamentais dos quais a pesquisa ética não se pode furtar.

5.1 *Lócus da pesquisa*¹¹

No Brasil, segundo o Censo de 2022, existem 28 povos e comunidades tradicionais (BRASIL, 2022) e dentre eles compreendem-se os povos indígenas, quilombolas e outros grupos que são constitutivos da diversidade identitária brasileira

¹⁰ Um adendo importante é que para não interromper a fala da pessoa, quando percebíamos que ela estenderia sua fala em um tópico que fugia significativamente à pergunta, nós pausávamos uma das gravações. Como dito, usamos dois celulares. Um deles gravava toda a conversa, outro tinha as gravações pausadas ao longo de momentos em que a fala se tornava dissociativa. No momento de transcrição, entretanto, as duas gravações eram ouvidas, a fim de verificar se havia alguma informação perdida entre as pausas. Isso, no entanto, aconteceu apenas em 4 entrevistas.

¹¹ O projeto de pesquisa foi submetido em 12 de fevereiro de 2020 ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade do Estado da Bahia e autorizado e aprovado em 26 de março de 2021 através do parecer 4.613.635.

como, por exemplo, as Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto. Estas foram escolhidas pelo Irpaa como comunidades estratégicas com potencial para o desenvolvimento das ações do Recaatingamento.

Assim, constituem-se como lócus da pesquisa três comunidades em municípios distintos do norte da Bahia, sendo elas Comunidade Curral Novo & Jacaré em Juazeiro, Comunidade Melancia em Casa Nova e Comunidade Barra & Bom Sucesso em Sobradinho, conforme a Figura 9.

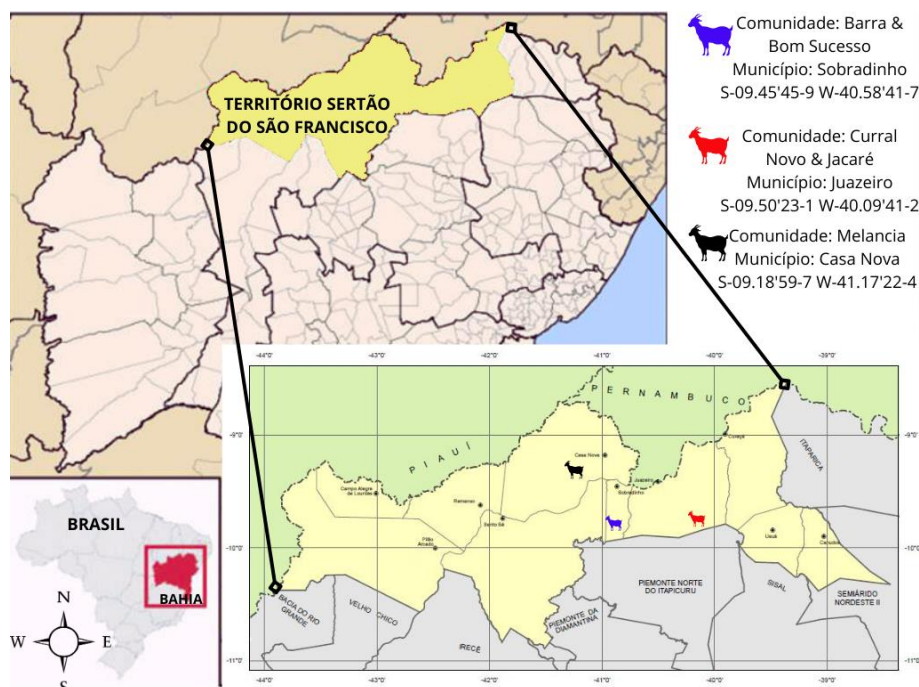


Figura 9: Localização das comunidades participantes da pesquisa

Fonte: Adaptado de SIPAC¹².

Além das referidas comunidades, a equipe técnico-pedagógica do Irpaa, que atuou com as famílias ao longo das ações do Recaatingamento, também constitui parte dessa interlocução para o levantamento dos dados através de entrevistas. Nas seções a seguir apresentamos, um histórico sucinto e algumas características de tais interlocutores.

5.1.2 O Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (Irpaa)

As ações desenvolvidas pelo Irpaa têm início na segunda metade do século XX a partir de uma percepção coletiva da existência estrutural e paradigmática do combate à

¹² SIPAC, Sistema de Informações do Patrimônio Cultural da Bahia. **Território de Identidade Sertão do São Francisco**. Disponível em: <http://patrimonio.ipac.ba.gov.br/territorio/sertao-do-sao-francisco/> Acesso em: 24/11/2023.

seca. Ao perceber e questionar tal paradigma, compreendendo que é impossível combater um fenômeno natural, o Irpaa passa a propor uma virada paradigmática na contramão do combate à seca e em direção à convivência com o Semiárido.

Dessa forma, toma-se como ponto de partida a realização de novas ações de convivência, compreendendo que a viabilidade é conviver com as características do Semiárido e dirimir os efeitos da seca, organizando assim, um projeto de natureza pedagógica do ponto de vista da educação não formal para a realização de ações formativas da Educação para a Convivência com o Semiárido (Pimentel, 2002). Ou seja, não se nega a seca como característica intrínseca ao Semiárido, ao contrário, afirma-a como fenômeno natural, cíclico e, sobretudo, parte constitutiva do processo identitário de produção da existência das gentes desse território e que, portanto, precisa ser compreendida não só do ponto de vista filosófico como também político, como afirma o título do texto de Santos (2008) “Seca é seca, falta de água é política”¹³.

Desse modo, é no convívio entre a equipe técnica e as comunidades rurais assessoradas, que se estabelecem trocas de saberes e de experiências constituídas a partir dos espaços de uma educação dialética e dialógica na construção social de uma outra narrativa sobre esse Semiárido e seus fenômenos naturais, como a ocorrência cíclica das secas e os potenciais da Caatinga.

Tal convívio passa a se tornar uma constante para esse instituto que desde 17 de abril de 1990 passou a desenvolver atividades formativas como Organização Não Governamental (ONG), sem fins lucrativos, organizada inicialmente “[...] em Juazeiro-BA, por um grupo de animadores sociais, militantes das Comunidades Eclesiais de Base (CEB’s), religiosos e técnicos da área agrícola. A fonte inspiradora para o trabalho do Irpaa vem da atuação política da Teologia da Libertação” (Silva; Simas, 2021, p. 1) defendida pelo Bispo Dom José Rodrigues e abraçada por aquelas pessoas que, ao se organizarem, passaram a ser sócias e/ou funcionárias do Irpaa.

Atualmente o Irpaa tem sua sede em Juazeiro/BA com escritórios espalhados por diversos municípios baianos, mas suas atividades se expandem por toda a extensão territorial do Semiárido Brasileiro. Sua atuação, ao longo dos anos, dá-se não só na troca de saberes com as comunidades, o que já agrega conhecimentos ímpares, como também na produção e difusão de conhecimentos em ações acadêmicas e interinstitucionais com universidades estaduais e federais do Nordeste, institutos de pesquisa e em diálogo direto

¹³ SANTOS, J. M. **Seca é seca, falta de água é política**. Disponível em: <https://encr.pw/4FQdm> Acesso em 08 set. 2023.

com pastas governamentais a nível estadual e federal que se debruçam sobre as questões agrárias do país (Carvalho, 2012).

Assim, o Irpaa firmou ao longo desses 30 anos de experiência, parcerias fundamentais à sustentação do paradigma da Convivência com o Semiárido destacando suas potencialidades, antes escondidas pelo paradigma do combate à seca. No decorrer dessas três décadas foram estabelecidas ações coletivas diversas no território nacional com a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), o Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS), Comissão Pastoral da Terra (CPT), além de instituições em outros países como Misereor e Cáritas Internacional na Alemanha, Horizonte 3000 e Kindermissionswerk na Áustria.

Tais parcerias produzem e são produzidas pela dialética de saberes e a transposição pedagógica de modo que o paradigma da Convivência com o Semiárido se estabeleça com ações educativas para além do aspecto técnico da assessoria rural, inclusive afirmando o pensamento de um dos maiores idealizadores da proposta de Convivência com o Semiárido junto ao Irpaa, Bispo Dom José Rodrigues de que não falta água no Semiárido, mas justiça. Nesses termos, a dimensão política dos processos pedagógico-formativos que compõem a experiência teórico-prática do Irpaa:

[...] produziu emergência à contestação de um modelo de organização social pautado no princípio do combate às secas, instituindo práticas de convivência que geram uma relação de ensino-aprendizagem em que as trocas culturais entre as pessoas são, a um só tempo, vivência e transformação do contexto. O conflito entre os modelos de organização social postos em questão produziu a busca de uma transição paradigmática em que os meios e fins da Educação são indissociáveis e, por sua vez, constituem instrumentos de transfiguração da ordem estabelecida, possibilidades de geração de novas ordens no seio das dinâmicas sociais presentes na vida comum e busca permanente para a configuração de espaços de convivência no e com o semiárido brasileiro (Pimentel, 2013, p. 198).

Tais dimensões do Irpaa contribuíram significativamente ao longo dos anos para a produção de tecnologias sociais para a Convivência com o Semiárido Brasileiro como as tecnologias de captação de água das chuvas, fazendo emergir a cultura de compreensão dos ciclos naturais do Semiárido ao criar ações na cultura popular de colher e armazenar as águas, além de cooperar para o avanço de programas governamentais potencializando a criação de políticas públicas de Convivência com o Semiárido (Marinho, 2021). Ou seja, é razoável afirmar que efetivamente o Irpaa contribui para a sustentação do paradigma da Convivência com o Semiárido não só do ponto de vista filosófico como na materialização de práticas concernentes a esse paradigma.

É nesse sentido que, assim como diversas ações realizadas pelo instituto, o Recaatingamento desenvolvido pelo Irpaa e objeto de estudo desta tese, é mais que um projeto de replantio de mudas nativas, ele congrega uma filosofia voltada à compreensão do potencial da conservação da Caatinga em pé a partir das dimensões políticas, socioambientais, históricas, culturais e de gênero para dar sustentabilidade ao paradigma da Convivência com o Semiárido.

Oficialmente, o Irpaa desenvolveu duas logomarcas como identidade visual do Recaatingamento. Como exibido na Figura 10, o bioma é representado com sua fauna e flora, bem como são consideradas as pessoas como parte que completa a complexidade desse todo.



Figura 10: Identidade visual do Recaatingamento em cores

Fonte: Acervo do Irpaa.

Já na Figura 11, em monocromia, além da inserção de outras espécies da fauna e flora, é apresentado o *slogan* do Recaatingamento, bem como há representação da caprinocultura, elemento essencial no sistema fundo de pasto.



Figura 11: Identidade visual do Recaatingamento em monocromia

Fonte: Acervo do Irpaa.

Com base nas duas imagens, é possível visualizar algumas características do Recaatingamento, em como a Ecologia Humana é considerada nele, especialmente quando consideradas suas cinco linhas de atuação: I) Recuperar a Caatinga, II) Conservá-la, III) Realizar uma Educação Ambiental Contextualizada, IV) Melhorias de renda, V) Políticas públicas (Marinho, 2021).

Ademais, em conversa com o atual presidente do Irpaa, José Moacir dos Santos, o instituto está atualizando o *slogan* para “Conservação do meio ambiente em parceria com a comunidade”, pois segundo ele, a palavra preservação remete à ideia de parque

Além disso, umas das principais ações do Recaatingamento é resgatar e/ou fortalecer as práticas tradicionais de convivência e respeito com a Caatinga como elemento indissociável dos processos identitários das Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto.

5.1.3 Comunidade Barra & Bom Sucesso: Sobradinho/BA

A comunidade Barra & Bom Sucesso está localizada a 55 km da sede do município de Sobradinho. A área de Fundo de Pasto corresponde a 2.500 hectares (ha), sendo reservada para a recuperação uma área de 26,3ha. É formada por famílias que ocupam esse território há mais de 200 anos, uma vez que “[...] os primeiros habitantes de origem indígena deram esse nome à comunidade devido à existência de um olho d’água no local onde havia terra fértil e água de boa qualidade garantindo produção agropecuária para os moradores” (Oliveira, L. A. de J., 2023, p.13).

Apesar dessa existência secular, o reconhecimento da identidade como comunidade tradicional só vem em 21 de fevereiro de 2019 através da certificação da Sepromi, pois, ainda que no ano de 2002 tenha sido fundada a Associação Comunitária de Fundo de Pasto dos Pequenos Produtores de Bom Sucesso com o intuito de fortalecer a comunidade, é somente com a Lei 12.910/2013 que se iniciam as ações de reconhecimento dos Fundos de Pasto como comunidades tradicionais.

Tal reconhecimento garante-lhes a conquista de alguns direitos bem como reafirma a necessidade da continuidade de ações que viabilizem a permanência dessas famílias nas terras sendo assistidas pelo estado, uma vez que somente em 2023 a comunidade teve seu pedido atendido para a implantação de uma escola que pudesse

acolher as demandas das crianças que precisavam passar em torno de três horas¹⁴ para chegar até a escola.

Além disso, a comunidade atualmente não conta com serviços públicos como Unidade Básica de Saúde¹⁵, creche, coleta de lixo, água encanada. Ademais “[...] a agente de saúde atua na comunidade quando há campanhas de vacinas, entretanto, percebe-se que ainda há o que melhorar em vários aspectos do que temos direito” (Oliveira, L. A. de J., 2023, p. 13).

Depreende-se daí, a existência de estratégias estruturais de invisibilização das necessidades que emergem das comunidades, efetivando um projeto de expropriação dessas famílias de suas terras (Santos, 2019), pois a produção da existência das comunidades é vista como um atraso ao projeto desenvolvimentista que, respaldado pelo capitalismo, pressupõe a maximização dos lucros independente da exploração indevida dos bens naturais.

Contrariando esse paradigma, a comunidade de Bom Sucesso que agrega 7 famílias que moram na comunidade e conta com 60 pessoas associadas à associação do fundo de pasto, investe principalmente na criação de caprinos e ovinos e, em menor quantidade, de bovinos. Além disso há o beneficiamento de produtos derivados das frutas nativas e do leite de cabra através da produção do doce de umbu de corte, queijo coalho, iogurte e doce de leite cremoso.

Nesse contexto é válido destacar que já existem trabalhos acadêmicos realizados por jovens da própria comunidade de Bom Sucesso, os quais destacam a presença área de Recaatingamento como um marco na história da comunidade, sobretudo pela Caatinga vistosa que já se apresenta na área, conforme ilustrada na Figura 12.

¹⁴ Apesar da pouca distância de apenas 55km da sede, o único ônibus escolar, em precárias condições, precisava percorrer todas as comunidades do entorno para transportar as crianças até a escola.

¹⁵ Em 23 de abril de 2021, ainda durante a pandemia de COVID-19, a Articulação Estadual das Comunidades Tradicionais de Fundos e Fechos de Pasto, juntamente com diversas entidades nacionais, assinou o relatório que expõe violações de direitos humanos na pandemia. Esse documento foi divulgado pelo Conselho Nacional de Direitos Humanos. Dentre as diversas violações de direitos, o direito à saúde das CTFP também se fragilizou nesse momento, vez que não foram compreendidas como prioridade para a vacinação.



Figura 12: Área de Recaatingamento em Barra & Bom Sucesso

Fonte: Acervo da pesquisa de campo.

A área apresenta uma variedade de espécies arbóreas e arbustivas com predominância de Angico (*Anadenanthera macrocarpa*) e Umburana de Cambão (*Cumaru-do-ceará*).

Há ainda a presença de Pau-de-leite (*Sapium glandulosum*), Camaratuba (*Cratylia argentea*) e Umbuzeiro (*Spondias Tuberosa*). De todas as espécies plantadas, raras vingaram, mas foi o Xique-Xique (*Pilosocereus gounellei*) que conseguiu manter-se vivo.

Seja no trabalho de Oliveira, L. G. de J. (2019) ou de Oliveira, L. A. de J. (2023), esse marco é apontado de forma benquista pela comunidade não só como uma área para recuperação do bioma, mas também como objeto de estudo acadêmico.

Oliveira, L. G. de J. (2019, p. 11) destaca que a área de Recaatingamento “[...] possibilita a recuperação de áreas degradadas e de algumas variedades de plantas nativas e espécies de animais silvestres mantendo o ecossistema equilibrado”.

Oliveira, L. A. de J., (2023), por sua vez, percebeu o potencial socioeconômico dessa área e desenvolveu um projeto de Meliponicultura integrada à área de Recaatingamento da comunidade, visando contribuir com a sustentabilidade da comunidade, ao possibilitar uma perspectiva de permanência das juventudes no campo por meio do projeto como um meio de manutenção da qualidade de vida no seu local de origem.

5.1.4 Comunidade Curral Novo & Jacaré: Juazeiro/BA

O distrito de Massaroca é um dos mais emblemáticos do ponto de vista histórico e socioeconômico do município de Juazeiro. Desde a segunda metade do século XX, Massaroca recebeu, em comparação com outros distritos de Juazeiro e talvez do TSSF, o maior contingente de assessorias e projetos institucionais nacionais e internacionais para financiamento das atividades de pequena produção agropecuária, como já apontava Silva (1994) e esse contingente só cresceu ao longo das primeiras décadas do século XXI. Justamente por conta disso é o distrito com o maior número de ações voltadas ao desenvolvimento das comunidades rurais através de suas atividades.

É exatamente nesse distrito que se insere a comunidade de Curral Novo & Jacaré, uma comunidade centenária que compreende outras comunidades como parceiras no uso coletivo da terra para a pastagem solta, o fundo de pasto (Lopes, 2018). Essas comunidades menores são conhecidas a partir dos nomes das antigas fazendas, onde funcionava expressiva quantidade das áreas privadas de pastagem de Massaroca, sendo elas Fazenda Curral Novo, Fazenda Jacaré, Fazenda Queimada do Alto, Fazenda Lotério e Fazenda Lagoa do Tanquinho. Nesse sentido, o conjunto de fazendas arroladas são nomeadas de Comunidade Curral Novo & Jacaré.

A noção de povoamento dessa comunidade segundo a Associação de Desenvolvimento e Ação Comunitária (ADAC):

[...] foi registrada em 1844, mas, já era conhecida desde 115 anos atrás, pois já existiam casas de barro que já haviam caído. Teve como primeiros moradores: Gonçalo Pereira da Silva e José Pereira Lima, sendo conhecido como Craíba Grande, e também Silveira, que era mãe de João Agostinho Evangelista, conhecido como (João Velho), José Agostinho Evangelista, conhecido por José Timóteo, devido as suas artimanhas, e outros... Essas pessoas vinham do Pernambuco e Piauí (ADAC, 2000, p. 9).

Apesar do desenvolvimento dessas atividades, tal povoamento se dá sob expressiva dificuldade de manutenção das condições de vida, visto que:

O ontem foi muito sofrido, devido à falta de água, pois não havia reservatórios, fazendo com que as pessoas buscassem água em outras localidades vizinhas em potes, cabaças e latas, na cabeça ou em cargas colocadas em jumento. Mas existiam várias outras dificuldades, principalmente na manutenção da casa, devido à falta de acesso a lugares mais desenvolvidos como Juazeiro e Jaguarari¹⁶.

¹⁶ *Ibidem*.

Embora tenham vivido tal dificuldade, as famílias passaram a desenvolver suas estratégias de resistência para a permanência na terra e o desenvolvimento de suas atividades enquanto comunidades originárias daquela localidade, visto que além das dificuldades provenientes das condições climáticas, havia também as ameaças externas como apontam Sabourin; Caron; Silva (1999).

É face a essas ameaças que ao longo dos anos as comunidades passaram a buscar a organização social em busca da autonomia. Nesse sentido, a comunidade contou com parcerias vindas de diversas direções como, por exemplo, as ONG's, a Igreja Católica e suas pastorais, sindicatos agrícolas, a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e a própria Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Bahia (Ematerba) atual Superintendência Baiana de Assistência Técnica e Extensão Rural (BAHIATER), fato que ajudou na aglutinação de forças das famílias agricultoras da região.

Isso favoreceu substancialmente a formação da Associação Comunitária Agropastoril de Curral Novo e Jacaré em 1986 e, posteriormente, com o entendimento da necessidade de ampliação dessa força coletiva com outras comunidades, surge o Comitê das Associações Agropecuárias de Massaroca (CAAM).

Segundo Lopes (2018, p. 16) com a “[...] constituição da Associação de Fundo de Pasto de Curral Novo e Jacaré, a região que integra esse FP passou a ser conhecida como Curral Novo”, com uma área total de 1.396 ha para o fundo de pasto. Atualmente vivem 41 famílias na comunidade e a conquista de seu reconhecimento como Comunidade Tradicional de Fundo de Pasto se deu em 29/01/2019. Na associação há 65 pessoas associadas, porém, ao longo dessas décadas e mesmo com o contingente de famílias que vivem na comunidade, a Unidade Básica de Saúde mais próxima fica na sede do distrito de Massaroca, a 10km de distância e a escola fica a 5km de distância.

Por outro lado, alguns serviços básicos da rede pública já são ofertados à comunidade, possibilitando melhores condições de vida, como água encanada, energia elétrica, bem como outros serviços de assessoria que chegam via projetos.

Considerando esse elemento, o Recaatingamento é uma das possibilidades que emergiu dentro da comunidade, a qual destinou inicialmente 180ha para o cercamento da área, porém, em 2020 a comunidade resolveu reduzi-la em 50%, uma vez que com a área muito grande ficava inviável acompanhar as demandas como reparos de cercas, telas, entrada de pessoas ou animais de grande porte. A Figura 13 ilustra o cenário da área do Recaatingamento.



Figura 13: Área de Recaatingamento em Curral Novo & Jacaré

Fonte: Acervo da pesquisa de campo.

Apesar das constantes reavaliações sobre o cercamento da área, ela continuava sem a cerca para isolamento da área. Percebemos que há uma quantidade razoavelmente pequena de espécies arbóreas na área. O solo tem pouca cobertura vegetal e, por isso, fica bastante exposto.

Apesar de uma presença maior de espécies antigas da Umburana de Cambão (*Commiphora leptophloeos*), percebemos algumas poucas espécies novas tanto dela quanto de Umbuzeiro (*Spondias Tuberosa*) aparentando entre 5 e 10 anos, Macambiras (*Bromelia laciniosa*) e a predominância do Pinhão-bravo (*Jatropha molíssima*) em toda a área.

Com a chegada do Recaatingamento houve não só o cercamento da área como muitas tecnologias sociais de Convivência com o Semiárido também chegaram a Curral Novo & Jacaré, a exemplo do poço, barreiro, sistema de bioágua familiar, cisterna de consumo, cisterna de enxurrada. Além disso, algumas instalações rurais também chegaram à comunidade, beneficiando diretamente as famílias envolvidas com o Recaatingamento como viveiro de mudas, galinheiros e apriscos.

É fundamental, nesse sentido, apontar que tão benéfica quanto a instalação de estruturas foi a implementação do plano de manejo, por meio do qual a comunidade reduziu a quantidade de animais na área e desenvolveu estratégias a partir de acordos na associação para o cuidado da área comum de criação, que é a área de fundo de pasto, o

que favorece significativamente a diminuição dos impactos dos animais sobre a área coletiva.

Por exemplo, na Figura 14 onde se apresenta o fundo de pasto, com registros da nossa última visita, realizada em 17 de dezembro de 2023, não havia animais na área, porquanto esse é um período em que a comunidade os retira dali para permitir a rebrota nativa e em um período entre 40 e 50 dias, os animais ficam nas áreas privadas, para que a Caatinga se regenere.



Figura 14: Fundo de pasto de Curral Novo & Jacaré

Fonte: Acervo da pesquisa de campo.

Ademais, o Recaatingamento também acarretou a criação de uma Minifábrica para o beneficiamento das frutas nativas, o que favoreceu a geração de novas atividades produtivas para as mulheres que passaram a se organizar no desenvolvimento de atividades e, conseqüentemente, a geração de renda. Isso possibilitou não só a autonomia feminina, como o fortalecimento da própria comunidade, como ilustrado na Figura 15.



Figura 15: Práticas econômico-produtivas em Curral Novo & Jacaré

Fonte: Acervo da pesquisa de campo.

Enfim, nota-se que Curral Novo passou por mudanças ao longo do tempo, no qual o Recaatingamento contribuiu diretamente, mas outras ações anteriores já eram desenvolvidas em parcerias com o próprio Irpaa e setores públicos e tais mudanças favoreceram a fixação de sua população na comunidade.

Além disso, lançou luz sobre suas práticas atraindo olhares de pesquisadores, a exemplo do trabalho de Lopes (2018) que estudou a sustentabilidade e do manejo da caprino-ovinocultura na comunidade e o trabalho de Oliveira (2018) que expôs no Simpósio Nacional de Empreendedorismo Social Enactus Brasil, o trabalho intitulado Método Canvas para diagnosticar um modelo de negócio de impacto social: o caso exploratório da agroindústria de Curral Novo e Jacaré¹⁷.

5.1.5 Comunidade Melancia: Casa Nova/BA

A comunidade Melancia está inserida no complexo de comunidades tradicionais de Areia Grande, faz parte do município de Casa Nova e está situada a 44,5 km da sede do município.

¹⁷ OLIVEIRA, Deranor Gomes *et al.* Método canvas para diagnosticar um modelo de negócio de impacto social: o caso exploratório da agroindústria de Curral Novo e Jacaré. **Simpósio nacional de empreendedorismo social enactus Brasil**, v. 3, 2018.

O complexo de comunidades de Areia Grande forma um território diverso com cerca de 400 famílias das comunidades Melancia, Riacho Grande, Salinas da Brinca, Jurema, Tanquinho, Ladeira Grande, Lagoado, Lagedo, Lagoinha, Pedra do Batista e Pilão. Ao longo de décadas esse território é marcado por disputas contra o assédio do grande capital em defesa do território. Basicamente os períodos mais marcantes para essas comunidades se dão em três momentos fundamentais: década de 1970, com a construção da Barragem de Sobradinho; de 1980 a 1984, grilagem da Agroindustrial Camaragibe; e de 2008 até o momento atual, ameaças de empreendimentos agrícolas e energéticos no território.

No ano de 2009 as famílias foram duramente atacadas, resultando em morte do trabalhador rural José Campos Braga, conhecido como Zé de Antero. A comunidade, no entanto, não fugiu à luta e continuou no propósito de ter o direito ao território, essa conquista veio em 31 de maio de 2023 com a decisão do Tribunal de Justiça da Bahia (TJ-BA), que reconheceu que o território de comunidades tradicionais de fundo de pasto de Areia Grande, em Casa Nova (BA), é composto por terras devolutas do estado da Bahia e, portanto, é direito das comunidades o usufruto da terra.

Segundo Santos, T. da R. (2018, p. 36), morador da comunidade, tanto a origem do nome quanto o povoamento da comunidade se deram a partir de uma lagoa “[...] que servia de ponto de encontro para os vaqueiros da região, que levavam melancias para matar a fome e sede e deixavam as cascas perto da lagoa, por isso deram o nome de Lagoa da Melancia, que atualmente é chamada apenas de Melancia”.

A partir dos anos 1980 a comunidade começou a se organizar como Comunidade Eclesial de Base comportando a realizações de cultos dominicais e catecismo (ASA, 2011). Ainda nessa década, as famílias construíram um prédio comunitário, o qual foi posteriormente ampliado para congregar também o funcionamento da escola a partir da iniciativa comum entre o pároco local que contribuiu com o material e a mão de obra das famílias através de mutirões realizados pela comunidade (Irpaa, 2011).

Inicialmente as pessoas da comunidade participavam da associação de moradores da comunidade de Boa Esperança, próximo a comunidade Melancia, mas foi somente em 1996, em parceria com a Comissão Pastoral da Terra de Juazeiro que a primeira associação de Fundo de Pasto de Casa Nova foi criada na comunidade Melancia.

A partir da década de 90 a comunidade passou a discutir a regularização fundiária de suas terras com o apoio da Comissão Pastoral da Terra (CPT), da diocese de Juazeiro que fazia assessoria às comunidades da região; focalizando o modo conhecido como Fundo de Pasto. Após dois anos de discussão sobre o assunto a comunidade optou pela regularização através do Fundo de Pasto,

criando assim em 1996 a sua associação. Hoje todas as 20 famílias da comunidade estão com suas terras medidas e a maioria já recebeu seus títulos e através de sua associação participa de todas as discussões regionais sobre convivência com o semiárido (produção, geração de renda, preservação ambiental, créditos, comercialização etc. (ASSOCIAÇÃO DE FUNDO DE PASTO DO SÍTIO MELANCIA, s/d, p. 2).

Atualmente a associação conta com 45 famílias e uma área coletiva de 600 hectares e ao longo desses anos se constitui como um vetor fundamental na conquista de direitos coletivos e/ou individuais, entretanto, seu reconhecimento como comunidade tradicional veio somente em 28 de junho de 2019.

A atuação da associação se consolida no alcance de conquistas fundamentais:

[...] entre elas a formação das famílias para melhor desenvolver as suas atividades com o mínimo possível de agressão ao meio ambiente. Entre as capacitações destacam-se os cursos sobre apicultura, manejo da caatinga, manejo do rebanho, aproveitamento da água da chuva para abastecimento humano, animal e agricultura, agregação aos produtos da agricultura familiar, gestão dos empreendimentos comunitários e associativismo (Irpaa, 2011, p 15).

Nesse diapasão, as famílias têm aplicado tais conhecimentos na criação de produtos a serem comercializados em feiras e, para tanto, a comunidade conta com estruturas distintas, mantidas de forma comunitária ou familiar, como a casa do mel, a unidade de beneficiamento dos produtos da mandioca, terreiro para raspa da mandioca, forrageiras, modelos distintos de cisternas - de produção e de captação e armazenamento da água da chuva, unidade de beneficiamento de frutas.

Em 2001 a comunidade foi contemplada com um terreiro de raspa, durante a construção da estrutura, naquele sol quente a associação decidiu, assim que terminasse o trabalho, fazer uma festa para comemorar a conquista e o trabalho que os mesmos realizaram. A festa foi nomeada de festa da mandioca e já são 18 anos de tradição (Santos, T. R., 2018, p. 36).

Como atividade cultural nesse terreiro de raspa, a Festa da Mandioca é uma comemoração anual e tem o papel sociocultural de divulgar a cultura *in natura* e os produtos beneficiados através das atividades familiares na unidade de beneficiamento como ginetes, bolos, petas, broas, beijos, tapiocas e a própria farinha da mandioca, além dos doces de goiaba (das produções familiares) e doces de umbu (colhidos nas áreas de Caatinga).

Entretanto, a comunidade ainda não consegue exercer todo o seu potencial produtivo, pois embora Melancia esteja a 6 km de distância da borda de um dos maiores lagos artificiais do mundo¹⁸, a comunidade não conta com serviços básicos como energia

¹⁸ Com 320 km de extensão, o Lago Artificial de Sobradinho/BA está no *ranking* dos 15 maiores do mundo e é o maior do Brasil nessa categoria.

elétrica pela rede de distribuição, água encanada ou unidade básica de saúde. Essa pauta é uma demanda fundamental para a questão socioeconômica das famílias, tendo em vista que sem acesso a esses serviços a produção fica comprometida em face da impossibilidade de armazenamento refrigerado.

Sendo assim, mesmo a comunidade tendo potencial e matéria prima para produzirem polpas, sorvetes, tipos variados de queijos, entre outros, a ausência de energia elétrica desponta como inviabilizadora das famílias prosperarem nos fazeres que aprenderam ao longo do tempo seja entre seus familiares a partir dos saberes tradicionais, seja na interação com outros saberes provenientes das assessorias que receberam.

Atualmente a área de Recaatingamento, ilustrada na Figura 16, também é uma das estratégias de resistência da comunidade frente à caça predatória.



Figura 16: Área de Recaatingamento em Melancia

Fonte: Acervo da pesquisa de campo.

5.2 Das entrevistas nas comunidades

Com relação às pessoas participantes nesse processo de entrevistas, elaboramos um panorama do perfil geral de sexo¹⁹ e idade para todas as comunidades, como mostra a Figura 17.

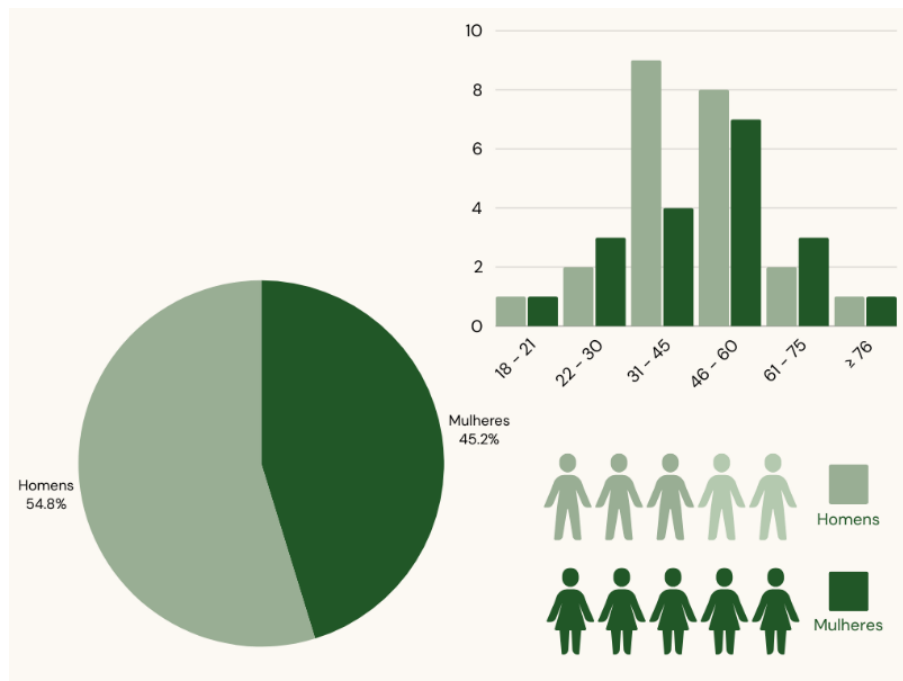


Figura 17: Perfil geral das comunidades

Fonte: Autoria própria.

O gráfico apresenta o quantitativo de homens e mulheres que participaram das entrevistas. É possível notar, a partir dele, basicamente 3 informações: 1. os homens compõem a maioria entre as pessoas entrevistadas; 2. os homens apresentam uma faixa etária mais elevada que as mulheres; 3. o maior número de pessoas possui entre 30 e 75 anos.

Com 18 anos, a pessoa com menor idade é uma mulher e está localizada na comunidade Barra & Bom Sucesso. Já a pessoa com idade mais elevada é um homem da comunidade Curral Novo & Jacaré e possui 84 anos. Nesse sentido, entre as pessoas com idade mais elevada temos 13 homens e 11 mulheres.

Em se tratando do perfil por comunidade, há algumas variações. Na comunidade Barra & Bom sucesso, como ilustrado na Figura 18, houve um menor quantitativo de

¹⁹ Considerando que todas as pessoas participantes são mulheres e homens cisgênero, nos referimos nessa análise ao sexo biológico das pessoas. Ainda assim, por falarmos de pessoas, o substantivo será sempre usado no feminino.

participantes, considerando que ela possui realmente menos pessoas, quando comparada com Curral Novo & Jacaré ou com Melancia.

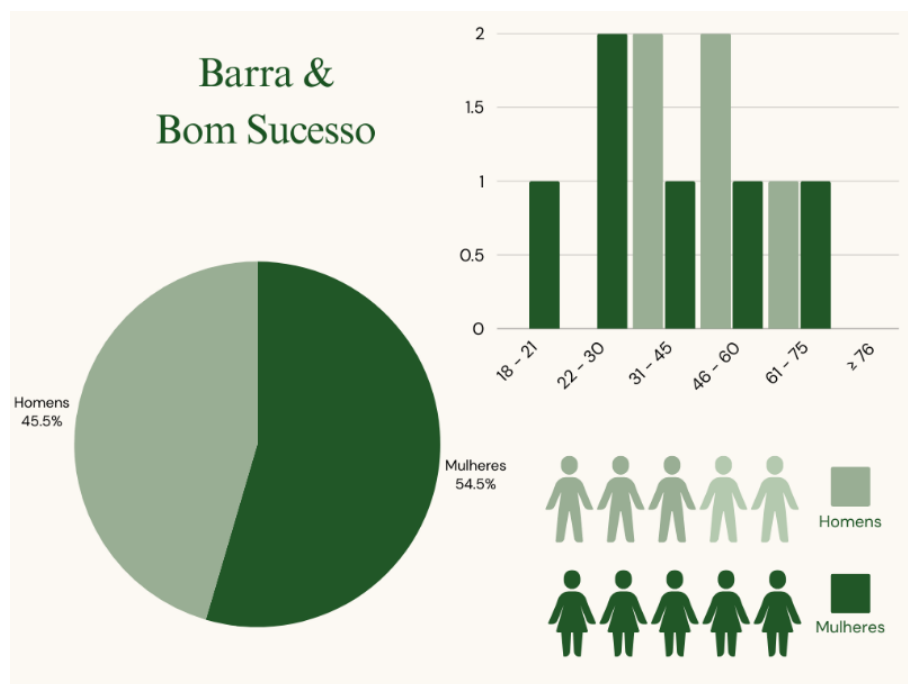


Figura 18: Perfil de participantes Barra & Bom Sucesso

Fonte: Autoria própria.

Em Barra & Bom Sucesso houve maioria de mulheres entre as pessoas entrevistadas, bem como se apresenta enquanto a comunidade mais jovem entre as 3 pesquisadas. Nessa comunidade não há homens com idade entre 18 e 30 anos, nem há pessoas com idade ≥ 76 . A mulher mais jovem possui 18 anos e o homem mais jovem possui 31 anos. Já em relação às pessoas com maior idade é o inverso, apesar de ser uma diferença mínima, pois nesse caso a mulher tem 73 anos e o homem 72.

A comunidade Curral Novo & Jacaré, por sua vez, possui as pessoas com mais idade, entre as entrevistadas, como exposto na Figura 19.

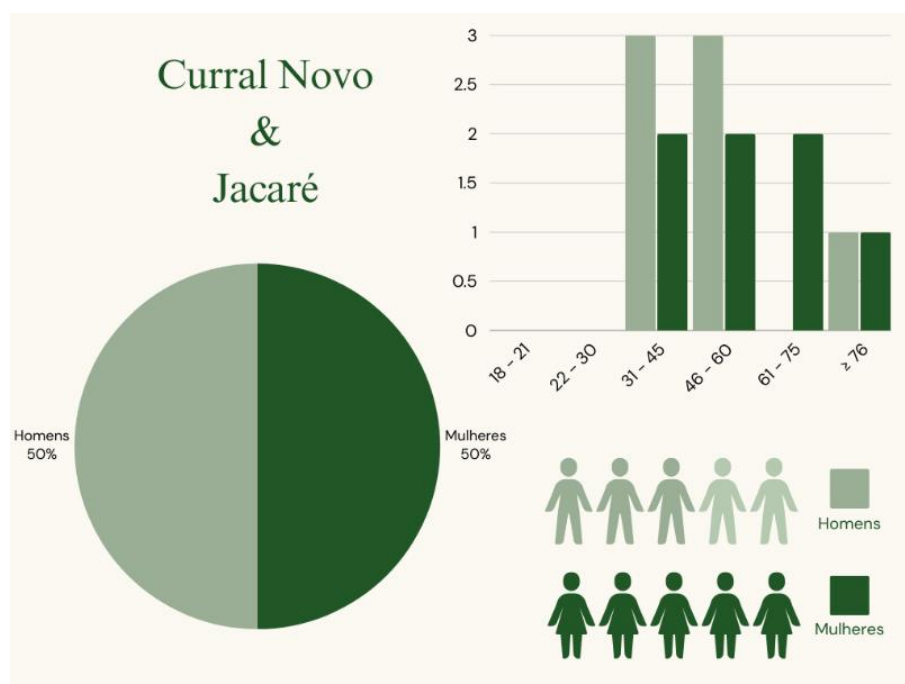


Figura 19: Perfil de participantes Curral Novo & Jacaré

Fonte: Autoria própria.

Nessa comunidade entrevistamos um quantitativo igual de homens e mulheres. Entre os dois grupos há uma faixa etária bem próxima, sendo que a pessoa mais jovem e a mais velha são homens, com 34 anos e 84 anos, respectivamente. Entre as mulheres, a mais jovem possui 37 anos e a mais velha 82.

Por fim, a comunidade Melancia apresentou um perfil mais diversificado de idades entre as participantes das entrevistas, como aponta a Figura 20.

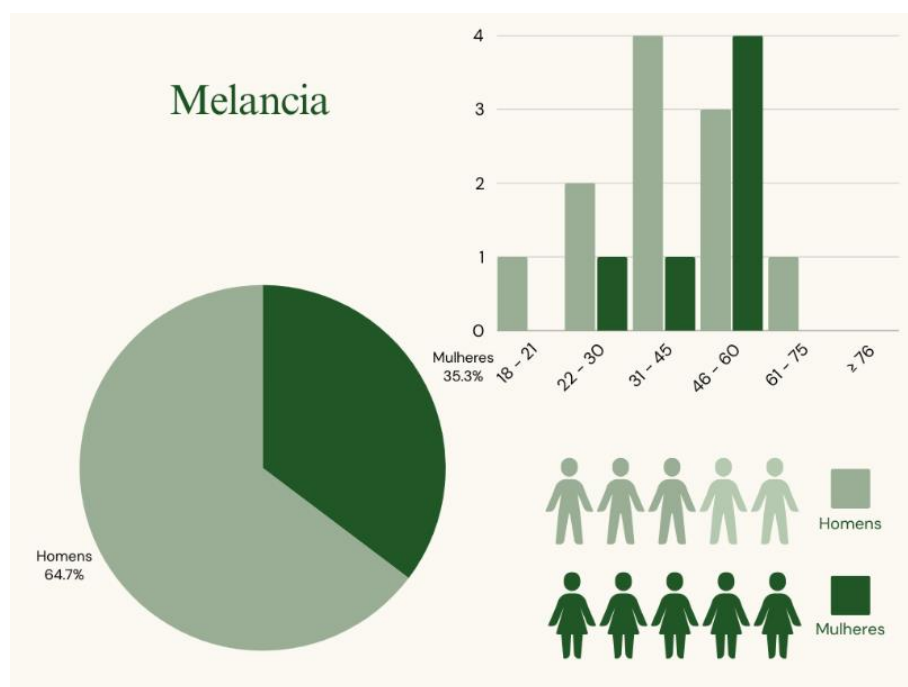


Figura 20: Perfil de participantes Melancia

Fonte: Autoria própria.

Nessa comunidade houve uma presença menor de mulheres participantes das entrevistas. Além disso, a mulher mais jovem possui 30 anos e o homem mais jovem, 21. Por outro lado, a mulher com maior idade possui 60 anos e o homem 63.

Em síntese, a média etária geral entre as mulheres entrevistadas nas comunidades é maior que a dos homens, pois alcançam os 46,05 anos, sendo Barra & Bom sucesso a que possui mulheres mais jovens, com a média de 32,33 anos, seguida de Melancia, onde a média é de 46,83 e finalmente Curral Novo & Jacaré com a maior média etária para as mulheres, alcançando os 57,14 anos.

Entre os homens a média geral de idade é 42,83, sendo composta pela mesma sequência Barra & Bom Sucesso, Melancia, Curral Novo & Jacaré, com 37,4; 39,72 e 51,57, respectivamente. É importante reiterar que esse é um resumo simples do perfil das pessoas entrevistadas e não resume o perfil das comunidades em sua totalidade.

Finalmente, o tempo médio de entrevista também traz alguns dados. Por exemplo, entre homens e mulheres a diferença média entre a duração da realização das entrevistas é praticamente nula, sendo que para eles a média foi (em minutos e segundos) 00:21:43 e para elas 00:21:42.

Quando comparados os perfis etários, entretanto, há uma variação nas médias, sendo que a duração média das entrevistas entre os homens e mulheres mais jovens é de 00:27:19 para eles e 00:19:22 para elas. Entre as pessoas com mais idade, o tempo médio

de entrevista também tem uma diferença de 00:20:37 para os homens e 00:18:35 para as mulheres. Em se tratando de uma comparação etária independentemente do sexo, consideramos avaliar dois grupos. Para o primeiro grupo, composto por pessoas com idade $40 \leq$, a média de duração da entrevista foi 00:23:42; o segundo grupo, onde estão as pessoas com idade ≥ 41 , teve uma média de 00:19:36.

5.3 Das entrevistas com a equipe técnico-pedagógica

Quanto à equipe do Irpaa, nomeamos como técnico-pedagógica por englobar nas atuações do Recaatingamento a coordenação, o pedagogo e duas pessoas que atuam na assessoria técnica das comunidades estudadas. Nesse sentido o Quadro 4 apresenta os dados das pessoas entrevistadas.

Quadro 4: Dados das pessoas que compõem a equipe técnico-pedagógica do Recaatingamento

Codiname	Idade	Função no Recaatingamento	Tempo de trabalho no Irpaa	Formação
Imburana de cheiro	37 anos	Técnico de campo	13 anos	Curso Técnico em Agropecuária Licenciatura em Ciências Biológicas
Faveleira	38 anos	Técnica de campo	12 anos	Curso Técnico em Agropecuária
Murici	53 anos	Coordenador ²⁰	34 anos	Curso Técnico em Agropecuária Pedagogia Especialização em Extensão Rural
Camaratuba	55 anos	Pedagogo	10 anos ²¹	Pedagogia Especialização em Educação do Campo Mestrado em Educação

Fonte: Autoria própria.

Certamente o Recaatingamento possui uma equipe bem maior desde o início das ações em 2009, contando com mais pessoas que atuavam no processo de formação pedagógica e na assessoria técnica com as atividades de campo em outras comunidades, todavia, buscamos delimitar as pessoas da assessoria técnica para responderem as

²⁰ Como explicado anteriormente, o Recaatingamento passou a ser coordenado por outra pessoa, entretanto, como Murici acompanhou tanto a concepção quanto a implementação nas comunidades em estudo, consideramos manter a função que desempenhava à época.

²¹ Colaborou com o Irpaa ao longo de 10 anos. Atualmente não está mais vinculado ao instituto.

entrevistas, apenas aquelas que atuam diretamente nas comunidades investigadas no presente estudo.

Ademais, buscamos entrevistar outras pessoas vinculadas à estratégia da Educação Contextualizada nas escolas, porquanto nosso interesse era realizar essa entrevista com toda a equipe responsável, contudo, nenhuma delas possui vínculo atual com o Irpaa. Felizmente conseguimos conversar com uma pessoa que compunha a equipe de três pedagogas e um pedagogo, sendo este o entrevistado para o nosso estudo, o qual trouxe contribuições fundamentais ao desenvolvimento da pesquisa.

Infelizmente a ex-coordenadora pedagógica do Reaatingamento, Lucineide Martins Araújo faleceu em 06 de julho de 2020, momento em que recebeu homenagens da Secretaria de Educação do Estado da Bahia²², do próprio Irpaa²³ e outros segmentos da sociedade civil. Antes, protagonizou diversas contribuições na luta pela Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido Brasileiro, conduziu com excelência as estratégias de formação pedagógica no Reaatingamento.

²² <https://l1nk.dev/FI47y>

²³ <https://www.youtube.com/watch?v=3OZmC8TfUTM>

Durante a última grande seca de 1979 a 1983 fui convidado a acompanhar uma equipe de reportagem para retratar os acontecimentos no sertão nordestino. Partimos de Recife, viajamos longitudinalmente pelo estado da Paraíba e atravessamos Pernambuco, em direção à Bahia. Foi assustador o que vimos. Levas de gente nas estradas, fogões a lenha nas casas sem nenhuma brasa, armazéns da Companhia Brasileira de Alimentos (COBAL) saqueados e frentes de serviço fazendo estradas, que a primeira chuva após estarem prontas as levaria, ou barragens em terras de fazendeiros. Mas quando atravessamos a ponte sobre o rio São Francisco e nos dirigimos ao distrito de Massaroca, no município de Juazeiro pareceu-nos que tínhamos mergulhados em outro mundo. A feira abastecida de tudo o que se precisa: farinha, feijão, rapadura, roupas e chocalhos.... as árvores em torno da praça estavam ocupadas pelas cordas dos jegues e cavalos amarrados e o povo alegremente festejando seu dia de feira.

Um dos agricultores nos convidou para irmos até a casa dele para almoçar. Relatamos a ele que por onde passamos só vimos fome e miséria. E lhe perguntamos: aqui choveu por acaso? Para a roça choveu nada! Foi a resposta. Só sobrou um pouco de mandioca na roça. Nem milho, nem feijão. Mas temos o criatório (cabras e ovelhas) e o pasto para eles é a caatinga. **Aqui é uma grande área de Fundo de Pasto. Aqui ninguém passa necessidade.**

(Harald Schistek).

**I - PRODUÇÃO DA EXISTÊNCIA DAS COMUNIDADES DE FUNDO DE
PASTO E SUAS RELAÇÕES COM A CAATINGA**

Publicado em: 26/12/2023

Revista de Educação da Universidade Federal do Vale do São Francisco (REVASF) –
QUALIS B1

Disponível em:

<https://www.periodicos.univasf.edu.br/index.php/revasf/article/view/2398>

Resumo: As comunidades de fundo de pasto são comunidades tradicionais que desenvolvem um sistema produtivo próprio a partir das condições edafoclimáticas do Semiárido e das características do bioma Caatinga nas regiões norte e oeste do estado da Bahia. Esse sistema pressupõe o uso comunal da terra para a produção agrossilvipastoril desenvolvido por pessoas com forte grau de parentesco e compadrio. As comunidades de fundo de pasto existem há séculos nessa região, mas só no final do século XX conquistaram reconhecimento jurídico e político. Nesse cenário, ganham notoriedade estudos desenvolvidos por pessoas e instituições sobre essas comunidades, constituindo uma literatura internacional sobre o tema. Desse modo, o presente trabalho é resultado de uma pesquisa que teve como objetivo identificar como a literatura aborda as relações entre as comunidades de fundo de pasto e a Caatinga. Para tanto, realizou-se uma revisão integrativa de literatura, de abordagem qualitativa e de cunho descritivo. A sumarização dos textos foi feita com o software StArt e a análise dos dados foi realizada com o uso do software Iramuteq utilizando a análise de conteúdo. Como principais resultados a pesquisa aponta que há uma relação intrínseca das comunidades de fundo de pasto com a Caatinga não só no que tange ao seu sistema produtivo, mas na construção de sua identidade coletiva como comunidade tradicional. Como conclusões aponta-se que enquanto as comunidades dependem das potencialidades da Caatinga para desenvolver seu sistema de produção, esta é diretamente beneficiada pelas comunidades, constituindo-se, assim, uma relação interdependente.

Palavras-chave: Comunidades tradicionais. Semiárido brasileiro. Sistema comunal. Sistema produtivo.

Abstract: Pasture background communities are traditional communities that develop their own production system based on the edaphoclimatic conditions of the semi-arid region and the characteristics of the Caatinga biome in the north and west regions of the state of Bahia. This system presupposes the communal use of land for agrosilvopastoral production developed by people with a strong degree of kinship and godparenthood. Grassland communities have existed for centuries in this region, but it was only at the end of the 20th century that they gained legal and political recognition. In this scenario, studies developed by people and institutions on these communities gain notoriety, constituting an international literature on the subject. In this way, the present work is the

result of a research that aimed to identify how the literature approaches the relations between the grassland background communities and the Caatinga. For that, an integrative literature review was carried out, with a qualitative and descriptive approach. Text summarization was performed using the StArt software and data analysis was performed using the Iramuteq software using content analysis. As main results, the research indicates that there is an intrinsic relationship between pasture communities and the Caatinga, not only in terms of their production system, but in the construction of their collective identity as a traditional community. As conclusions, it is pointed out that while the communities depend on the potential of the Caatinga to develop their production system, this is directly benefited by the communities, thus constituting an interdependent relationship.

Keywords: Traditional communities. Brazilian semiarid. Communal system. Productive system.

Resumen: Las comunidades de fondo de pastos son comunidades tradicionales que desarrollan su propio sistema productivo basado en las condiciones edafoclimáticas de la región Semiárida y las características del bioma Caatinga en las regiones norte y oeste del estado de Bahía. Este sistema presupone el uso comunal de la tierra para la producción agrosilvopastoril desarrollado por personas con un fuerte grado de parentesco y apadrinamiento. Las comunidades de pastizales han existido durante siglos en esta región, pero fue solo a fines del siglo XX cuando obtuvieron reconocimiento legal y político. En este escenario, los estudios desarrollados por personas e instituciones sobre estas comunidades ganan notoriedad, constituyendo una literatura internacional sobre el tema. De esta manera, el presente trabajo es el resultado de una investigación que tuvo como objetivo identificar cómo la literatura aborda las relaciones entre las comunidades de fondo del pastizal y la Caatinga. Para ello, se realizó una revisión integrativa de la literatura, con un enfoque cualitativo y descriptivo. El resumen del texto se realizó con el software StArt y el análisis de datos se realizó con el software Iramuteq mediante análisis de contenido. Como principales resultados, la investigación indica que existe una relación intrínseca entre las comunidades de pastoreo y la Caatinga, no solo en cuanto a su sistema de producción, sino en la construcción de su identidad colectiva como comunidad tradicional. Como conclusiones se señala que, si bien las comunidades dependen del

potencial de la Caatinga para desarrollar su sistema productivo, este es beneficiado directamente por las comunidades, constituyendo así una relación de interdependencia.

Palabras clave: Comunidades tradicionales. Semiárido brasileiro. Sistema comunal. Sistema productivo.

INTRODUÇÃO

O Brasil possui 1.340.863 km² de Áreas Susceptíveis à Desertificação (ASD), sendo que estas áreas estão concentradas principalmente no Semiárido brasileiro (Tavares *et al.*, 2017). Desse total, 180.000 km² estão em processo grave ou muito grave de desertificação – concentrados, principalmente, nos estados da região Nordeste do país. É nessa região brasileira, onde se localiza o território do Semiárido brasileiro, que representa 12% do território nacional e possui uma extensão de 1.128.697 Km², abrigando quase 30 milhões de pessoas (BRASIL, 2017). No território do Semiárido, incide o bioma Caatinga, o qual já possui 55,25% do seu solo atingido pela degradação, em diferentes graus.

O Estado da Bahia é um dos dez estados nesse território, possuindo 289 municípios inseridos nas ASD, o que equivale a 490.000 Km² ou 86,8% do território baiano. É exatamente nesse estado que incidem as chamadas Comunidades de Fundo de Pasto, reconhecidas como comunidades tradicionais a partir da Constituição do Estado da Bahia em 1989. Tal reconhecimento conta também com uma lei mais recente, que é a Lei estadual 12.910/2013. Além disso, as Comunidades de Fundo de Pasto são amparadas pelo Decreto Federal n.º 6.040/2007 e pelo Decreto Estadual n.º 12.433/2010, que estabelece a Comissão Estadual para a Sustentabilidade dos Povos e Comunidades Tradicionais (CESPCT), os quais dão maior organicidade ao processo de reconhecer e proteger essas comunidades, garantindo-lhes o direito de existência como tal.

Essas comunidades são reconhecidas como tradicionais por terem desenvolvido um “jeito de viver no sertão”, o qual compreende “[...] um sistema de ocupação coletiva de terras por comunidade, em geral, com certo grau de parentesco. Esta ocupação dá-se na forma de sistema agrossilvopastoril e é de fundamental importância para milhares de famílias” (ARTICULAÇÃO, 2003, p. 3) e isso abarca características que estão associadas não só ao sistema produtivo dessas comunidades, como ao seu processo histórico de formação e aos aspectos socioculturais e da construção e manutenção de uma identidade coletiva.

Partindo de tais pressupostos, o presente artigo lança um olhar sobre essas comunidades, não para discutir a questão fundiária que permeia as Comunidades de Fundo de Pasto – apesar desta ser uma questão fundante das problemáticas que enredam essas comunidades – mas para chamar a atenção a um elemento importantíssimo para pensá-las que é a Caatinga. Uma vez que provém das próprias comunidades a narrativa de que produzem um “jeito de viver no sertão”, compreende-se que é desse sertão ou, melhor dizendo, do território Semiárido, numa perspectiva de revisitar o termo sertão e suas origens colonialistas (Carvalho, 2014), que emana a necessidade desse jeito próprio de produzir a existência nesse lugar.

Desse modo, estudos como os de Torres (2013), Silva (2017), que se debruçam sobre essas comunidades, já traçaram epistemologicamente um panorama sobre a questão fundiária e suas políticas de regulamentação. Para tanto, ao perceber o enunciado advindo das comunidades e pensando-se em trazer uma pesquisa que apresente, tanto originalidade quanto relevância epistêmica, questionam-se: como são abordadas as relações entre as comunidades de fundo de pasto e a Caatinga na literatura científica?

Portanto, sendo o presente estudo resultado de uma revisão integrativa de literatura, com abordagem qualitativa e de cunho descritivo, destaca-se que seu objetivo foi identificar como a literatura aborda as relações entre as Comunidades de Fundo de Pasto e a Caatinga.

MATERIAL E MÉTODOS

Para a realização da pesquisa, utilizou-se a abordagem qualitativa, mediante a compreensão de uma lógica epistêmico-metodológica respaldada pelo olhar interdisciplinar; sob a égide de uma compreensão mais ampla e interpretativa do objeto de estudo como possibilidade de uma análise para além da quantificação dos fenômenos estudados, dos artigos publicados ou de mera descrição das metodologias utilizadas como apontam Creswell; Creswell (2021).

Para coleta de dados utilizou-se o acrônimo PICo para a descrição dos elementos da pesquisa: (P) População, (I) Interesse, (Co) Contexto. Na literatura o acrônimo PICo é considerado como uma estratégia potencial para a realização de pesquisas qualitativas (Santos *et al.*, 2007), e, para tal, no presente estudo pode-se caracterizar que População (P) é o conjunto das comunidades de Fundo de Pasto; o Interesse (I) é a Relação das comunidades com a Caatinga, e o Contexto (Co) é o conjunto de artigos que falam sobre essas comunidades.

Seguindo a orientação de Souza *et al.* (2010), foi proposta a questão de pesquisa, bem como o delineamento dos objetivos e dos critérios de inclusão e exclusão dos estudos, e, finalmente, a escolha dos procedimentos de análise dos dados. As bases de dados escolhidas para o levantamento dos artigos foram selecionadas conforme a área de interesse do tema da pesquisa, sendo elas: Base de Dados da Pesquisa Agropecuária (BDP@), *International Information System for the Agricultural Sciences and Technology (AGRIS)*, *Elton Bryson Stephens Company (EBSCO)*, *Scielo*, *Scopus* e *Web of Science*. A busca nas bases foi realizada durante o mês de dezembro de 2021, utilizando a chave de busca: “fundo de pasto” OR “fundos de pasto” OR “fecho de pasto”, sendo aceitos textos publicados em qualquer período ou idioma.

O protocolo da revisão integrativa foi planejado tendo como base Dermeval *et al.* (2020) e para a seleção dos textos optou-se pelo uso do *software* StArt para a organização dos textos identificados, selecionados e extraídos para a análise, conforme referenciado por Fabbri *et al.* (2016). O StArt possibilita aplicar os critérios de inclusão e exclusão (Tabela 1), identificação da origem dos textos por bases de dados, exclusão de estudos repetidos, extração e sumarização dos estudos.

Tabela 1 – Critérios de inclusão e exclusão para a seleção dos estudos

Critérios de Inclusão	Critérios de Exclusão
Serão incluídos artigos completos publicados em periódico ou anais de eventos	Serão excluídos trabalhos que não se enquadrem na categoria artigo completo publicados em periódicos ou anais de eventos
Serão incluídos artigos publicados em qualquer idioma	Serão excluídas revisões de literatura
Serão incluídos artigos publicados em qualquer período, desde que disponível a partir das bases de dados consultadas	Serão excluídos trabalhos duplicados em bases de dados
	Serão excluídos trabalhos que não possibilitem acesso integral
	Serão excluídos trabalhos cujo foco da discussão não sejam, principalmente, as comunidades de fundo de pasto
	Serão excluídos trabalhos que apresentem ao menos um critério de exclusão

Fonte: Autoria própria.

Para a seleção dos estudos a partir da aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, inicialmente foi realizada a leitura do título e do resumo. Após essa etapa foram verificadas a relevância do trabalho e coerência com os objetivos do estudo e em seguida realizou-se a pré-análise dos artigos com análise indutiva e, posteriormente, a codificação pelo *software* Iramuteq, sendo criadas categorias de análise a partir do método de Classificação Hierárquica Descendente (CHD) (Souza *et al.*, 2018). Desse modo, a CHD gerou diagramas em estilo de árvore, também conhecidos como dendrogramas, com as

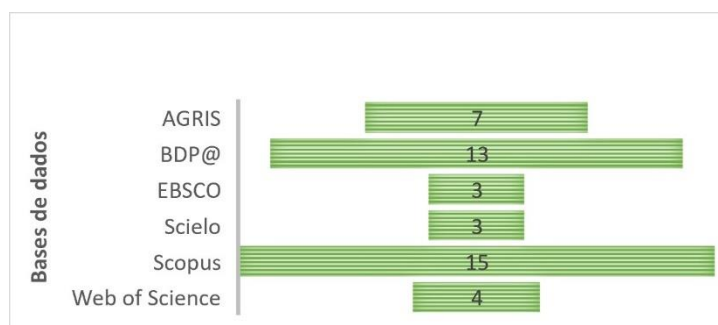
classes de palavras, que serão expostas no presente trabalho utilizando-se a análise contextualizada das palavras dentro das respectivas unidades de contexto. Nesse sentido, os dendrogramas e as palavras por classe serão apresentados em figuras e analisados à luz da literatura na sessão de resultados e discussão.

Por fim, após a criação das categorias, os dados foram analisados através da AC, “[...] procedimento de pesquisa que se situa em um delineamento mais amplo da teoria da comunicação e tem como ponto de partida a mensagem” (Franco, 2018, p. 20).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Das bases de dados escolhidas para a seleção dos trabalhos, todas retornaram textos, perfazendo um total de 45 textos. Entretanto, dos textos retornados nem todos eram artigos, entre estes foram identificados resumos simples, resumos expandidos, dissertações, capítulos de livros e livros. Assim, foram aplicados os critérios de inclusão e exclusão explicitados no protocolo, eliminando todos os trabalhos que não se enquadrassem na categoria artigo completo publicado em revistas ou anais de eventos. Desse modo, a Figura 1 apresenta o quantitativo total de retorno das bases de dados.

Figura 1 – Quantitativo de artigos retornados das bases de dados



Fonte: Autoria própria.

Artigos duplicados nas bases, também foram excluídos, conforme os critérios. Sendo assim, chegou-se a um quantitativo final de 22 artigos, os quais foram considerados aptos para a revisão e organizados conforme a disposição do *software* StArt considerando-se o título, a autoria do texto, ano de publicação, o periódico ou evento e a base de dados. Um elemento adicionado ao longo da análise foi o código da unidade de contexto, o qual será utilizado sempre que essas unidades forem evocadas ao longo da análise para ilustrar como aparecem nos artigos analisados. Dessa maneira, a Tabela 2 apresenta apenas os artigos incluídos na análise conforme os critérios de inclusão.

Tabela 2 – Artigos incluídos na análise conforme os critérios de inclusão

Título	Autoria	Ano	Periódico	Base de dados	Código da Unidade de Contexto
Gestão ambiental para a sustentabilidade dos fundos de pastos no Semiárido baiano.	MAIA NETO, A. L.	2013	Revista Bahia Agrícola	BDP@	UC1
Prendre en compte les strategies des eleveurs dans l'orientation d'un projet de veveloppement: le cas d'une petite region du sertao brasilien.	CARON, P.; PREVOST, F; GUIMARAES FILHO, C; TONNEAU, J.P.	1992	II Simpósio Internacional Sobre o estudo dos sistemas pecuários sob a perspectiva de pesquisa e desenvolvimento	BDP@	UC2
Recomposição da agricultura familiar e coordenação dos produtores para a gestão de bens comuns no Nordeste brasileiro	SABOURIN, E.; MARINOZZI, G.	2001	Revista Política & Trabalho	BDP@	UC3
Sistemas agrossilvipastoris: uma alternativa para criação de caprinos em comunidades tradicionais do sertão baiano do São Francisco.	CAMPANHA, M. M.; Holanda Junior, E. V.	2008	Embrapa Caprinos e Ovinos	BDP@	UC4
Utilização de áreas comunitárias para produção de caprinos e ovinos: o caso dos fundos de pasto do semi-árido baiano.	HOLANDA JUNIOR, E.V.; LIMA, E. P.	2006	Workshop Manejo de la Vegetación Nativa para la Producción de Caprinos y Ovinos en las Areas Aridas y Semi-áridas de América Latina	BDP@	UC5
Connecting Public Policies for Family Farmers and Womens Empowerment: The Case of the Brazilian Semi-Arid	BRANDÃO, E. A. F. SANTOS, T da R.; RIST, S.	2020	Sustainability	AGRIS	UC6
Enjeux Fonciers et Gestion Des Communs Dans Le Nordeste Du Bresil: Le Cas Des Vaines Patures Dans La Region De Massaroca-Bahia	SABOURIN, E.; CARON, P.; SILVA, P. C. G. da.	1995	Les Cahiers de la Recherche Developpement	AGRIS	UC7
O manejo dos "fundos de pasto" no Nordeste baiano: um exemplo de reforma agrária sustentável	SABOURIN, E.; CARON, P.; SILVA, P. C. G. da.	1999	Raízes - Revista de Ciências Sociais e Econômicas	AGRIS	UC8
Restrição inconstitucional do direito a regularização de terras das Comunidades de Fundo e Fecho de Pasto	SARAIVA, W. CABRAL; DE PONTES, A. C. A.	2018	Revista de Direito Agrário e Agroambiental	EBSCO	UC9
A margem de quatro séculos e meio de latifúndio: Razoes dos fundos de pasto na história do Brasil e do Nordeste (1534-1982)	FERRARO JÚNIOR, L. A.; BURSZTYN, M.	2008	Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Sociedade e Ambiente-ENANPPAS	Scopus	UC10

As comunidades de Fundo e Fecho de Pasto na Bahia: luta na terra e suas espacializações	ALCÂNTARA, D. M. de; GERMANI, G. I.	2010	Revista de Geografia (Recife)	Scopus	UC11
Forma de ocupação da terra como bem cultural: estudo jurídico dos Fundos de Pasto da Bahia e sistema faxinal do Paraná	SÁ, A. A. de	2007	Congresso nacional do CONPEDI	Scopus	UC12
Fundo de pasto: um conceito em movimento	ALCÂNTARA, D. M. de; GERMANI, G. I.	2009	VIII Encontro Nacional de ANPEGE	Scopus	UC13
Imaginário, emancipação e colonialidade: estudo das intervenções sociais no movimento dos Fundos de Pasto da Bahia	FERRARO JÚNIOR, L. A.; BURSZTYN, M.	2010	Revista da FAEEBA	Scopus	UC14
Family Farmers' Perceptions of the Impact of Public Policies on the Food System: Findings From Brazil's Semi-Arid Region	BRANDÃO, E. A. F.; SANTOS, T. DA R.; RIST, S.	2020	Frontiers in Sustainable Food Systems	Scopus	UC15
Resiliência a mudança climática em Comunidades de Fundo de Pasto na região semiárida do Estado da Bahia, Brasi006C	GAIVIZZO, L. <i>et al.</i>	2019	Sociedade e natureza	Scopus	UC16
Tradição e Territorialidade nos fundos de pasto da Bahia: do capital social ao capital político	FERRARO JÚNIOR, L. A.; BURSZTYN, M.	2008	IV Encontro Nacional da Anppas	Scopus	UC17
Sustainability of the remaining agricultural Commons in the Brazilian Northeast: challenges beyond management	FERRARO JÚNIOR, L. A.; BURSZTYN, M.; DRUMMOND, J. A.	2017	Journal of the Geographical Society of Berlin	Web of Science	UC18
The agrarian space of the Brazilian semi-arid region: the dichotomies between the space of irrigated agriculture and the space of traditional agriculture	BRANDÃO, E. A. F.; RIST, S.	2020	Studies in Agricultural Economics	Web of Science	UC19
Rural development in the Sertão do São Francisco, Bahia: an interpretation based on the trajectories of peasant families of the territory	MONTEIRO, D.; GUEDES, C. A. M.	2021	Interações, Campo Grande	Scielo	UC20
As comunidades de fundo de pasto e o processo de formação de terras de uso comum no semiárido brasileiro	MARQUES, L. de S.	2016	Soc. & Nat., Uberlândia	Scielo	UC21
Das sesmarias a resistência ao cercamento: razões históricas dos Fundos de Pasto	FERRARO JÚNIOR, L. A.; BURSZTYN, M.	2010	Caderno CRH	Scielo	UC22

Fonte: Autoria própria.

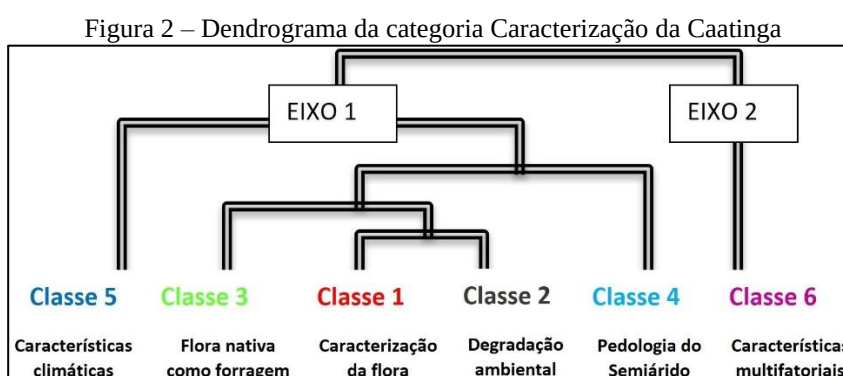
De posse dos artigos (Tabela 2) foi realizada a AC, com a exploração do texto, considerando as técnicas de codificação e criação das categorias a partir do *software* Iramuteq, o qual possibilitou, com a CHD, a organização das categorias de análise por meio do agrupamento das palavras evocadas nos textos gerando “[...] eixos e classes lexicais, que contextualizam e evidenciam o sentido comum orientador dos discursos” (Freire; Gonzaga, 2020, p. 170).

Nesse sentido, as categorias de análise, como etapa da AC, foram: caracterização da Caatinga; caracterização das comunidades de fundo de pasto; relação das comunidades com a Caatinga. Com base nisso, o *corpus* textual foi preparado a partir das unidades de registro e a próxima etapa foi gerar a CHD. Com as classes criadas através do agrupamento de palavras, passou-se à análise dessas classes, as quais apontam, no agrupamento desses sentidos comuns, para uma visão mais ampla do objeto de estudo em questão. É válido ressaltar que a análise das classes no Iramuteq se faz sempre da esquerda para a direita, com vistas a perceber o encadeamento dos sentidos no conteúdo discursivo dos enunciados (Souza *et al.*, 2018).

Caracterização da Caatinga

A categoria Caracterização da Caatinga retornou um conjunto de seis classes de palavras, as quais, sob análise, apontam para aspectos intrínsecos da Caatinga e do Semiárido brasileiro. É importante destacar que o termo Caatinga se refere ao bioma e o termo Semiárido brasileiro refere-se ao território em que incide a Caatinga.

As classes de palavras estão agrupadas em dois eixos principais, conforme a Figura 2.



Fonte: Autoria própria.

Considerando-se o eixo 1 com as respectivas classes, percebe-se que os sentidos do eixo 1 estão articulados em torno das características climáticas (classe 5), da pedologia

(classe 4), da flora como fonte de forragem (classe 3), da caracterização dessa flora (classe 1) e da degradação ambiental que o bioma sofre (classe 2). O eixo 2, por sua vez, aglutina questões multifatoriais da Caatinga e do Semiárido como território. Conforme a Figura 3 pode-se perceber que as palavras agrupadas ressaltam as características que se aproximam das especificidades da Caatinga (eixo 1) e apontam para a ação humana como fator de intervenção na região semiárida (eixo 2).

Figura 3 – Palavras por classe da categoria Caracterização da Caatinga

Classe 5 (16,1%)	Classe 3 (19,4%)	Classe 1 (16,1%)	Classe 2 (12,9%)	Classe 4 (22,6%)	Classe 6 (12,9%)
Milímetro	Dieta	Apresentar	Temperatura	Solo	Propriedade
Precipitação	Forrageiro	Endemismo	Severo	Modo	Pressão
Fenômeno	Herbáceo	Diversidade	Semiárida	Último	Esperar
Terra	Importante	Longo	Processo	Água	Consecutivo
Sertão	Estação	Adaptado	Baixo	Nutriente	Econômico
Árido	Chuvoso	Área	Região	Formação	Recurso
Mês	Caprino	Grande	Alto	Extenso	Chuva
Abandono	Espécie	Espécie	Degradação	Condição	Período
Ocorrer	Cercar	Bioma	Cercar	Matéria	Paisagem
Médio	Planta	Semiárido	Planta	Principal	Hídrico
Clima	Reserva	Característica	Reserva	Irrigação	Irrigação
Hídrico	Arbóreo	Caatinga	Intenso	Intenso	Fundo de Pasto
Principal	Vegetação	Médio	Corresponder	Arbóreo	Ano
Corresponder	Espaço	Clima	Apresentar	Fundo de Pasto	Degradação
Região	Alto	Paisagem	Ano	Caatinga	
Semiárido	Nordestino	Matéria	Bioma		
Ano		Seco	Característica		
Nordestino		Vegetação	Forrageiro		
Chuva		Espaço			
		Econômico			
		Caprino			

Fonte: Autoria própria.

A classe 5 – a partir das palavras precipitação, milímetro, árido, mês, ocorre, fenômeno – destaca as características climáticas da Caatinga, indicando os fatores que convergem para a incidência do clima Semiárido e apontando o papel desse clima para o desenvolvimento das atividades das comunidades. Pode-se compreender a importância dessas características em articulação com essas atividades das comunidades, quando, por exemplo, a classe 3, a partir das palavras dieta, forrageiro, herbáceo, importante, caprino, indica a flora nativa como principal fonte de forragem tanto para a fauna nativa como para a fauna exótica introduzida na Caatinga, como é o caso dos caprinos e ovinos, que representam o meio de subsistência das Comunidades de Fundo de Pasto (Torres, 2013).

Ainda de acordo com a Figura 3 a classe 1 e a classe 2 estão diretamente relacionadas, pois na medida em que a classe 1 apresenta a caracterização da flora da Caatinga por meio das palavras endemismo, diversidade, adaptado, longo [período de seca] revelando a riqueza local, a classe 2, por meio das palavras processo, severo, degradação, baixo, destaca a degradação ambiental da Caatinga. Ou seja, apesar do bioma Caatinga ser

diverso, enfrenta um processo de degradação como se pode notar nas unidades de contexto apresentadas a seguir.

Entretanto, a região semiárida e o bioma caatinga padecem de um intenso processo de degradação. As áreas em processo de degradação de intensidade baixa a severa, já somam mais de 20 milhões de hectares, correspondendo a cerca de 22% da região semiárida (UC4).

[...] a Caatinga como o único domínio cujos limites estão restritos exclusivamente ao território nacional e o segundo ecossistema mais degradado do país o que torna mais relevante ainda a necessidade de preservá-lo (UC1).

Sobre isso, é importante ponderar que antes do desenvolvimento das atividades produtivas com base nas políticas de convivência com suas condições edafoclimáticas, o Semiárido foi palco dos grandes latifúndios e propriedades agrárias que trouxeram a pecuária extensiva, o que pode ter favorecido significativamente um processo histórico de degradação ambiental do bioma Caatinga (Torres, 2013). Além disso, estudo de Brito *et al.* (2010), publicado pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) revela que a agricultura irrigada em larga escala desenvolvida no Semiárido brasileiro tem impactado diretamente essa região causando modificação no ambiente, salinização e contaminação dos solos e das águas, além de impactos sociais e econômicos.

Ainda assim, quando considerada como principal fonte de forragem animal no sistema de fundo de pasto, a Caatinga sofre também alguns impactos. Ou seja, a Caatinga necessita recuperar-se tanto dos processos de degradação que sofreu ao longo de séculos, quanto de processos que sofre atualmente.

A seguir, as unidades de contexto (UC) apontam como as Comunidades de Fundo de Pasto utilizam a Caatinga em seu sistema de produção, possibilitando fazer uma análise de como esse uso também pode interferir nos processos ecológicos.

[...] cerca de 70% das espécies lenhosas e herbáceas da Caatinga são utilizadas pelos caprinos como forrageira. Trata-se, portanto, de uma vegetação com alto valor forrageiro [...] diversas famílias de plantas contribuem com espécies que participam da dieta dos animais, merecendo destaque à família das leguminosas (UC1).

[...] é fator central para que os camponeses tenham na caatinga uma reserva forrageira importante para a manutenção do rebanho (UC21).

No período chuvoso, as gramíneas e dicotiledôneas herbáceas perfazem acima de 80% da dieta dos ruminantes. Porém, à medida que a estação seca progride, as árvores e arbustos se tornam cada vez mais importantes na dieta, principalmente dos caprinos. Nesta forma de exploração, as forragens naturais são, na maioria das vezes, superpastejadas (UC4).

No entanto, não é a atividade produtiva das Comunidades de Fundo de Pasto que acarreta, sozinha, a degradação ambiental na Caatinga. Esse impacto também está diretamente relacionado a outros fatores como aponta a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO, 2020) observando que a degradação ambiental

é causada por questões multifatoriais e, nesse sentido, pode-se avaliar o superpastejo como uma dessas questões.

Estudo anterior de Medugu *et al.* (2011) reforça que a degradação pode ser compreendida por um conjunto múltiplo de fatores, tendo ainda como possibilidade, os próprios fatores ambientais para além da ação antrópica. É nesse contexto que se deve avaliar a classe 4, a qual aponta para uma pedologia da Caatinga, ao agrupar palavras como solo, nutriente, matéria, formação [do solo]. Nessa classe podem-se referendar duas unidades de contexto que contribuem para pensar eventos que influenciam o solo:

Apresenta ainda, sérias limitações quanto aos solos, sobretudo com relação à profundidade e capacidade de armazenamento de água (UC1).
[...] impactos ambientais das políticas de irrigação no semiárido, discutindo os impactos na compactação do solo, salinização, desequilíbrio de nutrientes, perda de matéria orgânica e redução da atividade microbológica (UC19).

Nesse sentido, depreende-se que as características apresentadas nas unidades de contexto em destaque, apontam tanto para a formação do solo, quanto para as influências que ele sofre pela ação antrópica; isto é, a convergência de múltiplos fatores.

A partir disso, chega-se, ao eixo 2, o qual é composto pela classe 6. Esta, engloba as questões multifatoriais do Semiárido como evapotranspiração, períodos de estiagem, distribuição das chuvas no tempo e no espaço e a presença humana. As palavras que aparecem com maior destaque na classe, são propriedade; pressão; esperar; econômico; recurso.

Desse modo, pode-se avaliar que a não compreensão da vocação do Semiárido, em suas características multifatoriais, interfere diretamente na forma como se desenvolvem os sistemas produtivos e na relação que se estabelece com os bens naturais, como a flora e a fauna da Caatinga, as aguadas, o solo, entre outros. Sendo assim, é importante considerar que quanto mais o Semiárido for compreendido em suas características edafoclimáticas e antropossociais, melhor será para o desenvolvimento de sua vocação econômica e o uso equilibrado dos seus bens naturais.

Caracterização das Comunidades de Fundo de Pasto

A categoria Caracterização das Comunidades de Fundo de Pasto retornou um conjunto de cinco classes de palavras, as quais apontam para características da organização interna das comunidades, segundo os artigos avaliados.

Conforme a Figura 4, essas classes se agrupam em dois eixos, os quais articulam seus discursos em torno de duas questões fundamentais. Assim, o eixo 1 articula seus discursos

em torno da formação sócio-histórica das comunidades, seus processos culturais e legais em torno da afirmação de uma identidade. Já o eixo 2, é articulado pelas ideias que circundam as atividades internas das comunidades, apontando mais para o funcionamento do sistema fundo de pasto.

Figura 4 – Dendrograma da categoria Caracterização das Comunidades de Fundo de Pasto



Fonte: Autoria própria.

Essa articulação dos sentidos dos eixos se dá em face das palavras enunciadas nas classes. A partir da Figura 5, é possível notar que essas características compreendem processos históricos, políticos, sociais e culturais das comunidades e como esses processos influenciam direta e indiretamente em sua organização interna, sem deixar de lado a questão da Caatinga como característica intrínseca das comunidades.

Figura 5 – Palavras por classe da categoria Caracterização das Comunidades de Fundo de Pasto

Classe 1 (23,8%)	Classe 4 (24,6%)	Classe 5 (16,4%)	Classe 3 (14,8%)	Classe 2 (20,5%)
Nome	Relação	Criação	Reserva	Individual
Posse	Produção	Extensivo	Mel	Uso comum
Processo	Década	Animal	Madeira	Seco
Fazenda	Social	Caprino	Fruta	Solo
Elemento	Organização	Ruminante	Extrativismo	Solidariedade
Política	Viver	Semiárido	Cerca	Cercar
Sempre	Desenvolvimento	Ovino	Geral	Lote
Regional	Capital	Terra comunal	Caça	Vizinho
Original	Sertão	Vegetação	Caso	Recurso
Necessidade	Estabelecer	Parcela	Comunitário	Bode
Herdeiro	Identidade	Espaço	Pastagem	Raro
Herança	Compadrio	Pequeno	Geralmente	Praticar
Construção	Pastoreio comunal	Rebanho	Pastoreio	Pobre
Histórico	Relacionar	Cultivo	Morador	Disponibilidade
Devoluto	Político	Principal	Jurídico	Criador
Venda	Partir	Subsistência	Pasto	Uso
Luta	Manter	Familiar	Limite	Área
Terra	Cultura	Ocupado	Umbu	Espaço
Forma	Distribuir	Solto	Pecuária	Acesso
Categoria	Modo	Destinar	Extensão	Propriedade

Fonte: Autoria própria.

Nesse sentido, a classe 1 está mais voltada à formação social das Comunidades de Fundo de Pasto, a partir da apresentação das palavras posse, processo, fazenda, política, regional, herança, histórico, devoluto. Isso porque, quando analisadas dentro da unidade

de contexto, as palavras remetem às origens das Comunidades de Fundo de Pasto em seus aspectos sócio-históricos.

A posse das terras da caatinga baiana pelos conjuntos de famílias foi obtida por compra no período de desmembração das sesmarias (primeira metade do século XIX) ou pelo uso das terras devolutas (UC17).

A maior parte das comunidades pastoris localiza-se em terras devolutas, originadas de grandes fazendas desmembradas ou compradas das sesmarias originais. Essas comunidades, frequentemente constituídas por famílias de descendentes dos herdeiros dessas “fazendas-mãe” [...] (UC22).

Depreende-se daí, que há, nessa classe, um enredo desse processo histórico de formação das comunidades, localizando-as também politicamente, no sentido do uso e da posse da terra e, desse modo, analisar a classe 1 e sua relação com a classe 4 demonstra uma concatenação de sentidos, quando esta apresenta um elemento fundamental para essa discussão, que é a formação histórica da categoria Fundo de Pasto enquanto comunidade tradicional, pois as comunidades se afirmam nesse processo histórico como uma categoria política a partir das palavras relação, produção, década, social, organização, identidade, político.

Trata-se da categoria dos Fundos de Pasto (FP). A história matricial dos FP refere-se ao longo período entre a criação das sesmarias, em 1534, e a generalização, na década de 1980, dessa alcunha como modo de designar essas comunidades pastoris do sertão baiano (UC22).

Ao longo das décadas da segunda metade do século XX e início do XXI, as comunidades vêm produzindo e retrabalhando sua identidade por meio do conflito e da relação com o Estado e os agentes do capital (UC21).

Assim, ao apresentar essas classes agrupadas em um eixo, os dados apontam essa separação teórica para conceituar dois elementos distintos e indissociáveis, a saber: fundo de pasto enquanto modo de produção de determinadas Comunidades e Fundo de Pasto como categoria política que se assume em um período específico da história e com desafios e objetivos também muito específicos, compreensão reforçada por Ming (2020, p. 8) quando afirma que:

Na região existem os “fundo de pasto”, em letras minúsculas, que significam locais e espaços com suas características de vegetação e animais, para uso comum das comunidades, das criações e atividades agroextrativistas, e que se transformam em “Fundo de Pasto”, com letras maiúsculas que significam territórios das comunidades, forjados por elas em movimento coletivo e de luta, muito mais poderosos e eloquentes.

Nesse ínterim, o surgimento do Fundo de Pasto como categoria política, pode ser reforçada nas unidades de contexto a seguir:

A identidade fundo de pasto surgiu a partir das comunidades que fazem uso comunal de pastagens da caatinga, no contexto dos conflitos agrários das décadas de 1970 e 1980 (UC17).

[...] das comunidades, pode se estabelecer um marco temporal na década de 1980 com o Programa de Desenvolvimento Rural Integrado (PDRI-Nordeste), em vista de referir-se textualmente a estas comunidades, mais precisamente em 1982, até com a mesma denominação (UC9).

Desse modo, as classes organizadas no eixo 2 (classes 5, 3, 2) se articulam para anunciar como essas comunidades se organizam internamente. Com isso, a classe 5 se ocupa de indicar a atividade pecuária em terra comunal, ao descrever a principal característica do fundo de pasto, que é o meio de produção comum, a partir das palavras criação, extensivo, animal, caprino, ruminante, semiárido, ovino, terra comunal.

A classe 3, por seu turno, aponta as atividades desenvolvidas no sistema de produção agrossilvipastoril, possibilitando perceber que outras atividades são desenvolvidas pelas Comunidades de Fundo de Pasto, por meio das palavras extrativismo, mel, madeira, caça, pastagem, umbu, pecuária, comunitária.

O fundo de pasto é, portanto, um espaço aberto acessível a todos os membros da comunidade para um uso coletivo de seus recursos naturais: pasto, corte de madeira, extrativismo de frutos e mel e caça (UC3).

Nos Fundos de Pasto, todos podem coletar madeira (apenas para uso familiar, nunca para venda), caçar e colher frutas. Há exclusividade familiar para a extração floral e para a caça por terceiros, embora em geral os vizinhos possam praticar a extração em pequena escala (de plantas e animais) (UC18).

Essas áreas comunais das CFP desenvolvem a caprinocultura com o direito de uso comum da pastagem nativa da Caatinga e o extrativismo vegetal, principalmente de umbu (*Spondias tuberosa*), mas também de maracujá (*Passiflora cincinnata*), licuri (*Syagrus coronata*), angico (*Anadenanthera macrocarpa*) e murici (*Byrsonima crassifolia*) [...] (UC16).

Nesse diapasão, a classe 2 emerge para arrematar as características das comunidades descritas nos textos, uma vez que as palavras individual, uso comum, solidariedade, lote, vizinho, cercar, aparecem nessa classe, indicando uma política fundiária interna do modo de organização e produção das comunidades, como apontado nas unidades de contexto a seguir.

Se o acesso a essas terras de uso comunitário tradicional fosse regido pela racionalidade da terra como mercadoria e pela lógica da propriedade individual totalmente cercada, essas práticas de gestão social seriam inviabilizadas, comprometendo a reprodução socioeconômica de milhares de famílias rurais e gerando enormes impactos negativos para a produção de alimentos para o território e para a cultura local (UC20).

O comunal alimenta as áreas individuais e as individuais ampliam o comunal. É necessário entender que o Fundo de Pasto é um sistema combinado onde a área de uso comum e o lote individual se complementam, mais que isso, se articulam. Mesmo porque a área individual não é tão individualizada, ou seja, de uso individual restrito,

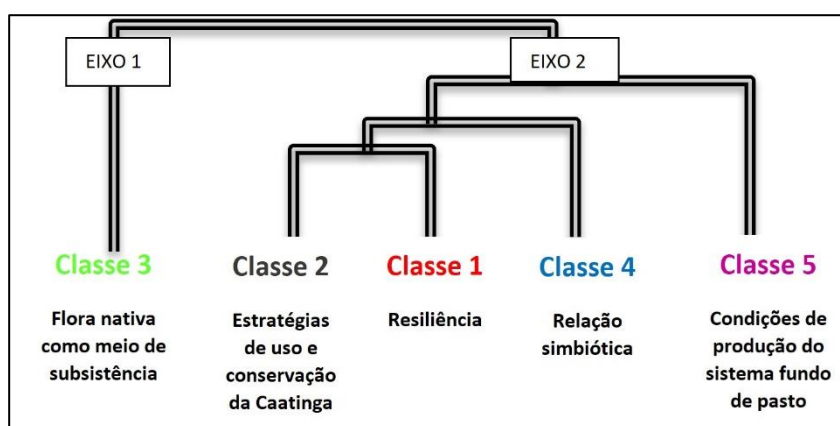
uma vez que não há cerca permanente separando o lote que é identificado como individual, o que existe são pequenos cercados protegendo a roça, ou seja, parte do lote individual é incorporado ao uso comum (UC13).

Sob essa égide, é possível inferir que a literatura produzida sobre as Comunidades de Fundo de Pasto assevera que o sistema de produção de fundo de pasto é regido por uma política fundiária interna - que fortalece, não só materialmente, como politicamente, a existência das comunidades, favorecendo o desenvolvimento de estratégias de resistência para enfrentar desafios que possam se colocar frente aos modos de vida das comunidades.

Relação com a Caatinga

A categoria Relação com a Caatinga retornou um conjunto de cinco classes de palavras, as quais estão organizadas também em dois eixos. Tais eixos são compostos por classes que, segundo os trabalhos analisados, indicam a forma como as comunidades se relacionam com a Caatinga. Como se pode perceber a partir da Figura 6, essa categoria se organiza em dois eixos que são totalmente interdependentes, pois é justamente a partir do eixo 1 que os sentidos do eixo 2 se articulam - sobretudo se considerado o fato de que no eixo 1 encontra-se a flora e no eixo 2 encontram-se as relações produzidas pela comunidade com este ambiente. Ou seja, pode-se depreender que a Caatinga é o ponto de partida e de chegada para a produção da existência das comunidades.

Figura 6 – Dendrograma da categoria Relação com a Caatinga



Fonte: Autoria própria.

Assim, os sentidos enunciados nas palavras dessas classes se articulam em torno das questões tanto ambientais quanto antropológicas, como é possível perceber nas palavras das classes, a partir da figura 7.

Figura 7 – Palavras por classe da categoria Relação com a Caatinga

Classe 3 (26,2%)	Classe 2 (21,4%)	Classe 1 (16,7%)	Classe 4 (19%)	Classe 5 (16,7%)
Alimento	Natural	Capacidade	Uso	Além
Quando	Reserva	Principal	Comunidade	Produção
Parte	Natureza	Milho	Comunidade de	Grande
			Fundo de Pasto	
Rebanho	Encontrar	Feijão	Modo	Renda
Vegetação	Criar	Enfrentar	Importante	Depender
Suplementação	Construir	Animal	Ambiental	Produto
Forragem	Relação	Alimentar	Serviço	Dependente
Bovino	Forma	Caatinga	Frequentemente	Exploração
Época	Recurso	Seco	Estresse	Sistema
Ruminante	Solo	Relação	Criação	Pecuária
Maior	Convivência	Manejo	Característica	Suporte
Lenha	Seco	Cultura	Vida	Período
Escassear	Cultura	Propriedade	Local	Forrageiro
Começar	Geração	Suporte	Climático	Preservação
Carvão	Arbustivo	Individual	Terra	Manter
Bom	Forrageiro	Geração	Semiárido	Vista
Alto	Utilizar	Arbustivo	Convivência	Vegetal
Pastagem	Modificar	Adaptativo	Conservação	Função
Área	Vegetal	Terra	Construir	Condição
Nativo	Social	Recurso	Forma	Ação
			Adaptativo	Ambiente
			Preservação	Atividade
			Utilizar	Extensivo

Fonte: Autoria própria.

Como exposto na Figura 7, a classe 3 remete às palavras alimento, rebanho, vegetação, suplementação, forragem, lenha, carvão, pastagem. Essas palavras anunciam um elemento importante para a compreensão da categoria em análise, pois os sentidos do seu discurso indicam a flora da Caatinga como meio de subsistência, sobretudo quando se analisam as unidades de contexto a seguir:

[...] algumas comunidades já manejam a pressão de pastejo sobre suas áreas, mesmo que empiricamente. No período de chuvas, quando é maior a oferta de alimentos nas pastagens naturais, a maior parte dos produtores mantém seus rebanhos no chamado fundo de pasto. Na época em que a pastagem da Caatinga começa a escassear, parte dos rebanhos é conduzida para propriedades individuais [...] (UC1).

Tomando como base a unidade de contexto acima, vale destacar um elemento interessante que retoma, em certa medida, o que foi discutido na categoria “Caracterização da Caatinga”, pois na medida em que a UC4 (2008) aponta para a questão do superpastejo, UC1 (2013) assinala que algumas comunidades já estão preocupadas em manejar a pressão do pastejo adotando estratégias em suas áreas. Ou seja, corrobora com a ideia de que pode haver um superpastejo nas áreas das comunidades, mas indica, por outro lado, que essas comunidades passaram a adotar estratégias que possibilitem a recuperação da Caatinga em suas áreas de produção comunal o que viabiliza a conservação da Caatinga e garante a sustentabilidade de seu sistema de produção.

Sugere-se ainda, que, pelo fato da UC4 ter sido publicada em 2008 e a UC 1 em 2013, um fenômeno potencial para a adoção dessas novas estratégias de manejo, citadas pela

UC1, pode estar relacionado ao fato de, no ano de 2010, o Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (IRPAA) ter iniciado a realização do projeto Recatingamento em parceria com as Comunidades de Fundo de Pasto para desenvolver uma metodologia de uso e conservação da Caatinga com estratégias contextualizadas de convivência com o Semiárido, manejando adequadamente os seus bens naturais para potencializar a coexistência entre as práticas agrossilvipastoris das comunidades e a conservação da biodiversidade local (Albuquerque *et al.*, 2020).

Partindo desse pressuposto, é possível avaliar que as comunidades, nesse ínterim, melhoraram sua perspectiva sobre como cuidar da Caatinga, observando, justamente, que a manutenção desta em pé é o que garante a existência das comunidades, como exposto na unidade de contexto a seguir.

A vegetação conservada nestas áreas camponesas tem a ver diretamente com o modo de vida ali instituído, que necessita que a caatinga sirva de banco natural de forragem para alimento dos rebanhos. A relação imbricada entre sociedade e natureza neste caso aponta para uma forma de territorialização em que a ausência das reservas vegetais simplesmente não se afirmar enquanto vantagem ou mesmo condição possível de sobrevivência dos Fundos de Pasto (UC21).

Nesse sentido, o eixo 1 aponta que a flora tem papel fundamental para o sistema fundo de pasto e para a manutenção das comunidades, pois, como visto, é a conservação desta que tem garantido a permanência das comunidades com o seu modo de produção do trabalho e de afirmação identitária.

O eixo 2, por sua vez, agrega classes que vão apontar como se dão essas relações. Assim, a classe 2 assinala as estratégias de uso e conservação dos bens naturais da Caatinga, a partir das palavras: reserva, convivência, construir, natureza, relação. Tais palavras podem ser mais bem visualizadas quando percebidas nas unidades de contexto:

A convivência construída com base no que a própria caatinga possuía não se constituía enquanto ação predatória. Nesta relação, a seca passou a ser entendida não como catástrofe, mas como ciclo natural. Isso não quer dizer que não sofriam com a seca, significa dizer que encontraram um caminho de convivência e criavam estratégias, dentre as quais a migração (UC11).

[...] têm uma cultura construída e uma relação com seu ambiente natural, que privilegia o respeito e a conservação, pois não têm uma visão voltada para o mercado e enfrentam fatores climáticos adversos há muitas gerações. É justo afirmar que as comunidades de FP oferecem o serviço ambiental de conservar porções de Caatinga. A ocupação comunal e o uso da terra estão frequentemente associados à conservação da biodiversidade e de outras características naturais do bioma Caatinga (UC18).

Ademais, tais estratégias são parte desse processo identitário das comunidades, e emergem dentro das unidades de contexto para apontar como os autores percebem a

condição material das comunidades, fazendo emergir em seus discursos a relação estabelecida entre estas e a Caatinga.

Com isso, a classe 1, a qual se relaciona diretamente com a classe 2, indica a resiliência, ou seja, a capacidade das comunidades de se relacionar com os desafios postos.

Os terrenos vedados e não desmatados constituem uma reserva forrageira que é protegida, e “apropriada” para ser utilizada durante a estação seca. Eles serão plantados ou não, posteriormente, dependendo da qualidade do solo e dos recursos disponíveis para o produtor (UC2).

Isso pode ser percebido pelas palavras destacadas na classe: capacidade, enfrentar, manejo, relação. Além disso, as palavras milho, feijão, animal, podem ser percebidas como estratégias diretas para a superação de desafios a partir da produção alimentar daquilo que é viável, respeitando-se as limitações impostas pelas condições edafoclimáticas, pois como aponta a unidade de contexto:

[...] a relação com a Caatinga perpassa as diferentes facetas da capacidade adaptativa e as articula frente aos desafios enfrentados pelas comunidades (UC16).

E é, desse modo, que o discurso das classes 2 e 1 dão sustentação aos sentidos da classe 4, a qual aponta para a relação simbiótica entre as comunidades e a Caatinga, por meio das palavras: importante, ambiental, serviço, comunidade, vida, comunidades de fundo de pasto, convivência, conservação.

Isso significa que os usos da terra nas comunidades se fundamentam na “saúde” e na (re)produção da Caatinga, os quais asseguram os seus modos de vida (UC16).

A ocupação comunal e o uso da terra estão frequentemente associados à conservação da biodiversidade e de outras características naturais do bioma Caatinga (UC18).

É válido destacar, no entanto, que algumas palavras, a exemplo de “frequentemente” e “terra”, as quais aparecem nas unidades de contexto acima, também despontam outras possibilidades de análise na unidade de contexto a seguir:

Nestas comunidades, em que a terra é de uso comum, é praticada a agricultura, frequentemente utilizando corte e queima da caatinga, e a pecuária, com criação extensiva em pastagem nativa de uso coletivo, geralmente superpastejadas (UC4).

Isso implica dizer, segundo os dados, que, mesmo a maioria dos textos assinalando que há nas comunidades uma preocupação de conservação da Caatinga, há, por outro lado, uma pesquisa apontando que ainda existem práticas de manejo desfavoráveis aos bens naturais e à existência da própria comunidade, porquanto dependem necessariamente da Caatinga em pé.

Em seguida, os enunciados da classe 5 giram em torno das condições de produção do sistema fundo de pasto, uma vez que são as características ambientais que suscitam

formas próprias de produção do sistema fundo de pasto e influenciam na cultura e na identidade das comunidades, como registrado na unidade de contexto:

É importante ressaltar que a conexão das pessoas com a terra vai além das necessidades produtivas relacionadas ao seu sistema alimentar. Os participantes declararam que a noção de territorialidade está essencialmente ligada à identidade das pessoas, manifestando o entrelaçamento da cultura e da natureza (UC15).

Assim, a Caatinga se apresenta às comunidades com suas características e é sob essas condições, inclusive de interdependência, que o fundo de pasto acontece. Nesse sentido, a partir das palavras: produção, renda, depender, dependente, produto, exploração, sistema e preservação; compreende-se que há uma relação intrínseca entre a conservação da Caatinga e os modos de produção de fundo de pasto, apesar de ser possível apontar que há a necessidade de reavaliar algumas práticas como o superpastejo e o corte e queima da flora, que podem ser práticas danosas a médio e longo prazo.

Diante do exposto, pode-se discutir que as relações estabelecidas entre as comunidades e a Caatinga não têm o intuito de ser místicas ou mesmo de desenvolver uma conservação no sentido de manter estes espaços intocados. Essas relações passam pela compreensão da necessidade dessas comunidades conviverem com as características locais, conservando-as para que a existência da comunidade seja possível, uma vez que:

[...] se consideram como verdadeiros defensores da caatinga, praticando atividades econômicas de exploração que dependem da preservação do meio ambiente para sua sustentabilidade, além é claro de dependerem de grandes extensões de Terra, haja vista seu condicionante climático (UC5).

Nesses termos, é possível retomar a questão orientadora deste estudo, a qual tem o intuito de saber como a literatura aborda as relações entre as comunidades de fundo de pasto e a Caatinga, e considerar que tais estudos revelam três principais fatores para pensar essas relações.

Para pensar a relação entre as Comunidades de Fundo de Pasto e a Caatinga é necessário, primeiramente, caracterizar a Caatinga como um bioma que incide exclusivamente no Semiárido brasileiro, o qual é apresentado pelos textos como lugar de potencialidades e desafios. Essas características, como demonstrado, englobam as questões relacionadas ao clima, à pedologia, à flora e à degradação ambiental, as quais remetem a um conjunto de questões multifatoriais que são determinantes para perceber a vocação socioeconômica do Semiárido como um todo.

Em segundo lugar, pensar as relações entre as comunidades de fundo de pasto e a Caatinga é pensar também quem são essas comunidades, como e por que vivem, e quais são seus processos sócio-históricos de formação e manutenção. Assim os textos

analisados asseveram que para compreender os modos de produção da existência das Comunidades de Fundo de Pasto é necessário ponderar a formação social das comunidades e a formação histórica da categoria Fundo de Pasto como identidade social, além de indicar que pensar essas comunidades é pensar a atividade pecuária em terra comunal com a produção agrossilvipastoril e como isso é regulado pelas próprias comunidades através da política fundiária interna.

Em terceiro lugar, com base na compreensão de onde se dá o *lócus* das comunidades e que comunidades são essas, percebe-se que é a partir daí que se podem tecer considerações sobre quais são as relações que se estabelecem entre essas comunidades e o ambiente natural em que vivem, do qual constroem não só um sistema de produção, mas um modo de vida, de relações e de cultura, por meio dos quais produzem sua existência, existindo aí indubitavelmente uma relação simbiótica entre as comunidades e a Caatinga com todas as suas potencialidades e desafios que acabam sendo condição *sine qua non* para que se possam existir as Comunidades de Fundo de Pasto.

Por fim, destaca-se que os artigos mais recentes, publicados entre os anos de 2013 e 2020, são que melhor discutem a prática das comunidades para a conservação da Caatinga. O que não significa, no entanto, que as comunidades não tenham desenvolvido tais práticas ao longo dos séculos de sua existência, mas que novos desafios se estabeleceram e suscitaram outras estratégias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se, a partir deste estudo, que a literatura produzida sobre Comunidades de Fundo de Pasto aborda relações simbióticas entre essas comunidades e a Caatinga de modo a apontar que as Comunidades de Fundo de Pasto e a Caatinga têm uma relação interdependente entre si, pois enquanto as comunidades dependem das características desse bioma para desenvolver seu sistema de produção, a Caatinga é diretamente beneficiada pelas comunidades, uma vez que estas desenvolvem estratégias de conservação para a manutenção dos bens naturais e do ambiente físico.

Dos 22 textos analisados, um artigo apontou que as comunidades desenvolvem práticas que podem prejudicar a Caatinga, como é o caso do superpastejo, e outro artigo apontou que já há uma preocupação das comunidades em manejar melhor a pressão da pastagem sobre as áreas. Estudos posteriores podem avaliar epistemologicamente tais proposições junto às comunidades ou em estudo das literaturas produzidas posteriormente a esta pesquisa.

Por fim, o presente estudo aponta, com base nos artigos analisados, que as comunidades desenvolveram, ao longo do tempo, uma capacidade de resiliência para a superação dos desafios postos, sejam eles antigos como é o caso das épocas de estiagem, sejam eles novos, como no caso da superpastagem, para o seu sistema de produção através de estratégias de uso e conservação da biodiversidade local, porquanto seus bens naturais constituem-se como meio de subsistência das comunidades.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, GCA de; BISPO, R. de S.; RIO, RCN; SANTOS, JCN Avaliação da sustentabilidade de agroecossistemas de fundos de pasto do semiárido da Bahia / Avaliação da sustentabilidade de agroecossistemas de fundos de pastagem no semiárido baiano. **Revista Brasileira de Desenvolvimento**, [S. l.], v. 6, n. 9, pág. 66314–66323, 2020. DOI: 10.34117/bjdv6n9-169. Disponível em: <https://encr.pw/W0lVH> Acesso em: 8 nov. 2022.

ALMEIDA, F. de A. C.; MATOS, V. P.; CASTRO, J. R. de; DUTRA, A. S. Avaliação da qualidade e conservação de sementes a nível de produtor. In: Hara, T.; ALMEIDA, F. de A. C.; CAVALCANTI MATA, M. E. R. M. (eds.). **Armazenamento de grãos e sementes nas propriedades rurais**. Campina Grande: Editora, 2015, p.133-188.

ARAÚJO, W. C. O. **Recuperação da informação em saúde: construção, modelos e estratégias**. Convergências em Ciência da Informação, v. 3, n. 2, p. 100-134, maio/ago. 2020.

ARTICULAÇÃO, Estadual de Fundos e Fechos de Pasto. **O Fundo de Pasto que queremos**. Salvador: 2003.

BRASIL, Ministério da Integração Nacional. **Nova Delimitação do Semiárido**. Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste 2017. Disponível em: http://www.sudene.gov.br/images/arquivos/semiario/arquivos/Relação_de_Municípios_Semiárido.pdf

BRITO, L. T. de L.; BRAGA, M. B.; NASCIMENTO, T. Impactos ambientais da irrigação no Semiárido brasileiro. In: BRITO, L. T. de L.; MELO, R. F. de; GIONGO, V. (Ed.). **Impactos ambientais causados pela agricultura no Semiárido brasileiro**. Petrolina: Embrapa Semiárido, 2010.

CARVALHO, L. D. **Desvelando imagens de um sertão ‘seco e da fome’ e ressignificando saberes**: a proposta da Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido Brasileiro. Pontos de Interrogação, v. 4, n. 1, jan./jun. 2014 Revista do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus II — Alagoinhas-BA. Disponível em <https://encr.pw/EL8p0> Acesso em 20 out. 2022.

CRESWELL, J. W.; CRESWELL, D. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. - 5. ed. - Porto Alegre: Penso, 2021.

DANTAS NETO, J. **Modelos de decisão para otimização do padrão de cultivo em áreas irrigadas, baseados nas funções de resposta da cultura à água**. Dissertação, Universidade Federal de Campina Grande, Pombal, 2015, 125p.

DERMEVAL, D.; COELHO, J. A. P. de M.; BITTENCOURT, I. I. Mapeamento Sistemático e Revisão Sistemática da Literatura em Informática na Educação. In: JQUES, P. A.; SIQUEIRA, S.; BITTENCOURT, I.; PIMENTEL, M. (Org.) **Metodologia de Pesquisa Científica em Informática na Educação**: Abordagem Quantitativa. Porto Alegre: SBC, 2020. (Série Metodologia de Pesquisa em Informática na Educação, v. 2) Disponível em: <https://metodologia.ceie-br.org/livro-2>

FABBRI, S.; OTAVIANO, F.; SILVA, C.; DI THOMMAZO, A.; HERNANDES, E.; AND BELGAMO, A. (2016). **Melhorias na ferramenta Start para melhor suporte ao processo de revisão sistemática**. Em Proc. da 20ª Conferência Internacional sobre Avaliação e Avaliação em Engenharia de Software (EASE'16), Limerick, Irlanda, junho de 2016.

FAO, ITPS, GSBI, SCBD and EC. **State of knowledge of soil biodiversity** – Status, challenges and potentialities, Summary for policy makers. 2020. Rome, FAO. <https://doi.org/10.4060/cb1929en>

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de conteúdo**. 5. ed. Campinas: Autores Associados, 2018.

FREIRE, P.; GONZAGA, M. A. Representações sociais de praticantes de religião de matriz africana sobre a laicidade: um estudo de caso sobre identidades e decolonialidade. **Revista Brasileira de Sociologia do Direito**, v. 7, n. 2, p. p. 157-187, 1 maio 2020.

MEDUGU, I. N.; MAJID, M. R.; JOHAR, F. (2011) **Drought and desertification management in arid and semi-arid zones of Northern Nigeria**. Manag. Environ. Qual. AnInt. J. Vol. 22, 595–611

MING, L. C. Prefácio. In: CARVALHO, A. J. A. de; TROILO, M. H. dos S. F. (orgs.) **Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto**: territórios de riqueza agrobiocultural e convivência com o semiárido. – Salvador> Átema: 2020.

SANTOS, C. M. da C; PIMENTA, C. A. de M.; NOBRE, M. R. C. The PICO strategy for the research question construction and evidence search. **Revista Latino-Americana de Enfermagem** [online]. 2007, v. 15, n. 3 [Acessado 20 maio 2022], pp. 508-511. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-11692007000300023>>. Epub 12 Jul 2007. ISSN 1518-8345. <https://doi.org/10.1590/S0104-11692007000300023>.

SILVA, A. O. da. **Território tradicional de fundo de pasto de Bruteiro e Traíra**: territorialidades contemporâneas e as lutas pela reapropriação social da natureza. Jaguarari: Oxente, 2017.

SOUZA, M. T. de, SILVA, M. D.; CARVALHO, R. de. **Integrative review**: what is it? How to do it? Einstein (São Paulo) [online]. 2010, v. 8, n. 1 [Acessado 18 maio 2022], pp. 102-106. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1679-45082010RW1134>

SOUZA, M. A. R. de; WALL, M.L.; THULER, A.C.M.C.; LOWEN, I.M.V.; PERES; A.M. The use of IRAMUTEQ software for data analysis in qualitative research. **Rev Esc Enferm USP**. 2018;52:e03353 <https://acesse.dev/l1Aau>

TAVARES, K. C. de O.; CRUZ, A. S. da; LIRA, D. R. de; SANTOS, C. A. dos. Identificação de áreas suscetíveis a desertificação do Alto Sertão Sergipano. In: PEREZ FILHO, A.; AMORIM, R. R. (Org.). **Os desafios da Geografia Física na Fronteira do conhecimento**. Campinas: Instituto de Geociências – UNICAMP, 2017.

TORRES, P. R. **Terra e territorialidade das áreas de fundos de pasto no semiárido baiano**. – Feira de Santana: UEFS Editora, 2013.

II - DESAFIOS E ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA NAS COMUNIDADES TRADICIONAIS DE FUNDO DE PASTO

SUBMETIDO À REVISTA GEOSUL
ISSN 2177-5230

Resumo: Existindo há séculos nas áreas de caatinga no Norte e Oeste da Bahia, as Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto funcionam como coletivos que desenvolveram sistemas próprios de convivência com o semiárido brasileiro para a produção agrossilvipastoril em terras comunais. O objetivo deste trabalho foi analisar os desafios e estratégias de resistência das Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto segundo a literatura. Assim, desenvolveu-se uma revisão integrativa de literatura com abordagem qualitativa e de cunho descritivo. Os estudos analisados, sob a égide da análise de conteúdo com a utilização do *software* Iramuteq, revelam desafios diversos à existência das Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto, como a insegurança jurídico-fundiária e o assédio do capital. Para o enfrentamento desses desafios, foram identificadas, dentre outras estratégias de resistência, a organização jurídica, a produção agroecológica e a resiliência.

Palavras-chave: Caatinga. Ecologia Humana. Comunidades Tradicionais. Conservação da biodiversidade agropastoril.

CHALLENGES AND RESISTANCE STRATEGIES IN TRADITIONAL COMMUNITIES OF FUNDO DE PASTO

Abstract: Existing for centuries in the caatinga areas in the north and west of Bahia, the Fundo de Pasto Traditional Communities function as collectives that have developed their own systems of coexistence with the Brazilian semi-arid region for agrosilvopastoral production on communal lands. The objective of this work was to analyze the challenges and resistance strategies of the Traditional Communities of Fundo de Pasto according to the literature. Thus, an integrative literature review was developed with a qualitative and descriptive approach. The studies analyzed, under the aegis of content analysis, reveal various challenges to the existence of Traditional Communities of Fundo de Pasto, such as legal and land insecurity and capital harassment. To face these challenges, among other

resistance strategies, legal organization, agroecological production and resilience were identified.

Keywords: Caatinga. Human Ecology. Traditional Communities. Conservation of agropastoral biodiversity.

DESAFÍOS Y ESTRATEGIAS DE RESISTENCIA EN COMUNIDADES TRADICIONALES DE FUNDO DE PASTO

Resumen: Existentes desde hace siglos en las áreas de caatinga del norte y oeste de Bahía, las Comunidades Tradicionales del Fundo de Pasto funcionan como colectivos que han desarrollado sus propios sistemas de convivencia con el semiárido brasileño para la producción agrosilvopastoril en tierras comunales. El objetivo de este trabajo fue analizar los desafíos y estrategias de resistencia de las Comunidades Tradicionales de Fundo de Pasto según la literatura. Así, se desarrolló una revisión integrativa de la literatura con un enfoque cualitativo y descriptivo. Los estudios analizados, bajo la égida del análisis de contenido con el uso del software Iramuteq, revelan varios desafíos a la existencia de las Comunidades Tradicionales del Fundo de Pasto, como la inseguridad jurídica-territorial y el hostigamiento del capital. Para enfrentar estos desafíos, se identificaron, entre otras estrategias de resistencia, la organización legal, la producción agroecológica y la resiliencia.

Palabras clave: Caatinga. Ecología humana. Comunidades Tradicionales. Conservación de la biodiversidad agropastoril.

Introdução

A caatinga possui uma memória pré-histórica que deve ser valorizada baseada na relação de um sistema ecológico que venha a pensar a sua sustentabilidade. Some-se a isso, o fato que a caatinga é território de um coletivo diverso de produção de existências e resistências como “[...] morada de centenas de povos e comunidades tradicionais a exemplo dos povos indígenas, comunidades quilombolas, de terreiro, fundo de pastos, pescadores artesanais, ciganos, vazanteiros, entre outras” (MARQUES, 2014, p. 64).

Historicamente, porém, são direcionados à caatinga e seus ecossistemas, olhares estigmatizados em concomitância ao descaso do Estado e indiferença das gentes das

demais regiões do Brasil, o que só favorece o desconhecimento de sua diversidade cultural e humana e, consequentemente, à negação das identidades das gentes desse lugar além de ser o bioma mais desvalorizado e desconhecido do ponto de vista biológico.

A partir dessas reflexões, pensar ações contextualizadas com o Semiárido Brasileiro e a caatinga é também pensar ações a nível planetário, na construção de ações locais para o fortalecimento e valorização das identidades catingueiras. Sendo assim, as ações desenvolvidas para a sustentabilidade da caatinga são, sem dúvida, ações que contribuem não somente para as pessoas que vivem no Semiárido, mas para todas as outras formas de vida no planeta.

Nesse sentido, a caatinga, deve ter sua relevância reconhecida no contexto planetário, não só no sentido ambiental, mas também social pois são diversas populações que nela vivem, incluindo as comunidades de fundo de pasto. Essas populações compõem o patrimônio histórico e cultural para o Brasil e o mundo, pois detêm um conhecimento tradicional único sobre a biodiversidade da caatinga.

Com o aumento da população e do uso do solo do Semiárido para fins não agroextrativistas, as Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto (CTFP) estão ameaçadas por desafios diversos que se interpõem em suas vivências seja do ponto de vista jurídico, político, econômico ou ecológico. Nesse sentido, o presente estudo tem como perguntas norteadoras: quais os desafios que estas têm enfrentado à sua existência ao longo dos anos? Quais são as estratégias de enfrentamento que garantem a sua existência e permanência em seus territórios?

Para responder a estas questões, partimos da hipótese de que as CTFP ressignificam suas lutas e desafios e constroem a partir de saberes ancestrais novas estratégias ecológicas e econômicas que garantem a permanência em seus territórios.

Desse modo, o presente trabalho, sob a abordagem qualitativa e de cunho descritivo, faz uma revisão integrativa de literatura com o objetivo de: discutir os desafios e estratégias de resistência das Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto segundo a literatura.

Material e Métodos

A pesquisa foi realizada com base na abordagem qualitativa como possibilidade de uma análise mais ampla dos fenômenos estudados (CRESWELL; CRESWELL, 2021).

Para coleta de dados utilizou-se o acrônimo PICO para a descrição dos elementos da pesquisa, considerando (P) População, (I) Interesse, (Co) Contexto. Outros acrônimos

podem ser utilizados na realização de estudos, no entanto optou-se neste estudo pela abordagem de Santos et al. (2007) que indicam que o acrônimo PICO é considerado como uma estratégia potencial para a realização de pesquisas qualitativas, na qual comunidades de Fundo de Pasto é P; os desafios e estratégias das comunidades é I, e o conjunto de artigos que falam sobre essas comunidades é Co.

Seguindo a orientação de Souza et al. (2010) e Dermeval et al. (2020) foram elaborados os protocolos da pesquisa, incluindo-se a questão de pesquisa, bem como o delineamento dos objetivos, critérios de inclusão e seleção dos procedimentos de análise dos dados para a revisão integrativa. As bases de dados escolhidas, tendo como referência a área de interesse para a coleta de dados foram: Base de Dados da Pesquisa Agropecuária (BDP@), International Information System for the Agricultural Sciences and Technology (AGRIS), Elton Bryson Stephens Company (EBSCO), Scielo, Scopus e Web of Science. A busca nas bases foi realizada durante o mês de dezembro de 2021, utilizando a chave de busca: “fundo de pasto” OR “fundos de pasto” OR “fecho de pasto”, sendo aceitos artigos publicados em qualquer período ou idioma.

Para a organização dos textos identificados, selecionados e extraídos para a análise optou-se pelo uso do *software* StArt, o qual possibilita aplicar os critérios de inclusão e exclusão (os quais estão descritos no Quadro 1), identificação da origem dos textos por bases de dados, exclusão de estudos repetidos, extração e sumarização dos estudos.

Quadro 1. Critérios de inclusão e exclusão para a seleção dos estudos

Critérios de Inclusão	Critérios de Exclusão
Serão incluídos artigos completos publicados em periódico ou anais de eventos	Serão excluídos trabalhos que não se enquadrem na categoria artigo completo publicados em periódicos ou anais de eventos
Serão incluídos artigos publicados em qualquer idioma	Serão excluídas revisões de literatura
Serão incluídos artigos publicados em qualquer período, desde que disponível a partir das bases de dados consultadas	Serão excluídos trabalhos duplicados em bases de dados
	Serão excluídos trabalhos que não possibilitem acesso integral
	Serão excluídos trabalhos cujo foco da discussão não sejam, principalmente, as comunidades de fundo de pasto
	Serão excluídos trabalhos que apresentem ao menos um critério de exclusão

Fonte: Autoria Própria.

Para a seleção dos estudos, inicialmente foi realizada a leitura do título, do resumo e das palavras-chave de cada artigo identificado nas bases de dados. Após essa etapa foi

verificada a coerência com os objetivos do presente estudo, em seguida realizou-se a pré-análise dos artigos com análise indutiva fazendo a leitura completa dos artigos e, posteriormente, a codificação pelo *software* Iramuteq, sendo criadas categorias de análise a partir do método de Classificação Hierárquica Descendente (CHD) (SOUZA et al, 2018).

Desse modo, a CHD gerou diagramas em estilo de árvore, os chamados dendrogramas, com as classes de palavras, que serão expostas no presente trabalho utilizando-se a análise contextualizada das palavras dentro das respectivas Unidades de Contexto (UC). Os dendrogramas e as palavras por classe serão apresentados em figuras e analisados à luz da literatura na sessão de resultados e discussão.

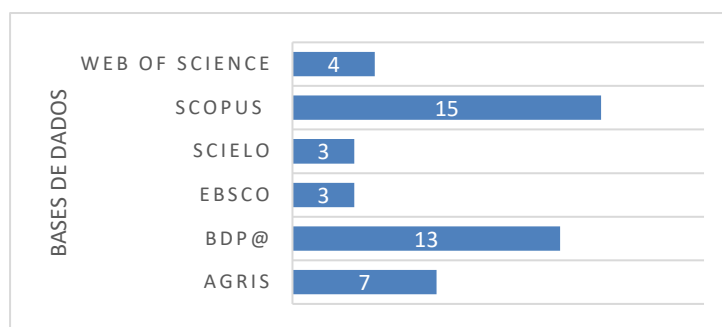
Os dados foram analisados através da análise de conteúdo, tomando como aporte teórico o trabalho de Franco (2018), o que possibilitou criar as categorias de análise que são: os desafios enfrentados pelas comunidades, as estratégias de resistência utilizadas pelas comunidades. Essas categorias foram criadas com base na incidência de enunciados e conteúdos que são recorrentes nos artigos, possibilitando criar registros a partir de palavras ou frases, as chamadas unidades de registro (FRANCO, 2018). Além disso, é válido destacar que essas unidades de registro foram analisadas dentro do contexto em que se inserem, ou seja, as narrativas que se apresentam nos artigos, que são as chamadas UC.

É válido ressaltar que a análise das classes no Iramuteq se faz sempre da esquerda para a direita, com vistas a perceber o encadeamento dos sentidos no conteúdo discursivo dos enunciados (SOUZA et al, 2018), portanto, quando da apresentação das análises dos dendrogramas, essas são feitas considerando-se a orientação da análise do *software* e não em numeração ordinal.

Resultados e discussão

As bases de dados pesquisadas retornaram um total de 45 textos. Entretanto, dos textos retornados nem todos eram artigos, pois foram encontrados resumos simples, resumos expandidos, dissertações, capítulos de livros e livros. Desse modo, a Figura 1 apresenta o quantitativo total de retorno das bases de dados. Esse quantitativo aponta para os dados brutos, sem a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão.

Figura 1. Quantitativo de artigos retornados das bases de dados



Fonte: Autoria Própria.

Posterior à busca, foram aplicados os critérios de inclusão e exclusão visando eliminar dos resultados todos os trabalhos que não se enquadrassem na categoria artigo completo publicado em revistas ou anais de eventos, bem como os artigos que estivessem duplicados nas bases. Sendo assim, chegou-se a um quantitativo final de 22 artigos, os quais foram considerados aptos para a revisão e organizados conforme a disposição do StArt, pois esse *software* classifica os dados considerando o título, a autoria do texto, ano de publicação, o periódico ou evento em que o artigo foi publicado e a base de dados em que o artigo se encontra. Um elemento adicionado ao longo da análise foi o código da Unidade de Contexto (UC), o qual será utilizado sempre que essas unidades forem evocadas ao longo da análise para ilustrar como aparecem nos artigos analisados. O Quadro 2 apresenta os artigos incluídos na análise conforme os critérios de inclusão, elaborada com as informações dispostas pelo *software* StArt e apresenta o código UC, forma escolhida para identificar os artigos ao longo deste estudo.

Quadro 2. Artigos incluídos na análise conforme os critérios de inclusão

Título	Autoria	Ano	Periódico	Base de dados	Código da Unidade de Contexto
Gestão ambiental para a sustentabilidade dos fundos de pastos no Semiárido baiano.	MAIA NETO, A. L.	2013	Revista Bahia Agrícola	BDP@	UC1
Prendre en compte les strategies des eleveurs dans l'orientation d'un projet de veveloppement: le cas d'une petite region du sertao brasilien.	CARON, P.; PREVOST, F; GUIMARAES FILHO, C; TONNEAU, J.P.	1992	II Simpósio Internacional Sobre o estudo dos sistemas pecuários sob a perspectiva de pesquisa e desenvolvimento	BDP@	UC2
Recomposição da agricultura familiar e coordenação dos produtores para a gestão de bens comuns no Nordeste brasileiro	SABOURIN, E.; MARINOZZI, G.	2001	Revista Política & Trabalho	BDP@	UC3
Sistemas agrossilvipastoris: uma alternativa para criação de caprinos em comunidades tradicionais do sertão baiano do São Francisco.	CAMPANHA, M. M.; Holanda Junior, E. V.	2008	Embrapa Caprinos e Ovinos	BDP@	UC4
Utilização de áreas comunitárias para produção de caprinos e ovinos: o caso dos fundos de pasto do semi-árido baiano.	HOLANDA JUNIOR, E.V.; LIMA, E. P.	2006	Workshop Manejo de la Vegetación Nativa para la Producción de Caprinos y Ovinos en las Areas Aridas y Semi-áridas de América Latina	BDP@	UC5
Connecting Public Policies for Family Farmers and Womens Empowerment: The Case of the Brazilian Semi-Arid	BRANDÃO, E. A. F. SANTOS, T da R.; RIST, S.	2020	Sustainability	AGRIS	UC6
Enjeux Fonciers et Gestion Des Communs Dans Le Nordeste Du Bresil: Le Cas Des Vaines Patures Dans La Region De Massaroca-Bahia	SABOURIN, E.; CARON, P.; SILVA, P. C. G. da.	1995	Les Cahiers de la Recherche Developpement	AGRIS	UC7
O manejo dos "fundos de pasto" no Nordeste baiano: um exemplo de reforma agrária sustentável	SABOURIN, E.; CARON, P.; SILVA, P. C. G. da.	1999	Raízes - Revista de Ciências Sociais e Econômicas	AGRIS	UC8
Restrição inconstitucional do direito a regularização de terras das Comunidades de Fundo e Fecho de Pasto	SARAIVA, W. CABRAL; DE PONTES, A. C. A.	2018	Revista de Direito Agrário e Agroambiental	EBSCO	UC9
A margem de quatro séculos e meio de latifúndio: Razoes dos fundos de pasto na história do Brasil e do Nordeste (1534-1982)	FERRARO JÚNIOR, L. A.; BURSZTYN, M.	2008	Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Sociedade e Ambiente-ENANPPAS	Scopus	UC10

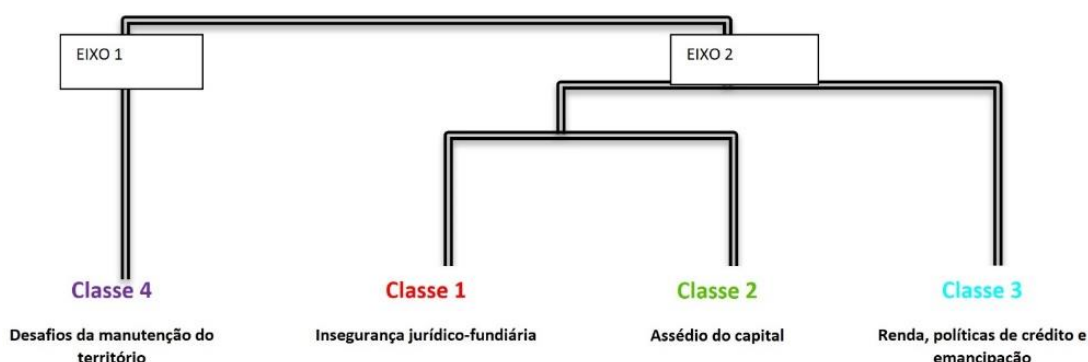
As comunidades de Fundo e Fecho de Pasto na Bahia: luta na terra e suas espacializações	ALCÂNTARA, D. M. de; GERMANI, G. I.	2010	Revista de Geografia (Recife)	Scopus	UC11
Forma de ocupação da terra como bem cultural: estudo jurídico dos Fundos de Pasto da Bahia e sistema faxinal do Paraná	SÁ, A. A. de	2007	Congresso nacional do CONPEDI	Scopus	UC12
Fundo de pasto: um conceito em movimento	ALCÂNTARA, D. M. de; GERMANI, G. I.	2009	VIII Encontro Nacional de ANPEGE	Scopus	UC13
Imaginário, emancipação e colonialidade: estudo das intervenções sociais no movimento dos Fundos de Pasto da Bahia	FERRARO JÚNIOR, L. A.; BURSZTYN, M.	2010	Revista da FAEEBA	Scopus	UC14
Family Farmers' Perceptions of the Impact of Public Policies on the Food System: Findings From Brazil's Semi-Arid Region	BRANDÃO, E. A. F.; SANTOS, T. DA R.; RIST, S.	2020	Frontiers in Sustainable Food Systems	Scopus	UC15
Resiliência a mudança climática em Comunidades de Fundo de Pasto na região semiárida do Estado da Bahia, Brasi006C	GAIVIZZO, L. <i>et al.</i>	2019	Sociedade e natureza	Scopus	UC16
Tradição e Territorialidade nos fundos de pasto da Bahia: do capital social ao capital político	FERRARO JÚNIOR, L. A.; BURSZTYN, M.	2008	IV Encontro Nacional da Anppas	Scopus	UC17
Sustainability of the remaining agricultural Commons in the Brazilian Northeast: challenges beyond management	FERRARO JÚNIOR, L. A.; BURSZTYN, M.; DRUMMOND, J. A.	2017	Journal of the Geographical Society of Berlin	Web of Science	UC18
The agrarian space of the Brazilian semi-arid region: the dichotomies between the space of irrigated agriculture and the space of traditional agriculture	BRANDÃO, E. A. F.; RIST, S.	2020	Studies in Agricultural Economics	Web of Science	UC19
Rural development in the Sertão do São Francisco, Bahia: an interpretation based on the trajectories of peasant families of the territory	MONTEIRO, D.; GUEDES, C. A. M.	2021	Interações, Campo Grande	Scielo	UC20
As comunidades de fundo de pasto e o processo de formação de terras de uso comum no semiárido brasileiro	MARQUES, L. de S.	2016	Soc. & Nat., Uberlândia	Scielo	UC21
Das sesmarias a resistência ao cercamento: razões históricas dos Fundos de Pasto	FERRARO JÚNIOR, L. A.; BURSZTYN, M.	2010	Caderno CRH	Scielo	UC22

Fonte: Autoria própria.

Desafios enfrentados pelas comunidades

A categoria “Desafios enfrentados pelas comunidades” retornou um conjunto de 4 classes agrupadas em dois eixos. Essa categoria arrola desafios que, segundo os dados da pesquisa, podem surgir do meio interno da comunidade ou do meio externo, impostos por outros fatores. Nesse sentido, as classes apresentadas apontam como estão organizados os principais desafios enfrentados pelas comunidades (Figura 2).

Figura 2. Dendrograma da categoria Desafios enfrentados pelas comunidades



Fonte: Autoria própria.

A classe 4 indica os desafios que as comunidades enfrentam para a manutenção ambiental e a garantia da integridade espacial do território, pois quando analisadas dentro das unidades de contexto (UC) as palavras que são destacadas na classe (recurso, redução, vulnerabilidade, umbuzeiro, intensificação, líder, seca) estão intrinsecamente ligadas às questões socioambientais que requerem tanto a atuação das comunidades quanto a articulação de políticas públicas para que juntas essas ações possam viabilizar melhorias diretas para o funcionamento dos modos de vida dessas comunidades.

Nesse sentido, as diferentes UC destacadas na Figura 2 indicam situações múltiplas que se apresentam como desafios às comunidades para a manutenção do território em pelo menos três tipos. O primeiro deles, apresentado pela UC 16, diz respeito à crise ambiental que afeta os períodos de estiagem e agrava seus impactos, pois apesar desses períodos já serem conhecidos pelas comunidades como um fenômeno natural, atualmente apresenta-se de forma acentuada por sofrer a interferência das atuais mudanças climáticas.

[...] um dos relatos de maior relevância dos líderes das CFP relacionados aos impactos da última seca foi a observação do recente ciclo de morte de plantas nativas da Caatinga. Além de uma redução de quase 40% da população dos umbuzeiros, os líderes mencionam a redução da população das macambiras (*Bromelia laciniosa*), uma espécie endêmica do bioma (UC 16).

O segundo tipo de desafio diz respeito às questões que abordam a manutenção do território do ponto de vista sociopolítico. Porquanto há, a partir dos dados, uma necessidade veemente de criação de políticas públicas para a garantia da produção alimentar das famílias em suas comunidades, viabilizando a diversificação dos modos de produção no território para que não sejam impelidas a aumentar seus rebanhos com o intuito de produzir mais renda e adquirir, com essa renda, alimentos majoritariamente fora das comunidades. Esse é um desafio para o fortalecimento dos sistemas agrossilvipastoris que são as formas de produção das comunidades de fundo de pasto. Sem esse fortalecimento o desafio sociopolítico que se impõe é o da negação do direito da soberania e segurança alimentar.

Na unidade de contexto 15 o artigo analisado traz relatos de seu estudo enfatizando:

[...] a falta de políticas públicas que estimulem a autonomia na produção de alimentos na propriedade. [...]. Finalmente, os participantes expressaram preocupação com sua participação adicional nos processos de formulação de políticas após a cessação do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (CONSEA) em janeiro de 2019 (UC 15).

Essa viabilização da produção alimentar, por meio de políticas públicas que favoreçam o fortalecimento de práticas agrossilvipastoris, beneficia não só as pessoas das comunidades, mas o próprio meio ambiente, pois como apontam Weimann et al. (2017) são sistemas viáveis socialmente, economicamente e ambientalmente. E isso reverbera em um terceiro tipo de desafio que é a necessidade do desenvolvimento de planos de manejo apropriados e contextualizados com a realidade da Caatinga.

Nesse sentido, tal desafio se revela como o fator mais ligado às possibilidades diretas de intervenção das comunidades sobre o ambiente, pois o desenvolvimento de planos de manejo apropriados pode diminuir o superpastejo sobre o bioma e favorecer uma recuperação mais rápida das áreas impactadas tanto pelos períodos de estiagem quanto pelo superpastejo das áreas.

Como a crescente pressão sobre os recursos naturais compromete a existência destas comunidades e de seus meios de produção, torna-se importante adotar um manejo racional da caatinga (UC 4).

É importante destacar, no entanto, que apesar das comunidades terem autonomia para a construção e execução dos planos de manejo, há outros desafios que indicam uma amplitude da complexidade que enreda essa realidade, é preciso questionar se existem políticas públicas pensando uma assistência técnica que consiga estabelecer um intercâmbio entre os saberes das comunidades e os saberes técnico-científicos, bem como buscar garantir o desenvolvimento de planos de manejo concomitante à implementação de políticas públicas de fortalecimento de um sistema de produção mais completo, favorecendo a segurança alimentar das comunidades.

Essas são reflexões das quais não se pode furtar ao pensar tais desafios enfrentados pelas comunidades de fundo de pasto e a literatura ainda não aponta.

Paralelo a isso, há outros desafios que se impõem a essas comunidades, os quais estão no âmbito da insegurança jurídico-fundiária, como aponta a classe 1, por meio das palavras: tradicional, regularização, direito, título, apropriação.

Os desafios suscitados nessa classe trazem apontamentos que direcionam a presente análise a ponderar que há uma desvalorização na forma como as comunidades de fundo de pasto são vistas, uma vez que a não aceitação política e jurídica sobre o modo de vida sociocultural e o sistema produtivo dessas comunidades impede deliberadamente, que se tenha acesso à necessária regularização fundiária e, conseqüentemente, à garantia de direitos.

[...] terras comuns de uso tradicional são consideradas formas atrasadas e vestigiais, imobilizam terras e impedem-nas de constituir-se fator de produção livremente utilizado [...] (UC 17).

[...] a dificuldade que os povos tradicionais ainda encontram para seu reconhecimento externo, em especial quando este pode significar a aquisição de direitos territoriais (UC 9).

Tais desafios revelam que o enfrentamento político não é suficiente para a sua superação, é necessário, portanto, que haja garantia e fiscalização jurídica para a concretização de uma segurança fundiária que assegure a manutenção e a integridade das comunidades de fundo de pasto, porquanto dentre o conjunto de desafios postos nessa classe, aponta-se que há violações de direitos não somente no que tange à posse da terra como também à própria vida, no sentido mais estrito da palavra, pois:

Fruto direto da ausência do estado em regular esses conflitos e proteger de forma eficaz as comunidades, permanecem relatos diversos, como na situação fundiária de Monte Santo, marcada por forte concentração de terras e ações de violência de origem latifundiária, que semeou os corpos de seis integrantes de comunidades de fundo de pasto sobre o semiárido nos últimos cinco anos, impunemente (UC 9).

Nesse sentido, a insegurança jurídico-fundiária (classe 1) se materializa quando o estado se omite perante as necessidades das comunidades, o que acaba favorecendo os detentores de maior capital como os grileiros e grandes latifundiários.

Essa omissão estatal acarreta mais que desafios, transforma-se em ameaças que se impõem diante das comunidades em um volume ainda maior de risco à produção e reprodução dos seus modos de vida. Desse modo, a situação de insegurança jurídico-fundiária tem como peso maior o fato de as terras de uso comum continuarem sendo públicas e podendo, a qualquer momento, ser reivindicadas pelo estado sob a alegação de interesse público.

Tais desafios referem-se tanto à lentidão por parte do poder público na regularização fundiária das áreas comunais, como à natureza do instrumento de regularização, a Concessão de Direito Real de Uso, segundo a qual a propriedade da terra coletiva

continua sendo pública. Em uma das comunidades visitadas, Comunidade do Retiro (Mapa 1), que tem 28 mil hectares de área coletiva e está sob a gestão de 600 famílias de CFP, somente cerca de 2 mil hectares estão regularizados (UC 16).

Isto posto, é possível ponderar que há um projeto social de desarticulação das comunidades de fundo de pasto que conecta a não regularização das terras com o desmonte dos seus modos de vida.

As terras comunais são fundamentais para a principal atividade econômica e fonte de renda das comunidades (criação de cabras), demandando grandes extensões de terra. Além disso, o território está imbricado com a cultura e a identidade das comunidades, cujas conexões com a terra vão além dos objetivos de reprodução do capital. Acima de tudo, enquanto as comunidades não possuem títulos de terra, elas permanecem vulneráveis ao deslocamento, especialmente à luz do recente avanço do capital nessas áreas e da frequência da apropriação de terras (UC 15).

Assim, tal risco ameaça a produção dos modos de vida da comunidade, gerando incertezas sobre a regularização dessas terras e o direito à propriedade, bem como ameaça a sua reprodução pelas gerações mais jovens que mediante os constantes desafios, ameaças e incertezas tendem a deslocar-se para as cidades em busca de outros meios de produção da existência.

Com isso, abre-se espaço para a análise da classe 2, a qual aponta o assédio do capital sobre as terras das comunidades. Essa classe traz luz às estratégias utilizadas por agentes externos a serviço do grande capital para expropriar as comunidades de suas terras, inclusive com o suporte do estado, o que pode ser percebido quando se destacam na classe as palavras grilagem, Bahia, governo, especulação, projeto. Desse modo, os dados da pesquisa apontam unidades de contexto que indicam como esses desafios são postos perante a comunidade com tal suporte estatal.

Os representantes das comunidades de Fundo de Pasto e das organizações associadas referem-se ao “Projeto Sertanejo” (década de 1980) e a outros programas do governo da Bahia como processos de apoio e financiamento para aquisição e cercamento (grilagem) de terras. O aumento da vulnerabilidade das populações locais e de sua consequente desterritorialização decorre também dessas ações de governo [...] (UC 22).

A partir da UC 22, percebe-se que tais projetos geraram impactos diretos e indiretos nas comunidades cujos desdobramentos reverberam no seu funcionamento interno, acarretando conflitos. Além disso, outras UC demonstram projetos que despontam como agravantes dos desafios enfrentados pelas comunidades as quais, mediante a não regularização de suas terras, estão sujeitas à expropriação.

Com monoculturas como soja ou milho, as plantações de eucaliptos, o crescimento da pecuária, especialmente bovina, somaram-se a projetos de combustíveis vegetais, em especial mamona e cana de açúcar. Esse desenvolvimento significou pressão crescente na ameaça de apropriação das terras das comunidades de fecho e fundo de pasto,

independentemente da ancianidade de suas posses, inflamando conflitos nos quais as comunidades sofreram sucessivos revezes (UC 9).

Este contexto aponta para um cenário de inseguranças, ameaças, conflitos que atingem as comunidades, desarticulando suas possibilidades de reação mediante o assédio do capital, que tem como respaldo a omissão do estado para com as comunidades.

Nesse sentido, a organização das comunidades para pensar estratégias de superação dos desafios fica ainda mais limitada, uma vez que, segundo as publicações analisadas, ao longo do tempo foram se instalando vários projetos que colocaram as comunidades em situação de precarização de seus sistemas produtivos ou, como destaca a UC 8 a seguir:

[...] em um contexto de insegurança exacerbada. Na região de Massaroca, isto se deve às especulações fundiárias geradas pela concepção de um projeto de irrigação, o Salitrão, cujo primeiro traçado compreende as áreas de Fundo de Pasto de várias comunidades (UC 8).

Depreende-se daí que há um contínuo processo de investimentos em terras tradicionalmente ocupadas, que visam não só retirar as comunidades de fundo de pasto de suas terras, mas o desmonte de seus modos de vida, consolidando-se como desafios que se colocam frente às comunidades, como barreiras difíceis de ser superadas em face de sua fragilização histórica, do avanço do capital e da omissão do estado.

A última classe elencada é a classe 3, a qual aponta para um olhar sobre renda, políticas de crédito e emancipação. Agrupam-se nessa classe as palavras familiar [agricultura], declaração, fortalecimento, mercado, imposto. Esse agrupamento revela desafios que estão atrelados ao sistema social econômico, porquanto a participação das comunidades na economia de base capitalista requer a apreensão de práticas exógenas ao modelo de economia tradicional, como é o caso das políticas de acesso a crédito que requerem uma série de documentações, declarações e impostos.

Esse modelo vai de encontro à prática socioeconômica das comunidades de fundo de pasto, a qual é baseada na relação de parentesco e compadrio como fundamento de confiança para o desenvolvimento das estratégias comerciais com outras comunidades e em feiras (SILVA, 2017).

Nesse sentido, os estudos apontam que as comunidades se veem diante de um dilema quando da implementação de políticas públicas para o reconhecimento e a valorização dos sistemas produtivos das comunidades de fundo de pasto.

Com o avanço do sistema capitalista estas são impelidas a adentrar um mercado desigual onde predominam as ideias do lucro, da vantagem e da exploração indiscriminada dos bens naturais. Ao mesmo tempo, se as comunidades não participam desse tipo de sistema, seus

modos de vida são entendidos como atrasados, o que acarreta a não implementação de políticas públicas de reconhecimento e/ou fortalecimento destas.

Os agricultores familiares devem estar inscritos em um cadastro administrativo nacional como a Declaração de Aptidão ao PRONAF (DAP), que é uma ferramenta utilizada pelo Governo Federal para identificar as Unidades Familiares e dar-lhes reconhecimento legal (UC 15).

Destarte, sem o reconhecimento e as políticas de fortalecimento das comunidades de fundo de pasto, essas pessoas ficam sujeitas aos processos de expropriação, à sua marginalização na sociedade e sem garantia da emancipação socioeconômica mediante as práticas desiguais da economia de base capitalista.

[...] as medidas governamentais de atração de capital no meio rural – como isenção de impostos, concessão de crédito e flexibilização das leis trabalhistas – têm contribuído para a “territorialização” do capital e a “desterritorialização” dos agricultores familiares (UC 15).

Os agricultores familiares enfrentam desvantagens, pois carecem de capital e infraestrutura de transporte – estando longe dos mercados que precisam acessar – e, além disso, têm acesso limitado à água e, legalmente, não têm acesso à terra. Todos esses elementos juntos se traduzem em impotência (UC 19).

Ou seja, o que os estudos elencados neste trabalho revelam através da classe 3 é que há um desafio que atravessa todo o funcionamento das comunidades, interferindo diretamente nas relações socioeconômicas de seu sistema produtivo e na sustentabilidade de sua identidade como comunidades tradicionais.

Uma análise das quatro classes (manutenção do território; insegurança jurídico-fundiária; assédio do capital; renda, políticas de crédito e emancipação) criadas pelo *software* Iramuteq, é possível perceber que todos os desafios oferecem sérios riscos às comunidades de fundo de pasto, ameaçando suas terras, os bens naturais dos quais fazem uso, seus direitos legalmente adquiridos enquanto comunidades tradicionais e, sobretudo, suas próprias vidas.

Com base na percepção de tais desafios elencados pela literatura, a presente revisão buscou identificar as estratégias de resistência e/ou permanência na terra que são desenvolvidas pelas comunidades de fundo de pasto para o enfrentamento dos desafios postos, apresentadas na seção a seguir.

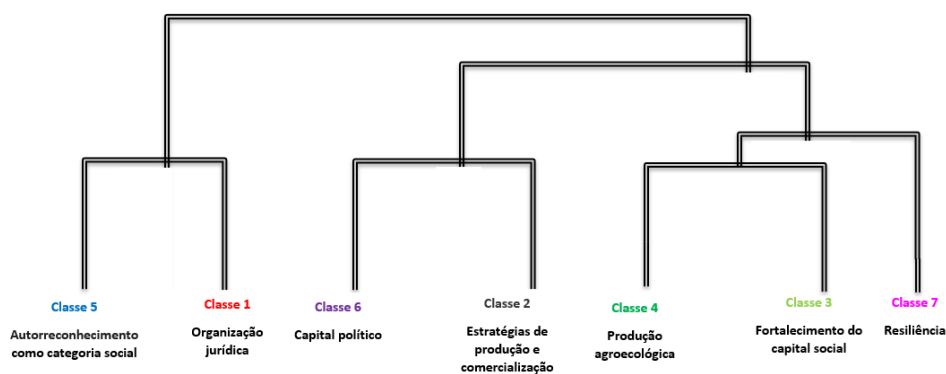
Estratégias de resistência das comunidades

Se a literatura indica que as comunidades de fundo de pasto enfrentam desafios que atravessam diversos âmbitos de sua organização, aponta, por outro lado, formas de organização para o enfrentamento e superação, construindo estratégias mobilizadas internamente e em articulação com outras instâncias sociais.

Nesse sentido, a análise da literatura revelou sete classes de palavras onde se podem perceber as estratégias de resistência das comunidades frente aos desafios postos. Essas classes agregam eixos, cujo conteúdo da literatura analisada aponta mobilizações diversas, indicando que as comunidades não ficam à mercê do estado e aguardando sua intervenção, mas que se agenciam com múltiplas forças, pois múltiplos são seus desafios como se pode observar na Figura 3.

Mais peculiar ainda é a disposição dessas classes ao longo da Classificação Hierárquica Descendente (CHD) pois, considerando-se que a análise das classes se faz sempre da esquerda para a direita, esta revela que as estratégias iniciam com o autorreconhecimento das comunidades e passam por uma série de organizações internas, sociais e políticas o que viabiliza o alcance da última classe apontada na CHD que é a capacidade de resiliência dessas comunidades frente aos desafios postos (Figura 3).

Figura 3. Dendrograma da categoria Estratégias de resistência.



Fonte: Autoria Própria.

Desse modo, a classe 5 por meio das palavras constituição, categoria, conflito, resistência, fundo de pasto, indicam o autorreconhecimento das comunidades como categoria social, por meio da qual passam a se assumir politicamente para acessar direitos constitucionais e garantir a produção de sua existência.

[...] por iniciativa de fazendeiros estimulados por leis municipais, iniciou-se um período de conflitos que levaram à organização das comunidades pastoris e à formulação de sua categoria (UC 22).

Elas se tornam visíveis a partir do conflito estabelecido para se manter na terra e sua identidade é (re)afirmada na resistência e na luta contra a expropriação e a manutenção do seu modo de vida (UC 11).

O próprio conflito e a necessidade de acumulação de forças políticas para enfrentá-lo estimularam a organização social das comunidades de fundo de pasto (UC 17).

Ou seja, a assunção dessa categoria não parte de um estímulo interno, mas de um agente externo que se revela como ameaça às comunidades e estas são impelidas a buscar estratégias de permanência em suas terras e, nesse sentido, o autorreconhecimento é fundamental.

Para tanto, esse autorreconhecimento como categoria social ganha o apoio de instituições públicas e movimentos sociais, fortalecendo a pauta das comunidades. Essa luta encontra eco em brechas de documentos legais já existentes, os quais possibilitaram assegurar direitos para as comunidades.

Os conflitos de terras das décadas de 1970-1980 levaram à organização entre as comunidades pastoris e à origem da categoria “fundos de pasto”. A partir de então três fatores concorreram de modo sinérgico para a preservação desta forma de ocupação na Caatinga baiana: o próprio uso comunal constituído social e historicamente, a organização política (regional e estadual) e a fresta no muro técnico-burocrático do Estado, aberta em função da ação dos órgãos responsáveis (CAR, INTERBA) e da inclusão dos FP na constituição. O uso comunal conferiu uma coesão que resultou em agilidade na mobilização e maior resistência aos processos de grilagem e cercamento das áreas comuns. A articulação entre comunidades, surgida no evento do conflito, ampliou o poder de resistência regional e a visibilidade estadual deste contexto. A fresta na tecnoburocracia do Estado permitiu que esta resistência se convertesse em maior estabilidade na ocupação camponesa e comunal das terras (UC 10).

Nesse contexto de enfrentamento surgem as associações de Fundo de Pasto que, organizadas diante de desafios postos, vão trazendo legitimidade à mobilização. A partir disso, tais associações fortalecem a luta em que se inserem e ampliam as possibilidades de resistência não só politicamente como juridicamente.

A classe 1 aponta – por meio das palavras capital, força, ator, político, articulação – como a organização jurídica das comunidades favorece o reconhecimento interno e externo dessas comunidades. Tal organização jurídica é fundamental para fortalecer as comunidades, garantir sua permanência em suas terras e reafirmar suas identidades.

A criação de associações corresponde a uma modernização das formas de reciprocidade camponesa, num contexto novo, destinado a permitir e a tornar legítimas face à administração e à sociedade global práticas de redistribuição comunitária dos recursos naturais (UC 3).

Com o decreto presidencial de 13/07/2006, representantes dos FP (titular e suplente) passaram a ocupar uma das quinze cadeiras da Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais que são destinadas às populações tradicionais (UC 17).

Desse modo, as comunidades não podem deixar de buscar o reconhecimento jurídico, o que requer dizer da necessidade da formação de associações, elaboração e conservação de documentos resultantes de suas reuniões e demandas de encontros de articulação, participação ativa nas decisões legais e sobre as políticas públicas que lhes dizem respeito.

O reconhecimento oficial da posse desses territórios, que se consolidou por uma espécie de direito costumeiro dos povos quanto aos seus limites e consenso, é, no

presente momento, o ponto candente para, oficializando-se e sendo reconhecida pelo estado, permitir preservação e manutenção de sua identidade social e cultural (UC 9).

Esse reconhecimento é condição *sine qua non* para o fortalecimento do capital político que desponta na classe 6. Ou seja, o reconhecimento jurídico apontado na classe 1 e o fortalecimento do capital político indicado na classe 6, são processos distintos, mas indissociáveis.

Nesse sentido, a classe 6, por meio das palavras estratégia, comitê, valorização e reciprocidade, exprimem a construção e afirmação da identidade política das comunidades diante dos desafios postos, tendo como ponto de partida as lideranças das comunidades como principais atores políticos em defesa dos Fundos de Pasto, formando uma coordenação de suas ações de modo que, frente aos conflitos, a luta pela afirmação da identidade é o ponto de partida para a produção do capital político. Ou seja, a ameaça ao território é uma etapa que:

[...] marca o início do processo da formação da identidade: ação de comunidades e articulação entre comunidades para enfrentar ações de grilagem de terras e as leis municipais que exigiam cercamento das áreas. Este estágio inicial evoluiu para um amplo reconhecimento oficial dos FP, que podemos entender como o desenvolvimento do capital político desta nova identidade (UC 17).

A intensificação das ameaças aos Fundos e Fechos de Pasto tem levado os agricultores a se organizarem em Uniões e Comitês municipais e regionais, o que lhes têm conferido maior peso político e poder de reivindicação para o desenvolvimento e a defesa dos sistemas de Fundo de Pasto com base na valorização do semi-árido (UC 5).

Nesse sentido, tal rede de relações favorece o desenvolvimento de práticas sociais coletivas que se aglutinam em seus territórios para formar, a partir das lideranças, comitês ou coordenações, as quais não atuam somente por meio das estruturas jurídicas formais, pois constituem-se também:

[...] através de relações informais de proximidade. Em Massaroca é o caso da comunidade, do mutirão (ajuda mútua), e das trocas de trabalho; nos perímetros ela realiza-se através da comercialização em comum [...] (UC 3).

Partindo de tais pressupostos, depreende-se que as comunidades de Fundo de Pasto desenvolveram um capital político por meio do qual se mantém atuantes, considerando-se que o capital político confere força política às comunidades, possibilitando-lhes reconhecimento, respeitabilidade, algumas garantias legais provenientes de ações governamentais, bem como de iniciativas não governamentais e da sociedade civil.

No entanto, se por um lado a existência de capital político favorece a permanência das comunidades em diferentes relações externas e em diferentes níveis, por outro lado a sustentação desse capital político constitui-se a partir do desafio da manutenção do diálogo entre os direitos das comunidades e os deveres do Estado.

É nesse sentido que as práticas internas das comunidades se dão no intuito do fortalecimento das redes externas de relações e estas são voltadas não somente para as ações políticas diretas, pois desenvolvem algumas ações que estão no campo político indireto, como vai apontar a classe 2 da presente análise. Ou seja, na classe 2, por meio das palavras mercado, vender, produção, fruta, hortalça, comercialização, se caracteriza um ato político o fato dessas comunidades conseguirem fazer circular não só os produtos, mas sua identidade.

A comercialização organizada por meio de cooperativas e associações reuniu um número significativo de agricultores familiares, possibilitando a criação de economias de escala. Independentemente do mercado institucional, as comunidades agora estão organizadas e preparadas para comercializar sua produção em nível local, regional e nacional, com maior consistência (UC 15).

A comercialização da produção favorece a ampliação da rede de relações de seus sujeitos, não só como possibilidade socioeconômica de manutenção da renda, mas como uma das estratégias de resistência ao desafio da manutenção da renda, acesso às políticas de crédito e a necessidade de emancipação da economia predatória imposta pelo sistema capitalista, o qual é exógeno às práticas comuns nas comunidades tradicionais.

Com isso, pode-se inferir que a proximidade das classes 2 e 4 demonstrada pelo dendrograma (Figura 3), apresenta relações intrínsecas entre as estratégias de produção e comercialização (classe 2) e a produção agroecológica (classe 4), pois se tais estratégias operam no sentido de fazer circular os produtos das comunidades, é necessário observar que tais produtos não são gerados a partir de uma prática predatória ou fundamentada somente na obtenção do lucro. Nesse diapasão vale ressaltar que segundo a Lei nº 14564 de 16/05/2023 a agroecologia é uma:

[...] ciência ou campo do conhecimento transdisciplinar que estuda os agroecossistemas, fundamentada em conceitos, princípios e metodologias socioambientais, visando o desenvolvimento das relações entre capacidade produtiva, equilíbrio ecológico, equidade social e uso e conservação da biodiversidade e dos demais bens naturais por meio da articulação entre conhecimento técnico-científico, saberes e fazeres ancestrais, culturas populares e tradicionais, com foco na sustentabilidade e no respeito às relações de gênero e gerações, respeitando a integridade cultural das comunidades rurais, urbanas e periurbanas (BAHIA, 2023, s/p).

E isso significa dizer também que a teia que envolve esses produtos preocupa-se com as suas condições de produção, que vão acolher – além da perspectiva ambiental – as questões políticas e sociais envolvidas no processo. Nesse sentido, observar a produção agroecológica como uma das estratégias de resistência requer perceber o papel crucial do trabalho das mulheres, as quais, amparadas por políticas públicas, passaram a ocupar importante espaço na organização dos meios de produção da existência das comunidades. Assim:

[...] a combinação de políticas públicas voltadas para os agricultores familiares culminou no engajamento político das mulheres, dando visibilidade a questões de um grupo social que sempre foi negligenciado nessa esfera de poder (UC 6).

Sob esse aspecto, o engajamento das comunidades tem se voltado não somente para a superação de seus desafios externos, mas também internos, ao apontar as condições de invisibilização das mulheres que mesmo fazendo parte das comunidades, são atravessadas por problemáticas interseccionais como, por exemplo, as questões de gênero.

A partir da visibilidade da sobrecarga do trabalho feminino e da renda gerada pela produção agropecuária e pelas atividades não agrícolas das mulheres, esse tema vem sendo discutido em espaços de formação nas comunidades e no território. São as mulheres que, nas ONGs e/ou em instâncias governamentais, vêm questionando a cultura organizacional que invisibiliza o trabalho das mulheres e não questiona as práticas tradicionais de divisão sexual do trabalho que geram sobrecarga para as agricultoras. São movimentos que pressionam as instituições, inclusive as comunitárias, por mudanças nas regras sociais que as regem (UC 20).

A dinâmica das estratégias de produção e comercialização dos produtos não pode estar dissociada de práticas socioambientais conscientes e politicamente engajadas para que todas as pessoas das comunidades possam avançar socialmente e economicamente. Assim, os dados apontam que é premente o reconhecimento do trabalho de produção agroecológica desenvolvido pelas mulheres como uma das formas de resistência das comunidades frente a desafios impostos.

Para tanto, emerge como outro ponto de partida na interpretação dos dados a classe 3, a qual aponta para o fortalecimento do capital social. Essa classe, por meio das palavras território, alimento, contribuir, troca, relação, reciprocidade, indica o conjunto dos recursos reais e potenciais que estão ligados à existência e resistência das comunidades. Esses conjuntos de recursos vão subsidiar a produção e manutenção do capital social, por meio do qual as comunidades garantem a segurança alimentar através da troca de alimentos e sementes crioulas, para assegurar a estabilidade das famílias sobretudo durante os momentos mais desafiadores da estiagem.

[...] produção de alimentos para autoconsumo das famílias, para alimentar relações de reciprocidade com doações e trocas e para comercialização nos mais diversos mercados do território, ao mesmo tempo em que fortalece a luta das famílias pela autonomia, contribui para reunir forças sociais ativas na construção de alternativas de desenvolvimento rural pautadas, em oposição ao modelo de subordinação aos pacotes agroquímicos, por meio do fortalecimento da agricultura camponesa e da soberania alimentar do território (UC 20).

Nesse sentido a segurança alimentar interpõe-se como um desafio às comunidades, as quais têm desenvolvido com propriedade tais estratégias, notadamente quando se destacam as tecnologias sociais, elementos essenciais às práticas das comunidades, pois:

Muitas dessas tecnologias estão fundamentadas na cultura de estocagem de água (como cisternas de consumo e de produção), na produção de sementes (como os bancos de sementes crioulas) e no plantio de forrageiras como a palma [...] (UC 16).

Além disso, a luta pela segurança fundiária também se expressa como capital social, ao se ancorar no fortalecimento das regras coletivas, para coibir a ocupação indevida e/ou venda das áreas privadas e/ou coletivas a pessoas externas às comunidades, especialmente por ser esse o seu maior desafio, uma vez que as comunidades de Fundo de Pasto estão historicamente inseridas em um campo de disputa.

Outro aspecto importante desse tipo de capital social reside na coesão entre as comunidades, mais bem expressa durante os conflitos pela terra. Exemplos são as mobilizações para remover as cercas instaladas pelos grileiros, as pressões sobre os governos locais para a construção de estradas e serviços de saúde e a execução de projetos de interesse comum (como a construção de escolas). Também são relevantes os esforços para difundir a cultura do PF para outros moradores locais (UC 18).

Portanto, segundo os dados obtidos por esta pesquisa, as comunidades têm lançado mão de estratégias que possibilitem a superação de desafios para dar continuidade a seus modos de vida sem que sejam violadas sua cultura, seu território, sua identidade.

Diante disso, a última classe de palavras apresentada no dendrograma gerado a partir da CHD é a classe 7, a qual foi classificada, na análise dos dados, como a capacidade de resiliência das comunidades. Nessa classe, por meio das palavras rede, desafio, decisão, adaptativo, mobilização, coletivo, é possível abalizar que mesmo diante de inúmeros desafios sociopolíticos, as comunidades não se omitiram ao enfrentamento destes. Ao contrário, desenvolveram a capacidade de se reinventar a cada desafio posto.

A coevolução de capacidades adaptativas no sistema socioecológico das CFP pode ser observada no reconhecimento do sistema secular de ocupação e uso comunal do território por meio do estabelecimento de regras coletivas para a gestão dos recursos comuns. Mais recentemente, as estratégias de adaptação das CFP evoluíram para a auto-organização em associações e a organização em redes territoriais. Por meio das redes ocorre o fluxo multidirecional de conhecimentos, com processos de tomada de decisões de caráter policêntrico (UC 16).

Estas “ações em comum” vão se implementando a partir de representações comuns, que por sua vez, são construídas pela socialização de informações já disponíveis e elementares. O apoio a tomada de decisão coletiva passa pelo acesso, pela criação e pelo controle destas informações, tais como custos de gestão dos perímetros e rede hidráulica, cálculo do custo de água, variação dos preços dos produtos no mercado etc. (UC 3).

Tais capacidades adaptativas, de reinvenção das práticas e de ressignificação dos desafios demonstram que as comunidades encaram seus modos de vida não como realidades fatalistas, determinadas e fechadas em si mesmas, mas como coletivos com lutas, desafios internos e externos a serem enfrentados sobretudo com o agenciamento de outras forças.

A lógica que envolve a dinâmica da regionalização pelo movimento popular de luta pela terra das Comunidades de Fundo e Fecho de Pasto tem como objetivo a

articulação da luta coletiva. Neste sentido, o território do Fundo e Fecho de Pasto é um território descontínuo, articulado em rede, onde cada Fundo de Pasto é um nó da rede que se articula em uma malha maior dentro do Estado (UC 11).

Daí emerge a necessidade de articulação com outros movimentos sociais, formação de redes, fortalecimento do capital social e político, organização jurídica, bem como estratégias em diversas esferas para sua existência e resistência como comunidades tradicionais.

É válido notar, ao longo dessa classe, como essa capacidade de resiliência desses sujeitos é simbólica. Ou seja, as comunidades de Fundo de Pasto existem há séculos no Brasil e durante todo esse tempo utilizaram das mais diversas estratégias para enfrentamento dos desafios. Nos momentos mais críticos – assassinato, disputas, expropriação – essas comunidades se articulam, se reinventam e despontam com força interna e externa ainda maior. Isso faz com que sua notoriedade e capacidade de enfrentamento brotem entre as dificuldades, sobretudo mediante situações adversas.

De certo modo, essa capacidade de resiliência expressa uma condição análoga às condições do bioma Caatinga que, mediante situações adversas de estiagem, mudanças climáticas e exploração indevida de seus bens naturais, continua renascendo em vida, se reinventando e fazendo brotar múltiplas possibilidades de reexistência. E, com isso, é possível estimar a existência de uma teia de significados, de sentidos e de correlações entre a resiliência da Caatinga e a resiliência das comunidades de Fundo de Pasto.

É nesse sentido que o olhar paradigmático da Ecologia Humana, como o estudo metadisciplinar das trocas entre as pessoas e o meio ambiente (BONFIM, 2021), contribui para perceber que a resiliência que brota nas comunidades de Fundo de Pasto, germina primeiramente na Caatinga, ambiente em que essas comunidades produzem sua existência.

Isto posto, a Ecologia Humana traz embasamento para olhar tais práticas como modos de vida integrados à natureza em que as comunidades de Fundo de Pasto não só produzem estratégias de enfrentamento e superação dos desafios, como produzem sua existência a partir de aprendizagens com o ambiente em que vivem. Isso demonstra o compromisso e a disponibilidade das comunidades em apreender os sentidos e significados desse ambiente e, portanto, pode-se afirmar um compromisso ético destas para com a manutenção do bioma.

Sob a ótica da Ecologia Humana tais capacidades das comunidades podem ensinar outras pessoas a empreenderem esforços no sentido de construir uma mentalidade voltada para a convivência equilibrada entre todas as formas de vida, inclusive a humana, não se colocando em patamar superior em relação a outros seres. Sobretudo porque a Ecologia Humana está, segundo Bonfim (2021, p. 430):

[...] em sintonia com um dos elementos fundantes das legalidades naturais, que é o princípio da autopoiesis, cuja existência independe do reconhecimento subjetivo do ser humano, pois é independente de sua aceitação; a vida se reproduz a partir de princípios que independem da vontade e da ação humana. Quando a ação humana contraria a ação inexorável de uma legalidade natural, as consequências ameaçam a própria vida humana.

É nesse sentido de um compromisso ético com a vida, que a Ecologia Humana visa contribuir para se pensar a conservação de todas as formas de vida, bem como pensar a emancipação humana da racionalidade aprisionante que não só separa pessoas e natureza, como coloca aquelas em lugar de superioridade desta.

Assim “[...] urge superar o divórcio entre a Natureza e o ser humano. Essa mudança histórica e civilizatória é o maior desafio da Humanidade, se é que não se deseja colocar em risco nossa própria existência” (ACOSTA, 2016, p. 28). Nesse sentido, emancipando-se o ser humano de tal perspectiva de pretensiosa dominação embasada pelos interesses de produção e acumulação do capital, conseguem-se pensar saídas apropriadas às questões planetárias como o desequilíbrio ecológico e as ameaças às mais diversas formas de vida existentes no planeta.

Considerações finais

Discutiu-se ao longo deste trabalho quais são os desafios postos às Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto apontados pela literatura. Atinente a esses desafios, apontou-se também que as comunidades não ficam inertes frente a estes, elas os encaram através de estratégias múltiplas com fortalecimentos internos e externos, por considerar que tais desafios ameaçam sua existência em todos os sentidos da palavra.

As classes geradas a partir da análise dos estudos, apontam quatro classes de desafios e sete de estratégias, podendo-se perceber os impactos diversos que os desafios acarretam às comunidades, bem como que estas possuem alta capacidade de articulação para o seu enfrentamento e defesa da permanência no território em que produzem sua existência.

Assim, se o desafio manutenção do território se apresenta às comunidades (classe 4 dos desafios), estas surgem com as estratégias de produção e comercialização (classe 2 das estratégias); se emerge a insegurança jurídico-fundiária (classe 1 dos desafios), as comunidades resistem com o autorreconhecimento como categoria social, a organização jurídica e a produção do capital político, respectivamente (classes 5, 1 e 6 das estratégias); ademais, o enfrentamento ao assédio do capital (classe 2 dos desafios) se dá com o fortalecimento do capital social, a produção agroecológica e estratégias apropriadas de produção e comercialização (classes 3, 4 e 2 das estratégias); por fim, mediante as dificuldades para a renda, políticas de crédito e

emancipação (classe 3 dos desafios) as comunidades desenvolvem resiliência, fortalecimento do capital social, estratégias de produção e comercialização.

Com base nisso, é possível afirmar que um desafio suscita estratégias diversas das comunidades, mobilizando-as a agir em defesa de seus interesses coletivos que, como discutido ao longo do trabalho, passam também a ser interesses para além das próprias comunidades, pois estas atuam de modo a conservar os bens naturais locais da caatinga, convivendo e aprendendo com esta, a qual beneficia quem depende dela seja direta ou indiretamente.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, A. **O Bem Viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.

BAHIA, Lei Estadual nº 12.910/2013. Dispõe sobre a regularização fundiária de terras públicas estaduais, rurais e devolutas, ocupadas tradicionalmente por Comunidades Remanescentes de Quilombos e por Fundos de Pastos ou Fechos de Pastos e dá outras providências. Salvador: Palácio do Governo do Estado da Bahia, [2013]. Disponível em: <https://l1nq.com/hX6DL> Acesso em: 16 abr. 2023.

BOMFIM, L. S.V. **História e Epistemologia da Ecologia Humana**. Salvador, BA: Mente Aberta, 2021.

CRESWELL, J. W.; CRESWELL, D. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. - 5. ed. - Porto Alegre: Penso, 2021.

DERMEVAL, D.; COELHO, J. A. P. de M.; BITTENCOURT, I. I. Mapeamento Sistemático e Revisão Sistemática da Literatura em Informática na Educação. In: JAQUES, P. A.; SIQUEIRA, S.; BITTENCOURT, I.; PIMENTEL, M.. (Org.) **Metodologia de Pesquisa Científica em Informática na Educação**: Abordagem Quantitativa. Porto Alegre: SBC, 2020. (Série Metodologia de Pesquisa em Informática na Educação, v. 2) Disponível em: <https://metodologia.ceie-br.org/livro-2>

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de conteúdo**. 5. ed. Campinas: Autores Associados, 2018.

MARQUES, J. Povos das caatingas: reflexões sobre conservação da biodiversidade no Semiárido Brasileiro. IN: **Itinerários & Contextos: Reflexões em Educação Contextualizada e Convivência com o Semiárido Brasileiro**. Juazeiro: NEPEC-SAB, 2014.

SANTOS, Cristina Mamédio da Costa, Pimenta, Cibele Andrucio de Mattos e Nobre, Moacyr Roberto Cuce. The PICO strategy for the research question construction and evidence search. **Revista Latino-Americana de Enfermagem** [online]. 2007, v. 15, n. 3 [Acessado 20 Maio 2022] , pp. 508-511. Disponível em: <https://l1nq.com/4AFRU> Epub 12 Jul 2007.

SILVA, A. O. da. **Território tradicional de fundo de pasto de Bruteiro e Traíra: territorialidades contemporâneas e as lutas pela reapropriação social da natureza**. Jaguarari: Oxente, 2017.

SOUZA, M. A. R. de; WALL, M.L.; THULER, A.C.M.C.; LOWEN, I.M.V.; PERES; A.M. The use of IRAMUTEQ software for data analysis in qualitative research. **Rev Esc Enferm USP**. 2018. 52:e03353. <http://dx.doi.org/10.1590/S1980-220X2017015003353>

SOUZA, M. T. de, SILVA, M. D. da; CARVALHO, R. de. Integrative review: what is it? How to do it?. **Einstein** (São Paulo) [online]. 2010, v. 8, n. 1 [Acessado 18 Maio 2022] , pp. 102-106. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1679-45082010RW1134>>. ISSN 2317-6385. <https://doi.org/10.1590/S1679-45082010RW1134>.

WEIMANN, C.; FARIAS, J. A. de; DEPONTI, G. Viabilidade econômica do componente arbóreo de sistema agrossilvipastoril comparado ao de plantio florestal na pequena propriedade rural. **Pesquisa Florestal Brasileira**, [S. l.], v. 37, n. 92, p. 429–436, 2017. Disponível em: <https://acesse.dev/HQii6> Acesso em: 22 nov. 2022.

III - ECOLOGIA HUMANA E PROCESSOS IDENTITÁRIOS NAS COMUNIDADES TRADICIONAIS DE FUNDO DE PASTO

SUBMETIDO À REVISTA SEMIÁRIDO DE VISU

ISSN: 2237-1966

RESUMO: Atuando no Semiárido Brasileiro há 34 anos, o Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (Irpaa) desenvolve desde 2009 o Recaatingamento, uma ecometodologia para recuperação de áreas degradadas na Caatinga em parceria com as Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto. Desse modo, o presente artigo disserta sobre os resultados de uma pesquisa realizada cujo objetivo foi descrever as mudanças provocadas pelas ações educativas do Recaatingamento nas vivências das Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto em 3 comunidades do Território Sertão do São Francisco. A metodologia aplicada para a coleta dos dados foi o estudo de caso do tipo etnográfico, com a realização de entrevistas e observações em campo ao longo de 2 anos. Para a análise dos dados utilizou-se a Análise de Conteúdo com o uso do software Atlas.ti. À luz dos estudos culturais, pode-se concluir que houve mudanças significativas nos âmbitos socioambientais e culturais, bem como nas perspectivas identitárias dessas comunidades.

Palavras-chave: Caatinga, Ecometodologia, Identidade, Recaatingamento.

ABSTRACT: Operating in the Brazilian Semiarid region for 34 years, the Regional Institute of Appropriate Small Agriculture (Irpaa) has been developing Recaatingamento since 2009, an eco-methodology for the recovery of degraded areas in the Caatinga in partnership with the Traditional Communities of Fundo de Pasto. Therefore, this article discusses the results of a research carried out whose objective was to identify whether the educational actions of Recaatingamento provoke changes in the experiences of Traditional Communities of Fundo de Pasto in 3 communities in the Território Sertão do São Francisco. The methodology applied to collect data was an ethnographic case study, with interviews and field observations carried out over 2 years. For data analysis, Content Analysis was used using the Atlas.ti software. Considering cultural studies, it can be concluded that there have been significant changes in the socio-environmental and cultural spheres, as well as in the identity perspectives of these communities.

Keywords: Caatinga, Eco-methodology, Identity, Recaatingamento.

Introdução

As Comunidades de Fundo de Pasto são comunidades que desenvolvem um sistema de produção agrossilvipastoril na Caatinga, reconhecidamente comunidades tradicionais com um modo próprio de vida e uma relação de interdependência com o bioma Caatinga. Entretanto, carregam algumas heranças decorrentes do seu processo de formação, o qual se deu com o fim do ciclo do gado no Norte e Oeste da Bahia, especialmente na Depressão Sertaneja. Apesar de possuírem essa interdependência, algumas práticas ainda residem em seu cotidiano, mesmo que

sejam as responsáveis por manter as parcelas mais conservadas de Caatinga em comparação a outras áreas do Semiárido Brasileiro.

Compreendendo essa realidade, ao longo dos últimos 15 anos o Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (Irpaa) desenvolve uma ecometodologia chamada Recaatingamento, cuja intenção é trabalhar com as Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto (CTFP) para a conservação do bioma. Em relação ao Recaatingamento, buscou-se respaldo no trabalho de Martins (2022, p. 2), a qual elucida que ele visa mitigar os efeitos da desertificação, bem como a “[...] manutenção de serviços ecossistêmicos associados como a regulação climática, o sequestro e fixação de carbono e a conservação e recuperação do bioma Caatinga [...]”.

Quando analisados os trabalhos já publicados sobre o Recaatingamento, há uma maioria debruçada em estudar as áreas de recuperação instaladas nas comunidades, como é o caso de Souza et al. (2020) e Jalil; Silva (2023). Entretanto, há uma gama de outras contribuições tão importantes quanto a recuperação de uma área degradada, como atividades formativas para o desenvolvimento de consciência individual e coletiva acerca da manutenção da Caatinga em pé. Vale destacar ainda, que este estudo não priorizou trazer teorias, mas garantir o protagonismo das comunidades sobre si mesmas, uma vez que já existe, ao longo de décadas, uma gama de trabalhos que falam sobre as CTFP, como apontou a Revisão Integrativa de Literatura de Santos; Santos; Santos (2023) sobre artigos publicados de 1992 a 2021 acerca dessas comunidades.

Desse modo, o presente artigo é fruto de uma pesquisa de abordagem qualitativa e de cunho descritivo, realizada em 3 CTFP no Território Sertão do São Francisco (TSSF), a qual parte do questionamento: que mudanças foram provocadas pelas ações educativas do Recaatingamento nas vivências das Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto? Assim, visando atingir o cerne dessa indagação, foi proposto o objetivo de descrever as mudanças provocadas pelas ações educativas do Recaatingamento nas vivências das Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto em 3 comunidades do Território Sertão do São Francisco. Compreendem-se por ações educativas todas as práticas de educação formal e não formal, disseminadas na perspectiva freiriana de Educação Popular (Freire, 2019). Nesse caso, tanto as formações, quanto as práticas realizadas em campo, entre outras atividades, são compreendidas como tal.

Para a coleta de dados foram realizadas observações junto às comunidades ao longo de 2 anos, com visitas regulares, mensais ou bimensais para cada comunidade. Além disso, foram realizadas entrevistas com as pessoas que residem nas comunidades, que estiveram e/ou ainda

estão envolvidas nas atividades do Recaatingamento. Como metodologia de análise dos dados utilizou-se a Análise de Conteúdo, com base em Franco (2018) associada ao uso do software Atlas.ti.

Partindo de tais pressupostos, a seção a seguir discorre sobre a metodologia utilizada na realização da pesquisa, apresenta e discute os dados coletados, os quais são analisados à luz das concepções teóricas que fundamentam este artigo.

Metodologia

Para a construção deste estudo foram realizadas entrevistas em 3 comunidades. A técnica utilizada para as entrevistas foi a bola de neve, tendo como primeira pessoa entrevistada a liderança de cada uma das CTFP. Em seguida cada liderança indica outras pessoas que podem ser entrevistadas e segue-se esse protocolo até exaurir as possibilidades. As entrevistas, com 14 questões semiestruturadas, foram realizadas entre 07 de janeiro de 2022 e 17 de dezembro de 2023 nas comunidades Barra & Bom Sucesso, município de Sobradinho; Curral Novo & Jacaré, município de Juazeiro; Melancia, município de Casa Nova.

Além das entrevistas, foram realizadas, no mesmo período, observações no cotidiano das comunidades, no acompanhamento de atividades de campo, de atividades econômico produtivas como o beneficiamento de frutas nativas da Caatinga e a participação em atividades coletivas das comunidades como reuniões, eventos e feiras. Ao longo desses 2 anos, foi necessário passar alguns dias seguidos em cada uma das comunidades, com vistas a imergir melhor nesse cotidiano e compreender mais profundamente os sujeitos da pesquisa, seus hábitos, práticas e relações do cotidiano na lida com a Caatinga.

Ao longo de tempos a discussão sobre identidade se deu de modo a acreditar em algo fixo, cristalizado e, portanto, imutável. No entanto, áreas do conhecimento, sobretudo a partir dos estudos culturais passaram a caminhar sob uma outra lógica, a de que a identidade é um processo e se insere no âmbito discursivo, necessariamente permeada pelas relações de poder (Silva, 2017).

Tomando como base a perspectiva de Audre Lorde a qual afirma “Eu sou definida como Outro em cada grupo que eu faço parte” (2013, p. 3) é possível dizer que há identidades, em um sentido plural. Nesse sentido, os questionamentos elaborados estavam voltados à apreensão das perspectivas identitárias das Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto em consonância com o Recaatingamento.

As questões elencadas foram: 1. Qual a importância da Caatinga para as Comunidades de Fundo de Pasto? 2. Como foi que o Recaatingamento chegou até essa Comunidade? 3. Qual o sentimento da comunidade com a chegada do Recaatingamento? 4. Qual é o seu entendimento sobre o Recaatingamento? 5. Você acha que o Recaatingamento influenciou sua relação com a caatinga? 6. No seu entender, as pessoas da Comunidade se comprometeram com o Recaatingamento? 7. Como era a Comunidade antes do Recaatingamento? 8. O que mudou desde quando começou o Recaatingamento? 9. Você acha que é importante as escolas trabalharem esses assuntos que foram aprendidos no Recaatingamento? 10. Quais foram as dificuldades para a realização das ações do Recaatingamento? 11. Você se identifica como uma pessoa Caatingueira? Por quê? 12. Você acha que o Recaatingamento te ajudou a se identificar como pessoa Caatingueira? Por quê? 13. Na sua opinião, a afirmação “pessoa Caatingueira” parece mais uma qualidade boa ou ruim? 14. O que é a Caatinga pra você?

Visando garantir as etapas legais da pesquisa científica, o estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade do Estado da Bahia (Uneb), sendo autorizado e aprovado em 26 de março de 2021 através do parecer 4.613.635. A partir disso, todas as pessoas participantes foram informadas sobre as etapas da pesquisa, bem como assinaram os devidos termos, consentindo sua participação voluntária. Ainda assim, os nomes de cada pessoa foram omitidos, utilizando-se codinomes da flora da Caatinga. Nenhuma pessoa, participante ou não, do estudo foi informada sobre qual a identidade por trás do codinome apresentado.

Todas as entrevistas foram transcritas na íntegra e lançadas no Atlas.ti versão 23.4.0.29360. Nessa transcrição, foram respeitados os dialetos das comunidades, e suas falas não foram colocadas em língua padrão. Entretanto, para as palavras menos usuais e/ou para palavras que eventualmente não apareçam nas falas, foram inseridos termos correspondentes entre colchetes. Quando necessárias, algumas explicações são feitas entre parênteses.

Uma vez dispostas no software, as entrevistas foram codificadas e em seguida categorizadas conforme a Análise de Conteúdo (AC). Em posse das categorias, a etapa seguinte com o Atlas.ti foi: análise > conceitos. Esse comando possibilita que o software indique quais termos têm maior incidência dentro dos códigos criados, apresentando o quantitativo de vezes em que cada termo aparece, este pode ser visualizado através de *treemaps*, lista ou nuvem de palavras. Clicando nas palavras é possível visualizar em quais citações dos documentos elas estão e, a partir disso, compreender o contexto geral de inserção desses termos nos códigos.

Dentro da AC pode-se relacionar esses termos às unidades de registro e as citações às unidades de contexto, as quais podem ser evocadas ao longo da análise para a compreensão do conteúdo estudado (Franco, 2018).

Sobre o Recaatingamento

Desde o ano de 2009 o Irpaa realiza ações para recuperar áreas degradadas na Caatinga e construir uma concepção de valorização do bioma junto às CTFP. Esse trabalho ganhou força ao longo dos anos e ampliou o número de comunidades participantes. Se no início do Recaatingamento havia 7 comunidades participantes, todas localizadas no TSSF, ao final de 2023 já se somavam 31 comunidades, abrangendo 3 diferentes Territórios de Identidade no estado da Bahia, pois além do TSSF, passaram a fazer parte os territórios Piemonte da Diamantina e Piemonte Norte do Itapicuru.

É importante estabelecer que o Recaatingamento desenvolvido pelo Irpaa, possui estratégias próprias de recuperação de áreas degradadas na Caatinga e não tem a intenção de ser somente uma nomenclatura adaptada ao nome do bioma.

Desse modo, o conjunto de ações comportadas na metodologia do Recaatingamento converge para percebê-lo dentro de uma filosofia agroecológica que chega às comunidades por meio da Ecopedagogia. As ações são produzidas nas e com as comunidades de modo dialético e dialógico, percebendo suas necessidades enquanto sujeitos de direitos à dignidade. Ou seja, a ecologia sem o letramento racial e de gênero, sem a luta de classes, a ecologia neutra “[...] mais se parece com a jardinagem, torna-se cúmplice da injustiça de um mundo, onde a comida sadia, a água limpa, o ar puro e o silêncio não são direitos de todos, mas sim privilégios dos poucos que podem pagar por eles” (Galeano, 2011, n.p.).

Assumimos nesta tese, portanto, que o Recaatingamento é uma metodologia de convivência com o Semiárido Brasileiro, desenvolvida com as CTFP, seja para a melhoria do bioma, seja para a qualidade de vida e dignidade das pessoas, respeitando suas identidades e culturas. Partindo de tais pressupostos, nomeamos, nesta tese, o conjunto teórico-prático do Recaatingamento, ou seja, a síntese de sua identidade e seus pressupostos filosóficos e metodológicos como uma ecometodologia.

Na verdade, essa ecometodologia é mais que adaptada, ela é apropriada à Caatinga, respeitando inclusive o tempo das espécies do bioma, que são diferentes da Mata Atlântica e da Floresta Amazônica. Além disso, o conjunto de estratégias abarca mais que o plantio de mudas nativas.

Sobre isso, Martins, (2022) explica que a estrutura teórico-prática do Recaatingamento se sustenta em cinco linhas de atuação fundamentais à sustentabilidade e à ampliação da capacidade de resiliência das comunidades ou grupos participantes.

Nesse sentido, a prática do Recaatingamento realizado pelo Irpaa, aponta que sua realização requer I) Recuperar a Caatinga, II) Conservá-la, III) Realizar uma Educação Ambiental Contextualizada, IV) Melhorias de renda, V) Políticas públicas. Ou seja, o trabalho de Recaatingamento visa atingir resultados a médio e longo prazo, mas o alcance desses resultados passa necessariamente por uma série de fatores, especialmente no que tange à educação e políticas públicas, uma vez que historicamente o Semiárido Brasileiro, seu bioma e suas gentes são negligenciados pelo Estado (Davis, 2022).

Ainda assim, o Irpaa busca firmar parcerias com projetos de setores nacionais e internacionais para dar continuidade a esse trabalho, acreditando na possibilidade de construção do Bem Viver. É importante destacar, entretanto, que outras experiências de Recaatingamento acontecem no Semiárido Brasileiro e elas são realizadas tanto por famílias em áreas particulares mesmo não sendo fundo de pasto, quanto em áreas de coletivos (Irpaa, 2019) e que cada uma das experiências é possível, uma vez que o foco está na conservação da Caatinga e na qualidade de vida de suas gentes. Desse modo, o Irpaa aponta realizar um trabalho “com” as comunidades e não “para” elas.

Partindo de tais elementos e com base nos objetivos deste estudo, a próxima seção apresenta as concepções das comunidades acerca dessa ecometodologia desenvolvida ao longo desses 15 anos.

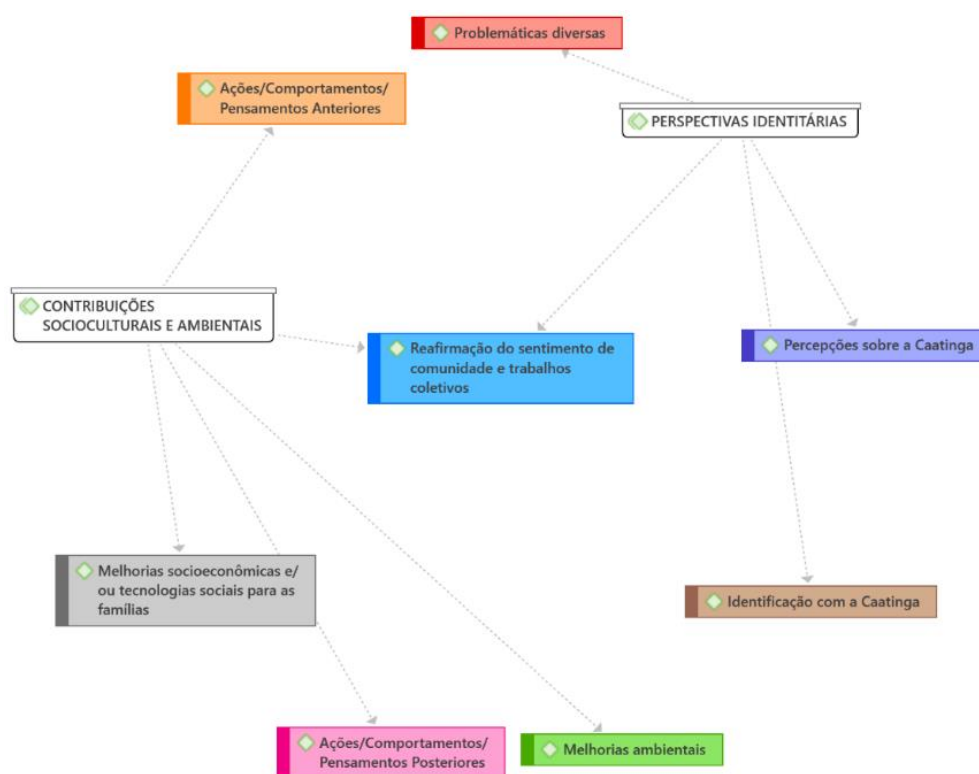
Recaatingamento e processos identitário nas Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto

A realização das entrevistas em campo somou um total de 42 participantes. O quantitativo de pessoas entrevistadas na Comunidade Barra & Bom Sucesso foi 11, com o tempo total de entrevista 3:46:19”; em Curral Novo & Jacaré 14 pessoas participaram da entrevista, com duração total de 4:20:00”; já na Comunidade Melancia 6:13:48” foi o tempo total de entrevistas e participaram 17 pessoas. Somando todas as entrevistas o tempo final foi 14:20:07”.

Tendo lançado todas as transcrições das entrevistas no Atlas.ti, obteve-se um quantitativo de 2 categorias, onde a primeira “Contribuições socioculturais e ambientais”, com 202 citações e a segunda “Perspectivas identitárias”, a qual arrolou um total de 188 citações;

estas são compostas por seus respectivos códigos, sendo que um dos códigos une as duas categorias entre si, como discriminado na Figura 1.

Figura 1 – Rede das categorias de análise



Fonte: Autoria Própria.

Obviamente, por razões didáticas e logísticas não serão discutidas individualmente todas as questões levantadas na pesquisa, uma vez que a formação das categorias de análise, permite uma ideia geral do conteúdo apresentado nas entrevistas, constituindo assim o corpus proposto por Franco (2018) para a realização efetiva da Análise de Conteúdo.

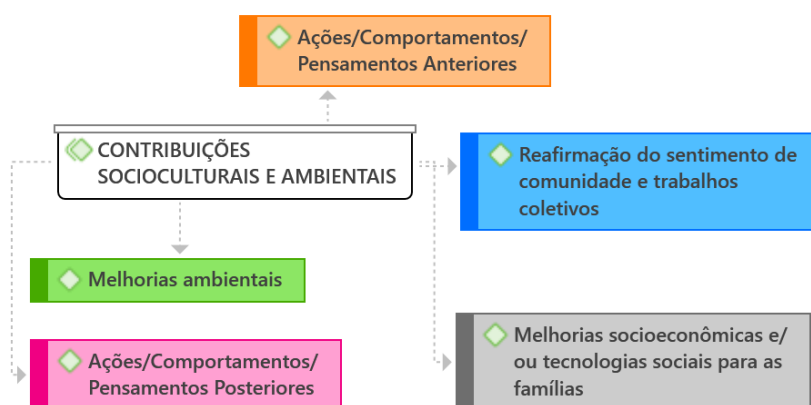
Partindo desse pressuposto, o corpus geral das entrevistas retornou um quantitativo de 390 citações, ou seja, unidades de contexto destacadas ao longo das entrevistas, as quais são dados fundamentais ao alcance dos objetivos da pesquisa. Desse modo, será mais proveitoso discutir algumas unidades de contexto que sejam significativas para a compreensão dos seus respectivos códigos à luz das categorias fundantes deste estudo: i) Ecologia Humana; ii) convivência com o Semiárido Brasileiro; iii) estudos culturais sobre identidade.

Categoria 1

A primeira categoria em análise é Contribuições socioculturais e ambientais. Ela agrupa códigos que apresentam os resultados alcançados através das ações do Recaatingamento, de

acordo com as falas das pessoas entrevistadas. Além disso, também está presente nessa categoria o código onde elas descrevem quais eram as ações anteriores à chegada do Recaatingamento. Todos os códigos que compõem a categoria podem ser mais bem visualizados na Figura 2.

Figura 2 – Categoria de análise 1 e seus códigos



Fonte: Autoria Própria.

A categoria 1 agrupa 5 códigos resultantes das entrevistas. Eles discorrem sobre quais eram as ações/pensamentos/comportamentos das pessoas antes da chegada do Recaatingamento, bem como aponta as mudanças de comportamento, nas ações e a formação de uma nova mentalidade após sua chegada às comunidades. Ademais, revela o acesso a tecnologias sociais, a reafirmação do sentimento de comunidade e a retomada de trabalhos coletivos, além de apontar melhorias ambientais diversas na área de recuperação do ponto de vista do solo, da fauna e da flora.

A começar pelo código “Ações/comportamentos/pensamentos anteriores” é possível destacar que as 30 citações evidenciadas nesse código apontam para um conjunto de práticas prejudiciais ao bioma Caatinga, dentre as quais estão as grandes queimadas para roçados; derrubada de espécies nativas para a utilização da madeira na produção de cercas e/ou extração de mel; queimada de bromélias para alimentar o gado, especialmente a Macambira (*Bromelia laciniosa*), como apontam as unidades de contexto a seguir.

Antes o pessoal, eles desmatavam as áreas pra fazerem os plantio, de cultivo de feijão, mandioca, milho... [...] É... o pessoal ia pro mato, queimava macambira pros animais, aquela coisa toda, chegava lá colocava fogo, e deixava o fogo lá, queimando tudo (Aroeira – Curral Novo & Jacaré).

Acabavam com a caatinga, iam tirar [o mel das abelhas que se instalam em árvores nativas], muitas vezes tinha uma forragem seca, né? Na época que já tava seca a

caatinga... aí botava aquela fumaça, e ali o fogo pegava na caatinga. Tem vários lugar que a gente anda, tá aquelas [áreas] queimadona. Queimava a árvore que a abelha tava arranchada e ao redor. Matava imburana que só, um absurdo. Pelo menos quem mora aqui dentro da comunidade, que vê, aí já tem que... eu mesmo não deixo fazer porque a gente sabe que é destruir, né? (Facheiro – Melancia).

Esse conjunto de práticas elucidadas nas citações, é citado de maneira comum pelas três comunidades. Tal dado sugere que práticas tradicionais nem sempre correspondem à visão romântica de cuidado e manutenção a uma Natureza intocada e um estilo de vida bucólico.

As tradições, dizia Hobsbawm (2008), são uma invenção cuja intencionalidade é perpetuar-se através da repetição. Desse modo, se as tradições podem ser (re)inventadas é possível partir de uma nova perspectiva, tomando como princípios a noção não só de que os bens naturais são esgotáveis e que esse esgotamento causa prejuízos à vida humana, como a “[...] enfatizar a radicalidade de reconhecer valores intrínsecos, e, com isso, a Natureza como sujeito de direitos [...]” (Gudynas, 2019, p. 53).

Certamente, não há um desejo deliberado das comunidades em devastar a Caatinga, mas criou-se, ao longo dos tempos, a ideia de bens inesgotáveis, especialmente fundamentadas na lógica de uma força superior que faz o bioma renascer continuamente.

[...] parecia que o projeto era uma coisa mea que fora da curva, pelo que dizia: “ah, vai recaatingar” e o... Meu pai mermo e alguns da idade dele dizia: “você são é doido, vão mexer com Caatinga, Caatinga por ela mermo se refaz, a Caatinga é uma coisa de Deus”. Eu digo: é, mas Deus deixou pra que nós também faça nossa parte (Mulungu – Barra & Bom Sucesso).

Tal narrativa revela o pensamento de duas gerações e como elas são distintas entre si. Ou seja, é possível inferir que há divergências quanto à compreensão sobre conservação e as práticas nas comunidades e, de modo geral já havia uma presença desse pensamento mais voltado à conservação pelas gerações mais jovens.

Porém, alguns elementos surgem junto ao Recaatingamento atuando de modo conjunto para reforçar o trabalho desenvolvido pela equipe técnico-pedagógica junto às comunidades, os quais se apresentam como outros dois códigos que emergem nas falas, uma vez que há “Melhorias socioeconômicas e/ou tecnologias sociais para as famílias” e, além disso, as “Melhorias ambientais”. Esses dois códigos, com 40 e 28 citações respectivamente, são elementos que apontam resultados a curto, médio e longo prazo, o que favorece visualizar o efeito das práticas empregadas em sua implementação.

Uma das primeiras contribuições citadas no âmbito ambiental foi a proteção dos animais silvestres.

Já tinha uma ideia, nós já vínhamos construindo uma ideia, que essa região foi uma região de muito ataque de caçadores, né? E nós vínhamos tentando afastar eles, né? Isso a gente vinha tentando e com dificuldades, porque a insistência era grande desse

povo. E o Recaatingamento trouxe pra nós a mudança de que, assim, que muito, muitas gentes, aquele que tava mais de fora assim, não... que o Recaatingamento eles traziam como que fosse uma coisa do Ibama, [pensavam que] era o Ibama que tava ali [...]. Então, mudou a relação, que era uma relação direta nossa com... só [que] a relação nossa com os caçadores ela era uma relação mais complicada, e a partir do Recaatingamento facilitou bastante pra comunidade, a partir de que eles, como a gente tá preservando uma área, na cabeça deles a imaginação é que ia ter fiscais ali, que ia...então, contribuiu bastante com a comunidade, essa relação melhorou bastante a partir do Recaatingamento. Então, ajudou muito, muito mesmo, as comunidades a partir disso (Mulungu – Barra & Bom Sucesso).

[...] até o pessoal de fora ia caçar lá dentro, porque era ainda... não considerava, porque sabe que é da comunidade, mas tá no aberto, o pessoal de fora entendia que podia caçar lá dentro, podia às vez até tirar o mel, tirar a madeira. E hoje não. Já respeitam (Pereiro – Melancia).

Assim, o conjunto de resultados que se apresentam no decurso aponta a viabilidade da recuperação da área e importância para o bioma e a comunidade.

Porque quando chega o tempo da seca, o cercado que é aberto é logo... num fica uma fôia no chão, né? E ele lá cercado, não. O cara vê uma fôia no chão ainda, vê uma fôinha alta no pau, gente num andano dento pra tá cortano pau... Desse jeito. Fica um capinzinho seco, mermo seco, mas sempre fica, né? E no aberto, num fica, né? Fica não, os bicho come mermo é... quando bate a seca mermo, num fica uma fôia seca no chão. Lá teve uma lá mermo que é... teve uma secona aí, e os pessoal ia catar pasto pros bicho lá dento, porque sabia que tinha prerizado [preservado], né? Lá dento... Aí eles saía catano os sacos e trazia pros bicho. Era, pra sobreviver os bichinho que d'uma seca aí. Teve uma base... mais ou menos, uns cinco ano, eu acho. Foi, salvou os bicho cum... lá, catano a fôia seca, é... Catava as fôia seca e dava pros bichinho (Urtiga – Barra & Bom Sucesso).

Destarte, apesar da área de recuperação ficar inutilizada como pasto aberto para a criação, ela demonstra um potencial para que suas folhas sirvam como forragem na época seca para as matrizes que estejam recém paridas e seus filhotes. Ou seja, pode ser considerada uma “poupança” para a estiação.

Então, tem pessoas que no início lá, não participava das atividades coletivas do Recaatingamento. Hoje já tá participando porque viu a importância do...do Recaatingamento. E quando a gente fala no criatório, quando a gente fala na preservação da caatinga, principalmente na criação de abelha, hoje tem muitos, que antigamente não acreditava, quando tão vendo o Recaatingamento hoje, tão acreditando. Uma outra coisa: que estimulou bastante as pessoas a criar abelha nas suas propriedades. Foi outro ponto positivo que se deu. E umas... algumas formações que se teve na comunidade, dando um incentivo e empoderamento aos jovens e às mulheres. Isso foi outra coisa que foi importante, eu acho que foi uma das melhores coisas que teve dentro do projeto, essa questão do empoderamento da mulher e do jovem. Que antes a associação lá era só homem na diretoria, era só adulto, e a juventude não participava muito (Velame – Melancia).

Além disso, o conjunto de tecnologias sociais implementadas junto às comunidades favorece que estas tenham a possibilidade de variar as fontes de renda, como a criação de abelhas, beneficiamento de frutas nativas, fato que possibilita de modo significativo a emancipação financeira das mulheres e pessoas mais jovens, como aponta Martins (2022, p.

16) “A disponibilização de equipamentos, como kit apicultura e kit forrageiro, são essenciais para a geração de renda local, oportunizando mulheres e jovens que estão incluídos e são protagonistas na atividade apicultura”.

E aí o Irpaa, principalmente, que era quem estava à frente do Recaatingamento, conseguiu trazer pessoas para fazer formações sobre o beneficiamento dessas frutas, levou pessoas da comunidade para conhecer a experiência da Coopercuc e de outras regiões que produzia... tudo isso com recursos a partir do Recaatingamento. Que já veio pra comunidade que...trouxe barreiro, a partir dele a comunidade ganhou barreiro, algumas famílias ganhou. Barreiro dentro da área de Recaatingamento. Caixa de abelha, formação sobre apicultura. [...] sempre tendo visitas do pessoal do Irpaa. E aí a gente recebeu muita visita de outras pessoas de outros lugares, né? Graças ao Recaatingamento (Caroá – Melancia).

Nesse sentido, pensar o acesso a tecnologias sociais, participação em espaços de formação, interação com outras comunidades, constitui um caminho para os dois outros códigos que se apresentaram na categoria, são eles “Ações/comportamentos/pensamentos posteriores” e “Reafirmação do sentimento de comunidade e trabalhos coletivos” com 87 e 25 citações respectivamente.

Com o maior número de citações da categoria, as mudanças decorrentes do Recaatingamento perpassam pensamentos e atitudes nas comunidades pesquisadas. A partir disso, as narrativas se constituem tanto para reconhecer os próprios comportamentos prejudiciais ao bioma, quanto para perceber que a mudança nessa Ecologia humana não só é possível, como necessária e urgente. Fato interessante é que essas percepções vêm até mesmo das pessoas idosas, as quais foram resistentes às mudanças propostas nas ações iniciais.

Vai trazeno... Até quando chega o final da seca, fica o rebanho lá, aí quando chove a gente vai lá buscar o resto, aí segura nas suas propriedade, cada um segura as suas. 40 dia pra poder ela [a Caatinga] ter condição de crescer a comida, porque se nois num cuidar dela, vai chegar um tempo que num vai ter pastagem pros bicho, porque é muito animal... (Umbuzeiro – Curral Novo & Jacaré).

A fala da entrevistada descreve os acordos coletivos na forma de plano de manejo para a manutenção da rebrota da Caatinga após as chuvas do “inverno sertanejo” – período de maior concentração de chuvas na Depressão Sertaneja, que se dá entre os meses de dezembro e maio – de modo que as criações ficam nas áreas privadas, retornando ao fundo de pasto após o crescimento ideal acordado pela comunidade.

Também é importante pontuar que as pessoas idosas (aqui consideradas a partir dos 60 anos) não só se disponibilizaram às novas concepções e práticas, como multiplicam os saberes com as gerações mais jovens.

É... num deixar ninguém é... tirar, cortar ela [a Caatinga]. Ninguém corta ela de jeito nenhum, nois só tira se for um pau seco [árvores que já não colocam mais folhas mas

ainda estão de pé]; quem vê fazeno, cortano um pé de árvore, pode chegar e entregar... Isso nois faz, então quem cuida dela é nois. Nós que samo... aí nós fala pros jovens que tão... nós samo mais véio né? E eles que... têm os jovens. Cê sabe que todo mundo tem... tem os véio, tem os jovens, tem aqueles mais novo, né? Vai chegando aqueles mais... aqueles crianças... vai chegando... adulto. A gente já tá colocando dentro da comunidade [associação]. E a gente fala: “ó, vocês vê qualquer coisa, não deixe passar, chegue e chame atenção, se você não chama, venha falar nós e nós vamo lá resolver, porque não pode deixar” (Umbuzeiro – Curral Novo & Jacaré).

Essa fala descreve diversos elementos sobre a cultura de cuidado reinventada entre as pessoas. Seja dos novos comportamentos que passam a incorporar a comunidade, perpassando todas as gerações ou a percepção que se tem a respeito das pessoas mais jovens serem motivadas a se sentir capazes de corrigir o comportamento de alguém que ainda reproduza práticas danosas.

Nesse sentido, tanto os acordos coletivos são importantes para o monitoramento das atitudes individuais, como também são importantes as práticas coletivas que possibilitam reafirmar o próprio sentido das Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto, uma vez que estas não têm só uma área comum para a criação, elas são formadas por pessoas com forte grau de parentesco e/ou compadrio, com a prática tradicional da realização de mutirões para alcançar objetivos individuais e/ou coletivos.

Na sequência, o último código desta categoria, indica que o Reaatingamento foi capaz de trazer essa “Reafirmação do sentimento de comunidade e trabalhos coletivos”, como apontam as unidades de contexto a seguir.

Era até uma Comunidade assim... mea desmotivada. Num tinha o encontro da gente, né? Que a gente, além de se encontrar pra ir lá no Reaatingamento, aí a gente tem um bate-papo, né? Se adiverte, né? É muito bom. Eu acho muito bom isso aí. A gente não só o trabalho, como o... o... É, de tá junto. De ajuntar o grupo. Tanto pra trabalhar e depois o bate-papo, né? É muito bom, já muda a rotina de só o trabalha lá de... da gente mora, pra cá já muda a rotina, já tem outra diferença. É tipo um adivirtimento pra gente, né? Eu acho que é muito bom pra nós, né? A gente... Quando sai de lá, “hoje é dia da gente ir pra área do Reaatingamento”, a gente faz um esforço pra vim que... anima a gente, né? A gente ir pro Reaatingamento, pra plantar uma planta, mudar... É tipo um adivirtemo, tipo a gente ir até pra uma festa (Alecrim-de-Tabuleiro – Barra & Bom Sucesso).

Sim, incentivou muito porque a gente vai fazer o trabalho coletivo, né? Porque a gente fica fazendo coletivo e na comunidade aqui a gente já tinha coletivamente as coisas, faz mais as coisas coletivas do que individuais. E com o Reaatingamento reforçou mais para que a gente tenha coletivo e que a gente sabe que vai ser muito bom para a nossa comunidade e para a nossa associação, que é uma riqueza que a gente tem na nossa comunidade (Coroa-de-Frade – Melancia).

As unidades de contexto em destaque apontam a importância do Reaatingamento para a retomada de um elemento intrínseco às comunidades que, no entanto, estava enfraquecido. Nas conversas paralelas, no cotidiano das vivências com essas famílias, vários elementos

surtem nas falas como empecilhos à reunião da coletividade para a realização dos mutirões, como a dificuldade de comunicação, a (in)disponibilidade de algumas pessoas para participar nas datas marcadas; a insatisfação de algumas por sentirem que umas trabalhavam mais que outras; problemas diversos em relação à saúde.

Fato é, no entanto, que mediante alguma problemática de maior proporção as pessoas se unem com o objetivo primordial de defender as pautas comuns como as lutas contra o assédio do grande capital, os embates políticos por terra e território junto ao poder público e os enfrentamentos constantes para a garantia de direitos básicos como água encanada, energia elétrica e escola para as CTFP.

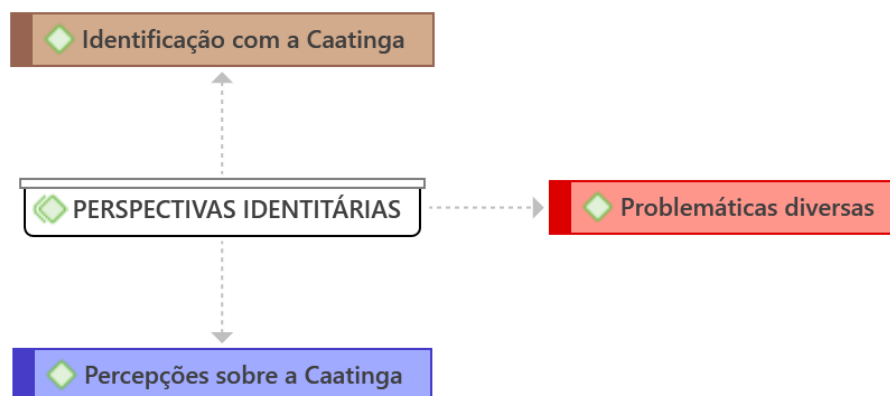
As ações do Reaatingamento, por seu turno, reacenderam essa movimentação interna e possibilitaram que as pessoas reafirmassem os compromissos coletivos de cuidado com a área de recuperação, o desenvolvimento de outras ações ligadas ao Reaatingamento e a busca por novos projetos que fomentem a qualidade de vida e soberania das comunidades.

Por fim, é este código que relaciona a categoria 1 à categoria 2, a qual será analisada na seção a seguir.

Categoria 2

Apesar de agrupar apenas 3 códigos, a categoria “Perspectivas identitárias” revela os pressupostos pré-existentes das comunidades quanto à sua identificação com o bioma; as possibilidades de reinventar essa identificação, propostas ao longo das atividades de campo e das ações formativas do Reaatingamento. Nesse sentido, apesar de poucos códigos agregados, como aponta a Figura 3, ela possui significativa profundidade para a discussão e contribui diretamente para o alcance dos objetivos da pesquisa.

Figura 3 – Categoria de análise 2 e seus códigos



Fonte: Autoria Própria.

Com 73 citações, o código “Percepções sobre a Caatinga” apresenta a forma como parte significativa das pessoas entrevistadas percebem no bioma a fonte de manutenção de suas necessidades seja individual ou coletivamente.

A caatinga pra mim é vida. Pra mim, né? Porque é da caatinga, é na caatinga que eu crio bode, é na caatinga que eu crio boi e é do boi, é do bode que me alimenta. Pra mim, caatinga é vida, é tudo (Umburuçu – Melancia).

Sobrevivência! De modo geral... que nós tira tudo é da Caatinga. Cria, trabalha, tudo em cima dela. Ela dá, nós toma. Nós toma dela e fica naquele vai e volta. Fica o círculo da sobrevivência, cadeia alimentar (Licuri – Curral Novo & Jacaré).

É uma questão boa [a Caatinga], é a gente morar na Caatinga, onde possa criar animais, né? Que a gente cria animais, vive é da Caatinga, né? Que a Caatinga é um meio de sustento dos animais. Então, acho que pra mim a Caatinga é uma coisa boa (Jericó – Curral Novo & Jacaré).

Some-se a isso, as recorrentes falas, durante as observações na convivência com as comunidades, em que os animais nativos são citados como caça. Ou seja, comumente, eles não são vistos como animais. Os caprinos e ovinos ora são citados como animais, ora como criação; os ‘animais de verdade’ são aqueles vistos na TV, nos livros didáticos, entre outros, como leão, elefante, zebra, pinguim baleia, urso, entre outros. Desse modo, apesar dessa Ecologia Humana ser produzida dentro de uma compreensão sobre a necessidade de manter a Caatinga em pé, no tocante à flora, ainda prevalece a ideia de que ela tem uma funcionalidade primordial, que é alimentar o bode.

Tal dado é significativo para perceber a necessidade de espaços de diálogo e troca de saberes com a assessoria técnica e/ou os projetos que chegam às comunidades, de modo a buscar resgatar, com elas, a ideia de que os animais nativos também são animais.

Um elemento importante a destacar, quando das observações em campo, é que foi informada, nas três comunidades, a presença de universidades e seus grupos de pesquisa. Ou seja, é importante que essas universidades possam se atentar a essas falas e oportunamente possibilitar uma contrapartida a essas comunidades visando essa educação do olhar e valorização da fauna não só como parte importante da cultura alimentar das CTFP, como animais com características próprias e imprescindíveis ao equilíbrio do bioma.

Ademais, é importante ratificar que, mesmo com todas essas questões, a maior parte de Caatinga conservada está nas áreas ocupadas pelas CTFP, o que significa dizer que as práticas desenvolvidas por elas em termos de benefícios, ainda são maiores que os prejuízos.

Não se afirma, entretanto, que essas falas sejam integralmente permeadas por uma lógica de descaso ou, tampouco, que elas sejam exprimidas conscientemente de modo a ignorar todas as outras questões que envolvem o conjunto do bioma. Há uma preocupação com a fauna

e flora nativas, pois são desses ecossistemas que se produz a Ecologia Humana das comunidades, mas que há uma preocupação ainda maior com a própria vida.

É importante ponderar, entretanto, que essas falas presentes nos discursos, são a reprodução de uma perspectiva socialmente estruturada ao longo de séculos sobre a Caatinga, na qual ela é considerada feia, inútil e inóspita (Carvalho, 2012).

Porém, essa estrutura não se constitui de maneira independente. Ela passa pela concentração e isolamento de grandes faixas de terras a serviço de oligarquias. E assim, os discursos que emergiram nacionalmente, faziam ecoar a ideia de que a Caatinga servia unicamente para ser derrubada com vistas a instalar a pecuária extensiva, o que favoreceu significativamente à manutenção das desigualdades sociais e de desequilíbrio ambiental, uma vez que:

O que o boi nos rebanhos enormes não comia era rapidamente arrancado para fazer lenha ou forragem pelos colonos. A rede infinita de caminhos do gado sulcados no solo estéril e friável acelerou a erosão. No padrão clássico, quando as encostas esparsamente cobertas de árvores foram denudadas, o escoamento superficial aumentou, enquanto os lençóis freáticos e as fontes se rebaixaram. Ficou evidente para os próprios sertanejos, bem como para eventuais visitantes estrangeiros, que estavam desertificando partes do Sertão e provavelmente alterando seu clima (Davis, 2022, p. 355).

Desse modo, é indispensável perceber que apesar da caprino-ovinocultura ser fundamental para as comunidades, não atentar para a capacidade de suporte só vai ajudar a aumentar a degradação do bioma. Sem um plano de manejo adequado à criação dos caprinos e ovinos, a fauna e flora nativas são prejudicadas e, apesar de uma diminuição significativa da bovinocultura nas comunidades, o superpastejo, ainda que de animais de médio porte, torna-se quase tão prejudicial quanto a criação bovina.

Entretanto, esse cenário passa a se transformar a partir das gerações mais jovens, uma vez que as pessoas com idade $35 \leq$ já despontam com outra perspectiva sobre a importância da Caatinga seja para a manutenção da vida humana, seja sob a ótica da conservação.

A Caatinga pra mim é tudo. É a vida, né? Sem a caatinga nós num... pra nós aqui do sertão, não teria sentido se não tiver a caatinga. Senão como é que vai criar os animais, né? E envolve tudo... até pra chuva, né? Se não tiver a caatinga pra... não tem a chuva. É o pulmão da... do nordestino, é a caatinga (Xique-Xique – Melancia).

Porque, é... a gente que mora no... na Caatinga, que vive aqui, a gente tá com contato com ela todo momento. Então, se a gente não cuidar dela, na verdade ela é nossa vida, porque a gente precisamos do gás carbônico [oxigênio] pra respirar, se a gente desmatar aqui, vai ficar muito quente, né? Então, já é... isso já é assim, pra subsistência das família, nós não desmatar, próximo té das casa, né? Deixar árvore grande, principalmente, essas árvore extinta, como umburana de cheiro, é... o umbuzeiro, então é, sim... importante pra nossa subsistência. E até pra gente... que convive no lugar, né? Saber que tem aquela planta que em tal lugar não existe mais, então ela é

importante sim pra nossa subsistência. Pra nossa vida pessoal também, né? A gente tem um ar muito puro, a gente respira com qualidade, então é... é essencial aqui. Principalmente quem mora nela, né? Não podemos deixar ela morrer (Barriguda – Barra & Bom Sucesso).

A Caatinga é vida! Porque na Caatinga a gente consegue colher até remédios naturais, porque a maioria das plantas são medicinais, né? Hoje em dia é raro problema que você não encontre uma solução na natureza. Assim, as plantas, cada tipo de planta, serve pra uma coisa. E isso eu já vou ensinar até minhas filhas: ah, o chá disso é bom pra isso; o chá de num sei o que, é bom pra essa outra doença. E aí, vai incentivando elas também a preservar a Caatinga, né? Preservar a natureza (Araticum – Curral Novo & Jacaré).

Apesar de destacarem mais a flora de modo geral em suas falas, algumas asserções ainda aparecem destacando a importância da fauna, a exemplo do exposto por Caroá.

A Caatinga ela é uma grande professora pra essas comunidades, porque ela ensina desde cedo que ela dá, que ela produz né? E que algumas coisas são [produtíveis] temporariamente e outras coisas são o ano todo, né? [...] Graças a esse bioma, que é riquíssimo em diversidade, é riquíssimo em temperatura, e às vezes a gente reclama da temperatura, mas pra quem está adaptado com ela, que é o caso desses animais, os próprios que já são nativos do bioma Caatinga, como o veado catingueiro, como os tatus e tantos outros animais, assim o bode e o carneiro que não são nativos da caatinga, mas chegaram aqui e se deram muito bem, e se dão muito bem até hoje, e essa é a importância da Caatinga, que eu acho também, que ela tem plantas que ajudam mesmo na alimentação, nos remédios, na cura de muita coisa, no tratamento de muita coisa. A Caatinga, a gente está falando das comunidades de Fundo de Pasto, a Caatinga é fundamental e necessária. E até mais coisas (Caroá – Melancia).

Além disso, as respostas remetem significativamente à forma da qualidade de vida na garantia do ar puro, alimentação e ervas medicinais, bem como o sustento das comunidades através da caprino-ovinocultura. Ou seja, traz o que de fato precisa ser pensado, que é o equilíbrio entre as espécies nativas ou adaptadas e a qualidade de vida humana.

Nesse sentido, é imprescindível o trabalho de fortalecimento de uma Ecologia Humana que favoreça o desenvolvimento de uma produção da existência que se pense “[...] a defesa da vida planetária, das culturas, dos modos de vida, da integração do ser humano à Natureza, ao invés de sua expropriação para o exercício de uma dominação de uma espécie sobre outra” (Bomfim, 2017, p. 133).

Aqui vale trazer também a visão de Vandana Shiva (2003), a qual indica que algumas perspectivas de preservação reducionistas, cujo foco está no alcance de objetivos comerciais sem levar em conta os critérios ecológicos, expõem diversos ecossistemas a sérios riscos. Desse modo, o trabalho de Gudynas (2019) pode reiterar tal afirmação, quando aponta que a supervalorização de espécies com benefícios farmacológicos ou rentáveis acontece em detrimento de ecossistemas com menor biodiversidade.

Em consequência disso, as políticas públicas destinadas a esses ecossistemas ou são inexistentes ou têm baixa prioridade e, portanto “[...] neles se realizam empreendimentos com

intensos impactos ambientais. Essa situação é muito evidente em meios ambientes áridos e semiáridos” (Gudynas, 2019, p. 52). Ou seja, a promoção de políticas públicas de Convivência com o Semiárido Brasileiro é fundamental na constituição dessa Ecologia Humana, especialmente a necessidade da criação e aprovação de projetos legislativos no Brasil que possibilitem o reconhecimento da Caatinga como patrimônio nacional e a sua necessária conservação e restauração de áreas degradadas no bioma.

Todavia, ressalta-se que é necessário pensar a conservação com a presença humana, sobretudo das CTFP, as quais existem nessas terras há séculos e são reconhecidas como “[...] guardiãs da Caatinga e de sua biodiversidade” (Irpaa, 2019, p. 20). Nesse sentido, existe “[...] a possibilidade de conciliação da presença humana com o ambiente natural, promovendo a manutenção e até a melhoria do sistema físico e biológico do Bioma Caatinga”¹, constituindo, assim a Ecologia Humana de Convivência com o Semiárido Brasileiro. Não se faz aqui um discurso contra a criação de espaços de conservação, ao contrário, defende-se que a Caatinga seja priorizada nessas propostas, porquanto já teve mais de 80% de seus ecossistemas originais alterados, segundo dados do Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima (Brasil, 2024).

Entretanto, têm emergido, nas últimas décadas, discursos travestidos de conservacionistas para a criação de Parques Nacionais (PARNA), questionando a presença dessas comunidades em áreas que estão sendo isoladas para a conservação, sem considerar a singularidade dos modos de vida de populações tradicionais, como é o caso do Fundo de Pasto.

Sobre isso, um exemplo é destacado por Lima; Braga (2021, p. 384), no qual as autoras indicam a luta das CTFP em relação à criação do Parque Nacional Boqueirão da onça, onde “[...] a área de conservação estabelecida nesse desenho do PARNA está sobreposta por atividades mineradoras, seja através de licenciamentos, autorizações e ou extrações de minério”. Ou seja, é minimamente vil dizer que as CTFP oferecem perigo à manutenção da Caatinga em pé, quando, há décadas, os grandes empreendimentos engolem serras, desnudam a terra e conjuram todos os tipos de males, como afirmam Kopenawa; Bruce (2015).

Tal discussão evoca outro código da categoria. Intitulado “Problemáticas diversas”, esse código apresenta diferentes ameaças às comunidades, que emergiram tanto nos discursos das pessoas entrevistadas, como no cotidiano em convívio com as comunidades como “o grande capital” a exemplo dos parques eólicos e mineradoras, projetos de irrigação e a grilagem de terras.

¹ *Ibidem*.

Especialmente as mineradoras e a grilagem de terras são os gigantes que as CTFP enfrentam, sendo que a grilagem ocorre há, pelo menos, 50 anos e os embates com mineradoras há 30. Ainda que os empreendimentos sejam mais recentes, a exemplo das eólicas, seus impactos já podem ser sentidos em diversos aspectos, seja ambiental, estrutural ou econômico.

Como exemplo, é possível citar falas manifestadas por pessoas das comunidades durante as observações em campo, sendo que em Barra & Bom Sucesso, a comunidade afirma ter uma perda média de 200 caprinos/ovinos por ano, para as onças que estão descendo as serras em busca de alimento e refúgio, em face do desequilíbrio ambiental causado pelos parques eólicos.

Já em Melancia, foi perceptível nas observações e nas entrevistas uma preocupação com a juventude, afirmando que há um receio das pessoas mais jovens serem assediadas pelos grandes projetos de fruticultura irrigada tanto para trabalharem neles e serem cooptados, quanto de migrarem para a sede do município e irem minando a pauta da luta por terra e território.

É eólica que vem. Mineradora. É os projetos do agronegócio aqui, né? De fruticultura que é orientar e dizer assim [para a juventude]: é o puro veneno na terra! (Velame – Melancia).

Outras problemáticas que se apresentam, seja nas entrevistas, seja nas observações, é a negligência do poder executivo e legislativo, a nível municipal e estadual, com as demandas básicas das comunidades.

Que é um lugar que a gente... difícil de ter água... é... só cum as chuva, mas é chuva são irregulares... nunca os milímetro que era pra ser, né? A gente sabe disso, que nem sempre dá pra gente conseguir armazenar água também, né? pra o ano todo... Falta de políticas pública, né? Pra estrutura de armazenamento, capacitação [captação] de água... (Barriguda – Barra & Bom Sucesso).

A ausência dessas políticas públicas impede as comunidades de avançarem em termos de emancipação econômica, o que favoreceria significativamente a soberania delas.

Bom Sucesso não possui água encanada, ainda que faça parte do município que possui um dos maiores lagos artificiais do mundo. Na comunidade Melancia não há fornecimento de energia elétrica pela rede de distribuição, tampouco água encanada, embora esteja a apenas 6km da borda do lago. Nenhuma das três comunidades possui unidade básica de saúde.

Esse descaso não é à toa. As terras em que essas comunidades estão localizadas são vistas como possibilidade de rentabilidade, seus modos de vida através do uso comum da terra, bem como suas culturas, denunciam Ferraro Júnior; Bursztyn (2008, p. 7) “[...] são consideradas formas atrasadas e vestigiais, imobilizam terras e impedem-nas de constituir-se

Como apresentado na figura, há 10 palavras com maior recorrência ao longo das falas, essas foram eleitas para a presente análise considerando a frequência que possuem nas respostas.

No que tange ao quantitativo de vezes em que essas palavras aparecem nas falas, é possível notar uma discrepância entre as palavras com maior e menor frequência, sendo que Caatinga é enunciada 104 vezes e Mato, 16 vezes. Os outros termos são: cidade (47), roça (37), Caatingueiro (36), vida (26), pessoa (22), lugar (21), orgulho (20), Caatingueira (19).

Ao longo das falas, é possível ver que há uma identificação sempre em relação a algo ou a algum lugar e, nesse sentido, Caatinga é um ponto de referência seja de partida, seja de chegada. Daí sua maior incidência nos enunciados. Observe-se, entretanto, que frequentemente outros termos também estão associados.

Porque, armaria, o cara ter a previdade [privilégio] de viver com a Caatinga é bom demais! É. Diferente da rua, né? O... armaria, é bom demais. Eu gosto. Eu gosto mermo de caminhar mermo... É, gosto mermo de tá com a Natureza mermo. A zuada que eu gosto aqui é só dos passarinho mermo, quando amanhece o dia aí, é... cantano aí... (Urtiga – Barra & Bom Sucesso).

Porque muita gente acha que o Caatingueiro é aquelas pessoas matuta, aquelas pessoas que não têm conhecimento de nada. E não é nada disso! É porque convive aqui no interior, e aqui no interior é na Caatinga. É discriminação..., mas, ser Caatingueiro isso não desmoraliza ninguém não. Isso é vida. Hoje quem mora na Caatinga é melhor do que quem mora na cidade. Eu não sei se isso influi no que eu tô lhe dizendo, mas você tá me perguntando pra eu dizer... você vê a situação do Sul hoje como é que se encontra, que Deus nos livre de nós conviver num meio daquele: casa desbarrancando, rios matando. Aqui não acontece nada disso não. Outra coisa que nós Caatingueiro aqui, aqui não se fala em fome, aqui, Graças a Deus, todo mundo tem pão, porque todo mundo trabalha, cria e planta (Maracujá-do mato – Curral Novo & Jacaré).

Porque... Eu fui... venho de uma geração, né? Eu fui criado na área rural. Tenho respeito dos meus princípios, né? Do meu pai, da minha mãe. Então, hoje eu tenho esse consentimento de que Caatingueiro, eu me reconheço como Caatingueiro. É um reconhecimento bom (Pereiro – Melancia).

As três falas em destaque demonstram um padrão comum, mesmo em respostas de pessoas diferentes: apresentação de adjetivos negativos associados por terceiros ao termo ‘pessoa Caatingueira’, descrição da opinião própria acerca desse termo e um embasamento para justificar o porquê de assumir-se como tal, não necessariamente nessa ordem.

Assim, a construção desse processo identitário da pessoa Caatingueira passa por elementos exógenos à pessoa, como o desprezo da fala de outrem exemplificado por Maracujá-do-mato, elementos intrínsecos à Caatinga e elementos assumidos como positivos. Ou seja, há, na construção desse processo, ideias plurais que se articulam em torno da adjetivação. De

acordo com Silva (2017, p. 84), na construção dos processos identitários “Aquilo que é deixado de fora é sempre parte da definição e da constituição do ‘dentro’”.

Nesse sentido, esses elementos que são deixados “fora” dessa identidade, ao constituírem aquilo que não é admitido, possibilita a afirmação daquilo que é. Para Hall (2020, p. 51) “[...] a identidade e a diferença estão inextricavelmente articuladas ou entrelaçadas em identidades diferentes, uma nunca anulando completamente a outra”. Desse modo, a assunção de processos identitários passa, necessariamente pela compreensão de dois eixos fundantes: a identidade e a diferença. Assim, o identificar-se e o não identificar-se com algo são processos indissociáveis e, portanto, constitutivos da própria identidade.

Do mesmo modo, essa identidade passa pela capacidade de assumir “[...] identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções [...] (Hall, 2020, p. 12). Partindo desse pressuposto, as unidades de contexto a seguir trazem a materialidade dessa afirmação.

Eu acho que muitos de nós até se descobriu a partir do projeto, eu acho! Que até se descobriu a partir do projeto... porque a gente vivia na Caatinga, mas sem ter uma história assim... vivia, talvez, sem a história. Eu acho que a realidade talvez fosse essa. Talvez nem pensasse que vivia na Caatinga, vivia lá, e talvez, na cabeça, no pensamento... É, tá no mato, mas talvez sem olhar a importância que é a Caatinga. Talvez nós, muitos tivesse essa percepção de que a Caatinga era uma mera... era por eu tá ali... eu tô no meio da Caatinga, mas eu não tô nem veno ela. Ela lá e eu cá, eu num vou... num me identifico com ela. E a partir do Recaatingamento a gente viu que de fato a gente é Caatingueiro e que, de fato, a gente precisa defender a Caatinga, né? Então, eu acho que isso ficou, é... uma coisa que é bem forte hoje na gente por conta do projeto. E isso é uma coisa que já marca [...]. E o projeto fez a gente se identificar com aquilo que a gente é (Mulungu – Barra & Bom Sucesso).

Me identifico. Toda vida eu morei aqui na roça e aí eu me identifico. Tem gente que às vezes não quer ser Caatingueiro, né? É... “Isso aí é Caatingueiro” (exemplifica uma fala comum de desdém). Hoje em dia a gente se sente orgulhoso de ser Caatingueiro (Malva – Melancia).

Porque a palavra “Caatingueiro” não ofende ninguém! Não, é uma palavra que a pessoa mora na roça e que a gente deve ter orgulho de nossa identidade. E não porque... Não, eu creio que muito jovem antigamente, acho que mudou muita coisa, viu? Mas antes os jovem não queria ser da roça! Eles inventavam um endereço fora, [diziam que] morava em Juazeiro, inventava uma identidade, assim, falsa, né? Já hoje muitos deles, eu num sei se ainda tem algum que faça isso, mas muitos deles, não, já mora ali na roça, já é um orgulho, não é uma vergonha morar na roça. (Jericó – Curral Novo & Jacaré).

Quando Mulungu afirma que a comunidade se descobre dentro dessa identidade Caatingueira a partir do Recaatingamento, ele afirma a possibilidade de conceber mais esse elemento constitutivo como parte dessa identidade que é múltipla e cambiável.

Porque assim, não adiantaria muito a gente ter essa visão de que aqui é bom, se a gente não tivesse, digamos que, uma formação básica. Porque a gente entende que um pé de

imbuzeiro ele é importante. Mas se a gente for olhar os que têm, os que estão produzindo hoje, eles são tudo que quando eu nasci, provavelmente quando minha mãe e meu pai nasceram, eles já estavam aqui. E aí a gente vê andando aqui pela caatinga que eles morrem. E se a gente não tiver um entendimento de...de vez em quando plantar ou replantar, quem tá vindo aí ou até eu mesmo, se eu tiver a alcançar uma idade mais avançada, não posso nem ver mais. Eu vejo que o Recaatingamento ele trouxe muito essa visão pra gente. Vamos viver aqui, vamos lutar por isso aqui. Mas não adianta a gente querer ficar aqui se a gente continuar queimando, quiser continuar derrubando, muita coisa. Se tiver uma área que você quiser plantar uma planta e você quiser fazer a limpeza daquele terreno, mas é aquele lugarzinho específico, não é você meter um fogo aí numa caatinga e estragar com tudo, não é você... Porque se a gente está preservando, é porque um dia a gente ouviu em algum lugar que era bom preservar, e que a gente vê que é bom preservar, né? Então eu vejo que o Recaatingamento ele trouxe muito isso pra nós. Muito mesmo. Até mesmo porque no decorrer, durante quando a gente fazia... pegava sementes, né, pra plantar, tinha semente de planta que a gente plantava, passava mais de mês pra germinar. A gente ficava sem entender, né? Que a gente pega um milho, um feijão e bota na terra, quatro, cinco dias e tá nascido, né? Aí um Angico, uma Aroeira, um Imbuzeiro então que a gente plantava cem caroço pra nascer três, quatro... A gente ficava naquela coisa, né [triste]? Mas o Recaatingamento, ele me ensinou muito nessa parte. A gente entendeu esse processo. Que aqui o tempo é diferente. Sou muito grato por ter participado (Caroá – Melancia).

Nesse sentido, pode-se entender que as ações implementadas com o Recaatingamento não foram, necessariamente, capazes de provocar mudanças nas identidades das comunidades, apesar de serem capazes de influenciar diretamente em suas ações. Na verdade, essas práticas desenvolvidas, pela articulação entre os saberes técnico-pedagógicos, se valeram dessa multiplicidade de processos identitários para inculcar a ideia de outras possibilidades de relação entre as pessoas e a Caatinga. Ou seja, para ampliar essa rede identitária, uma vez que a identidade não é outra coisa senão movimento, processo, descontinuidade. Ela não é, pois, estável. Ao contrário, uma pessoa é composta “[...] não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas” (Hall, 2020, p. 11).

Assim sendo, é importante observar a fala de Jericó quando ela indica a invenção de “uma identidade falsa”, ou seja, uma identidade da qual não era possível se orgulhar outrora, mas atualmente há essa possibilidade e, além disso, que é possível assumir outra identidade, tida por ela como falsa, mas vista pelos jovens que ela cita como necessárias à sua afirmação em outros espaços.

Para tanto, Hall (2014) afirma que a abordagem discursiva percebe a identificação enquanto construção, como um processo e que este nunca está completo em absoluto, mas algo continuamente em desenvolvimento, como o que se apresenta nas falas de Caroá e Malva. O que dá, inclusive, margem à possibilidade de se pensar que futuramente essas mesmas pessoas têm a possibilidade de não mais afirmar essa identificação atual, o que não descarta a possibilidade de reafirmá-la, uma vez que não existe “[...] uma identidade fixa, essencial ou permanente” (Hall, 2020, p.11).

Entretanto, dada a sua impermanência, há um elemento presentemente contínuo para Woodward (2017), que é a capacidade da identidade se constituir de forma relacional. Nesse sentido a autora aponta que sendo a identidade e a diferença intrinsecamente codependentes, uma identidade depende de algo fora dela, daquilo que ela não é para constituir aquilo que ela é. Como exemplo dessa constituição relacional podem ser citados os termos cidade e roça. Ambos distintos, mas a existência de um evoca o outro que não o é. Algumas unidades de contexto podem ilustrar a asserção.

A gente vai pra cidade, vai num dia, volta no outro, mas doido pra gente voltar pra roça. Já sente saudade. Aqui é bom demais. Viver na Caatinga, eu acho que não tem natureza melhor do que você dormir e amanhecer na Caatinga, né? No mato. Não tem uma coisa melhor do que essa não [...] (Caxacubri – Barra & Bom Sucesso).

E até porque a gente aqui vive, assim, até mais do que quem mora na cidade. Porque eu vejo aí passar na televisão, as pessoas num vive, quem mora na cidade não vive, vegeta. Porque lá, às vezes, cê num caminha na natureza, você num colhe uma fruta, tudo é comprado. Aqui a gente tem tudo de graça, a gente cria, é tudo orgânico... Na cidade, tudo é com agrotóxico, tudo você tem que comprar. Aqui é muito bom, minha gente! A gente sai, faz caminhada nessas estradas, vai num mato, é muito bom. O ar livre, sem poluição. É. Muito bom mesmo. É incomparável. Eu mesmo, minha vida inteira foi aqui, não pretendo sair. Eu morei seis meses em Massaroca (Distrito de Juazeiro do qual a comunidade faz parte), mas saí de lá pra não voltar mais, só vou numa cidade a passeio e resolver alguma coisa. Mas, a não ser, não largo meu lugar pro outro, por uma cidade (Araticum – Curral Novo & Jacaré).

Então, eu mesmo, [me] considero [Caatingueira] porque... na cidade é ruim demais. Na roça você tem um ar fresco, você tem um ar livre. Como eu tenho uma criança, né, de agora quatro anos. Ela morava comigo na cidade. Aí agora, a gente veio morar aqui na roça. Ela não quer nem saber da cidade. Ela veio pra roça. Quer ficar aqui na roça. Não quer voltar mais pra lá (Carqueja – Melancia).

As falas das três entrevistadas convergem para a perspectiva de Woodward, a qual sugere que quando as identidades são construídas “[...] elas são formadas relativamente a outras identidades, relativamente ao ‘forasteiro’ ou ao ‘outro’, isto é, relativamente ao que não é. Essa construção aparece, mais comumente sob a forma de oposições binárias” (Woodward, 2017, p. 50). Nesse caso tais oposições binárias podem ser contextualizadas em cidade-roça; a gente aqui - as pessoas de lá.

Todas essas formas são constitutivas do processo relacional como parte da identidade compreendida por Kathryn Woodward e que dialogam com a perspectiva de Stuart Hall no tocante ao constante processo de produção identitária marcada pela identidade e diferença. Há ainda os adjetivos atribuídos a esse “aqui” e “lá”, como o orgânico e o agrotóxico; a tranquilidade da roça e o desassossego da cidade; o gratuito e o comprado. Nesse sentido, Tomaz Tadeu da Silva arremata que os processos identitários não são, todavia, isentos. Eles disputam espaços de poder, uma vez que “[...] Não são seres da natureza, mas da cultura e dos sistemas simbólicos que a compõem” (Silva, 2017, p. 78).

Assim, as oposições binárias servem como elemento de diferenciação onde, consequentemente, opera um poder. Para tanto, a operação binária “aqui”-“lá” é também uma forma de demarcar poder, do que fica dentro ou fora, é um modo de demarcar fronteiras e não constituem, portanto, mera divisão do mundo em duas classes proporcionais. Necessário se faz considerar que “[...] em uma oposição binária, um dos termos é sempre privilegiado, recebendo um valor positivo, enquanto o outro recebe uma carga negativa. ‘Nós’ e ‘eles’, por exemplo, constitui uma típica oposição binária: não é preciso dizer qual termo é, aqui, privilegiado” (Silva, 2017, p. 83).

Todas essas identidades são, também, compreendidas, construídas, desconstruídas e continuamente reconstruídas a partir das pessoas que as anunciam ao longo dessas entrevistas. No decurso dessas narrativas, aparecem as ações do Recaatingamento, como forma de possibilitar ver, conhecer e reconhecer-se dentro desse contexto caatingueiro, no Semiárido Brasileiro como cenário histórico, político e geográfico das Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto.

Considerações Finais

Mais que um caminho possível para se pensar políticas públicas de convivência com o Semiárido e a recuperação de áreas degradadas no bioma Caatinga, o Recaatingamento foi exposto ao longo deste artigo como uma ecometodologia capaz de provocar mudanças diretas e indiretas na Ecologia Humana das comunidades tanto no comportamento individual, quanto na reinvenção do sentimento de coletividade ou ainda, na ressignificação das tradições cotidianas de relação com a Natureza.

Essas ressignificações também atravessam as relações intergeracionais; geram empoderamento das mulheres através de novas políticas produtivas e reforçam a importância da unidade para a defesa dos interesses primordiais das CTFP, como a força necessária para enfrentar o assédio do grande capital ou a fragilização de direitos frente ao estado.

Isso, no entanto, não se dá única e exclusivamente por força do Recaatingamento e suas ações, mas pela articulação entre ele e a capacidade da identidade ser construída de maneira histórico-social e não biologicamente. E nesse sentido, as Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto incorporaram novos movimentos às suas práticas, às suas tradições. Ressignificando-se.

Assim, não cabe – tampouco seria essa a intenção – afirmar que por assumirem o adjetivo “tradicionais” essa identidade é ou deixa de ser válida. Ela simplesmente, existe e é atravessada por diversas questões. Portanto, essas comunidades assumem mais que uma

“identidade”, assumem processos identitários. Tão múltiplos e tão diversos quanto o bioma em que elas vivem.

Referências

ANTONINO, L. Z.; GERMANI, G. A Mineração e os Conflitos Territoriais na Bahia. In: MARQUES, J.; ANTONINO, L. Z.; MONTALVÃO, P. (Orgs.). **Amputação das montanhas do sertão: ecocídio e mineração na Bahia**. Vol. 2. Paulo Afonso, BA: SABEH, 2021.

BOMFIM, L. S. V. As raízes da Ecologia Humana no Brasil. In: ALVIM, R. G.; MARQUES, J. (Orgs.). **As raízes da Ecologia Humana**. Paulo Afonso: SABEH, 2017.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima. **Caatinga**. [Brasília] Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima 05 jan. 2024. Disponível em: <https://cutt.ly/9wBzeIAz> Acesso em: 12 jan. 2024.

CARVALHO, L. D. **Natureza, Território e Convivência**. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.

DAVIS, M. **Holocaustos coloniais: a criação do terceiro mundo**. São Paulo: Veneta, 2022.

FERRARO JÚNIOR, L. A.; BURSTYN, M. Tradição e territorialidade nos fundos de pastos da Bahia: do capital social ao capital político. In: **Encontro Nacional da ANPPAS**, 4, 2008, Brasília, DF. 2008. Disponível em: <https://acesse.dev/YbRed> Acesso em: 05 dez. 2021.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de conteúdo**. 5ª ed. Campinas: Autores Associados, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. 74ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

GUDYNAS, E. **Direitos da Natureza: ética biocêntrica e políticas ambientais**. São Paulo: Elefante, 2019.

HALL. S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2020.

HALL. S. Quem precisa da identidade? In: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HOBSBAWM, E. Introdução: A Invenção das Tradições. In: **A invenção das tradições**. HOBSBAWM, E.; RANGER, T. (Orgs.). 6ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

IRPAA. **Experiências de Recaatingamento no Semiárido Brasileiro**. Juazeiro/BA: Irpaa, 2019.

JALIL, L. M.; SILVA, J. N. da. (Orgs.). **Aprendizados com a vida: o Projeto AVACLIM visibilizando a agroecologia nos semiáridos do mundo - O caso brasileiro**. Ponta Grossa - Paraná: Atena, 2023.

KOPENAWA, D.; ALBERT, B. **A queda do céu: Palavras de um xamã Yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LIMA, A. R.; BRAGA, M. R. As três feridas de Sento Sé: territórios, povos originários e tradicionais atravessados por processos de colonização e projetos modernizantes. In: MARQUES, J.; ANTONINO, L. Z.; MONTALVÃO, P. (Orgs.). **Amputação das montanhas do sertão: ecocídio e mineração na Bahia**. Vol. 2. Paulo Afonso, BA: SABEH, 2021.

LORDE, A. **Textos escolhidos de Audre Lorde**. Difusão Herética: edições lesbofeministas independentes. (2013) Disponível em: <https://acesse.dev/sDzwW> Acesso em: 20 ago. 2022.

MARTINS, E. **Caderno de casos: semiárido brasileiro, sertão do São Francisco/BA – Recaatingamento recuperação e manutenção da Caatinga em pé**. Bahia: DAKI - Semiárido Vivo, 2022.

SANTOS, R. R. O.; SANTOS, M. H. L. C.; SANTOS, C. A. B. dos. Produção da existência das comunidades de fundo de pasto e suas relações com a caatinga. **Revista de Educação da Universidade Federal do Vale do São Francisco**, [S. l.], v. 13, n. 32, 2023. Disponível em: <https://encr.pw/LL504> Acesso em: 01 jan. 2024.

SHIVA, V. **Monoculturas da Mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia**. São Paulo: Gaia, 2003.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

SOUZA, D. L. de; Bispo, R. de S.; SANTOS, J. C. N.; SOUZA, J. O. dos S.; OLIVEIRA, A. dos S.; SILVA, E. D. da; Análise do projeto Recaatingamento em comunidades de Fundo de Pasto: estudo de caso na comunidade de Fartura em Sento Sé – BA. v. 15 n. 2 (2020): Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia. São Cristóvão, Sergipe: **Associação Brasileira de Agroecologia**, 2020. Disponível em: <https://l1nq.com/0u0vj> Acesso em: 03 jan. 2024.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

IV - BEM VIVER E ECOPEDAGOGIA: RELAÇÕES INTRÍNSECAS ÀS DIVERSAS NUANCES NA ECOLOGIA HUMANA DO RECAATINGAMENTO

SUBMETIDO À REVISTA INTERRITÓRIOS

ISSN: 2525-7668

RESUMO

Desde 2009, o Instituto Regional da pequena Agropecuária Apropriada (Irpaa), realiza o Recaatingamento, uma ecometodologia para a Convivência com o Semiárido Brasileiro, visando a recuperação de áreas degradadas na Caatinga, bem como outras estratégias de conservação, associadas à qualidade de vida das Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto, com as quais o Irpaa desenvolveu parcerias para a implementação do Recaatingamento. Com o objetivo de discutir as implicações do Recaatingamento na Ecologia Humana das Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto, foi realizado um estudo de caso do tipo etnográfico, com entrevistas e observações participantes. Como resultados, aponta-se que as principais mudanças causadas foram a diminuição de queimadas e derrubadas de espécies nativas. Além disso, a implementação das áreas de recuperação fortaleceu o sentimento de comunidade e influenciou na produção de outras percepções sobre a Caatinga. Por fim, indica-se investir mais tempo em oficinas, formações e, sobretudo, intercâmbios, se possível, priorizando a juventude.

Palavras-chave: Comunidades tradicionais; Caatinga; Semiárido Brasileiro; Irpaa.

ABSTRACT

Since 2009, the Regional Institute of Small Appropriate Agriculture (Irpaa) has carried out Recaatingamento, an ecomethodology for Coexistence with the Brazilian Semiarid, aiming to recover degraded areas in the Caatinga, as well as other conservation strategies, associated with the quality of life of Traditional Pasture Fund Communities, with which Irpaa developed partnerships to implement Recaatingamento. With the aim of investigating the implications of Recaatingamento in the Human Ecology of Traditional Communities of Fundo de Pasto, an ethnographic case study was carried out, with interviews and participant observations. As a result, it is pointed out that the main changes caused were the reduction in burning and felling of native species. Furthermore, the implementation of recovery areas strengthened the feeling of community and influenced the production of other perceptions about the Caatinga. Finally, it is recommended to invest more time in workshops, training and, above all, exchanges, if possible, prioritizing youth.

Keywords: traditional communities; Caatinga; Brazilian semi-arid; Irpaa.

INTRODUÇÃO

Iniciado em 2009 pelo Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (Irpaa), o Recaatingamento é uma ecometodologia realizada com as Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto (CTFP) no Semiárido Brasileiro.

Desde seu início, a realização do Recaatingamento associa práticas para a recuperação de áreas degradadas no bioma Caatinga e políticas de gestão socioambiental, visando tanto a valorização da Caatinga em pé, quanto o desenvolvimento da qualidade de vida das pessoas caatingueiras².

Isso requer dizer que há um conjunto de estratégias associadas para que essas pessoas passem a conservar o bioma, ao mesmo tempo em que incorporam outras práticas econômico-produtivas para a melhoria de renda sem prejudicar os bens naturais. Como apontam Silva; Pacheco (2018, p. 242) o Recaatingamento possui cinco linhas de ação, sendo elas “[...] 1. Conservação da Caatinga; 2. Recomposição da caatinga; 3. Educação ambiental contextualizada; 4. Melhorias de renda; e 5. Políticas públicas”.

Nesse sentido, o presente estudo é resultado de uma pesquisa que teve como objetivo discutir as implicações do Recaatingamento na Ecologia Humana das Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto. Este objetivo parte do questionamento: quais as implicações do Recaatingamento na Ecologia Humana das Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto?

Para tanto, foi realizado um estudo de caso do tipo etnográfico com 03 CTFP no Território Sertão do São Francisco (TSSF). Essas comunidades estão localizadas em 03 diferentes municípios: Barra & Bom Sucesso no município de Sobradinho; Curral Novo & Jacaré no município de Juazeiro; Melancia no município de Casa Nova.

Todas as localidades escolhidas pertencem ao estado da Bahia, uma vez que Fundo de Pasto, enquanto Comunidades Tradicionais legalmente reconhecidas, só existem nesse estado. Esse reconhecimento é realizado via Secretaria de Promoção da Igualdade Racial e dos Povos e Comunidades Tradicionais (Sepromi), que através da Lei Estadual nº 12.910/2013 “Dispõe sobre a regularização fundiária de terras públicas estaduais, rurais e devolutas, ocupadas tradicionalmente por Comunidades Remanescentes de Quilombos e por Fundos de Pastos ou Fechos de Pastos [...]” (Bahia, 2013, p. 1).

METODOLOGIA

Como forma de realizar uma pesquisa eticamente respaldada, o primeiro cuidado foi a submissão do projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade do Estado da

² Neste texto considerou-se não usar os usuais “o (a)” ou “o/a”, entendendo que estes além de binários, partem da perspectiva de uma linguística escorregadia. Tampouco optou-se por utilizar o “x” em substituição às letras “a, e, o”, uma vez que esse uso prejudica a leitura para pessoas com deficiência visual que precisem utilizar *softwares* leitores de tela. Usa-se, portanto, o termo pessoas, pois nele cabem todas as identidades. Assim, quando utilizados os pronomes ela/dela/nela/elas, não se refere a uma identidade de gênero, mas a pessoa/pessoas.

Bahia (Uneb). Este foi aprovado em 26 de março de 2021 e a realização da pesquisa foi autorizada através do parecer 4.613.635. Ao longo desse ano foram estudados os métodos para a coleta e análise dos dados, bem como o estudo teórico que pudesse fundamentar a análise dos resultados.

Nesse sentido, optou-se pela realização da pesquisa de campo com a realização da observação participante associada a entrevistas direcionadas tanto às pessoas das diferentes comunidades, quanto à equipe técnico-pedagógica do Irpaa. Todas as pessoas concordaram em participar livremente das entrevistas, foram devidamente informadas sobre os dizeres legais e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Apesar de todas as pessoas concordarem em contribuir voluntariamente, seus nomes não serão divulgados e, portanto, serão utilizados codinomes com plantas da Caatinga.

Assim, as entrevistas com 14 questões semiestruturadas, conforme ilustrado no Quadro 1, bem como as observações, foram realizadas entre 07 de janeiro de 2022 e 17 de dezembro de 2023.

Quadro 1: Questões aplicadas às comunidades nas entrevistas

Item	Questão
01	Qual a importância da Caatinga para as Comunidades de Fundo de Pasto?
02	Como foi que o Recaatingamento chegou até essa Comunidade?
03	Qual o sentimento da comunidade com a chegada do Recaatingamento?
04	Qual é o seu entendimento sobre o Recaatingamento?
05	Você acha que o Recaatingamento influenciou sua relação com a caatinga?
06	No seu entender, as pessoas da Comunidade se comprometeram com o Recaatingamento?
07	Como era a Comunidade antes do Recaatingamento?
08	O que mudou desde quando começou o Recaatingamento?
09	Você acha que é importante as escolas trabalharem esses assuntos que foram aprendidos no Recaatingamento?
10	Quais foram as dificuldades para a realização das ações do Recaatingamento?
11	Você se identifica como uma pessoa Caatingueira? Por quê?
12	Você acha que o Recaatingamento te ajudou a se identificar como pessoa Caatingueira? Por quê?
13	Na sua opinião, a afirmação “pessoa caatingueira” parece mais uma qualidade boa ou ruim?
14	O que é a Caatinga pra você?

Fonte: Autoria Própria.

Além disso, foram entrevistadas 04 pessoas da equipe técnico-pedagógica do Irpaa, sendo elas: 01 coordenador geral, 02 pessoas da equipe de campo, 01 pedagogo. Excetuando-se o pedagogo, que atualmente não faz mais parte do instituto, as outras pessoas continuam

acompanhando as comunidades participantes, sendo que uma pessoa é mulher e acompanha 02 comunidades (Barra & Bom Sucesso; Curral Novo & Jacaré) e a outra pessoa é um homem, responsável por acompanhar Melancia.

O Quadro 2 apresenta as perguntas realizadas nas entrevistas para a equipe do Irpaa.

Quadro 2: Questões aplicadas nas entrevistas às equipe técnico-pedagógica

Item	Equipe de campo	Pedagogo	Coordenador
01	Houve formação inicial e continuada para atuação no Recaatingamento?	Qual é a proposta pedagógica do Recaatingamento?	Qual a importância do Recaatingamento para as Comunidades de Fundo de Pasto?
02	Como você avalia as formações que participou?	Como essa proposta foi desenvolvida nas escolas? Quais estratégias foram utilizadas para essas formações?	Que estratégias foram usadas para escolher as comunidades participantes?
03	Como você percebe a atuação do Recaatingamento na comunidade?	Houve uma preocupação em considerar os saberes das comunidades na produção dos materiais didáticos?	Qual é a formação que os agentes do Recaatingamento recebem?
04	Você consegue identificar que existe um comprometimento da comunidade que você acompanha com o Recaatingamento?	Como se deu a preocupação para produção de um material didático para as formações?	Quais foram os principais desafios da instalação do Recaatingamento e da sua continuidade?
05	Houve mudança no ânimo da comunidade em participar do Recaatingamento do início até agora?	Houve algum acompanhamento pedagógico das ações do Recaatingamento em parceria com as professoras?	Qual a avaliação do Irpaa frente ao comprometimento das comunidades que estão envolvidas com o Recaatingamento?
06	Quais são as estratégias que o Recaatingamento desenvolveu/desenvolve na comunidade?	Qual a importância do diálogo entre as ações do Recaatingamento e as atividades na escola?	Que mudanças são possíveis de identificar nas comunidades do início do Recaatingamento até agora?
07	Você diria que as estratégias desenvolvidas são suficientes para garantir o comprometimento da comunidade?	Como se deu a participação da comunidade escolar como um todo, nas ações do Recaatingamento?	Você acha que o Recaatingamento contribuiu com sentimento de pertencimento nas comunidades?
08	Na sua perspectiva, o Recaatingamento consegue fortalecer a relação das comunidades com a Caatinga?	É possível afirmar que as ações educativas desenvolvidas pelo Recaatingamento foram capazes de provocar mudanças nas vivências das comunidades?	O Recaatingamento estabelece, nas suas ações, articulações com as escolas enquanto instituição que forma as pessoas da comunidade?
09	Quais são as mudanças que vocês conseguiram identificar do início até agora?	Quais foram as principais dificuldades para a execução das atividades desse processo educativo?	Houve uma preocupação em articular os saberes técnicos da assessoria com os saberes das Comunidades?
10	Como a comunidade reagiu diante da ideia de manter a “Caatinga em pé”?	É possível dizer que essas ações educativas são capazes de contribuir nos processos identitários das comunidades?	É possível dizer que as Comunidades incorporaram essa lógica da Caatinga em pé?

11	Vocês conseguiram fazer uma articulação entre a comunidade e a escola?		
12	Houve uma relação entre os saberes técnicos e os saberes tradicionais da comunidade nas estratégias do projeto?		

Fonte: Autoria Própria.

Como metodologia de análise das entrevistas, utilizou-se a Análise de Conteúdo, referendada por Franco (2018). Para tanto, utilizou-se o software Atlas.ti versão 23.4.0.29360, no qual, por meio da codificação das respostas foi possível criar as categorias de análise, as quais serão discutidas na sessão de resultados, articulando as entrevistas das comunidades, da equipe técnico-pedagógica e as observações em campo.

Essa codificação, entretanto, se deu inicialmente de forma isolada, onde as entrevistas foram codificadas de forma separada. Assim, inicialmente foram analisadas e codificadas as entrevistas das comunidades e posteriormente as entrevistas da equipe técnico-pedagógica. Por fim, esses códigos foram colocados em rede, para analisar como eles se entrecruzavam em suas unidades de contexto, acrescentando-se ainda as percepções das observações da imersão no campo da pesquisa.

Bem Viver e Ecopedagogia: relações intrínsecas às diversas nuances na Ecologia Humana do Reaatingamento

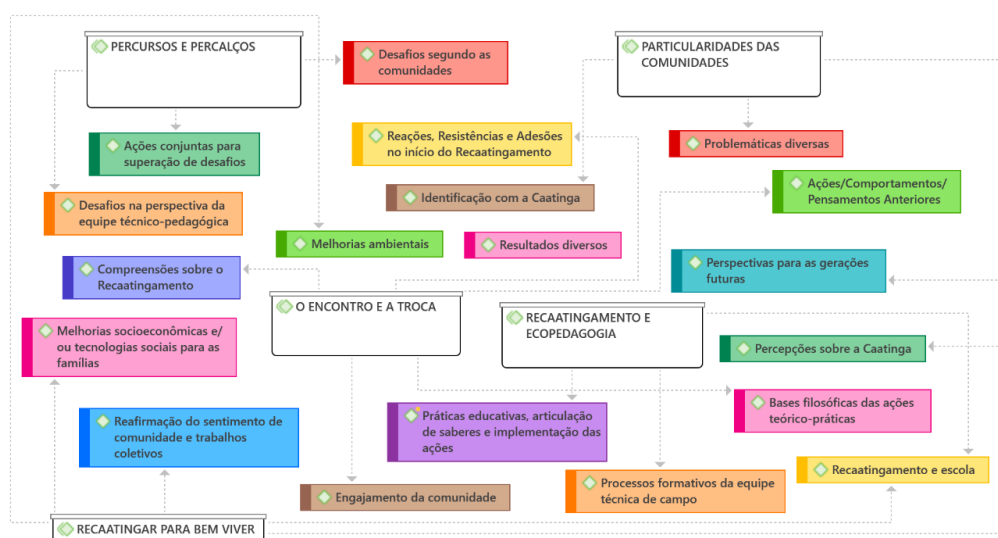
A realização das entrevistas em campo somou um total de 46 participantes, sendo que 42 pessoas pertencem às comunidades e 04 pessoas compõem a equipe do Irpaa. Dentre as pessoas da equipe entrevistada, apenas uma delas é mulher. Somando todas as entrevistas das comunidades o tempo total foi 14h20min07s. Já a duração total de entrevista da equipe técnico-pedagógica foi 2h52min13s.

O quantitativo de pessoas entrevistadas na Comunidade Barra & Bom Sucesso foi 11 (sendo 06 mulheres e 05 homens), com o tempo total de entrevista 3h46min19s; em Curral Novo & Jacaré 14 pessoas (07 mulheres e 07 homens) participaram da entrevista, com duração total de 4h20min; já na Comunidade Melancia 6h13min48s foi o tempo total de entrevistas e participaram 17 pessoas (11 homens e 06 mulheres).

Esse quantitativo de participantes rendeu 17h12min20s de entrevistas. Quando transcritas e analisadas somaram-se 867 citações ou unidades de contexto (essas são os destaques feitos nas falas que demonstram um padrão de ocorrência); ao organizar essas

citações em grupos específicos, nomeados pelo Atlas.ti como códigos, obteve-se um total de 19 códigos; em posse destes e agrupando-os, deu-se a nomeação das categorias de análise para então realizar a análise em si. Nesse sentido, a Figura 1 ilustra a forma como os códigos e as categorias foram organizadas no Atlas.ti.

Figura 1: Rede de códigos das entrevistas nas comunidades



Fonte: Autoria Própria.

Desse modo, as 05 categorias de análise que emergiram dos dados foram: a) O encontro e a troca, com 05 códigos e 221 citações; b) Percursos e Percalços, com 03 códigos e 132 citações; c) Reaatingar para Bem Viver, com 05 códigos e 154 citações; d) Particularidades das Comunidades, com 03 códigos e 194 citações; e) Reaatingamento e Ecopedagogia, com 03 códigos e 137 citações.

Apesar da relevância de todas as citações e suas unidades de contexto, serão discutidas as categorias de análise à luz da AC, considerando-se algumas unidades de contexto para as reflexões, buscando possibilitar uma compreensão geral desses contextos.

O encontro e a troca

O agrupamento desses códigos se dá na perspectiva de um trajeto do Reaatingamento, tomando como ponto de partida o comportamento, de modo geral, das comunidades antes da chegada do Reaatingamento. Assim, as bases filosóficas dele, a forma como chega às pessoas e como elas receberam e assimilaram a sua proposta, intervém na maneira como o compreendem, até o engajamento atual das comunidades.

Partindo de tais pressupostos, as três comunidades geralmente assumem seus atos alegando não imaginar quão prejudiciais eram as queimadas para roçados e, especialmente a derrubada das árvores para a colheita de mel.

Porque depois do Recaatingamento, a gente, eu mesmo não corto mais um pé de umbuzeiro, não corto mais um pé de umburana... E antes o pessoal cortava. Cortava. Até eu mesmo já cheguei a cortar, né? Hoje eu num corto mais. É, hoje a gente num corta mais, num corta mais um pé de angico, nós não mata mais. Antigamente num tava nem aí né? Podia matar, num tava... num ligava (Umburuçu – Melancia).

Porque a gente hoje vê muita, num tem muita devastação nas propriedades. Antes tinha! O pessoal desmatava, queimava, botava fogo aí, qualquer moitinha já era pra queimar (Baraúna – Curral Novo & Jacaré).

É... Nossa Comunidade sempre foi difícil a questão da conscientização [para não] desmatar, queimar. “Ah, queimar é bom que a planta vai nascer mais bunita, né?”, a gente escutou muito isso. É...num sei se você escutou muito, mas eu sempre escutava nas conversa com os agricultor, né? (Barriguda – Barra & Bom Sucesso).

Compreendendo essa realidade, um dos elementos fundamentais, quanto às bases filosóficas, aparece na fala do Coordenador e do Pedagogo, os quais apontam que apesar de gerações anteriores e atuais terem reproduzido práticas danosas ao bioma, é possível pensar que há como recuperar as boas práticas de manejo, herdadas de pessoas antepassadas com a mentalidade indígena de uso dos bens naturais com o cuidado e o respeito às outras formas de vida, assim como prevaleceu a relação de produção coletiva presente até hoje como característica primordial do fundo de pasto. Na perspectiva deles, a cultura de cuidado se perdeu, mas pode e deve ser resgatada e veem no Recaatingamento, um caminho para isso.

Outra premissa do Recaatingamento é consolidar que “A Caatinga em pé vale mais que a Caatinga no chão”. Tomando-se o cuidado, entretanto, para que essa perspectiva não fosse lida somente no sentido estrito da palavra, mas em sua complexidade.

Então, tamo trazendo também buscando recuperar isso, para além do valor econômico, que é um risco muito grande a gente ver o valor da Caatinga em Pé, como comparar, “Ah, se arrancar um minério daqui você tem 1 milhão. Mas, se você deixar a Caatinga em pé, em 10 anos, você vai ter 10 milhões, então, é melhor deixar a Caatinga em pé, economicamente, né?” [...]. Mas buscar esse outro envolvimento pra além do financeiro, né? Também essa parte mais mística, mais ancestral. Então, eu também tenho buscado recuperar. Que é, ao mesmo tempo, uma questão interessante, e ao mesmo tempo delicada, por conta do momento que tamo, né? Você tem aí a mídia, a internet, todo canto, né? Que não enxerga a Caatinga (Murici – Irpaa).

Nesse sentido houve um trabalho vigoroso para que as comunidades internalizassem isso. Avaliando as entrevistas com as famílias, percebeu-se o uso comum do termo “Caatinga em pé”, bem como uma pessoa afirma em uma das respostas durante a entrevista que “Caatinga boa é Caatinga em pé, não é Caatinga no chão” (Mulungu – Barra & Bom Sucesso). Ainda nessa comunidade, outra pessoa, Também fez menção a essa frase durante uma conversa nas observações em campo.

Certamente essa incorporação ao vocabulário, não só da premissa, mas do próprio nome “Recaatingamento”, que não é uma palavra tão fácil de usar com certa frequência, aponta para o alcance de objetivos e materializa o resultado dos trabalhos desenvolvidos pela equipe técnico-pedagógica em parceria com as comunidades.

Todavia, para o alcance desses resultados foi necessário um trabalho significativo, uma vez que a princípio a recepção do Recaatingamento vai de felicidade, gratidão e esperança a medo, desconfiança e descrença. Porém, o Irpaa ao longo dos seus quase 35 anos de trabalho pela convivência com o Semiárido construiu:

[...] um referencial metodológico bastante diversificado, fundamentado, sobretudo, em quatro pilares: a escuta (ao ouvir os/as agricultores/as); o conhecimento da realidade dos/as agricultores/as e das comunidades (parte da escuta e vai além ao buscar compreender suas motivações, contextos e práticas); a problematização (subsidiada pela pedagogia da indaga) e a participação [...] (Marinho; Wizniewsky; Picolotto, 2022, p. 116).

Com base nessa práxis, houve uma compreensão e adesão à proposta do Recaatingamento enquanto ecometodologia.

A chegada desse Projeto foi muito boa, porque deu pra gente dar um choque em cada pessoa que fazia a destruição da caatinga, como, por exemplo, na criação de abelha: aí você vai tirar uma abelha lá, numa umburana, num umbuzeiro, aí você tem que destruir o umbuzeiro e umburana pra poder tirar a abelha e lá deixar à toa, né? Destruir tanto o umbuzeiro, a umburana, como a abelha. Então, por que que não... Por que que não melhorar?! Aí o Recaatingamento veio para essas ideias, pra passar essas ideias pra cada um: que isso não é legal, não é o jeito, e a convivência de que a caatinga também respira, também vive, totalmente diferente, né? De cada... Porque hoje o que acontece no mundo e tá acontecendo hoje nessas épocas de clima, clima de chuva, é isso: eu destruo (aponta para si), e você (aponta para mim) paga pelo que eu fiz, né? Então, o Recaatingamento, ele veio para mostrar que não é assim, não é dessa forma que se trabalha, não é dessa forma que a gente lida com a caatinga, que ela também vive. Nós não sabe o que é que ela pensa, nós não sabe o que é que ela diz, não sabe o que que ela faz, mas a hora dela fazer o que ela quer, dela falar, ela chega, né? Pois é. É isso aí (Catingueira – Melancia).

Com certeza! Ele [o Recaatingamento] ajuda pra ensinar pra gente como deve manter a Caatinga, que a gente deve cuidar da Caatinga, zelar dessa Caatinga, que a gente depende dela. A gente mora aqui na roça, a gente depende muito da Caatinga. A gente cria animais. Então, os animais depende muito dela. Então, a forma da gente cuidar dela, né? Pra fazer novo plantio, preservar as árvores, não fazer desmatamento, não fazer queimada. [...] Pra não derrubar, não fazer queimada, né? (Jericó – Curral Novo & Jacaré).

Porque o Recaatingamento, ele nos trouxe uma visão de que é possível viver e conviver bem com a natureza. Com a caatinga, então eu acho que trouxe algo que talvez as pessoas não conseguissem ter essa visão de que dava pra conviver criando seus animais nessa realidade de preservar e conservar, então eu acho que vai tá melhor. Vai, não (reformula a frase imediatamente). Já está sendo melhor (Cansanção – Barra & Bom Sucesso).

Na maior parte das entrevistas, as pessoas destacam suas aprendizagens de forma individual e coletiva. Entretanto, os processos mais associados ao Recaatingamento são aqueles vivenciados nas atividades de campo, como a instalação das cercas, das aguadas.

Com isso, quando Barra & Bom Sucesso e Melancia falam que ainda há um engajamento comunitário, se referem ao cuidado com a área de recuperação, mas ainda não conseguiram implementar o plano de manejo. Em Curral Novo & Jacaré a cerca para a recuperação da área está no chão, porém conseguiram implementar o plano de manejo. Todavia, um elemento significativo a ser pontuado é que as famílias de Curral Novo & Jacaré, fazem seus Recaatingamentos nas áreas particulares.

Pelas mudanças que acarreta à comunidade, a implementação do plano de manejo ainda é o maior gargalo do Recaatingamento, porquanto a diminuição da criação acarreta diminuição da renda familiar. Nesse sentido, é fundamental pensar políticas públicas que viabilizem o equilíbrio entre a conservação da Caatinga em pé e a qualidade de vida das famílias.

Percursos e Percalços

Nas entrevistas, os principais desafios destacados pelas comunidades foram: a) a inviabilidade da cerca eletrificada; b) o desgaste breve das estacas de madeira; c) o período de longa estiagem que afetou o plantio das mudas, fazendo com que tudo o que foi plantado morresse; d) a própria escolha da área para a recuperação, dificuldade financeira para reparos; e) a descrença de algumas pessoas no início das atividades; f) as aguadas tiveram instalação inadequada; g) a distância da área para as casas das pessoas, o que dificultava a fiscalização constante e a irrigação manual das mudas plantadas; h) a presença de algumas pessoas de outras comunidades na área de recuperação para caçar os animais que passaram a viver ali; i) a difícil comunicação entre as casas, visto que no período de implementação as comunidades ainda não tinham acesso a internet; j) a resistência das pessoas idosas; k) a distância entre os viveiros e a área de plantar as mudas.

Já a equipe técnica e a coordenação citam: a) conseguir capitanear os recursos; b) o choque de atividades das comunidades com os prazos curtos para o alcance das metas propostas pelas entidades financiadoras; c) manter as comunidades motivadas a continuar com as ações sem a presença tão constante da equipe técnica; d) a implementação do plano de manejo; d) a resistência de algumas pessoas que veem com desconfiança o ato de cercar, uma vez que, por

sua cultura de coletividade, cercamento denota privatização; e) o temor ao cercamento que acarreta perda de parte do pasto para os animais.

Por parte do pedagogo, as dificuldades citadas foram: a) a ausência de unidades escolares em algumas comunidades por conta da nucleação; b) o tempo curto de acompanhamento das comunidades; c) a indisposição das docentes que enxergavam as ações como mais uma coisa pra ter trabalho; d) a falta de apoio institucional das secretarias de Educação para reforçar a importância das ações com as professoras. Por parte do pedagogo, uma das estratégias para superar esses desafios foi buscar realizar algumas ações práticas no processo formativo para dialogarem sobre os processos; outra coisa foi incentivar as coordenações e secretarias de educação para mobilizar as professoras.

Quanto às demais problemáticas gerais, tanto a equipe técnico-pedagógica quanto as comunidades assumem que o maior de todos os desafios foi a estiagem prolongada, ocorrida entre 2012 e 2017 conforme aponta o estudo de Santana; Santos (2020), que acabou sacrificando as quase 30 mil mudas plantadas. Segundo o Coordenador, as etapas de implementação seguintes em outras comunidades já não contaram com a instalação de viveiros ou de replantio, uma vez que o entendimento foi de deixar a área se recuperar naturalmente através do isolamento da área. Em conversas após a entrevista ele aponta que na natureza as plantas, sobretudo as espécies arbóreas, são as últimas a aparecer, antes disso há o papel dos diversos micro-organismos e fatores naturais para que posteriormente surjam as primeiras herbáceas.

Para a superação de desafios cujas possibilidades estavam ao alcance do Irpaa ou das famílias, algumas estratégias como: a realização de mutirões para a substituição da cerca eletrificada pela cerca com nove fios lisos, distanciadores e mourões de concreto; captação de recursos com outras entidades parceiras e/ou renovação dos projetos; mobilização das pessoas idosas para a verificação de resultados nas áreas; instalação de meliponários para compensar o isolamento das áreas.

Em campo, entretanto, foi possível observar que a instalação do SAF na Barra & Bom sucesso não deu certo, bem como nesta e na Melancia os meliponários não progrediram, frustrando as expectativas das comunidades. E isso se deu justamente devido à problemática com as augadas, uma vez que sem água nem as abelhas reproduzem, nem as plantas se desenvolvem.

Isso leva a perceber que outros desafios ainda estão sem resolução, dentre eles, i) as aguadas; ii) a implementação do plano de manejo tanto em Melancia quanto Barra & Bom Sucesso; iii) a distância das casas para as áreas. Algumas situações, entretanto, acabaram sendo favoráveis para naturalmente mostrar a viabilidade do isolamento para a recuperação como, por exemplo, o fato de poucos anos após o cercamento, crescerem algumas espécies arbustivas e arbóreas jovens, servindo como alimento no período de estiagem na comunidade Barra & Bom Sucesso.

Como tá aquele cercado do IRPAA ali, ali foi bom demais: fica uma área reservada, num entra bicho... E ali teve um ano na seca que nós salvemo os cabrito dali ó: tirar fôia lá. Foi. O cara ia com o saco, enchia o saco de fôia lá e trazia pra botar pros cabrito, que era só onde tinha, em outro canto não tinha não. Ficou conservada e inda hoje tá (Cebola Brava – Barra & Bom Sucesso).

Assim, a comunidade pôde testemunhar a importância, não só do cercamento da área, como da conservação das espécies nativas para a manutenção da alimentação de caprinos e ovinos de maneira geral e, sobretudo, no período de estiagem, reduzindo tanto as perdas pela desnutrição, quanto os custos com a compra de ração. Posteriormente, a comunidade se interessou por manter o cercamento e refazê-lo. Atualmente a área encontra-se com excelente qualidade do solo, bem como da flora com espécies arbóreas robustas. Nessa comunidade também houve relatos do reaparecimento de espécies como o Caititú (*Tayassu tajacu*) e o Tatu-peba (*Euphractus sexcinctus*). Ambos em grandes tamanhos.

Outra forma de perceber a área de recuperação, se considerada a ação de alimentar os animais com as folhas no período de estiagem, é que ela pode ser um silo natural. E assim, diferentemente, da ideia da perda de uma parte do pasto é criar a mentalidade de uma poupança para suprir as necessidades vindouras.

Já no caso da Melancia, houve relatos de reaparecimento de algumas espécies:

[...] e a gente tendo uma área de preservação é muito bom porque tem os animais que é de espécies que nem a tatu, essas coisas que estão de extensão [em extinção] né? E eles num lugar desse eles têm uma área que eles possam ficar e tudo. É muito importante (Carqueja – Melancia).

[...] a gente já ouviu algumas falas na comunidade. Uma das falas que ouvi agora por último, foi uma pessoa falar: “olha, nunca mais tinha visto o canto do Zabelê, mas nesse ano, a Zabelê cantou” (Imburana-de-cheiro – Irpaa).

Tais aspectos, nesse sentido, incentivaram as pessoas com maior resistência a apoiar as atividades e participar diretamente delas. O que favoreceu o fortalecimento das ações coletivas.

Recaatingar para Bem Viver

O agrupamento desses códigos traz um panorama geral de resultados a partir do Recaatingamento. Essa categoria, estruturada por seus códigos, aponta a intrínseca relação entre o Recaatingamento e a Ecologia Humana, pois ambos os conceitos estão interligados na busca por um equilíbrio entre as práticas humanas e o meio ambiente em que vivem e, no caso específico do Recaatingamento, esse ambiente é a Caatinga. Daí o Irpaa assumir uma nomenclatura própria desde o início para esse processo, como apontado por Murici:

Então foi nessa conversa aí, na cozinha, né? Fazendo o beneficiamento das frutas, que surgiu essa ideia de pensar como recuperar ou manter a Caatinga em pé. Conversa vai, conversa vem... Saiu esse termo “Recaatingamento”. Não é uma palavra que existia ainda. Mas, nessa conversa, foi criado pra diferenciar da ideia de reflorestamento. [...] Então, primeiro essa ideia de que não era um reflorestamento, porque geralmente tinha ligado a reflorestamento a ideia de plantio de eucalipto, de Nim, né? Pinus e outras plantas madeireiras assim... Então, surgiu a ideia do Recaatingamento: que era muito mais do que replantar, mas também ter a Caatinga como elemento principal de manutenção dessas comunidades tradicionais (Murici – Irpaa).

Assim, pensar o Recaatingamento com as Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto, é pensar uma ecometodologia apropriada à Convivência com o Semiárido, fato que contrapõe a lógica tão antiga do combate à seca, mas que nos últimos cinco anos retornou com certa veemência (Cavalcante; Souza, 2022).

Considerando o código Melhorias socioeconômicas e/ou tecnologias sociais para as famílias, percebe-se que ele aponta caminhos para pensar como a melhoria da qualidade de vida, por meio de mudanças socioeconômicas e o acesso a tecnologias sociais, beneficia tanto as famílias quanto o bioma.

Tais contribuições interferem diretamente na forma como essas pessoas veem a Caatinga, percebendo quão prejudiciais são as queimadas para roçados em grandes áreas, a derrubada de muitas árvores seja para a madeira, seja para a retirada de mel das abelhas que geralmente se instalam nas umburanas (*Commiphora leptophloeos*) ou umbuzeiros (*Spondias tuberosa*).

Além disso, compreender o código Melhorias socioeconômicas e/ou tecnologias sociais é importante para a desconstrução do pensamento de que o Recaatingamento se resume ao isolamento de uma área degradada para recuperação. Na verdade, por ser uma ecometodologia de Convivência com o Semiárido, é permeado pela necessidade de outros trabalhos e estratégias conjuntas.

No caso de Curral Novo & Jacaré, por exemplo, foi montada uma unidade de Beneficiamento de frutas nativas, onde se organizam cerca de 10 núcleos familiares³ para a produção de polpas, doces e geleias de umbu, licor e doce de tamarindo (*Tamarindus indica*). Os produtos desse beneficiamento, ilustrados na Figura 2, são vendidos a nível local e nacional por meio de centrais da Agricultura Familiar, Centros Públicos de Economia Solidária (Cesol's), entre outros.

Figura 2: Rotulação de produtos do beneficiamento



Fonte: Acervo da pesquisa de campo.

Nessa comunidade também foram construídas duas cisternas, sendo uma para a unidade de beneficiamento e outra na área do viveiro de mudas, bem como um poço artesiano na área do fundo de pasto.

Ressalta-se, assim, que o acesso a serviços públicos básicos faz toda a diferença quando pensadas as possibilidades de beneficiamento. Por exemplo, Curral Novo & Jacaré é uma comunidade que já possui acesso a água encanada e energia elétrica pela rede pública de distribuição, isso favorece a possibilidade de produção, armazenamento e comercialização dos produtos. Barra & Bom Sucesso já possui energia elétrica, nesse caso a comunidade, que faz o beneficiamento do leite de cabra, produzindo queijos e doces, consegue comercializar sua produção, porém não possui água encanada, além de ter uma estrada com acesso precário, o que diminui a frequência das idas à cidade para a realização das entregas.

³ Considerando que as CTFP são formadas por pessoas com forte grau de parentesco e/ou compadrio, uma comunidade é basicamente formada por uma grande família dividida em núcleos familiares.

Melancia, dentre as três comunidades pesquisadas, é a mais aviltada nesse processo, pois não possui acesso a água ou a energia elétrica pela rede e apesar da comunidade ter um potencial gigantesco para o beneficiamento de frutas e da mandioca, não o desenvolveu devido à negligência do estado da Bahia frente aos processos de expropriação que a comunidade sofre desde a segunda metade do século XX.

Com relação aos códigos Melhorias ambientais; Resultados diversos, é importante destacar que se as comunidades dependem diretamente do bioma, necessariamente vão, em momentos pontuais, necessitar retirar alguma madeira para construção. Além disso, caçar algum animal silvestre para a alimentação é também um componente cultural.

A diferença está, no entanto, na forma de devolutiva a esse ambiente através de estratégias necessárias como o manejo adequado dos animais, criando-os conforme a capacidade de suporte; o cuidado em replantar espécies que forem retiradas, entre outras possibilidades.

É... Ajudou muito. Porque a gente não sabia... a gente rancava um... planta, “Ah, isso aí num vale nada pra nós. Arranca”. Cortava a bichinha e tal... Hoje a gente num faz mais isso. É. A gente já mudemo o pensamento. É. Hoje a gente já quer replantar, né? A gente acha uma plantinha aí fora que num tem lá dentro, a gente já quer colocar lá dentro pra ver ela crescer, né? Hoje a gente não devastra mais a Caatinga (Alecrim-de-tabuleiro – Barra & Bom Sucesso).

É importante destacar aqui, que apesar de haver uma cultura de queimadas das espécies nativas, é nos territórios ocupados pelas Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto onde se encontram as maiores parcelas de Caatinga conservada e, não à toa carregam o nome de Guardiães da Caatinga (Irpaa, 2019). As ações de queimadas ocorrem para a implementação de roçados e historicamente isso acontece desde o ciclo do gado no Nordeste, momento em que se instalaram os grandes currais na Depressão Sertaneja. Ou seja, é algo estruturado socialmente, não só nessas comunidades.

Não... a prática aqui ó... (estala os dedos várias vezes para sinalizar que faz tempo) já vem dos meus avô, mais na frente [antigamente] fizeram muita capoeira véa pra plantar. Aí matou a Caatinga que já tava aí. Aí, depois disso aí, nasceu um⁴ pinhão e um Quipá e a capoteira [araçá]. Aí quando limpar [se arrancar essas espécies], vai ficar igual esse terreiro aqui, né? Fica o chão limpo, né? (Macambira – Curral Novo & Jacaré).

⁴ A pessoa aqui não fala de quantidade, mas de espécie. Essas são, para o tipo de solo da comunidade, as primeiras espécies que nascem nas áreas degradadas.

Além disso, algumas pessoas nas CTFP mantêm uma prática de criação bovina, carregando o hábito colonialista da queima de algumas espécies, a exemplo da Macambira (*Bromelia laciniosa*), para alimentar o gado.

É... O pessoal ia pro mato, queimava macambira pros animais, aquela coisa toda [...]. E hoje não, o pessoal já tem esse cuidado, de não queimar, até mesmo a Macambira, só numa extrema necessidade mesmo, mas quando tem essa necessidade, ele vai lá, arranca, faz uma moitinha e queima e dá a seus animal (Aroeira – Curral Novo & Jacaré).

Some-se a isso, a crença tradicional de que a Caatinga se recompunha naturalmente, fazendo com que as pessoas acreditassem que não estariam, necessariamente, fazendo mal a ela.

[...] parecia que o Projeto [Recaatingamento] era uma coisa mêm que fora da curva, pelo que dizia: ah, vai recaatingar e o... Meu pai mermo e alguns da idade dele dizia: “você são é doido, vão mexer com Caatinga, Caatinga por ela mermo se refaz, a Caatinga é uma coisa de Deus” (Mulungu – Barra & Bom Sucesso).

Ou seja, não se defende aqui que as comunidades tenham um estilo de vida bucólico e romântico. Ao contrário, afirma-se que há práticas danosas e que precisam ser reparadas. Entretanto, estas não se dão de forma deliberada, mas partem de estruturas que nascem com o colonialismo e se estendem até hoje sob o discurso desenvolvimentista.

Depreende-se, portanto, que as CTFP não produzem tais práticas, mas as reproduzem. Ainda assim, isso acontece em medida significativamente menor que outros sistemas produtivos individualistas que alimentam a competitividade e o lucro a qualquer custo.

Enfim, as comunidades tradicionais partem do pressuposto de que a luta pela sobrevivência do indivíduo não tem que se dar nem com as demais espécies da natureza, nem entre os indivíduos da própria espécie. Ou seja, nem no âmbito da comunidade, nem no da sociedade, elas sim permitem participar de qualquer relação de disputa com qualquer espécie, pois têm, como *modus vivendi*, a qual a operação na própria comunidade e com as demais espécies (Bonfim 2021, p. 139).

Compreendendo a Ecologia Humana dessas comunidades da mesma forma que Bonfim, o Recaatingamento incentiva práticas para o manejo sustentável da Caatinga, visando a conservação dos bens naturais e a promoção do Bem Viver; superando inclusive o famigerado desenvolvimento sustentável, uma vez que pensar o desenvolvimento é pensar uma relação binária entre desenvolvido e subdesenvolvido (Silva, 2019).

No tocante aos códigos Reafirmação do sentimento de comunidade e trabalhos coletivos; Perspectivas para as gerações futuras ambos apontam que a partir das ações do Recaatingamento as pessoas adultas ou idosas passaram a perceber o risco iminente das futuras gerações não chegassem a conhecer determinadas espécies nativas, mas que o cercamento foi uma medida viável e proporcionou o reaparecimento de espécies da fauna e da flora,

materializando tanto a ideia de que recuperar a Caatinga é uma medida possível e necessária. Bem como fortaleceu a necessidade das novas gerações já não repetirem antigas práticas.

Porque hoje em dia o jovem não sabe mais as coisas véa [comportamentos] de antigamente, né? E assim, o jovem hoje, hoje pelo menos aqui na nossa comunidade, os jovem já tão bem aprendiz com isso. Vê ali o Recaatingamento, os jovem já não vão fazer mais o que a gente fazia antes: matar umburana, matar umbuzeiro (Umburuçu – Melancia).

Desse modo, percebe-se que o Recaatingamento é capaz de intervir na comunidade promovendo uma nova forma de perceber a sua Ecologia Humana 1) no presente, quando Umburuçu aponta “o jovem não sabe mais as coisas véa [comportamentos] de antigamente, né?”; ou seja, atualmente esse comportamento não é mais transmitido como natural. Ao mesmo tempo 2) criando uma expectativa para o futuro “os jovem já não vão fazer mais o que a gente fazia antes”.

Além disso, a organização comunitária para a realização de ações coletivas fez reavivar o trabalho em mutirões, práticas comuns entre comunidades tradicionais que, no entanto, estavam se perdendo ao longo do tempo.

O projeto... o projeto modificou muito essa comunidade. Porque antes desse projeto era devagar o negócio na comunidade. Porque antes desse projeto era devagar o negócio poucas... pouca participação [na associação] como a gente tinha aqui. E depois desse projeto de Recaatingamento, apareceu muitas coisas também. Aconteceu muitas coisas boas. E aí a gente aproveitou muita coisa também. E aí que a comunidade hoje tem uma ação...um... um coisa, assim, uma expectativa [perspectiva] grande e ainda hoje, continua (Quixabeira – Curral Novo & Jacaré).

É, a comunidade antes de vim o projeto, era um... Era até uma Comunidade assim... mea desmotivada. Num tinha o encontro da gente, né? Que a gente, além de se encontrar pra ir lá no Recaatingamento, aí a gente tem um bate-papo, né? Se adiverte, ne? É muito bom. Eu acho muito bom isso aí. A gente não só o trabalho, como o... o...é, de tá junto. De juntar o grupo. Tanto pra trabalhar e depois o bate-papo, né? É muito bom, já muda a rotina de [...] já tem outra diferença. É tipo um adivirtimento pra gente, né? Eu acho que é muito bom pra nós, né? A gente...quando sai de lá, “hoje é dia da gente ir pra área do Recaatingamento”, a gente faz um esforço pra vim que... anima a gente, né? A gente ir pro Recaatingamento, pra plantar uma planta, mudar... É tipo um adivirtemo, tipo a gente ir até pra uma festa (Alecrim-de-tabuleiro – Barra & Bom Sucesso).

Destarte, considerando os constantes ataques que as CTFP sofrem ao longo de décadas, é fundamental que estejam articuladas interna e externamente, para manter em vista seus nomes, enquanto ativas social e politicamente, reafirmando suas reivindicações por terra e território.

Assim, pensar que se o Recaatingamento pode promover a organização de comunidades centenárias, é pensar também que historicamente essas ações de mobilização e organização comunitária poderiam ter sido desenvolvidas ao longo de sua existência, porém há uma rígida estrutura social organizada para expropriar essas pessoas de seus territórios, como apontam

Lima; Braga (2021), sobretudo com o fortalecimento de grandes empreendimentos no TSSF e em territórios circunvizinhos.

Particularidades das comunidades

Essa categoria organiza questões inerentes às CTFP que, no entanto, também foram atravessadas pelo Recaatingamento em alguma medida. Obviamente há uma relação intrínseca entre as comunidades e a Caatinga e, conseqüentemente uma forma de percebê-la. Todavia, as ações do Recaatingamento tornam-se significativas:

[...] para as comunidades em dois sentidos. Primeiro, trabalhar bastante a manutenção dessa tradição, né? De enxergar a Caatinga como um elemento importante pra manutenção e reprodução da vida da comunidade, né? O pessoal jovem que tá chegando, né? E, não só a questão econômica, madeireira ou extrativista né? Mas também toda a questão de ligação pessoal, sentimental, espiritual, ancestral com a Caatinga. Então, o Recaatingamento traz essa discussão. E outra também, que é, com essa preocupação em manter a Caatinga, também ajudar eles na defesa do território. Então a Caatinga hoje é muito disputada, né? O subsolo por causa do minério, né? o vento, o sol, as áreas mais próximas do rio, pra irrigação? Então, uma área de muita disputa, de grilagem, de violência contra as comunidades, expulsão delas do território. E a discussão é sempre assim: que a Caatinga não vale nada, né? Só um resto de mato seco ali. Então, o Recaatingamento vem justamente contrapor isso, a Caatinga é um bioma rico, em vários sentidos, que mantém uma diversidade muito grande de plantas, animais, micro-organismos e também tradições humanas, várias populações e que vale a pena lutar pra ficar na comunidade (Murici – Irpaa).

Um elemento crucial da fala de Murici é o apontamento quanto às ameaças e violências que as CTFP sofrem e isso remete ao código Problemáticas diversas, uma vez que há uma série de questões envolvendo situações em que as comunidades, quando não são assediadas, têm seus direitos violados nas mais diversas formas. A exemplo de: 1) Além do assassinato de um dos líderes do território Areia Grande (no qual se localiza a comunidade Melancia) em 2009, mais recentemente em 2022, inclusive durante a pesquisa de campo, foram incendiados 30ha na comunidade Melancia; 2) O assédio de empreendimentos como parques eólicos, solares e mineradoras, que se aproximam das comunidades e buscam desarticulá-las.

Outro ponto importante é a perspectiva de chegar às comunidades incentivando-as a refletir sobre seus processos identitários e a forma como se constroem, se fazem e refazem, acessando memórias ancestrais sem, no entanto, desligar-se das particularidades contemporâneas.

Ao longo das entrevistas foi comum as pessoas entrevistadas apontarem que nasceram e cresceram na Caatinga e, portanto, se identificam como caatingueiras com orgulho.

Porque a gente tem aquele dizer: “caatingueiro, morou na caatinga, nasceu na caatinga e viveu até hoje”, né? Aí a gente se sente uma pessoa... Às vezes: “Ah, fulano é caatingueiro” [com desdém]. Eu digo: “não, pois eu me sinto glorioso porque eu sou

caatingueiro”. É. Importante é a gente ser uma pessoa direito, né? É importante. Eu gosto muito da caatinga (Facheiro – Melancia).

Porém, de acordo com um entrevistado da equipe do Irpaa. Nem sempre foi assim.

Por exemplo, em Uauá, as professoras falavam nessa ideia de se autorreconhecer como Caatingueiro, né? Então, a professora contava que quando as crianças, os jovens, adolescentes iam pra esses campeonatos de cultura, do Governo do Estado, né? Que é regional, faz o concurso, então a escola que ganha vai até chegar em Salvador. Então, por exemplo, um jovem de Uauá, de Canudos, chegar em Salvador e dizia: “Eu sou de Juazeiro”, com vergonha de dizer que é de Canudos, de Uauá... Perguntar: “Onde é Uauá?”, “É nas Caatinga”. Então, ele dizia: “sou de Juazeiro”, porque... diz que agora é impressionante, eles vão pra lá com chapéuzinho de couro na cabeça, né? E diz: “Eu sou de Uauá, terra do Conselheiro”, “Eu sou de Canudos, terra do Conselheiro”, Pilão [Arcado], tal... Então, as professoras diz que também nesses últimos dez anos, reconhece esse avanço também na mentalidade das crianças que se tornaram jovens, né? De se autoidentificarem enquanto povo da Caatinga, né? (Murici – Irpaa).

A fala de uma moradora de Curral Novo & Jacaré confirma.

Não, eu creio que muito jovem antigamente... acho que mudou muita coisa, viu? Mas antes um jovem não queria ser da roça! Eles inventavam um endereço fora. [Diziam que] morava em Juazeiro, inventava uma identidade, assim, falsa, né? Já hoje muitos deles, eu num sei se ainda tem algum que faça isso, mas muitos deles, não, já mora ali na roça, já é um orgulho, não é uma vergonha morar na roça (Jericó – Curral Novo & Jacaré).

Nos estudos culturais, Hall (2020, p. 12) aponta que “O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções [...]”. Assim, essa identificação é construída ao longo do tempo, podendo ser remodelada, de acordo com as situações sociais que a pessoa vivencia.

Nesse sentido, as conversas desenvolvidas nos processos formativos do Reaatingamento, foram também fatores significativos para promover tal remodelagem, como aponta um jovem.

A gente, adolescentes, jovens, eu particularmente, participava das atividades desde o início da construção do Reaatingamento, nessa época, estudando ainda. Ajudou muito também enquanto pessoa, né? Também na profissão que eu sou hoje, né? Hoje eu sou técnico agrícola, trabalho numa organização também não-governamental, o [fala o nome da entidade] então ele [o Reaatingamento] me ajudou, tanto na minha vida pessoal como na minha vida profissional (Pereiro – Melancia).

As pessoas com idade $30 \leq$, que participaram das atividades nas comunidades quando ainda eram crianças ou adolescentes, permanecem ativas em relação à manutenção da área de recuperação, como apontado por uma outra jovem.

Justamente quando começaram a fazer as formações, as capacitações das comunidade, eu era bem pequeninha, mas já queria sempre tá...acostumava a ir com minha tia. Ela morava aqui, mas a gente ia pras outras comunidade, que revezava, né? As... as formação. E aí ela ia, pra ela num ir só, eu ia com ela... amuntada [montada a jégue

ou a cavalo], viu? Nesse tempo a gente nem transporte tinha, então a gente ia amuntada. Então, chegava lá, eu interagia, participava com as pessoas, tinha algumas [formações] que era coletar algumas planta, fazer análise de solo, com a questão da textura, né? E sempre eu tava ali no meio, então nunca me esqueci de nenhuma das formações (Barriguda, Barra & Bom Sucesso).

É exatamente esse grupo de jovens que hoje se orgulha de assumir-se enquanto jovem da Caatinga. Segundo Carqueja e Caroá, da comunidade Melancia, também foi possível participar de um projeto chamado Jovens Comunicadores, por meio do qual vivenciaram diversos intercâmbios e conseguiram desenvolver habilidades técnicas e sociais.

Aponta-se, nesse sentido, a necessidade de um trabalho constante com a juventude, uma vez que é cada vez mais crescente o assédio do grande capital, as ameaças aos territórios de forma direta, como os casos de incêndios, ataques e assassinatos; e de forma indireta, como a negligência do estado que se isenta da responsabilidade de garantir direitos básicos, além de deixar impunes as pessoas/empresas diretamente responsáveis pelas diversas violências perpetradas contra as comunidades (Alves *et al.*, 2021).

Além disso, se o Recaatingamento foi capaz de promover essas novas dizibilidades e visibilidades sobre a Caatinga, é porque as percepções que são construídas sobre ela foram ressignificadas e/ou estão em construção nesse processo dialético.

Porque a gente nunca tinha parado pra analisar direitinho a importância que tem a Caatinga pra nossa sobrevivência, né? A gente aprendeu muito... que antigamente fazia cerca que a gente chama de cerca de faxina: você tira a madeira e faz essa cerca de tecida. Aí a gente foi vendo que isso não era viável: porque como é que cê cria o bode, você vai cortar a caatinga, matando o quê? A comida do bode, né? Então a gente já pensa diferente, né? Tudo isso a gente aprendeu muito com o Recaatingamento, participando das reuniões. Muitas reunião que a gente foi, participei de reunião, de seminário, de muitas coisa, através do Recaatingamento. Até pra se comunicar, né? cum as pessoa eu tinha dificuldade. (Entrevistadora: Sim. E nesse sentido ajudou?) Ah, ajudou muito: no início eu era bastante tímido assim pra conversar com as pessoa, aí depois não. Foi várias e várias reunião que a gente tinha, era praticamente toda semana ou de quinze em quinze dia a gente se reunia lá no... no... na roça do IRPAA, né? E aí, era muita gente mermo. Mas, graças a Deus... a gente participou de muitas coisa, né? Reunião, curso bíblico, teve muita coisa nesse sentido, né? E o projeto tinha, né? Tinha as cartilha, tinha os reporte que acompanhava, né? Fazia as reportage do projeto. Era... é um projeto que nos ensinou muita coisa. Tá nos ensinando ainda, que ainda tá na ativa aqui, né?! (Batata de purga – Barra & Bom Sucesso).

Note-se, entretanto, que o Recaatingamento traz à consciência aquilo que já estava internalizado na vivência das pessoas, uma vez que elas produzem na Caatinga o seu “jeito de viver” como afirma o lema da Central de Associações de Fundo de Pasto; mas como afirma Batata de purga, o Recaatingamento chama as comunidades a fazerem essa análise sobre a relação de interdependência e uma reavaliação das práticas cotidianas.

Recaatingamento e Ecopedagogia

Como conteúdo fundamental, tanto ao desenvolvimento do Recaatingamento quanto ao alcance de seus objetivos, os Processos formativos da equipe técnica congregam a necessidade de um conjunto de estratégias para que esta consiga assimilar sua base filosófica e colocá-la em prática com as comunidades

Com base nisso, a coordenação e sua equipe desenharam as ideias iniciais, para posteriormente “costurar” as outras etapas que se seguiriam.

Então, nós tínhamos três grupos, podemos assim dizer, né? Tinha a equipe do Irpaa, contratados, a equipe de pedagogos, técnicos agrícolas, engenheiro, tal... comunicador. E, então, esses têm que estudar o material sobre Caatinga, sobre reflorestamento, sobre a recuperação de áreas degradadas e, a partir daí, também criando o material didático para trabalhar com as comunidades (Murici – Irpaa).

Nesse sentido, os processos formativos se iniciaram com o básico, que é a leitura para o embasamento teórico-prático; passando pela produção conjunta de materiais pedagógicos, na interação de saberes entre a equipe técnica e a equipe pedagógica para, só então, chegar às ações práticas de campo.

Porque as atividades, como são várias atividades, aí dão a... a cada processo de atividade, a gente recebe uma formação. Por exemplo, construção dos poços, foi uma formação; para aprender a lidar com a criação de abelhas, uma outra formação; para realização de plano de manejo... Então, todas as etapas a gente vem passando por formações. [...] Porque a gente, além de ver a parte teórica, a gente vai aprendendo na prática e com isso a gente vai aumentando a nossa bagagem e vai conseguindo também dialogar, conseguindo trabalhar melhor com as famílias nas comunidades (Faveleira – Irpaa).

Após as formações a equipe passa a atuar nas comunidades e a cada nova comunidade que adere ao Recaatingamento há novas formações realizadas pelas equipes anteriores, as quais já se tornaram multiplicadoras das práticas.

De maneira geral, as pessoas que atuam como técnicas de campo avaliam as formações recebidas como fundamentais ao desenvolvimento das práticas, apontando como imprescindíveis à atuação com as comunidades. Entretanto, uma delas sugere:

Eu acredito, Rosi, que precisa, precisa mais, né? Principalmente essa questão, é... de acompanhar o processo evolutivo da área. Eu acho que é... uma... é... fazer um estudo mais aprofundado, sobre a questão da microbiologia também, né? Dos animais lá dentro da área, porque quando você protege, com certeza né?!, vai aumentar a questão dos animais ali naquela área. Pra que a gente faça um trabalho mais, é... mais acadêmico mesmo, né? De pesquisa desta área. De quantos animais está rendendo ali? Quantas espécies deixou de existir na comunidade e agora com o Recaatingamento está retornando, apesar que a gente já ouviu algumas falas na comunidade (Imburana de cheiro – Irpaa).

Essa percepção da necessidade de trazer estudos mais científicos é importante, sobretudo para trazer visibilidade às comunidades, ao trabalho que têm desenvolvido e para

apontar as potencialidades e dificuldades do manejo das áreas de recuperação. E isso precisa ser feito pela academia em parceria não só com o Irpaa, mas com as próprias pessoas das comunidades, valorizando e registrando os saberes e práticas de manutenção da Caatinga em pé, além da importância de garantir o protagonismo delas.

Com isso, o código Práticas educativas, articulação de saberes e implementação das ações, indica como esses diálogos são estabelecidos através de intercâmbios com outras comunidades.

Era bem interessante e aí a gente também conseguia... nesses intercâmbio que a gente ia, nessas outras cidades, eu mesmo posso falar sempre, que eu fui um dos que andei bastante. E aí quando a gente voltava, né, a gente tinha assim... trazia aquele interesse muito grande por participar, por continuar participando (Caroá – Melancia).

Além dessas trocas intercomunitárias, a articulação de saberes, entre a equipe técnica e as famílias envolvidas, foi fundamental para a implementação das ações com as comunidades.

E aí o pessoal ficava, né?... não, umburana é planta boa, que se plantar em tal tempo ela dá... E aí começou aquela troca. Eu me lembro, nessa parte eu me lembro bem, que os técnicos que vieram, eles eram... Um tinha um que ele era, os que atuaram aqui, ele entendia um pouco, e tem outro que ele entendia mais a parte teórica do negócio do que a parte prática, né. E aí eu compreendi algumas, eu vi algumas, algumas como é que se diz? Algumas conversas assim, sobre essa questão. E os agricultores daqueles que mandaram, não, essa aqui é tal tempo, esse aqui é tal tempo. Tipo, não entendiam do contexto, né, da ideia que seria o Recaatingamento, mas entendiam que tinham um conhecimento das plantas, das áreas, né. E aí essa parte eu...essa parte das sementes que a gente catou também... é, eu ficava assim naquele negócio, ah, pra quê que essas sementes né? Não vai dar em nada daqui... A gente ficava naquela coisa, né, um pé de aroeira, um pé de Angico, que demora muitos ano pra crescer, 10, 20 anos. Mas aí com o passar do tempo é que a gente foi entendendo o processo, né? Que o negócio não era instantâneo, que não era pra mostrar o resultado (Caroá – Melancia).

De saberes, por exemplo, conhecer as plantas da Caatinga. Então não se tem muito conhecimento sobre isso, então a comunidade diz que plantas tem, pra que que serve... Em duas linhas, uma no sentido da comunidade se perceber, né? Enquanto conhecedora e da parte do IRPAA no sentido de incentivar, valorizar esse conhecimento e incentivar a sua reprodução. Nas plantas que pode ser cultivadas ou não, enfim [...] (Murici – Irpaa).

Nesse sentido as falas de Caroá e Murici são convergentes em apontar que houve uma troca ou articulação desses saberes, tanto por parte da equipe técnica ao buscar aprender com as comunidades, quanto estas estarem dispostas a compreender a proposta do Recaatingamento e buscar incorporá-la em seu cotidiano. Tal interlocução corrobora com os apontamentos teóricos de Marinho (2021, p. 277):

De forma geral, o processo de Recaatingamento, implementado pelo IRPAA, pode ser compreendido a partir da inter-relação entre os conhecimentos populares e tradicionais, especialmente aqueles advindos das comunidades de Fundo de Pasto com os conhecimentos técnico-científicos elaborados pelos extensionistas podendo ser definido como “uma metodologia de intervenção agroecológica baseada nos princípios da Convivência com o Semiárido”.

Quanto ao código Recaatingamento e escola, as respostas foram unânimes em afirmar a importância de as escolas trabalharem os assuntos relacionados à Caatinga e ao Recaatingamento⁵.

Aí... Tem comunidade que não sabe do Recaatingamento, talvez que nem a Melancia antes, né? Se um professor levar para o alunado que tá lá na sala de aula, ele receber uma aula de recaatingar, pra recaatingar, é lógico que quando ele chegar em casa, se ele for um aluno interessado, inteligente, ele vai passar talvez pra família, né? “Na escola a gente aprende isso, que não pode fazer, se [que] a gente tem que plantar árvore pra aumentar, né? Pra não ficar em extinção tal árvore”. Eu acho assim: é um incentivo, né? Se o professor levar pra passar pro aluno (Caraibeira – Melancia).

As escolas da nossa comunidade, eu acho que seria muito importante! É um meio de incentivar as crianças a saber o que é morar na roça, como cultivar o Recaatingamento, a nossa caatinga, como criar animais, como manter pra morar aqui na roça, né? A forma como a gente pode se manter, pra num chegar ao ponto de querer sair daqui pra ir pra outros locais. Então, eu acho que é uma forma de ensinar eles a aprender a morar na roça de criança já, de pequeno, e se interessar mais por aqui e dá mais valor a nossa criação, nossa morada. Como a gente mora aqui, pra eles entender, entender o porquê que a gente mora aqui, pra eles aprender a dá valor também, né? Aprender a ser Caatingueiro como nós, né?! (Jericó – Curral Novo & Jacaré).

Uma questão, entretanto, segundo o presidente do coordenador do Recaatingamento, é que o trabalho com as escolas só foi realizado com as primeiras comunidades que aderiram ao Recaatingamento, uma vez que estava previsto pela instituição financiadora, então houve recursos para a contratação da equipe pedagógica.

Esse é um dos fatores para se pensar o Recaatingamento enquanto política pública, com vistas a fortalecer as práticas contextualizadas, que valorizem os saberes, as culturas, as crenças e os processos identitários das gentes caatingueiras, uma vez que “a educação não pode se dar ao luxo de ignorar o chão que pisa” (Martins, 2006, p.37). Pensando nisso, uma pessoa da comunidade Melancia informa que a professora dos anos iniciais na escola da comunidade trabalhou simultaneamente os conteúdos do currículo escolar, contextualizando com as ações do Recaatingamento, em seguida, ele aponta a importância dessa contextualização.

[...] a nossa escola, da nossa comunidade trabalhou bastante isso, tem algumas crianças que saiu com uma mentalidade diferenciada do que era o passado, né? [...] então a gente implantou o viveiro lá e, às vezes, quando a gente tinha aula para, ia fazer alguma atividade lá, algum mutirão, a professora ia com os alunos para lá fazer uma aula prática com eles. Então teve muitos alunos que saiu bem, bem com uma consciência diferenciada, né? Então, assim, eu vejo que é preciso as escolas do município fazer esse trabalho, né? Essa orientação, de uma conscientização para o futuro. Porque se prepara o aluno para, na sua formação técnica, mas se a formação de consciência não tiver bem-preparada, no mundo de hoje, fica difícil de manter a caatinga em pé. Porque você vê quando essa turma se forma, na cabeça deles é formar

⁵ Um elemento interessante nessa parte, é que elas sempre esperavam a parte do “por que?” nas questões. Mas quando se tratava especificamente da pergunta sobre a escola, imediatamente já emendavam a explicação. Sempre que se passava a outro questionamento, tudo voltava ao normal.

para conseguir um emprego e os empregos que têm hoje nas nossas cidades, a maioria é nessa área da destruição, né? (Velame – Melancia).

Por outro lado, um ponto interessante vem na fala de Murici, o qual observou no início do Recaatingamento, nas comunidades, de modo geral, um certo distanciamento de saberes sobre as plantas da Caatinga e, diante de questionamentos suscitados durante as práticas de campo:

[...] eles também [perceberam] que tavam perdendo conhecimento das plantas da Caatinga: “Que planta é essa?”, “Vixe, não sei não. Tenho que perguntar a meu avô”; “E a semente dela dá em que época do ano?”, “Eita, num sei”. Então, esse “num sei” criava neles assim uma coisa: “Eita, tenho, né? Vergonha, num sei que planta é essa, tal”. Então, se buscou também trazer ou recuperar esse conhecimento de conhecer as plantas e o seu ciclo, né? (Murici – Irpaa).

Partindo dessa necessidade de contextualização, a organização das linhas de ação do Recaatingamento é estratégica para o alcance de resultados tecidos na perspectiva dessa ecometodologia de Convivência com o Semiárido, uma vez que considera a importância desse *modus vivendi* das comunidades e ao mesmo tempo propõe não só mudanças, mas retornos, reconexões entre essa Ecologia Humana atual com a Ecologia Humana ancestral.

O Bem Viver, segundo Alberto Acosta, se mostra um caminho possível para isso, pois ele “[...] recupera esta sabedoria ancestral, rompendo com o alienante processo de acumulação capitalista que transforma tudo e todos em coisa” (Acosta, 2016, p.15). Essa reconexão, não significa, entretanto “que, invocando o Bem Viver, como em um passe de mágica, os problemas estejam resolvidos”⁶.

Isso, entretanto, não se dá de modo impositivo e verticalizado, mas contextualizado, e dialogado, para que as aprendizagens sejam significativas. Nesse sentido, há que se evocar uma Ecopedagogia, a qual se apresenta como uma pedagogia “[...] dos direitos, que associa direitos humanos – econômicos, culturais, políticos e ambientais – e direitos planetários, impulsionando o resgate da cultura e da sabedoria popular” (Gadotti, 2000, p. 186).

Compreendendo possibilidades nesse caminho, é que são elaboradas e reelaboradas as atuações em campo da equipe técnica. Sempre no intuito de provocar a reflexão, a crítica e a experimentação. Visando garantir que a comunidade possa incorporar em seu cotidiano, aquilo que o Recaatingamento trouxe.

[...] e também a questão do... eu falo ao povo: “vocês como jovem, como mulher, como homem, o que você está fazendo para contribuir com a Caatinga, para as futuras gerações que estão chegando e têm o mesmo direito que você teve de tirar lenha,

⁶ *Ibidem*, p. 97.

madeira, mel criar animais soltos, será se vocês tá contribuindo com essa ação?” E isso provoca muito eles (Imburana de cheiro – Irpaa).

Então, esses foram aprendizados que foram sendo construídos em conjunto com a comunidade. Aí tinha: dá certo, num dá certo, aquela discussão ali... Até de coisas que “não vamos fazer”, outros: “vamos fazer pra experimentar”. Aí num deu certo: “num disse que num dava certo?”. “É, o senhor tava certo”. Mas, porque tinha que ter o conhecimento dele, mas também tinha que ter a validação, no mínimo, experimentação do conhecimento técnico, né? “Cerca [eletrificada] funciona? Funciona, a cerca funciona: todo lugar do mundo usa cerca elétrica, né?” Mas, depois: “funciona sim, mas naquela situação, não”. Então, assim a gente foi construindo os conhecimentos a partir dessa convivência ali, da questão técnica e da questão do conhecimento tradicional (Murici – Irpaa).

Essa práxis vem de uma metodologia própria da Educação Popular, que é a prática dialética, dialógica, questionadora e provocativa da reflexão individual e coletiva, a qual dialoga diretamente com a Ecopedagogia. Uma verdadeira maiêutica socrática. Ou, de maneira mais contextualizada, uma Pedagogia da Indaga, compreendendo que essas pessoas não são passivas, são ativas em suas formas de produção de saberes (Marinho, Wizniewsky; Picolotto, 2022), assim como são na produção de suas existências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do estudo constatou-se que o Recaatingamento acarretou implicações nas vivências das CTFP, pois contribuiu para repensar as percepções sobre a Caatinga e consequentemente o cuidado com o bioma; modificou comportamentos como a derrubada de espécies nativas e as grandes queimadas para roçados; fortaleceu a comunidade contra os ataques externos e reafirmou as potencialidades internas como o sentimento de coletividade.

Isso, no entanto, não se deu instantaneamente, houve resistências por parte das pessoas idosas e estranhamento ou desconfiança por parte de outras pessoas. Todavia, devido à abordagem da equipe técnico-pedagógica, pautada pela Ecopedagogia e pela Pedagogia da Indaga, ou seja, a problematização das situações através de questionamentos com sentido e significado próprios aos contextos das comunidades, bem como pelo engajamento da maioria e os posteriores resultados, as comunidades incorporaram às suas vivências, não só as práticas, como os conceitos de Recaatingamento e “Caatinga em pé”.

Ademais, o estudo aponta que a área reservada para a recuperação é apenas um dos elementos trabalhados e que outras ações tão ou mais importantes são desenvolvidas, uma vez que a ausência de um plano de manejo adequado pode piorar a situação de outras áreas. Por outro lado, o acesso a melhorias socioeconômicas e tecnologias sociais pode fortalecer a renda

e, conseqüentemente, diminuir a dependência das famílias da caprino-ovinocultura, possibilitando, finalmente, a implementação do plano de manejo.

Como contribuições ao Irpaa, recomenda-se que as áreas de recuperação sejam implementadas em tamanhos menores, mais próximas às residências e, se possível, mais de uma área por comunidade, de modo a viabilizar um cuidado mais frequente. Além disso, é fundamental investir mais tempo em oficinas, formações e, sobretudo, intercâmbios, se possível, priorizando a juventude.

Por fim, recomenda-se a realização de novos estudos, buscando visualizar como tem acontecido o Reaatingamento em comunidades que aderiram nas etapas posteriores.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, A. **O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. São Paulo: Editora Elefante, 2016.

ALVES, M. R. A.; MARQUES, J.; SANTOS, V. S.; ROSENDO, M. Quando a Terra Treme: A Agonia das Serras. In: MARQUES, J.; ANTONINO, L. Z.; MONTALVÃO, P. (Orgs.). **Amputações das Montanhas do Sertão**. Paulo Afonso, BA: SABEH, 2021, p. 163-179.

BAHIA, **Lei Estadual nº 12.910/2013**. Dispõe sobre a regularização fundiária de terras públicas estaduais, rurais e devolutas, ocupadas tradicionalmente por Comunidades Remanescentes de Quilombos e por Fundos de Pastos ou Fechos de Pastos e dá outras providências. Salvador: Palácio do Governo do Estado da Bahia, [2013]. Disponível em: <https://l1nq.com/hX6DL> Acesso em: 16 abr. 2023.

BOMFIM, L. S. V. **História e epistemologia da Ecologia Humana**. Salvador, Bahia: Editora Mente Aberta, 2021.

CAVALCANTE, L. V.; SOUZA, J. A. de. O desmonte das políticas públicas de convivência com o Semiárido pelo governo Bolsonaro. **Associação dos Geógrafos Brasileiros**, v.2 n. 59, 464-505, 2022. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/terralivre/article/view/2891>

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de conteúdo**. 5ª ed. Campinas: Autores Associados, 2018.

GADOTTI, M. **Pedagogia da Terra**. São Paulo: Peirópolis, 2000.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2020.

IRPAA. **Experiências de Reaatingamento no Semiárido Brasileiro**. Juazeiro/BA: Irpaa, 2019.

LIMA, A. R.; BRAGA, M. R. As três feridas de Sento Sé: territórios, povos originários e tradicionais atravessados por processos de colonização e projetos modernizantes. In: MARQUES, J.; ANTONINO, L. Z.; MONTALVÃO, P. (Orgs.). **Amputação das**

montanhas do sertão: ecocídio e mineração na Bahia. Vol. 2. Paulo Afonso, BA: SABEH, 2021.

MARINHO, C. M. **Agroecologia, convivência com o Semiárido e extensão rural: um olhar sobre a experiência do Irpaa no Território Sertão do São Francisco/BA.** Tese (doutorado) Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural na área de concentração: Processos de Inovação Sócio-Tecnológica e Ação Extensionista da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM-RS). Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/23165?show=full> Acesso em: 25 set. 2023.

MARINHO, C. M.; WIZNIEWSKY, J. G.; PICOLOTTO, E. L. A “pedagogia da indaga” e a construção de conhecimentos na extensão rural: fundamentos teórico metodológicos na atuação do Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (IRPAA). **Ver. Ed. Popular**, v. 21: 97-119, 2022. Disponível em: <https://cutt.ly/twBzqFP4> Acesso em 17 jun. 2024.

MARTINS, J. da S. Anotações em torno do conceito de Educação para a Convivência com o Semi-Árido. In: RESAB, Secretaria Executiva (Org.). **Educação para a convivência com o Semi-Árido: Reflexões teórico-práticas.** Juazeiro/BA: Selo Editorial Resab, 2006.

SANTANA, A. S. de; SANTOS, G. R. dos. Impactos da seca de 2012-2017 na região semiárida do Nordeste: notas sobre a abordagem de dados quantitativos e conclusões qualitativas. **Boletim regional, urbano e ambiental**, v. 22: 119-130, 2020. Disponível em: <https://cutt.ly/YwBzq4hS> Acesso em: 14 ago. 2022.

SILVA, J. de S. Agroecologia, bem viver e o 'dia depois do desenvolvimento'. **Agroecologia**, n. 39, p. 9-14, 2019. Disponível em: <https://acesse.dev/F9trk> Acesso em 08 dez. 2023.

SILVA, A. S. D. da; PACHECO, C. S. R. Reaatingamento: sustentabilidade das linhas de ações na comunidade de Curral Novo- Juazeiro (BA). In: PACHECO, C. S. R. **IV Workshop Nacional de Meio Ambiente e Sustentabilidade**, Petrolina/PE, 2018. Petrolina: Editor Kellison Lima Cavalcante, 2018, 239-255. Disponível em: <https://11nq.com/3vJQN> Acesso em: 14 out 2022.

6. DISCUSSÃO GERAL OU UMBUZADA COM LEITE DE CABRA

Não derrube o mato nem mesmo um só pé de pau. Não toque fogo no roçado nem na caatinga. Não cace mais e deixe os bichos viverem. Não crie o boi nem o bode soltos; faça cercados e deixe o pasto descansar para se refazer. Não plante em serra acima nem faça roçado em ladeira muito em pé; deixe o mato protegendo a terra para que a água não a arraste e não se perca a sua riqueza. Faça uma cisterna no oitão de sua casa para guardar água de chuva. Represe os riachos de cem em cem metros, ainda que seja com pedra solta. Plante cada dia pelo menos um pé de algaroba, de caju, de sabiá ou outra árvore qualquer, até que o sertão todo seja uma mata só. Aprenda a tirar proveito das plantas da caatinga, como a maniçoba, a favela e a jurema; elas podem ajudar a conviver com a seca. Se o sertanejo obedecer a estes preceitos, a seca vai aos poucos se acabando, o gado melhorando e o povo terá sempre o que comer. Mas, se não obedecer, dentro de pouco tempo o sertão todo vai viver um deserto só.

Cícero Romão Batista (Padre Cícero).

Ao longo deste trabalho discutimos questões pertinentes ao nosso objeto de estudo. Quando dizemos objeto não estamos nomeando as comunidades como tal, mas o fenômeno em si, que consiste na relação entre CTFP, Caatinga e Recaatingamento.

Dito isto, cabe retomar o objetivo geral que orientou toda a nossa pesquisa para que possamos tecer uma discussão geral acerca deste, o qual consistiu em compreender o Recaatingamento enquanto caminho para a recuperação e conservação da Caatinga na promoção da Convivência com o Semiárido Brasileiro.

Desse modo, esta seção faz uma discussão geral daquilo que produzimos nos artigos, buscando concatenar um panorama geral das ideias neles contidas e como isso contribui para o alcance dos nossos objetivos.

Todavia, antes mesmo dessa imersão no campo da pesquisa, realizamos algumas leituras acerca da teoria que se relaciona diretamente com o fenômeno, que é a identidade. A partir disso, conseguimos perceber, de acordo com os estudos culturais embasados principalmente no pesquisador jamaicano Stuart Hall, que efetivamente as identidades podem ser transformadas por fenômenos diversos, porque identidade é, em si, um fenômeno, um processo, por meio do qual construímo-nos e reconstruímo-nos na interação conosco, com o meio e com as outras pessoas (Hall, 2020).

Além disso, buscamos também estudar melhor os métodos para as revisões de literatura, na intenção de produzir um material robustez e qualidade acadêmica, que possibilitem a reprodutibilidade dos métodos empregados para o resultado alcançado.

Esses estudos prévios serviram como base para, só então, investigar, analisar e compreender todas as percepções suscitadas em campo, sem isso não há pesquisa, não há *επιστημη* (episteme), há γνώμη (doxa), especulação. Isso não significa, entretanto, dizer que a bagagem de conhecimentos prévios deva ser descartada, ao contrário, afirmamos que o rigor acadêmico pode coexistir com o encantamento do pesquisar. Por outro lado, afirmamos também que pesquisa sem afetuosidade é só um emaranhado de letras, gráficos, tabelas e números.

Como não estamos no campo da doxa, tampouco em uma ciência fria e esvaziada de sentido, propomos nesta etapa uma analogia à umbuzada com leite de cabra, elemento essencial no viver das comunidades.

6.1 Aprofundamento no objeto de estudo: separar a polpa do caroço

O primeiro dado que conseguimos alcançar diz respeito à relação estabelecida entre as CTFP e a Caatinga pela literatura publicada sobre essas comunidades. Isso porque, de modo geral, as publicações sobre Fundo de Pasto tendem a enfatizar questões como as lutas por terra e território, os processos de expropriação e outras ameaças internas e externas, trazendo as relações com o bioma de maneira secundária.

Mas isso era uma percepção superficial do fato e, sabendo que havia essa presença, fomos investigar com método apropriado, como são abordadas as relações entre as comunidades de fundo de pasto e a Caatinga na literatura científica.

Essa busca rendeu um vasto conteúdo na literatura e esses resultados foram abordados nos Capítulos I e II, os quais evidenciam a interdependência entre as práticas produtivas das Comunidades de Fundo de Pasto e o ambiente natural em que estão inseridas, demonstrando a importância da relação simbiótica entre as comunidades e a Caatinga para a sua existência e reprodução socioeconômica.

Essa interdependência pode ser explicada a partir das práticas produtivas desenvolvidas, as quais são baseadas em um modelo de uso sustentável dos bens naturais da Caatinga, como a vegetação nativa, a água e o solo. Essas comunidades dependem desses bens para sua subsistência e desenvolveram técnicas de manejo que visam conservar a biodiversidade e a produtividade do ecossistema.

Tal relação simbiótica entre as comunidades e a Caatinga envolve também benefícios mútuos. Enquanto as comunidades dependem dos bens naturais do bioma para sua produção agrossilvipastoril, a conservação e o manejo adequado contribuem para a sustentabilidade ambiental da região, beneficiando não apenas as comunidades locais, mas também a biodiversidade e os serviços ecossistêmicos. Desse modo, ainda que existam práticas de

degradação entre as famílias das comunidades, as parcelas mais bem conservadas de Caatinga estão nas terras de fundo de pasto, que dependem majoritariamente da Caatinga em pé para sua existência.

Além da dimensão econômico-produtiva, a relação entre as Comunidades de Fundo de Pasto e a Caatinga também está ligada à identidade cultural e territorial dessas comunidades. A conexão das pessoas com a terra e a natureza vai além das necessidades produtivas, refletindo a importância da relação cultural e simbólica com o ambiente em que vivem.

Portanto, a interdependência e a relação simbiótica entre as práticas produtivas das Comunidades de Fundo de Pasto e a Caatinga são fundamentais para garantir a sustentabilidade ambiental, econômica e cultural dessas comunidades, destacando a importância da conservação e do manejo adequado dos bens naturais para o bem-estar e a sobrevivência das gerações presentes e futuras.

Um ponto de partida fundamental para a compreensão do Recaatingamento é a apreensão de que ele difere das técnicas convencionais de reflorestamento em diversos aspectos. Em síntese, podemos citar:

- **Replanto de Espécies Nativas:** O Recaatingamento consiste no processo de recomposição da Caatinga por meio do replantio de espécies nativas em áreas degradadas, contribuindo para conservar a biodiversidade e a manutenção do habitat da fauna nativa;
- **Abordagem Holística:** O Recaatingamento não se limita apenas ao replantio da flora nativa, mas busca compreender e valorizar a complexidade de formas de vida que habitam a Caatinga, incluindo a fauna e a interação entre os seres vivos e o ambiente;
- **Enfoque Socioambiental:** O Recaatingamento é desenvolvido em parceria com as Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto, integrando saberes técnicos com as experiências e conhecimentos locais, promovendo uma abordagem participativa e colaborativa;
- **Ecometodologia:** O Recaatingamento é mais do que um simples projeto de reflorestamento, sendo considerado uma ecometodologia apropriada à Convivência com o Semiárido, buscando a restauração e conservação da Caatinga como parte de um processo mais amplo de convivência sustentável com o bioma, possibilitando percebê-lo como um caminho para o Bem Viver no Semiárido Brasileiro. Assim, são adotadas estratégias de educação ambiental

contextualizada com o Semiárido Brasileiro para sensibilizar as comunidades sobre a importância da Caatinga e promover uma compreensão maior do bioma;

- Complexidade de Ações: Além do replantio de espécies nativas, o Recaatingamento envolve a recuperação e conservação da Caatinga, educação ambiental contextualizada, melhoria das condições socioeconômicas associadas a tecnologias sociais nas comunidades, formando um conjunto completo de ações integradas.

Partindo desses pressupostos, o Recaatingamento contribui para a convivência das comunidades com o Semiárido de diversas formas, promovendo a sustentabilidade ambiental, o fortalecimento das comunidades locais e a valorização da biodiversidade.

Nomeamos nesta tese o Recaatingamento como ecometodologia porque dentre outras coisas, ele fortalece as tradições de trabalhos comunitários e estimula o modo de vida tradicional das comunidades de Fundo de Pasto, demonstrando que é possível viver bem no Semiárido a partir da biodiversidade da Caatinga. Isso influencia positivamente na convivência das comunidades com o Semiárido, favorecendo a permanência dessas famílias em seus territórios com a qualidade de vida que necessitam e merecem.

É importante também elucidar a seguinte questão: não há um Recaatingamento, há Recaatingamentos. Espalhados pelo Semiárido realizados por famílias, outras ONG's ou coletivos. Nesses termos, o Recaatingamento desenvolvido pelo Irpaa é um deles.

Para analisar as implicações do Recaatingamento nas Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto antes fez-se mister compreender o que caracteriza a estas e àquele. Pois entendemos que só a partir da compreensão de ambos se poderia entender essa relação. Umbuzada se faz separando a polpa, do caroço.

6.2 Os dados da pesquisa de campo: crescente o leite e o açúcar

Não à toa esta é a etapa em que tudo fica doce, sem perder de vista, entretanto, o desbotar dos dentes. O momento de reler o diário de campo, rever fotografias, organizar, categorizar e analisar as entrevistas foi o mais deliciosamente emocionante e, por seu turno, desafiador.

Ouvir novamente as respostas para comprovar a fidedignidade das transcrições exigiu paciência e agilidade, pois adiamos muito essa construção. Felizmente, o uso do *software* Atlas.ti contribuiu significativamente para as análises, uma vez que ele possui ferramentas diversas para estudos qualitativos.

Fizemos uma primeira análise, apenas com as entrevistas das pessoas das comunidades. Em seguida, elaboramos outro estudo, dessa vez cruzando as informações das entrevistas

também realizadas com a equipe técnico-pedagógica do Irpaa. Desses dois estudos conseguimos obter os dados que faltavam para construir o arcabouço geral desta tese.

Desse modo, os principais resultados da pesquisa realizada nas Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto possibilitaram identificar que houve mudanças significativas nos âmbitos socioambientais e culturais nas comunidades estudadas a partir das ações do Recaatingamento. Ou seja, alterações nas perspectivas identitárias das comunidades após a implementação das ações educativas do Recaatingamento. Dentre essas ações estão as formações, as atividades de campo, os intercâmbios e a articulação de saberes entre a equipe do Irpaa e as comunidades.

Tendo como base a metodologia da Educação Popular, a Ecopedagogia do Recaatingamento não é uma Pedagogia restrita ao ambiente escolar. Ela é uma Pedagogia para a criação de um pensamento outro, diferente da lógica de consumo a qual nos bombardeia todos os dias; diferente da racionalidade do descaso ao ambiente em nome do lucro. Assim, “[...] implica uma mudança radical de mentalidade em relação à qualidade de vida e ao meio ambiente, que está diretamente ligada ao tipo de convivência que mantemos com nós mesmos, com os outros e com a natureza” (Gadotti, 2000, p. 185).

Nesse sentido, as mudanças socioambientais e culturais influenciaram as perspectivas identitárias das comunidades estudadas de diversas maneiras, promovendo transformações significativas em suas visões, práticas e relações com o ambiente e entre si. Assim, apesar de não haver atingido necessariamente todas as metas, pudemos constatar que o Recaatingamento impactou significativamente a vida das famílias e despertou novas formas das pessoas se relacionarem com o bioma.

Dentre elas podemos apontar que a conservação e recomposição da Caatinga promovidas pelo Recaatingamento contribuíram para uma maior valorização do bioma e de seus recursos naturais pelas comunidades, fortalecendo a identidade local e a conexão com o território. Havendo ainda um envolvimento ativo das comunidades nas ações do Recaatingamento e a promoção de práticas sustentáveis e educativas proporcionaram um sentimento de empoderamento e autonomia, favorecendo o fortalecimento do sentimento de coletividade, o que proporcionou à comunidade estar mais forte e participativa.

Além disso, as atividades e projetos desenvolvidos em parceria com as comunidades tradicionais valorizaram os saberes locais, as tradições e os modos de vida dessas populações, contribuindo para o fortalecimento da identidade cultural e o resgate de práticas tradicionais favoráveis à convivência com o bioma e possibilitando discutir as práticas danosas como o hábito de queimadas e o sobrepasto. Ademais, a articulação entre a comunidade e a escola,

promovida pelo Recaatingamento, favoreceu a troca de saberes entre gerações, a valorização da educação ambiental e o fortalecimento dos laços entre os diferentes atores locais, influenciando positivamente nas perspectivas identitárias das comunidades.

Essas mudanças socioambientais e culturais não apenas impactaram as práticas e relações das comunidades, mas também influenciaram suas percepções de si mesmas, de seu território e de seu papel na conservação da Caatinga e na promoção de um modo de vida sustentável e integrado com o meio ambiente.

Desse modo, conseguimos perceber que se nos estudos iniciais sobre as comunidades, os artigos publicados construíram a ponte para asseverar a relação de interdependência entre elas e o bioma, nas entrevistas constatamos que apesar dessa relação simbiótica, as heranças colonialistas introjetaram a cultura da cerca, a limitação aos bens naturais e, especialmente o imaginário da desvalorização de sua fauna e flora.

Isso fez com que as pessoas, nesse caso não só de Fundo de Pasto, mas do Semiárido em geral, acreditassem que o melhor é plantar outras coisas (Schistek, 2013), ter animais “de verdade”, como apontamos nas análises das entrevistas. Assim, a construção da mentalidade do Bem Viver no Semiárido passa, antes de tudo, por uma noção de decolonialidade, como aponta Martins (2006).

Nesses termos, comparar os impactos causados pelo Recaatingamento, desenvolvido há quase 15 anos aos 5 séculos de desvalorização da Caatinga e do imaginário social que perdura há gerações, é reforçar o que Davis (2022) apontou ao exemplificar a experiência de Canudos para demonstrar a viabilidade do Semiárido quando empregadas as políticas adequadas ao ambiente.

Isso não requer dizer, entretanto, que não houve/há percalços enfrentados. Há, na verdade, muitos desafios que precisam ser superados e, especialmente no que tange às tecnologias sociais.

Ao contrário, é dizer que existem desafios, a exemplo da estiagem prolongada, das altas temperaturas e do alto índice de evapotranspiração; entretanto, estas são barreiras que podem ser transpostas, quando as estratégias são pensadas sob o paradigma da Convivência com o Semiárido, a exemplo de terra, renda e tecnologias sociais adequadas às necessidades das gentes caatingueiras.

Dentre esses desafios estão, por exemplo, a necessidade de melhores estratégias para as ações econômico-produtivas, o que inclui a necessidade de aperfeiçoar o diálogo sobre o manejo do meliponário, considerando que nas comunidades Barra & Bom Sucesso eles não

funcionaram. Além disso, a instalação das aguadas se constitui como outro desafio, pois os barreiros não tiveram êxito em suas instalações nas duas comunidades onde foram implantados.

Isso ocorreu tanto em Melancia quanto em Barra & Bom Sucesso. No caso de Melancia, desde o início da pesquisa, quando visitamos a área pela primeira vez, o barreiro já estava totalmente seco, devido à incapacidade de reservar a água, por conta da infiltração no solo.

Como é possível ver na Figura 21, há dois barreiros, um ao lado do outro, porém ambos não conseguiram servir como reservatório. É importante destacar que os dois barreiros estão absolutamente secos, mesmo em se tratando de um período de recentes chuvas, como se pode notar a partir das plantas que se encontram com suas folhagens.



Figura 21: Barreiro seco em Melancia mesmo na época de chuva

Fonte: Acervo da pesquisa de campo.

Semelhantemente, como mostra a Figura 22, o barreiro em Barra & Bom Sucesso também não deu certo, embora a problemática aqui, se dê ao fato da má localização da canalização da água. Nesse sentido, apesar de ainda reservar uma quantidade de água, esta não foi suficiente para enchê-lo, de modo que se mantivesse com água suficiente até a próxima temporada de chuva, o chamado “inverno sertanejo”.



Figura 22: Barreiro em Barra & Bom Sucesso

Fonte: Acervo da pesquisa de campo.

Consequentemente, isso implica dizer que em Barra & Bom Sucesso, o SAF não teve êxito, logo, as famílias nessa comunidade ainda não estão conseguindo ter renda direta das instalações da área de Recaatingamento. A Figura 23 mostra momentos da instalação do SAF na comunidade.



Figura 23: Atividades de instalação do SAF

Fonte: Acervo da pesquisa de campo.

Mesmo com a frequência das visitas à comunidade Barra & Bom Sucesso, realizamos outra visita específica seis meses após a instalação do SAF na área de Recaatingamento, dessa vez, para averiguar se o sistema estava com bom funcionamento. Entretanto, nessa visita que aconteceu ainda em 2022, já percebemos que os Tatus-Peba haviam comido algumas mudas plantadas, especialmente os Umbuzeiros, como ilustra a Figura 24.



Figura 24: Revisitando o SAF em Barra & Bom Sucesso

Fonte: Acervo da pesquisa de campo.

Como também pode ser visualizado na figura, algumas plantas ainda permaneceram vivas e saudáveis por um período, entretanto, em outra visita em 2023, específica para essa aferição, todas haviam morrido, como disposto na Figura 25, a maioria de sede, outras foram comidas pelos animais que reapareceram na área.



Figura 25: Última visita ao Recaatingamento de Barra & Bom Sucesso

Fonte: Acervo da pesquisa de campo.

Trazemos tais apontamentos para indicar que alguns passos ainda precisam ser dados no que tange a dois elementos fundamentais, uma vez que é necessário pensar: i) que efetivamente a Recuperação da área tem beneficiado não só a flora, como a fauna, que atualmente se faz presente em meio à mata, e isso precisa ser considerado, uma vez que o Recaatingamento não é e nem pode ser apenas para benefício humano; ii) que também é importante pensar nas pessoas de modo que a Natureza como um todo, e esse todo precisa incluir o componente humano, seja beneficiada.

Nesse caso, as estratégias econômico-produtivas precisam ser repensadas, mas as estratégias socioambientais e as ações educativas têm efetivamente apresentado excelentes resultados. Fica aberta ainda a pauta da implementação efetiva do plano de manejo, uma vez que sem outras possibilidades de renda, diminuir a quantidade de animais traz uma diminuição imediata na renda da família.

Por outro lado, o plano de manejo pode ser visto como um investimento a médio e longo prazo, visto que há uma melhora significativa na flora. Ainda assim, são necessários diálogos constantes.

Uma opção ao Irpaa, na mediação desse processo, é fortalecer o diálogo com as comunidades que já conseguiram implementar o plano de manejo para promover um intercâmbio de modo que elas possam contribuir, pensando alternativas àquelas que ainda não conseguiram, observadas, entretanto, a capacidade de suporte de cada uma.

6.3 Concatenando dados: bata tudo no liquidificador

Ao longo da análise dos dados, criamos categorias, quadros e gráficos, bem como trouxemos fotos do acervo da pesquisa de campo para elucidar o que conseguimos localizar na pesquisa. Estes, entretanto, buscaram ilustrar nossos achados, sistematizando-os de forma compatível ao que as revistas acadêmicas propõem. Além disso, considerando o montante de dados obtidos nas entrevistas e nas observações, seria inviável não só para as revistas como para esta tese, apresentar todos eles.

Ademais, consideramos interessante ampliar a visualização dos dados nesta tese e, desse modo, ampliar a percepção do conjunto de informações arroladas ao longo dos estudos para este constructo, para além do produtivismo acadêmico.

Ou seja, é possível “cruzar” algumas asserções para uma concepção mais holística do fenômeno estudado. Assim, ilustraremos outras situações com falas que se articulam entre si em alguns tópicos nas explanações de pessoas das comunidades com as pessoas da equipe do Irpaa.

Dando início a essa intersecção de informações trazemos a fala de Murici, que afirma:

Nesse primeiro Projeto, nos dois primeiros anos do Projeto, a gente tinha a possibilidade de trabalhar com as escolas, né? Nessa parceria com a Prefeitura, de colocar ali uma assessoria pedagógica pra ajudar a professora a trazer esse conteúdo pra dentro da escola: projeto didáticos, essas coisas, né? E a gente pensou que a criançada que participou, nesse tempo, que hoje já tão jovens, adolescentes, né? Muitas delas estão envolvidas no Projeto, né? E se sentem bem em participar e tal, ajudaram a plantar mudinha na época, essa coisa toda, tal. Então, elas estão ali bastante animadas (Murici – Irpaa).

Essa afirmação é corroborada pela juventude tanto de Barra & Bom Sucesso, quanto de Melancia, nas quais algumas afirmativas confluem nesse sentido.

Para tanto, trazemos as falas de jovens das comunidades de modo que a narrativa sobre essas afirmações não fique à mercê das falas institucionais como verdade absoluta, visto que esta não é característica da Educação Popular à qual está vinculado o Reaatingamento.

Como eu te falei, na época das formações...porque primeiro veio as conversas, veio as formações, e aí, na minha época, eu sempre participava mais com minha mãe que levava, né? E aí, depois foi que eu fui tomando gosto. Não vou dizer que foi me apaixonei de primeira, não, fui tomando gosto com o processo. Às vezes minha mãe não podia ir... (reproduz a fala da mãe) “vai lá, vai os menino lá, vão lá catar semente...vão lá fazer, plantar essas mudas hoje, vai lá fazer essa limpeza”. Era sempre assim. “E vai lá participar dessa palestra hoje, desse seminário, desse curso. E depois, ninguém precisou mais dizer pra eu ir, mesmo com pouca idade, eu já ia de bom gosto. E aí o que que acontece? Aí vem as formação, depois vem a implantação (Caroá -Melancia).

[...] o Reaatingamento na época, só resumir um pouco, chegou eu era muito jovem ainda, né? Foi um processo de entender, talvez algumas pessoas mais velhas do que eu, que estão na comunidade entenderam mais rápido. Que a gente quando é jovem ou adolescente ainda é um processo para entender, né? E que aquilo serve, qual é o... que... é que aquilo pode, podia contribuir para mim, né? Hoje eu vejo que foi um

processo fundamental para a minha vida profissional, né? Hoje eu faço um trabalho aqui também, inclusive acompanho também algumas áreas de Recaatingamento aqui no município que eu trabalho, né? Sempre quando eu estou fazendo esse trabalho, eu sempre trago esse...resgato em que a gente iniciou esse trabalho em Casanova, na comunidade de Melancia, que foi uma das primeiras comunidades que recebeu o Recaatingamento. E conto todo é a trajetória, né? Então é algo que serviu para mim enquanto adolescente, na época, e hoje [está] servindo enquanto jovem e enquanto profissional, né? Que por onde eu passo, eu levo isso comigo também. Minha formação aí dentro do meu ambiente com o trabalho com outras famílias agricultoras, né? Minha área aqui também é trabalho com agricultura familiar também (Pereiro – Melancia).

E sempre eu tava ali no meio, então nunca me esqueci de nenhuma das formações. E desde pequena, eu acho que dos seus oito ano, eu já ia pras formações aqui na comunidade, antes de implantar a área de Recaatingamento. E aí depois o Projeto foi se aprimorando e aí trouxeram a questão da implementação da área de Recaatingamento. Participei da maior parte do... do início [da] área de Recaatingamento, preparar substrato pra encher os saquinho, é... fazer o plantio das muda, né? Cum a sementinha no saquinho, transplantar na área, plantio de mandacaru, xique-xique, macambira, era umburana de cambão... que são mudas que era por estarquia, então eu participei de todos esses processos na área do Recaatingamento (Barriguda – Barra & Bom Sucesso).

Em consonância a esse tópico, consideramos uma rica informação apontar que, uma das jovens de Barra & Bom sucesso, participou das ações do Recaatingamento ainda criança e na sua formação desenvolveu o TCC sobre essas ações. Hoje ela é professora na escola da comunidade e afirma que em sua prática pedagógica levou as crianças a conhecerem a área cercada para a recuperação da Caatinga, buscando trabalhar em sua prática educativa:

[...] a perspectiva da realidade do educando. Então, vem daí a gente trabalhar, contextualizar a realidade dele com a gente. Não é ensinar o B de bola, né? É ensinar a realidade do B de bioma, por exemplo. Qual é o bioma que você tá... Como é a realidade da sua comunidade, inclusive também levar esses estudantes a visitar a área. Tem um registro de quando a gente foi visitar a área que é pra incentivar eles quando crescer e até mesmo enquanto criança a proteger e preservar ou conservar o nosso bioma (Professora da comunidade Barra & Bom Sucesso - nesse caso, para não revelar seu nome real nas outras falas, optamos por não usar o codinome).

Ou seja, a Ecopedagogia do Recaatingamento sob a ideia de uma aprendizagem significativa, contextualizada e dialógica, se multiplica entre as pessoas que participaram das ações educativas ainda na infância e adolescência, corroborando a fala de Murici.

Ademais, Murici indica a participação das pessoas idosas no ambiente escolar, explicando sobre os conhecimentos das plantas, como forma de valorizar os saberes ancestrais, na promoção da cultura de cuidado com a Caatinga:

Então, por exemplo, você pega aquele homem que nunca foi na escola, né? E ele ia na escola dar aula sobre conhecimento das plantas. Então, isso era importante que eles se sente com sua autoestima elevada, né? “Eu não sei ler, não sei escrever e dei aula”. E os meninos na escola percebe essa valorização da ancestralidade, quase todo mundo é parente, então: “meu tio, meu avô, minha avó, né? Tá ali falando, tal”. Então, isso também vai criando um sentimento de aproximação do saber técnico com o saber tradicional, né? (Murici – Irpaa).

Corroborando com essa fala, outra pessoa da equipe aponta:

Então, a partir dessa experimentações daquilo que as pessoas já conheciam, as pessoas têm um conhecimento, às vezes, bastante amplo, os agricultores eles observam no dia a dia o que dá certo o que não dá, como é que as coisas se desenvolve... Então, a gente aproveita esse conhecimento, mas fazemos interrelação com os conhecimentos científicos, com aquilo que a gente tem nos livros didáticos, porque eles são muito importantes, ou nos livros, em outros livros, que são importantes pra eles. Então, a gente tentou considerar um pouco isso (Camaratuba – Irpaa).

Nesse sentido, reforça a compreensão da Ecopedagogia do Reaatingamento como práxis mais ampla que somente o ensino da cultura letrada, especialmente porque “[...] A pedagogia tradicional, centrada sobretudo na escola e no professor, não consegue dar conta de uma realidade dominada pela globalização das comunicações, da cultura e da própria educação” (Gadotti, 2000, p. 97).

Assim, essa práxis aponta as ações educativas desenvolvidas no bojo de um saber comunitário e dialético, alcançam resultados materiais e imateriais na promoção da Convivência com o Semiárido Brasileiro, na percepção do seu bioma como um bem em comum. Isso pode ser exemplificado em dois elementos que se articulam significativamente: o primeiro diz respeito ao uso da madeira de espécies nativas; o segundo aponta a mudança cultural na reeducação do olhar as plantas da Caatinga e dentro desse ponto há dois tópicos: a) as comunidades passam a ver beleza nessas plantas, utilizando-as nos arredores de suas casas; b) as comunidades aprendem mais sobre o valor forrageiro e formas para produção dessa forragem como nutrição animal nos períodos de estiagem.

No que tange ao uso da madeira de espécies nativas, observamos em campo, nas três comunidades, que a madeira usada para lenha não é mais a madeira de árvores que estavam em pé, como se fazia antes, hoje são usados galhos ou partes de troncos já secos que estavam no chão. Quando há necessidade de maior quantidade, são utilizadas as madeiras de algarobas (*Prosopis juliflora*) visando conservar a Caatinga em pé.

Então, a gente faz um trabalho bem educativo e que a maioria das famílias até já têm uma certa consciência, antigamente foi mais, pra essa questão do desmatamento, de tirar Caatinga pra fazer cercas, mas hoje em dia eles já tão mais conscientes que tirar algaroba pra esse fim, já que não é nativo, né? Então, a gente faz um trabalho assim, nesse sentido, a forma como deve ser colhida os umbu, também as frutas, pra não matar, não agredir a planta, né? É todo um trabalho educativo, né? (Faveleira – Irpaa).

Essa fala corrobora tanto o que presenciamos em campo quanto as asserções das comunidades, a exemplo das falas a seguir:

Hoje o pessoal junta o resíduo da Caatinga se decompõe na roça mesmo, não precisa botar fogo. A gente hoje tem algaroba que a gente pode cortar, já facilita muito. É, não precisa tá agredindo a natureza, só recolhe a mesma madeira seca, que tá já morta, já tá seco... Então, uma parte é um incentivo, né? Um conhecimento mais avançado (Baraúna – Curral Novo & Jacaré).

E depois não, depois do Projeto, a gente caça...não... [procura um meio de não] derrubar uma umburana, de derrubar um angico pra fazer um pau de madeira, já

procura outro meio, né? É, uma algaroba, essas coisas assim que a gente tira hoje (Umburuçu – Melancia).

Do ponto de vista da reeducação do olhar, emerge uma prática de plantação de espécies nativas da Caatinga e/ou exóticas adaptadas nos arredores das casas. Essa é uma constatação na convivência com as famílias, bem como surge nas falas da equipe do Irpaa e das próprias comunidades. De acordo com Faveleira e Murici, essa prática é fruto das ações educativas desenvolvidas ao longo do Recaatingamento.

Então, a questão, assim, bem simples, mas bastante simbólica nesse sentido que é olhar que eu tenho hoje que não é mais aquilo de uma coisa feia que eu tenho que tirar, mas de uma boniteza que eu tenho que fazer... Tem... Já começa a ver também nos jardins, né? O pessoal começando a trazer as plantas da Caatinga pra plantar ao redor do jardim, fazer os caqueiros, né? Tal. Então, nessas questões assim simples do dia a dia, você vai percebendo o comportamento das pessoas nesse sentido de valorização da Caatinga em pé (Murici – Irpaa).

Aqueles que, até a geração mais nova, ela consegue enxergar e valorizar mais a Caatinga, porque a partir daí, do conhecimento, né? Muitas vezes o pessoal, principalmente os jovens, tá ali na comunidade, nem conhece as árvores da Caatinga, não conhece o valor da Caatinga, não se reconhece, não tem identidade de jovem, então a partir dessa formação, né? O pessoal eles criam uma outra... como é que diz? Tipo uma outra mentalidade, sabe? Eles abre a mente pra compreender. Inclusive, diante de ver falar, de ir conhecer essa prática de Recaatingamento, as família, algumas famílias, já estão adotando nos seus quintais, né? (Faveleira – Irpaa).

E incentivou, quando começou, incentivou o povo a plantar. Se eu cortasse um pé de pau, assim, por exemplo, eu cortasse um pé de umburuçu, aí eu plantasse dois. E outra coisa: pra nós fazer mudas na sua casa, de plantas, mesmo nós no Recaatingamento, porque lá é nativo, nós não levamos coisas fora não, lá é nativo. Se nós levamos um pé de umbuzeiro [transferir para a área de recuperação], mas é uma planta nativa, né? Agora, nas suas casas, cada quem, individual, aprenderam que pode plantar outros paus [outras árvores], como o liro [lírio], a gliricídia, a pornúncia. Fazer plantas para poder recaatingar mais a natureza, né? (Coroa de frade – Melancia).

Hoje o pessoal tem pé de plantas da Caatinga mais próximo de casa. Antes num tinha. Hoje você chega nas casas, você vê um pé de planta, mesmo sendo uma forrageira, mas sempre preserva. Eu mesmo tenho um pé de leucena aí que eu nunca cortei. Depois do IRPAA aí que eu plantei (Baraúna – Curral Novo & Jacaré).

Nesse contexto, as falas que emergem nas comunidades corroboram as narrativas da equipe do Irpaa. Além disso, a Figura 26 ilustra tais afirmações com um desses quintais.



Figura 26: Quintal com plantas nativas como novo hábito de cultivo na comunidade

Fonte: Acervo da pesquisa de campo.

É fato, entretanto, que nas comunidades onde a água não é fornecida via encanamento dos sistemas públicos de abastecimento, essa prática fica restrita. Isso leva ao segundo tópico da educação do olhar sobre a Caatinga, no tocante à aprendizagem do valor forrageiro e formas para produção dessa forragem, pois segundo as comunidades não havia a prática e essa foi uma aprendizagem fundamental à alimentação dos animais quando a disposição de herbáceas, por exemplo, fica restrita nos períodos de estiagem, como exposto na Figura 27.



Figura 27: Plantações de forragem nas áreas particulares como preparação para o tempo seco

Fonte: Acervo da pesquisa de campo.

Nesse sentido, como as famílias estão localizadas em áreas de sequeiro, a disseminação de conhecimento acerca do valor nutritivo e de como fazer a silagem é fundamental à sustentabilidade das famílias, as quais passam a depender menos da compra de ração.

Olha, a verdadeira mudança meremo que esse projeto trouxe, além de preservar, né? Foi a questão dos objetos, que nem veio essa forrageira pra gente fazer a silagem pra os animais, e tem nos ajudado bastante. Nois não sabia nem como é que fazia no início, né? E a gente... Hoje a gente já planta pra poder fazer... planta o milho nesse tempo, faz a silage (Batata de purga – Barra & Bom Sucesso).

Além disso, a equipe técnico-pedagógica buscou nessas ações, uma articulação entre os saberes técnicos e as práticas das comunidades.

Então, sempre se buscou essa junção, é claro que trazendo algumas coisas novas, né? Por exemplo, o hábito de cortar comida e guardar comida pros animais não é tradicional, a tradição é soltar o animal, né? Então, tanto a situação da seca foi levando a isso como também o Irpaa foi ajudando nesse sentido de que... como colher as plantas, que plantas, que máquinas usar, como guardar, como plantar, cultivar plantas da Caatinga, né? Conhecer o valor nutritivo das plantas da Caatinga, porque essa planta com essa é boa, essa não, tal. Então, vamo também incorporando

conhecimentos técnicos, mas que na prática, a comunidade já usava, sabe que funciona, agora a gente precisa saber por que funciona, né? Nesse sentido... E fortalecendo então o conhecimento que eles já têm. Claro que tem algumas inovações [...] (Murici – Irpaa).

Desse modo, as aprendizagens reforçam o laço de interdependência entre as pessoas e o bioma, de modo a desconstruir a ideia de a Caatinga se recuperar sozinha, pois parte do pressuposto de que quanto mais Caatinga em pé, mais oferta de alimento aos animais. Para além disso, buscou-se trabalhar também outras concepções acerca do bioma, de modo a fortalecer a ideia de que o Recaatingamento é um trabalho para benefício coletivo não só do ponto de vista antropocêntrico, mas considerando a importância e o direito de outras formas de vida existirem.

Partindo desse pressuposto, um elemento importante é o fato de também ser feito o Recaatingamento em áreas individuais por pessoas da comunidade Curral Novo & Jacaré. Elas apontam que mediante algumas dificuldades para a manutenção coletiva da área de recuperação, surgiu a ideia de plantio de espécies nativas nas áreas particulares.

Emergem também nas entrevistas, a afirmação de que em havendo necessidade de utilizar madeira das plantas nativas, para alguma finalidade indispensável, o ensinamento do Recaatingamento foi:

[...] se tem necessidade de derrubar uma umburana, mas já deixa uma gaia interrada ali, planta.. já derruba... se derruba outro pau, mas já joga um ramo em cima do tronco pra ela, vê se ela bróia [brota] de novo, né? Aí foi muito bom pra nós o Recaatingamento aqui. Muito bom. Os meninos trouxeram muita coisa boa (Umburuçu – Melancia).

E aprender que se você cortar um pau [árvore] pra você tirar, fazer alguma coisa, você planta dois ou três. Nunca deixe de não plantar [não deixar de plantar] (Coroa de frade – Melancia).

Essas falas são importantes para não se criar a ideia de que a partir do Recaatingamento as comunidades nunca mais vão tirar sequer um galho. Ao contrário, a premissa é que hoje elas têm conhecimento de como agir, como cuidar. Entretanto, esse cuidar não é manter o bioma intacto, mas mediante as necessidades das pessoas, perceber as necessidades do meio ambiente e reconhecer esse direito à existência que a Natureza também tem.

É justamente nesse sentido que as comunidades vão afirmar uma mudança de pensamento quanto ao direito da Natureza a essa existência. E, desse modo, mostram como a Ecopedagogia do Recaatingamento foi essencial a essa metanoia.

Ah, mudou muito! As pessoa... via a Caatinga devastada, mas não sabia o que fazer, né? Aí com a vinda do Projeto melhorou muito, incentivou as pessoas a preservar a caatinga. [...]. O pensamento já mudou, já é outro. É, com a seca, aí a caatinga morreu por si próprio, né? Aí o Recaatingamento foi pra isso: pra plantar mais umas árvore pra poder não entrar em intço... intenso... extinção (Xique-Xique – Melancia).

É... a gente já mudemo o pensamento. É. Hoje a gente já quer replantar, né? A gente acha uma plantinha aí fora que num tem lá dentro, a gente já quer colocar lá dentro pra ver ela crescer, né? Hoje a gente não devastra mais a Caatinga (Alecrim de tabuleiro – Barra & Bom Sucesso).

[...] até na própria Comunidade, acha uma plantinha jovem, tá o lugar, retira, “não, vou proteger ali” [colocar na área de recuperação], uma aroeira, um umbu, uma umburana de cheiro, essas plantas que são bem mais extinta, né? Na nossa Caatinga. Então, as pessoas protege, quer cuidar, quer se... ou então, vai lá e faz um espacinho pra os animais não comer (Barriguda – Barra & Bom Sucesso).

Incentivou mais as pessoas a cuidar das plantas, fazer o Recaatingamento, que não existia isso. [...]. Hoje em dia não, as pessoas enxergaram esse benefício de fazer o Recaatingamento e preservar a natureza, né? Até porque as pessoas usufruí dela, né? A gente vive dela, então, o certo, o mais viável, é preservar (Araticum – Curral Novo & Jacaré).

Ou seja, essa mudança é fundamental à construção do Bem Viver, uma vez que essas falas indicam: a) não existia nas comunidades a ideia de como repor a Caatinga retirada para uso humano ou degradada pela ação animal; b) hoje há não só a prática do replantar como ato em si, mas há um envolvimento afetivo de, por exemplo, ver a planta se desenvolver dentro da área de recuperação, pois ao ver brotos novos nas áreas abertas há um receio dos animais comerem; c) a compreensão de que existe um usufruto daquilo que pertence à Natureza e, portanto, há uma responsabilidade de cuidar dela.

Tais elementos dialogam com a compreensão da necessidade de manutenção de outras formas de vida além da humana, pois, como postula Gudynas (2019, p. 311) “[...] o marco moral indica que o correto é aquilo que garante a vida, incluída a vida não humana”. Esse é um dos pressupostos do Bem Viver enquanto proposta de sociedade, por meio do qual se pensa a necessidade de adotar uma filosofia planetária, visando alcançar uma ética biocêntrica. Esta pode ser alcançada através da coletividade e do pensamento do planeta enquanto casa comum.

Desse modo, a experiência do Recaatingamento aponta algumas direções, uma vez que se desenvolve justamente dentro de usos coletivos da terra. Para tanto, todo um arcabouço teórico-metodológico foi desenvolvido e seus resultados já podem ser atestados não só pelo Irpaa, mas principalmente pelas comunidades, cujas mudanças afirmadas ao longo das entrevistas, apontam que havia modelos insustentáveis de produção de cerca nas comunidades essa informação é atestada também nas entrevistas:

Porque a gente nunca tinha parado pra analisar direitinho a importância que tem a caatinga pra nossa sobrevivência, né? A gente aprendeu muito... que antigamente fazia cerca que a gente chama de cerca de faxina: você tira a madeira e faz essa cerca de tecida. Aí a gente foi vendo que isso não era viável (Batata de purga – Barra & Bom Sucesso).

Que aí tem uma cerca que chama cerca de ramada, aí quando vão fazer desmata muito. Aí com isso aí o povo já não faz mais essa cerca, que aí destrói muito a caatinga, entendeu? É. Porque desmata muito, você fica só cortando e aí mata, destrói muito a caatinga. A cerca de arame ela não destrói muito, num sabe? Bota pau [troncos ou galhos de árvores], mas é mais pouco. Foi, já deu mais uma ideia pro povo né? (Angico – Melancia).

O fato, entretanto, desses modelos de cerca, como exposto na Figura 28, não serem mais reproduzidos, não significa que não existem mais. Mas que havendo a necessidade de novo cercamento, os antigos modelos não serão empregados.



Figura 28: Exemplo das cercas de faxina

Fonte: Acervo da pesquisa de campo.

Além disso, algumas pessoas expressaram que outros modelos trabalhados nas formações do Recaatingamento também foram incorporados nas comunidades, a exemplo da produção de cercas vivas.

Outro dado percebido em campo foi a noção de algumas pessoas acerca da Caatinga enquanto meio para a reflexão sobre dilemas pessoais.

[...] na Caatinga assim, dentro da Caatinga, já... já recebe um ar mais livre, né? Você tiver cum, por exemplo, preocupado ou... cum alguma coisa, se você sair pra Caatinga, você já esquece daqueles problema. Eu acho que a Caatinga pra mim, ela é muito importante! Cê vai pra debaixo de um pé de pau ali, cê fica cinco minuto, você já saiu...já esqueceu todos seus problema. É... a Caatinga é bom demais! (Alecrim de tabuleiro – Barra & Bom Sucesso).

E quando fala assim “Caatinga” representa uma palavra muito bonita pra mim. Eu gosto muito de morar na Caatinga. É tanto que quando você está com a vida assim... preocupante, você olha pra Caatinga e muda tudo, né? (Pau Ferro – Barra & Bom Sucesso).

A Caatinga é vida! Porque na Caatinga a gente consegue colher até remédios naturais, porque a maioria das plantas são medicinais, né? Hoje em dia é raro problema que você não encontre uma solução na natureza. Assim, as plantas, cada tipo de planta, serve pra uma coisa. E isso eu já vou ensinar até minhas filhas: ah, o chá disso é bom pra isso; o chá de num sei o que, é bom pra essa outra doença. E ai, vai incentivando elas também a preservar a Caatinga, né? Preservar a natureza (Araticum – Curral Novo & Jacaré).

Essas falas apontam para a percepção de que a Caatinga é cura! Ela proporciona saúde física e mental. É por meio dessas reflexões que essas comunidades produzem cotidianamente sua existência, bem como produz a resistência necessária aos enfrentamentos de diversos desafios que se impõem nessa cotidianidade.

Nesse sentido, o Recaatingamento também emerge como possibilidade de fortalecimento das comunidades para os enfrentamentos necessários, pois como apontado no capítulo acerca dos desafios das comunidades, o assédio do capital, por meio dos grandes empreendimentos, bem como de grileiros e caçadores são ameaças constantes às práticas de uso coletivo da terra, como é o caso das comunidades tradicionais.

Porque o projeto ele tem ajudado a defender ou minimizar essa questão da grilagem. Porque quando a comunidade se apropria daquela área. Dizendo que ali é o fundo de pasto deles, às vezes é a área que está tendo um conflito, aí eles pegam e cercam, acabou. Acabou o conflito. Assim, a comunidade ganhou, né? Nesse caso, a terra está mais segura. Porque, assim, quando cercar uma área de conflito, acaba consolidando aquela área como uma forma de finalizar o conflito (Imburana de cheiro – Irpaa).

Então, isso é uma concorrência hoje que as comunidades enfrentam em manter sua tradição e a alegação é: “Vocês são pobres, com a mineração vocês vão ficar ricos”, né? Esse discurso de 200 anos, né? Do progresso que a gente sempre cai. Então, temos um trabalho com eles nesse sentido, desde o primeiro projeto, né? Com o jurista leigo, já era nesse sentido de se defender e a maioria das que estão no Recaatingamento hoje tem resistido a isso, né? Inclusive algumas têm usado a área de recuperação, o cercamento, né? Como barreira pra impedir o avanço da grilagem. Então, essa área tá sendo usada, aqui tem uma cerca, estamos aqui cuidando dessa área, recuperando então é área que tem gente e tem gente cuidando da terra, tal. Então já serve também como barreira contra o avanço da grilagem e, ao mesmo tempo, animação da comunidade no sentido de pensar a Caatinga como seu elemento principal de existência, né? (Murici – Irpaa).

É... a meu ver, a comunidade antes do Projeto ela já vinha discutindo essa questão da proteção, né? Já tinha uma ideia, nós já vínhamos construindo uma ideia, que essa região foi uma região de muito ataque de caçadores, né? e nós vínhamos tentando afastar eles, né? Isso a gente vinha tentando e com dificuldades, porque a insistência era grande desse povo. [...] e a partir do Recaatingamento facilitou bastante pra comunidade, a partir de que eles, como a gente tá preservando uma área, na cabeça deles a imaginação é que ia ter fiscais ali, que ia...então, contribuiu bastante com a comunidade, essa relação melhorou bastante a partir do Recaatingamento. Então, ajudou muito, muito mesmo, as comunidades a partir disso (Mulungu – Barra & Bom Sucesso).

[...] e também as pessoas depois é...de umas conversa [palestras]...tanto do Recaatingamento, como de outros órgão que, as vez, chegam na Comunidade [falando sobre] a questão da caça predatória, né? Que a gente tem muita dificuldade com essas pessoas [pessoas de outras comunidades que fazem a caça predatória]. Então, se as pessoas já expulsaram, isso é um bença pra Caatinga, que vai continuar com seus animais silvestre e, até com as próprias planta, né? Que, às vez, as pessoas chega tem um mel, vai lá e corta a planta, e tira o mel, todinho lá e deixa lá a planta. Deram o que? Deram uma facada na planta,né? Rancaram um pedaço da planta. Então, a Comunidade não deixa fazer isso. Então, se ela expulsa essas pessoas que vem de fora fazer essas... esses... esses mal, essas atividade aí que não são ideais, as pessoas já vão cortano, então elas não vão mais vim, então não vai prejudicar nossa Caatinga, né? Então é outra visão que as pessoas já tiveram, né? Depois do Recaatingamento... E nois conversa, né? Que não é bom, que isso prejudica, e as pessoas vão... conscientizano, uma hora consegue ver que realmente aquilo não faz bem (Barriguda – Barra & Bom sucesso).

Teve essas comunidades, que nem o caso Melancia, estava passando por um processo também de grilagem muito forte. E aí, então, diante dessas conversas desses acontecidos que teve com o processo aí de grilagem. Então, veio essa ideia, né? É... pelo Irpaa, na pessoa de Moacir, e aí dialogou com a comunidade (Velame – Melancia).

Esses enfrentamentos foram possíveis não só por conta do cercamento da área, mas mediante uma ampliação da consciência dos direitos das comunidades através das formações:

[...] de cidadania, que era justamente pra apoiar na luta deles na defesa do Fundo de Pasto que é um curso ministrado pela entidade AATR, que é Associação do Advogados dos Trabalhadores Rurais da Bahia e eles tem um curso chamado jurista leigo, onde passa noções básicas juristas que a assessora as pessoas no sentido delas se empoderarem de como entender melhor como funciona as leis, como funciona o Estado, como se postar diante de uma autoridade como policial que vem com intimação, delegado, juiz, né? No cartório... Então, é um curso onde ajuda a empoderar as pessoas nesse conhecimento, melhor e desmistificar essa ideia que a Justiça é um bicho que tá lá e que não... você não tem condição nem de acesso, nem de se defender. Então, com isso, as comunidades enviam seus participantes e foram vários módulos nesse sentido de torná-los mais conhecedores da legislação brasileira e dos procedimentos para acessá-la ou se defender dela também (Murici – Irpaa).

Tal aspecto reforça ainda as ideias expostas nos dois capítulos de análise das entrevistas, ao apontar que o Recaatingamento supera a noção simplista de que suas práticas se resumem ao plantio de espécies da Caatinga.

Há um conjunto de formações para a proteção ambiental e recuperação do bioma, além das ações empregadas para valorizar as práticas tradicionais das comunidades, a exemplo do que também foi exposto quando da capacidade dessa ecometodologia reavivar o sentimento de comunidade e coletividade, como discutimos no último capítulo desta tese e que também pode ser apontado na fala de Espinheiro.

Mas eu... eu acredito que depois do Projeto mudou muita coisa, né? Tanto na vida gente porque... que nem eu falei anteriormente, na outra a gente vê que as Comunidades se ajunta mais, né? As pessoas tão mais juntas. Mas depois do Projeto Recaatingamento nossa vida mudou, né? A gente vê as pessoas mais animada, a gente criamos um grupo que isso nos anima também, né? A gente às vez tá preocupado com uma coisa, quando você vai lá no grupo que conversa, que... a gente já sente uma diferença. Parece que o Recaatingamento nos renovou também, né? De sentimento de Comunidade. Ele nos renovou e muito (Espinheiro – Barra & Bom Sucesso).

Nesse sentido, embora haja na proposta do Recaatingamento a prática de recuperar áreas degradadas na Caatinga, essa é apenas parte de um todo mais complexo, dinâmico e desafiador.

Desse modo, fortalecer a interação entre as pessoas das comunidades favorece o trabalho conjunto, o sentimento de pertencimento, a reafirmação dos processos identitários, mudanças no comportamento e nas práticas individuais na maneira de ver, sentir e se relacionar com o bioma.

Tudo isso faz parte de um conjunto de pensamentos e práticas que são condições *sine qua non* ao Recaatingamento enquanto ecometodologia para a recuperação e conservação da Caatinga na promoção da Convivência com o Semiárido Brasileiro. Isso não significa, entretanto, dizer que é uma ecometodologia perfeita e irretocável, tampouco se propõe a tal.

Na verdade, ela é um caminho para a promoção de uma Ecologia Humana respaldada pelo Bem Viver no Semiárido Brasileiro e conta com outros paradigmas, filosofias que

possibilitam a constante reflexão e aprimoramento, dentre eles a Ecopedagogia e a Educação Decolonial e Contextualizada. Além disso, são considerados os saberes tradicionais/ancestrais das comunidades e a experiência acumulada ao longo do tempo, das pessoas que atuam nas equipes de campo.

Portanto, retomando a proposição inicial, podemos afirmar o Reaatingamento enquanto ecometodologia de manutenção da Caatinga em pé, pois ele é um caminho fundamental ao desenvolvimento do Bem Viver e da promoção da cultura de Convivência com o Semiárido não só para as Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto, entendidas como guardiãs da Caatinga, mas para todas as pessoas que dependem desse bioma direta ou indiretamente.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta tese buscamos compreender o Recaatingamento enquanto caminho para a recuperação e conservação da Caatinga na promoção da Convivência com o Semiárido Brasileiro, para tanto, utilizamos algumas estratégias metodológicas, traçamos objetivos específicos e elencamos questões complementares que contribuíssem para alcançá-lo.

Desse modo serão retomadas essas questões complementares para o fechamento desta etapa do estudo que, apesar de terminada não se pretende acabada.

Assim, quando questionamos no primeiro capítulo **Como são abordadas as relações entre as comunidades de fundo de pasto e a Caatinga na literatura científica?** Apontamos que as relações entre as Comunidades de Fundo de Pasto e a Caatinga na literatura científica são abordadas de forma a destacar a interdependência e a simbiose entre esses dois elementos.

A literatura ressalta que as comunidades dependem das características da Caatinga para desenvolver seu sistema produtivo, enquanto as práticas de conservação adotadas pelas comunidades beneficiam diretamente a Caatinga, contribuindo para a manutenção dos recursos naturais e do ambiente físico.

Além disso, a literatura destaca a importância de compreender a formação histórica e social das Comunidades de Fundo de Pasto, bem como a categoria Fundo de Pasto como identidade social. Essa análise inclui a atividade pecuária em terra comunal e a produção agrossilvipastoril, reguladas pelas próprias comunidades por meio de políticas fundiárias internas.

Também ressaltamos que as práticas de conservação da Caatinga pelas comunidades não têm o objetivo de manter os espaços intocados, mas sim de conviver com as características locais para garantir a existência das comunidades. Essas práticas são fundamentais para a sustentabilidade das atividades econômicas das comunidades, que dependem da conservação do meio ambiente.

Em suma, a literatura científica enfatiza a relação intrínseca e interdependente entre as Comunidades de Fundo de Pasto e a Caatinga, destacando a importância da conservação ambiental para a sobrevivência e o desenvolvimento dessas comunidades tradicionais no Semiárido brasileiro.

Quanto aos questionamentos **quais os desafios que essas comunidades têm enfrentado à sua existência ao longo dos anos? Quais são as estratégias de enfrentamento que garantem a sua existência e permanência em seus territórios?** Discutimos no segundo capítulo que as Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto têm enfrentado diversos desafios

à sua existência ao longo dos anos, conforme tratado no artigo, a insegurança jurídico-fundiária, na qual a falta de regularização fundiária das áreas comunais e a possibilidade de reivindicação das terras pelo estado representam uma ameaça à permanência dessas comunidades no território.

Além disso, o assédio do capital, onde a especulação fundiária e projetos que impactam as áreas de Fundo de Pasto geram insegurança e precarização dos sistemas produtivos das comunidades. Dificuldades para a renda, uma vez que as políticas de crédito são inadequadas e a necessidade de emancipação econômica representam desafios para a sustentabilidade financeira das comunidades.

A luta pela manutenção do território, considerando que há uma pressão por uso do solo para fins não agroextrativistas coloca em risco a permanência das Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto em seus territórios tradicionais, onde seus meios de vida são julgados rudimentares para sustentar a premissa de que as terras não estão sendo bem utilizadas e consequentemente, segundo a lógica desenvolvimentista, atrapalham o crescimento econômico.

Esses desafios abrangem questões jurídicas, econômicas, sociais e ambientais que impactam diretamente a existência e a forma de vida dessas comunidades ao longo do tempo. Todavia, as Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto têm desenvolvido diversas estratégias de enfrentamento para garantir sua existência e permanência em seus territórios. Algumas dessas estratégias incluem:

- Autorreconhecimento como categoria social: Reconhecer sua identidade e importância como comunidades tradicionais, fortalecendo sua coesão e resistência;
- Organização jurídica: Buscar formas de regularização fundiária e proteção legal de seus territórios para garantir a segurança e permanência das comunidades;
- Produção agroecológica: Adotar práticas sustentáveis de produção agrícola que respeitem o meio ambiente e promovam a segurança alimentar das comunidades;
- Fortalecimento do capital social: Investir na coesão comunitária, no fortalecimento das regras coletivas e na resistência a ocupações indevidas de seus territórios;
- Estratégias de produção e comercialização: Desenvolver formas de produção e comercialização que garantam a geração de renda e a autonomia econômica das comunidades.

Essas estratégias têm como objetivo superar os desafios enfrentados pelas Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto, buscando garantir sua sustentabilidade, autonomia e preservação de suas tradições e modo de vida.

Passando às análises da pesquisa de campo, o terceiro capítulo parte do questionamento:

Que mudanças foram provocadas pelas ações educativas do Recaatingamento nas vivências das Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto? A partir disso, descrevemos que as ações educativas do Recaatingamento tiveram um impacto significativo nas vivências das Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto, provocando diversas mudanças. Algumas das mudanças observadas incluem:

- **Consciência Ambiental:** uma vez que as ações educativas do Recaatingamento contribuíram para o desenvolvimento de uma maior consciência ambiental nas comunidades, promovendo a compreensão da importância da preservação da Caatinga e dos ecossistemas locais;
- **Fortalecimento da Identidade Cultural:** O Recaatingamento ajudou as comunidades a se reconectarem com suas raízes culturais e tradições, fortalecendo a identidade caatingueira e promovendo um sentimento de pertencimento e orgulho em relação ao seu território;
- **Empoderamento das Mulheres:** As ações educativas do Recaatingamento também geraram empoderamento das mulheres nas comunidades, através da implementação de novas políticas produtivas e do reconhecimento de seu papel fundamental na preservação ambiental e na sustentabilidade das práticas tradicionais;
- **Reconstrução do Sentimento de Coletividade:** O Recaatingamento promoveu a reafirmação do sentimento de comunidade e incentivou o trabalho coletivo, através de atividades formativas e práticas de mutirão, fortalecendo os laços sociais e a colaboração entre as pessoas das comunidades;
- **Ressignificação das Tradições Cotidianas:** As ações educativas do Recaatingamento contribuíram para a resignificação das tradições cotidianas de relação com a natureza, estimulando novas formas de interação e cuidado com o meio ambiente, baseadas no conhecimento tradicional e na sustentabilidade;

Essas mudanças demonstram como as ações educativas do Recaatingamento têm impactado positivamente as vivências e a qualidade de vida das Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto, promovendo a integração entre a conservação ambiental, a valorização da

identidade cultural e o fortalecimento das relações comunitárias. Estes são inclusive elementos essenciais ao fortalecimento da luta desses grupos por terra, território, valorização dos seus modos de vida e identidades, bem como a garantia de direitos.

Por fim, chegamos ao quarto e último capítulo, o qual foi orientado pela indagação **Quais as implicações do Recaatingamento na Ecologia Humana das Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto?**

Nesse capítulo discutimos que o Recaatingamento teve diversas implicações positivas na Ecologia Humana das Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto, conforme destacado no estudo realizado. Em síntese podemos citar a significativa redução de queimadas e derrubadas de espécies nativas, pois o Recaatingamento contribuiu para a diminuição dessas práticas danosas ao bioma da Caatinga, promovendo a conservação ambiental.

Destacamos também o fortalecimento do sentimento de comunidade, considerando que os trabalhos coletivos para a implementação das áreas de recuperação e outras atividades não apenas melhoraram o ambiente natural, mas também fortaleceram os laços comunitários, promovendo a união e a cooperação entre as famílias.

Citamos também a promoção de outras percepções sobre a Caatinga. Ou seja, as ações do Recaatingamento influenciaram na produção de outras percepções sobre a Caatinga, possibilitando uma visão mais consciente e sustentável em relação ao bioma, porquanto as pessoas passaram a perceber a relação intrínseca entre sua existência e a conservação dos bens naturais.

Outro elemento que emergiu dos dados de modo mais geral foi a incorporação de práticas e conceitos sustentáveis e contextualizados com o Semiárido. Assim, percebemos que as comunidades passaram a incorporar não apenas as práticas de recuperação ambiental, mas também os conceitos de Recaatingamento e Caatinga em pé, demonstrando uma mudança de mentalidade em relação ao cuidado com a Natureza.

Não se pode olvidar, todavia, que nas comunidades estudadas também houve desencontros e desencantos com algumas atividades, como, por exemplo, o fato do meliponário e os viveiros de mudas não terem funcionado nas comunidades Barra & Bom Sucesso e Melancia; o SAF em Barra & Bom Sucesso. Essas duas comunidades estudadas ainda precisam encarar o grande gargalo que é a implementação do plano de manejo. Essa é condição *sine qua non* para uma efetiva e duradoura recuperação na área como um todo.

Além disso, a Comunidade de Curral Novo & Jacaré também acabou perdendo o ânimo quanto ao cuidado com a área de recuperação devido à distância e, todas as três comunidades estudadas ainda precisam discutir internamente a questão das aguadas nas áreas de recuperação.

Nesse sentido, uma pesquisa mais aprofundada pode ser realizada para contribuir com a criação de possibilidades e estratégias para a questão das tecnologias sociais mais apropriadas para esse fim em cada comunidade.

Considerando as contribuições do estudo, apontamos a necessidade veemente de o Irpaa voltar a desenvolver as atividades formativas, com equipe de Pedagogia, com a *expertise* na Educação do Campo e contextualizada com o Semiárido brasileiro, especialmente com pessoas que possuam experiência com docência, em quaisquer que sejam os níveis desta.

Com base nisso, recomenda-se que os processos formativos também dialoguem com a decolonialidade, as discussões sobre identidades de gênero, inclusão das pessoas com deficiência, a divisão sexual do trabalho, as lutas de classe e as relações étnico-raciais. Assim, podem-se fortalecer essas identidades diversas que formam o Semiárido.

Buscar as árvores genealógicas das famílias nesse estudo pode favorecer à compreensão dos processos de violência a que foram submetidos os povos originários, especialmente as mulheres, e ao mesmo tempo, possibilitar compreender o passado para questionar o presente, entendendo todo o histórico de negação de direitos, para que se possa romper o silêncio que o alimenta e a negação que sustenta suas estruturas.

Ponderamos ainda a necessidade de reforçar as atividades econômico-produtivas com as mulheres e a juventude, fortalecendo e incentivando a capacidade de liderança e reação diante dos assédios dos grandes empreendimentos, buscando não só implementar, mas avaliar como são desenvolvidas as tecnologias sociais.

Considerando ainda as cinco linhas de atuação do Reaatingamento, que são: I) Recuperar a Caatinga, II) Conservá-la, III) Realizar uma Educação Ambiental Contextualizada, IV) Melhorias de renda, V) Políticas públicas, podemos sistematizá-las em: I) Recuperação e conservação da Caatinga em pé, II) Ecopedagogia e Convivência com o Semiárido, III) Políticas públicas para o Bem Viver, IV) Ações econômico-produtivas.

Destarte, podemos avaliar o quão significativos são os impactos promovidos pelo Reaatingamento na Ecologia Humana das Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto, uma vez que seus resultados estão relacionados a várias mudanças positivas que ocorreram nas comunidades devido à complexidade dessa ecometodologia. Consideramos também o quão rica pode se tornar ainda mais.

Partindo desses pressupostos, podemos retornar ao primeiro capítulo, quando afirmamos, com base na literatura analisada, que há uma relação simbiótica entre as comunidades e o bioma. Nesse sentido, o que o Reaatingamento promove é a percepção dessas comunidades sobre tal relação, ou seja, uma reeducação do olhar.

Reafirmamos, para tanto, que o trabalho do Recaatingamento é potencializador dos processos identitários e precisa contar com o interesse e a participação das comunidades em desenvolver as estratégias, mantendo o compromisso especialmente quando não houver mais a mesma frequência de acompanhamento técnico do Irpaa.

Também se faz necessário ressaltar que fundamentalmente é preciso que não só outras ONG's do Semiárido Brasileiro assumam o Recaatingamento em suas práticas, como este precisa tornar-se mais amplo e, sobretudo, materializar-se como política pública.

Isso, no entanto, se dará, se efetivamente o Estado se importa com a justiça socioambiental que deve ao povo caatingueiro e ao bioma como um todo, pelas mais de duas milhões de pessoas que viu morrer de fome, sede e doenças pelo genocídio dessas gentes.

Por fim, entendemos a necessidade de fechamento deste trabalho, mas certamente sabemos que ele não se encerra aqui. O propósito, na verdade, é que ele possa contribuir para novos pontos de partida, onde o Recaatingamento contribua, junto às outras frentes ambientalistas, para a fazedura coletiva de um mundo que seja bom pra todas as formas de vida.

8. REFERÊNCIAS GERAIS

ALCANTARA, Denilson Moreira de; GERMANI, Guiomar. **Fundo de Pasto: um conceito em movimento**. Anais do VIII Encontro Nacional de ANPEGE. Curitiba (PR), 2009.

ANDRÉ, M. E. D. A. de. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

IMBIRUSSÚ, E.; OLIVEIRA, G. G. **Comunidades de Fundo e Fecho de Pasto na Bahia: Desafios para Regularização Fundiária**. 2018. Disponível em: https://hugepdf.com/download/comunidades-de-fundo-e-fecho-de-pasto-na-bahia_pdf# Acesso em: 10 de agosto de 2023.

BAHIA, Secretaria de Promoção da Igualdade Racial. **Comunidades Tradicionais de Fundo e Fecho de Pasto Certificadas pela SEPROMI**. Disponível em: <http://www.forumgespir.sepromi.ba.gov.br/wp-content/uploads/2022/07/Comunidades-Tradicionais-de-Fundo-e-Fecho-de-Pasto-Certificadas-pela-SEPROMI.pdf> Acesso em: 06 nov. 2022.

BALDIN, N.; MUNHOZ, E. M. B. Snowball (bola de neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. In: **X Congresso Nacional de Educação - Educere**. Curitiba, 2011. Disponível em: http://www2.unemat.br/laerciomelz/bola_de_neve.html Acesso em 21 mai. 2021.

BAUER, M.W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 13. ed. - Petrópolis: Vozes, 2015. - 516 p.

BECKER, Howard S.; GEER, Blanche. Observação participante e entrevista: uma comparação. **Organização Humana**, v.16, n.3, p.28-32. 1957. Disponível em: <https://blogs.ubc.ca/qualresearch/files/2009/09/Becker-Geer.pdf> Acesso em 05 mai. 2022.

BERNARDO, W. M.; NOBRE, M. R. C; JANETE, F. B. A prática clínica baseada em evidências. Parte II: buscando as evidências em fontes de informação. **Revista da Associação Médica Brasileira**, São Paulo, v. 50, n. 1, p. 1-9, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ramb/a/WgCzqZ5n8ZyjpNCd7nxF5VQ/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 05 mai. 2022.

BOCKORNI, B. R. S.; GOMES, A. F. A amostragem em snowball (bola de neve) em uma pesquisa qualitativa no campo da administração. **Revista de Ciências Empresariais da UNIPAR**, Umuarama, v. 22, n. 1, p. 105-117, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://ojs.revistasunipar.com.br/index.php/empresarial/article/view/8346/4111> Acesso em 30 dez. 2021.

BOTELHO, L. L. R.; CUNHA, C. C. A.; MACEDO, M. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. **Gestão e Sociedade**, v. 5, n. 11, p. 121-136, 2011. Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/ver/10515/o-metodo-da-revisao-integrativa-nos-estudos-organizacionais/i/pt-br> Acesso em: 05 mai. 2022.

CARVALHO, A. J. A de. Fundo de pasto: o nosso jeito de (com)viver com o sertão. In: CARVALHO, A. J. A. de; FERREIRA, M. H. dos S.; TROILO, Gabriel. (Orgs.) **Comunidades tradicionais de fundo de pasto: territórios de riqueza agrobiocultural e convivência com o Semiárido**. Salvador, BA: Áttema, 2020.

- CARVALHO, F. P. de. **Fundos de Pasto: organização política e território**. 2008. 169 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.
- COSTA, FA Pereira da. **Anais Pernambucanos**. VI. Recife: FUNDARPE, 1983.
- ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. da. Etnografia: Saberes e Práticas. **ILUMINURAS**, Porto Alegre, v. 9, n. 21, 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/9301> Acesso em: 2 out. 2021.
- GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América latina**. São Paulo: L&PM, 2010.
- GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M.W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 13. ed. - Petrópolis: Vozes, 2015. - 516 p.
- GERMANI, Guiomar I. Condições históricas e sociais que regulam o acesso a terra no espaço agrário brasileiro. Bahia, **GeoTextos**: revista da Pós-Graduação em Geografia/IGEO UFBA. Volume 2 Ano 2. Salvador, dez. 2006.
- LOPES, Aline Thaiane Nunes. **Estudo da sustentabilidade e do manejo da ovinocaprinocultura na comunidade de Fundo de Pasto Curral Novo, Juazeiro, BA**. Dissertação (Pós-graduação em Extensão Rural) - Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus Espaço Plural, - Juazeiro, Bahia 2018.
- MARINHO, Cristiane Moraes. **Agroecologia, Convivência com o Semiárido e Extensão Rural**: Um olhar sobre a experiência do IRPAA no Território Sertão do São Francisco/BA / Cristiane Moraes Marinho. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Rurais, Programa de Pós-graduação em Extensão Rural, RS, 2021.
- MARQUES, L. de S. **Os fundos de pasto do município de Monte Santo (BA) e a política de desenvolvimento territorial: conflitos e interesses territoriais no campo**. 2013. 201 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2013.
- MYCHALECKYJ, J.C; HAVT, A.; NAYAK, U.; PINKERTON, R.; FARBER, E.; CONCANNON, P.; LIMA, A. A.; GUERRANT, R. L. Genome-Wide Analysis in Brazilians Reveals Highly Differentiated Native American Genome Regions. **Molecular Biology and Evolution**. 2017 Mar 1;34(3):559-574. doi: 10.1093/molbev/msw249. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5430616/> Acesso em 23 set. 2023.
- NASCIMENTO, L. DE CN et al.. Saturação teórica em pesquisas qualitativas: relato de experiência em entrevista com escolares. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 1, pág. 228–233, janeiro. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/SrfhX6q9vTKG5cCRQbTFNwJ/?lang=en#> Acesso em: 22 jan. 2021.
- OLIVEIRA, Letícia Aparecida de Jesus. **Projeto profissional do jovem (PPJ): meliponicultura integrada à área de Recaatingamento na comunidade de Barra/Sobradinho-BA**. Trabalho de Conclusão do Curso de Educação Profissional Técnica de Nível Médio em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio apresentado à Escola Família Agrícola de Sobradinho. Sobradinho, 2023.
- OLIVEIRA, Lairlane Grazielle de Jesus. **Relatório de Estágio Profissional Supervisionado Final**. Relatório de Estágio Profissional do 4º ano do Curso de Educação Profissional Técnica de Nível Médio em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio, apresentado à Escola Família Agrícola de Sobradinho – EFAS. Sobradinho, 2019.

PAVANI, F. M. et al.. Covid-19 and repercussions in mental health: a narrative review of literature. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 42, n. spe, p. e20200188, 2021. <https://www.scielo.br/j/rgenf/a/YD6WWBggJmkcBY8jNsFypSd/?lang=pt#> Acesso em 15 jan. 2023.

PIMENTEL, Álam. **O elogio da convivência e suas pedagogias subterrâneas no semi-árido brasileiro**. Tese (doutorado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação – Porto Alegre, UFRGS, 2002.

ROLIM, D. S. et al. Produção científica de enfermeiros brasileiros sobre enfermagem e oncologia: revisão narrativa da literatura. **Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR**, v. 23, n. 1, 2019. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/porta/resource/pt/biblio-979973> Acesso em: 05 mai. 2022.

ROTHER, E. T. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 2, pág. v-vi, abr. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/z7zZ4Z4GwYV6FR7S9FHTByr/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 12 jan. 2023.

SALLUM, A. M. C.; GARCIA, D. M.; SANCHES, M.. Acute and chronic pain: a narrative review of the literature. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 25, n. spe1, p. 150–154, 2012. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ape/a/9XWXXKgJMWrrj7KRdDDxLpZtt/?format=html&lang=pt#> Acesso em 12 jan. 2023.

SANTOS, Maria Cândida dos Santos e. **Comunidades de fundos de pasto do sertão do São Francisco** - Bahia: o desafio para permanência e uso sustentável das terras tradicionalmente ocupadas. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) apresentada à Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus Espaço Plural – Juazeiro-BA, 2019.

SILVA, F. de S.; SIMAS, L. S. O Irpaa e a escola de formação para convivência com o Semiárido: uma experiência educativa. In: **Anais do III Congresso Internacional e V Congresso Nacional de Movimentos Sociais e Educação**/ISSN: 2525-4588. Disponível em: <http://anais.uesb.br/index.php/cicnmse/article/viewFile/10197/10000> Acesso em: 07 set. 2023.

SILVA, P. C. G.da. **Um sistema de financiamento das atividades rurais adaptado a pequena produção na região de Massaroca, Juazeiro-BA**. Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Economia - Universidade Federal da Paraíba, Centro de Humanidades. - Campina Grande, 1994.

SIQUEIRA FILHO, J. A. de et al. A flora das Caatingas. In: SIQUEIRA FILHO, José Alves de et al. **Flora das Caatingas do Rio São Francisco**: história natural e conservação. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson, 2012.

SOARES, CB et al.. Revisão Integrativa: Conceitos e Métodos Utilizados em Enfermagem. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 2, pág. 335–345, abril. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/3ZZqKB9pVhmMtCnsvVW5Zhc/?lang=en#> Acesso em: 23 mar. 2022.

SOUSA, L. M. M. de et al. A metodologia de revisão integrativa da literatura em enfermagem. **Revista Investigação em Enfermagem** - novembro 2017: 17-26. Disponível em: <http://www.sinaisvitais.pt/images/stories/Rie/RIE21.pdf#page=17> Acesso em: 03 mar. 2022.

TOLEDO, J. A. de; CONSENZA, R. M. Teoria da mente em adultos: uma revisão narrativa da literatura. **Boletim Academia Paulista de Psicologia**. 2017, 37(92), 139-156. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=94651818011>

VIEIRA, A. G. T. Historicidade, narrativas e imaginário: possibilidades e problematizações a partir do léxico “caboco”. In: VILELA, M. A. F. (Org.) **Anais do 30º Simpósio Nacional de História - História e o futuro da educação no Brasil**. Recife: Associação Nacional de História – ANPUH-Brasil, 2019. Disponível em https://www.snh2019.anpuh.org/site/anais#php2go_top Acesso em 23 set. 2023.

WHITTEMORE, R.; KNAFL, K. The integrative review: updated methodology. **Journal of Advanced Nursing**, Oxford, v. 52, n. 5, p. 546-553, Dec. 2005. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/16268861/> Acesso em 05 nov. 2022.

**APÊNDICE A – RECAATINGAMENTO E PROCESSOS IDENTITÁRIOS NAS
COMUNIDADES TRADICIONAIS DE FUNDO DE PASTO**

DISPONÍVEL EM: <https://encurtador.com.br/XF1j7>

APÊNDICE B – PARECER CONSUBSTANCIADO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O RECAATINGAMENTO COMO ESTRATÉGIA ECOPEDAGÓGICA DE CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO BAIANO EM COMUNIDADES TRADICIONAIS DE FUNDO DE PASTO

Pesquisador: ROSIANE ROCHA OLIVEIRA SANTOS

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 35081720.3.0000.0057

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.600.328

Apresentação do Projeto:

"No decorrer do projeto Recaatingamento o conjunto de ações trabalhadas envolve (re)aprendizagens sobre as formas de organização comunitária, social e ambiental visando à Convivência com o Semiárido no contexto das Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto. Tais ações dialogam com a Ecopedagogia, pois a proposta de Convivência com o Semiárido, assim como a Ecopedagogia preconizam a sustentabilidade não somente no sentido de uma relação saudável entre pessoas e natureza, mas se preocupa com a produção de sentido da existência a partir da vivência cotidiana (GADOTTI, 2009). Assim, se a educação "não pode se dar ao luxo de ignorar o chão que pisa" (MARTINS, 2006, p.13) esse chão que se pisa não pode ser somente o chão imediato, mas o seu todo, o seu complexo, ou seja, "[...] os conteúdos curriculares têm que ser significativos para o aluno e só serão significativos para ele se esses conteúdos forem significativos também para a saúde do planeta, para o contexto mais

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555

Bairro: Cabula

CEP: 41.195-001

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3117-2399

Fax: (71)3117-2399

E-mail: cepuneb@uneb.br



Continuação do Parecer: 4.600.328

amplo"

(GADOTTI, 2004, p. 29). Relaciona-se ainda com o paradigma da Decolonialidade, pois pensar ações de convivência com o Semiárido é pensar a construção de uma narrativa, de práticas e de ecologias subversivas ao sistema eurocentrado e descontextualizado das outras e múltiplas realidades existentes (CARVALHO, 2015; SILVA, 2018)". (transcrito do documento "informações básicas do Projeto", postado em 25/02/2021 às 11h06min51s).

Objetivo da Pesquisa:

"Objetivo Primário:

Compreender como as ações educativas do projeto Recaatingamento são capazes de provocar mudanças para as vivências das pessoas das comunidades, para a valorização da caatinga e a reconstrução das identidades caatingueiras." (transcrito do documento "informações básicas do Projeto", postado em 25/02/2021 às 11h06min51s).

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

"Riscos:

Visando prevenir a materialização de quaisquer riscos aos sujeitos entrevistados, serão utilizadas as seguintes estratégias: as entrevistas serão agendadas previamente, conforme o melhor horário, segundo critérios de escolha do próprio participante; ao sinal de qualquer indicativo de aborrecimento, cansaço ou incômodo ao sujeito, a entrevista será suspensa, podendo, caso ainda haja interesse do sujeito reagendar antecipadamente, conforme sua disponibilidade."

Benefícios:

Os benefícios indiretos da pesquisa são: i) em relação à instituição que executa o projeto Recaatingamento: evidenciar os possíveis acertos das ações educativas na concretização dos objetivos do projeto, bem como apontar possíveis impasses e entraves para a sua eficiência e eficácia; ii) para os sujeitos da pesquisa: o repensar das ações do projeto Recaatingamento contribuirá para melhorar a sua execução e, consequentemente o seu impacto social ajudando as Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto. Além disso, os resultados da pesquisa poderão nortear a elaboração de políticas públicas pelo Estado da Bahia, contribuindo para a experiência em outras comunidades.

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555

Bairro: Cabula

CEP: 41.195-001

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3117-2399

Fax: (71)3117-2399

E-mail: cepuneb@uneb.br



(transcrito do documento "informações básicas do Projeto", postado em 25/02/2021 às 11h06min51s).

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

"Metodologia Proposta:

Na elaboração do presente projeto de pesquisa foram feitas opções epistêmico-metodológicas, conciliando o enfoque, o problema de pesquisa, seus objetivos, os sujeitos e o lócus da pesquisa. Destarte, considerando que segundo Gil (2010) a pesquisa científica deve ser composta por um conjunto de características que direcionam sua realização, foram delineadas a natureza, a abordagem, o objetivo, os procedimentos de coleta de dados e os procedimentos de análise de dados. No tocante à abordagem, optou-se pela pesquisa qualitativa, pois essa se apresenta como possibilidade coerente a ser utilizada para a realização da pesquisa, uma vez que se mostra adequada "aos estudos da história, das representações e crenças, das relações, das percepções e opiniões, ou seja, dos produtos das interpretações que os humanos fazem durante suas vidas, da forma como constroem seus artefatos materiais e a si mesmos, sentem e pensam" (MINAYO, 2008, p.57). Outro elemento necessário sobre a pesquisa a ser realizada refere-se aos objetivos mais gerais como um dos pressupostos do trabalho. Nesse caso, o objetivo da pesquisa é explicativo, pois busca identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência do fenômeno a ser estudado. Segundo Gil (2010, p. 28) "[...] esse é o tipo de pesquisa que mais profunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas". A partir de tais características metodológicas e, considerando-se que existem atualmente 11 Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto participantes do projeto Recaatingamento (IRPAA, 2019), optou-se por realizar a pesquisa em três dessas Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto visando atingir aos objetivos e responder ao problema de pesquisa. Tais comunidades escolhidas são as que estão inseridas

no TSSF, a saber: Comunidade de Massaroca, Comunidade de Melancia e Comunidade de Bom Sucesso em três municípios distintos no Estado da Bahia (Juazeiro, Casa Nova e Sobradinho, respectivamente). Ponderando a exequibilidade da pesquisa, essas comunidades foram escolhidas tendo em vista a acessibilidade e a proximidade entre os municípios. Assim, considerando-se a relevância da pesquisa, essas comunidades também possuem diferentes características em sua organização, o que pode agregar ainda mais valor ao trabalho, conduzindo a um estudo com dados ricamente diversificados. Destarte, tendo em vista o objeto da pesquisa os sujeitos

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555

Bairro: Cabula

CEP: 41.195-001

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3117-2399

Fax: (71)3117-2399

E-mail: cepuneb@uneb.br



Continuação do Parecer: 4.600.328

investigados serão: as

comunidades assistidas pelo projeto Recaatingamento e os profissionais do Irpaa, que é a instituição gestora do projeto. A partir da classificação, escolha dos sujeitos e o seu lócus, pode-se então desenhar melhor o escopo da pesquisa, para definir os procedimentos de coleta e análise de dados. Para tanto, optou-se pela etnografia enquanto enfoque epistêmico metodológico e, partindo desse enfoque, as técnicas a serem utilizadas para a coleta de dados serão i) as entrevistas narrativas e episódicas direcionadas aos técnicos do projeto Recaatingamento e às comunidades partícipes; ii) a observação participante nas atividades de campo desenvolvidas pelo projeto Recaatingamento, bem como no cotidiano das comunidades.

Critério de Inclusão: Serão incluídos homens e mulheres das comunidades com faixa etária igual ou superior a 18 anos. Que residam na comunidade a partir do ano de 2009 (considerando-se que foi o ano de início do desenvolvimento do projeto nas comunidades) e que conheçam o Projeto Recaatingamento há pelo menos 5 anos.

Critério de Exclusão:

Serão excluídas crianças e jovens com menos de 18 anos de idade e pessoas que, mesmo possuindo a idade mínima não conheçam o Projeto Recaatingamento.

Metodologia de Análise de Dados:

Após coletados, os dados serão analisados a partir do enfoque analítico denominado análise de conteúdo conforme Bauer (2015) e, por se tratar de técnicas variadas para a coleta de dados, visando a uma maior explicação da realidade, será utilizada a triangulação como proposta interpretativa dos dados, pois esta proporciona uma “combinação e cruzamento de múltiplos pontos de vista”

(MINAYO, 2012, p. 29). A triangulação pressupõe a possibilidade de combinação de métodos para melhor compreensão do fenômeno estudado, principalmente no que tange às pesquisas que envolvem realidades de dada sociedade porquanto “nenhum método pode se arrogar a pretensão de responder sozinho as questões que a realidade social coloca” (MINAYO; MINAYO-GOMÉZ 2003, p. 136). Sendo assim, a utilização da triangulação não diminui o rigor científico da pesquisa, ao contrário, seus múltiplos pontos de vista contribuem para uma maior precisão do que será afirmado na apresentação dos resultados. Para Macedo (2009, p. 101), “triangular fontes e ‘dados’ durante uma coleta de ‘dados’, torna-se uma maneira de perceber o movimento do fenômeno que constitui o objeto de pesquisa em seu recorte contextual”, impedindo, inclusive que o pesquisador

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555

Bairro: Cabula

CEP: 41.195-001

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3117-2399

Fax: (71)3117-2399

E-mail: cepuneb@uneb.br



Continuação do Parecer: 4.600.328

descole os fenômenos de seus contextos reais, atribuindo-lhes características que não lhes são próprias e que só têm seus significados quando inseridos no contexto a que de fato pertencem. Destarte, a ideia de triangulação não constitui um fechamento das ideias em três pontos de percepção e análise, mas pretende sobretudo “trabalhar com vários ângulos, ampliar os contextos de emergência do fenômeno que estudamos e enriquecê-lo também em compreensão”. (MACEDO, 2009, p. 102). Com os dados coletados a partir das entrevistas e a observação, será realizada a escrita do trabalho avaliando os dados, buscando compreender quais objetivos foram

alcançados, quais questionamentos conseguiram alcançar respostas ou gerar novas indagações e quais questionamentos surgirão ao longo da pesquisa.

Desfecho Primário:

- Implicações identificadas nas vivências das Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto;
- Articulação entre ações educativas e os saberes técnico-científicos do projeto Recaatingamento e a compreensão dos saberes tradicionais das comunidades para a valorização da caatinga;
- Descrição das ações educativas do projeto Recaatingamento para a (re)construção das identidades caatingueiras.

Tamanho da Amostra no Brasil: 80

Países de Recrutamento:

País de Origem do Estudo: Brasil

Nº de participantes da pesquisa: 80

Haverá uso de fontes secundárias de dados (prontuários, dados demográficos, etc)?

Não

Informe o número de indivíduos abordados pessoalmente, recrutados, ou que sofrerão algum tipo de intervenção neste centro de pesquisa: 80

Grupos em que serão divididos os participantes da pesquisa neste centro:

ID Grupo - Nº de Indivíduos - Intervenções a serem realizadas

COMUNIDADE 1 - 25 - ENTREVISTAS E OBSERVAÇÃO

COMUNIDADE 2 - 25 - ENTREVISTAS E OBSERVAÇÃO

COMUNIDADE 3 - 25 - ENTREVISTAS E OBSERVAÇÃO

COORDENAÇÃO E TÉCNICOS DO IRPAA - 5 - ENTREVISTAS E OBSERVAÇÃO

O Estudo é Multicêntrico no Brasil? Não

Propõe dispensa do TCLE? Não

Haverá retenção de amostras para armazenamento em banco? Não

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555

Bairro: Cabula

CEP: 41.195-001

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3117-2399

Fax: (71)3117-2399

E-mail: cepuneb@uneb.br



Continuação do Parecer: 4.600.328

Cronograma de Execução:

Identificação da Etapa - Início - Término

Observações das atividades do projeto e suas influências na comunidade

01/06/2021 - 22/12/2021 (Início - Término)

Contato com as lideranças das comunidades: 01/04/2021 - 31/05/2021 (Início - Término)

Reunão com o Irpaa para apresentação da pesquisa:

31/03/2021 - 31/03/2021 (Início - Término)

Análise das entrevistas: 01/02/2022 - 31/05/2022 (Início - Término)

Entrevistas nas comunidades: 01/10/2021 - 28/02/2022 (Início - Término)

Entrevistas com a coordenação do Irpaa e os técnicos:

05/04/2021 - 30/04/2021 (Início - Término)

Análise das observações: 01/02/2022 - 31/05/2022 (Início - Término)

Orçamento Financeiro:

Identificação de Orçamento - Tipo - Valor em Reais (R\$)

Gasolina para visitas às comunidades - Custeio - R\$ 900,00

Aquisição de material de consumo para as entrevistas - Custeio - R\$ 200,00

Total em R\$: R\$ 1.100,00

"Outras informações, justificativas ou considerações a critério do pesquisador:

A aproximação com as comunidades será feita inicialmente através de contato telefônico e/ou por e-mail com as lideranças, uma vez que, primeiro será realizado um contato com as lideranças das comunidades para em seguida efetivamente abordar os indivíduos. Considerando o período de Pandemia, serão aplicados todos os protocolos de segurança para não expor a pesquisadora e às pessoas entrevistadas aos riscos de contágio." (transcrito do documento "informações básicas do Projeto", postado em 25/02/2021 às 11h06min51s).

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

"Informações Básicas do Projeto, postado em 25/02/2021 às 11h06min51s.

TCLE, postado em 25/02/2021 às 11h04min17s.

Roteiro entrevista semiestruturada, postado em 25/02/2021 às 10h40min42s.

Declaração de concordância, postado em 14/07/2020 às 22h38min56s.

Termo de compromisso de pesquisadora, postado em 13/07/2020 às 23h29min47s.

Carta ao CEP, postado em 13/07/2020 às 23h28min33s.

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555

Bairro: Cabula

CEP: 41.195-001

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3117-2399

Fax: (71)3117-2399

E-mail: cepuneb@uneb.br



Continuação do Parecer: 4.600.328

Termo proponente, postado em 13/07/2020 às 23h28min09s.

Termo de confidencialidade, postado em 13/07/2020 às 23h26min46s.

Projeto Detalhado, postado em 12/02/2020 às 14h09min37s.

Folha de Rosto, postado em 12/02/2020 às 14h04min17s."

(transcrito da relação "Documentos Postados")

Recomendações:

Atentar para os prazos relacionado a reposta as pendencias constantes no parecer consubstanciado. Informamos que o responsável pelo projeto tem de acordo com a Resolução 466/12 no máximo sessenta dias para realizar as alterações notificadas neste parecer.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O CEP/UNEB considera o projeto como PENDENTE para execução, VISTO que o documento "Folha de Rosto Atualizada", postado em 11/03/2021 às 14h05min13s NÃO incluiu algumas informações solicitadas no campo "INSTITUIÇÃO PROPONENTE", tendo ficado sem preenchimento os itens: "14.Unidade/órgão" e os espaços referentes aos dados do responsável: Nome, CPF, Cargo/Função e a data de emissão do documento. Estas informações constavam do documento "folha de rosto", postado em 12/02/2020 às 14h04min17s, e que integrava a versão 1 e a versão 2 do Protocolo de pesquisa, mas esta versão foi removida do atual Protocolo. Solicita-se que o documento citado seja substituído contendo as informações solicitadas, mesmo que consideradas redundantes. Registra-se que o documento "Folha de Rosto Atualizada", postado em 11/03/2021 às 14h05min13s, TEVE CORRIGIDA A PENDÊNCIA quanto ao número de participantes da pesquisa, constando agora como sendo 80 conforme consta no documento "PB INFORMAÇÕES BÁSICAS DO PROJETO", postado em 11/03/2021 às 14h05min35s.

Considerações Finais a critério do CEP:

Tendo em vista o exposto este Colegiado é favorável a decisão da relatoria sendo, portanto, o projeto enquadrado como: COM PENDENCIAS e devendo o interessado realizar as alterações sugeridas no corpo deste parecer de forma a adequar a proposta as Resoluções que norteiam a pesquisa envolvendo seres humanos.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1506085.pdf	11/03/2021 14:05:13		Aceito

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555

Bairro: Cabula

CEP: 41.195-001

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3117-2399

Fax: (71)3117-2399

E-mail: cepuneb@uneb.br



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB



Continuação do Parecer: 4.600.328

Folha de Rosto	Folha_de_Rosto_Atualizada.pdf	11/03/2021 14:04:35	ROSIANE ROCHA OLIVEIRA SANTOS	Aceito
Recurso Anexado pelo Pesquisador	PB_PARECER_CONSUBSTANCIADO_ CEP_4222183.docx	25/02/2021 11:04:17	ROSIANE ROCHA OLIVEIRA SANTOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	_Termo_de_Consentimento_Livre_Escla recido.docx	25/02/2021 10:40:42	ROSIANE ROCHA OLIVEIRA SANTOS	Aceito
Outros	_Roteiro_entrevista_semiestruturada.do c	25/02/2021 10:26:41	ROSIANE ROCHA OLIVEIRA SANTOS	Aceito
Declaração de concordância	Declaracao_de_concordancia.pdf	14/07/2020 22:38:56	ROSIANE ROCHA OLIVEIRA SENA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_compromisso_de_perquisad ora.pdf	13/07/2020 23:29:47	ROSIANE ROCHA OLIVEIRA SENA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Carta_ao_CEP.pdf	13/07/2020 23:28:33	ROSIANE ROCHA OLIVEIRA SENA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termo_proponente.pdf	13/07/2020 23:28:09	ROSIANE ROCHA OLIVEIRA SENA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_confidencialidade.pdf	13/07/2020 23:26:46	ROSIANE ROCHA OLIVEIRA SENA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_detalhado.docx	12/02/2020 14:09:37	ROSIANE ROCHA OLIVEIRA SENA	Aceito

Situação do Parecer:

Pendente

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SALVADOR, 19 de Março de 2021

Assinado por:
Aderval Nascimento Brito
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555

Bairro: Cabula

CEP: 41.195-001

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3117-2399

Fax: (71)3117-2399

E-mail: cepuneb@uneb.br